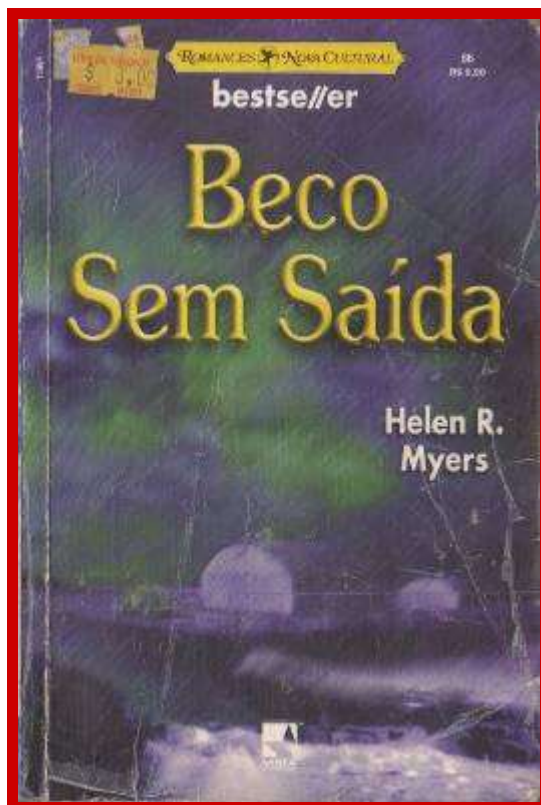


Beco Sem Saída

Dead End

Helen R. Myers



Mistério e amor, busca e encontro: Vidas que se juntam nas tramas do destino!

Quando Brette Barry encontra uma marca de sangue em uma placa de Sem Saída na frente da fazenda dos Pugh, ela tem certeza de que se trata de uma brincadeira de Halloween de seu filho Eric e do amigo Hank. Todavia, quando manda Eric limpar a placa, a marca sumiu... e Hank desapareceu.

Brette suspeita que os vingativos Pugh estão envolvidos de alguma maneira nesta história, mas como não há nenhuma prova, o delegado local não dá muito crédito a ela. Ele está convencido de que Hank, o problemático adolescente, apenas fugiu de casa mais uma vez... mas isso não significa que ele também não suspeite, secretamente, de Sam, o atencioso vizinho de Brette.

Brette não nega as próprias dúvidas sobre Sam - ou a atração que sente por ele. E seus sentimentos entram mais ainda em conflito quando Hank reaparece apenas para provar que eles estão atrás da pessoa errada. Trocie Pugh foi quem sumiu, e a última pessoa a vê-la com vida foi Sam!

Digitalização: Tinna
Revisão: Sandra Martino

PROJETO REVISORAS



Copyright © 2001 by Helen R. Myers

Originalmente publicado em 2001 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Dead End

Tradução: Renata Bagnolesi Editora e Publisher: Janice Florido

Editora: Fernanda Cardoso

Editoras de Arte: Ana Suely S. Dobón, Mônica Maldonado Paginação: Dany Editora Ltda.

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Rua Paes Leme, 524 - 10S andar CEP 05424-010 - São Paulo - Brasil.

Copyright para a língua portuguesa: 2003

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Impressão e acabamento:

RR DONNELLEY AMÉRICA LATINA

Tel.: (55 11) 4166-3500

Embora o súbito aparecimento da placa de Sem Saída em nossa rua tenha sido a inspiração desta história, o livro não poderia ter sido escrito sem a simpatia, tempo e apoio dos funcionários da agência dos Correios Winnsboro, Winnsboro, Texas, os quais fui conhecendo melhor com o passar dos anos, em especial: Dolores Dugger, Mike Matthews, Cheryl Harris.

A dedicação e cuidado que vocês dispensam aos clientes são louváveis e carinhosos. E mais, nenhum grupo possui tanto senso de humor. Obrigada por terem me permitido compartilhar isso tudo. Quaisquer inexatidões, é claro, são erros estritamente meus.

Para os momentos adicionais de inspiração, contei com o auxílio de Paula Henderson e Sam Perkins.

E para a ajuda e o apoio, com:

Linda Broday,

Linda Palmer,

Dianne Moggy,

Martha Keenan,

Ethan Ellenberg... e, é claro, B.J. e Burt.

A raiva é uma das energias da alma.

Thomas Fuller

CAPÍTULO I

Eu sei quando algo de ruim está para acontecer.
É sempre quando me pego pensando:
"Tudo está tão bom..."

Anotação no diário

Sexta-feira, 29 de outubro de 1999 Brette Barry pisou com tanta força no freio de sua caminhonete que a garrafa térmica que costumava levar consigo saiu rolando de debaixo do assento. Foi o suficiente para ela se lembrar da artrite progredindo em seu joelho. Entretanto o que mais a espantou foi a visão chocante a sua frente.

— Ah, meu Deus!

Havia uma marca de mão na placa de Sem Saída que indicava o término da estrada rural e a entrada da fazenda da família Pugh. Bem, pelo menos era o que parecia. Sangue seco. A primeira idéia que lhe veio à mente foi a de que seu filho Eric, junto com se melhor amigo, Hank, estava por trás daquela pequena surpresa. Em primeiro lugar, era o final de semana do Halloween e, além disso, eles moravam muito perto dali. Para completar, havia poucas residências na estrada rural, e nenhuma criança. Na verdade, a única criança com idade suficiente para pensar em uma travessura daquelas morava a quase cinco quilômetros dali.

Isto é, se aquilo realmente fosse uma brincadeira.

Brette não gostava nenhum pouco quando sua imaginação lhe pregava peças daquele tipo.

Tratava-se de uma travessura. A marca estava na parte esquerda da placa e, definitivamente, não era de um adulto. E o pior de tudo era que Eric e Hank eram conhecidos por suas travessuras. Nada de muito sério, mas os dois haviam feito algumas "brincadeiras" no último ano, atitudes bastante infantis, como era de se esperar. Se não fosse horário da escola, não seria difícil que estivessem escondidos atrás de alguma moita na floresta, rindo sem parar da expressão de espanto dela.

— Dez pela astúcia, meninos — resmungou Brette. — E zero pela consideração.

Quando eles tinham realizado a proeza? Pelas suas estimativas, a marca devia ter um dia. No dia anterior, ao fazer a ronda, não reparara em nada. E os pequenos vândalos não tinham feito nenhum tipo de comentário durante o jantar. De qualquer forma, se Truman Pugh visse aquilo, não sossegaria enquanto não encontrasse o esconderijo dos meninos.

No mês anterior, quando os dois haviam sido pegos por Truman no antigo barracão à beira do pântano, o velho os advertira severamente, dizendo que, se os encontrasse em suas terras outra vez, não hesitaria em dar queixa ao Departamento

do Xerife. E quais seriam as chances de o Fazendeiro Frankenstein não se lembrar de sua ameaça se visse aquela marca?

Durante meses Truman procurara aquela placa por toda a cidade, bem como as outras placas que agora estavam na bifurcação da estrada. Ele não se contentara com as placas de Entrada Proibida e Propriedade Particular que colocara ao lado do mata-burro para afastar todo tipo de gente: desde crianças a Testemunhas de Jeová. E, segundo os rumores, até o funcionário da companhia telefônica tinha de telefonar pedindo permissão para visitá-lo.

O que havia levado os meninos a descumprir a promessa que fizeram? Bem, não fazia diferença, o importante era se livrar daquela marca.

Pensando em pegar o spray de limpeza e o rolo de toalhas de papel que guardava no porta-luvas de sua caminhonete vermelha, Brette encostou o carro na beira da estrada. Não tinha muito tempo para agir. De acordo com o regulamento do condado de Wood, Texas, o entregador de correspondência rural tinha apenas dois minutos para parar em cada caixa de correio, e Brette já usara o tempo ocioso que acumulara até então. Vários de seus clientes haviam puxado conversa sobre o lindo dia, para reclamar da montanha de catálogos natalinos que não parava de chegar, ou para contar alguma fofoca.

Via de regra, ela gostava do contato com as pessoas. Para algumas, Brette era o único ser humano que encontravam a não ser os membros da família. Para os mais idosos, a vida podia ser bastante solitária. Entretanto aquela era uma ocasião em que não deveria ter sido tão acessível.

Ela desligou o motor da caminhonete e abriu a porta do motorista. Mas assim que se virou para sair, Brette ouviu um veículo se aproximando.

Isso é que dá ter idéias brilhantes!

Ela fechou a porta depressa, ligou o carro e seguiu para a caixa de correio dos Truman. Um gesto ágil, pensou Brette, reconhecendo o homem atrás do volante. O rabugento em pessoa.

Truman brecou o caminhão em cima do mata-burro. Um homem melancólico na maioria das vezes, nessa manhã ele parecia estar no pior dos humores.

Será que vira a marca na placa?

— Você está atrasada! — resmungou ele, descendo do veículo. — É a segunda vez que venho até aqui.

—Velho ranzinza! — murmurou Brette. Ela tratou de controlar seus impulsos, pois era responsável por um filho adolescente e por outro tão levado quanto o seu. Sendo assim, às vezes era melhor ficar calada, ainda mais quando eles tinham culpa no cartório.

Um senhor com algo entre sessenta e setenta anos, Truman era robusto e sisudo, com as feições de alguém que nada perdia: tempo, energia, palavras ou emoção. O que restara dos cabelos brancos crescia por cima dos olhos dele como cristais de gelo em uma tempestade de neve. Alguns fios se misturavam com as sobrancelhas grossas, e os restantes, perto da nuca, pareciam as cerdas de uma vassoura. Não era um homem

feito, mas sim um homem frágil, vazio. E isso intrigava Brette. Ela sempre se perguntava se Truman Pugh tivera algum dia feliz, mesmo que só um, em toda sua existência.

— Sinto muito, Sr. Pugh—desculpou-se ela, esboçando um sorriso. — Tive muitas entregas para fazer hoje.

— Sei... — Ele deu a volta em seu caminhão cheio de barro. — Aposto como ficou fofocando a maior parte do tempo. Eu tenho muito mais o que fazer do que ficar esperando você executar o seu trabalho.

Desejando apenas ir embora, Brette entregou-lhe o pequeno pacote de cartas, bem como uma caixa para o filho dele, Albert.

— Parece que todas as empresas de reembolso postal estão se equipando para competir com os negócios de Tracie.

Ele quase arrancou os dois pacotes das mãos de Brette.

— Não é de espantar o fato de seu filho estar se tornando um delinqüente juvenil. Você não lhe dá bons exemplos, não demonstra respeito. Muito menos disciplina!

Por mais fascinada que estivesse por escutá-lo latir como um pastor alemão quase sem mover os lábios, não havia desculpa para toda aquela grosseria.

— Eu adoraria poder lhe dar mais atenção, Sr. Pugh—respondeu ela. — Entretanto, como o senhor mesmo salientou, estou atrasada. Lembranças a Elsie e aos outros.

— Você me ridiculariza, mas eu também sou pai. Eu sei como um filho deve ser educado!

Enquanto Truman Pugh caminhava de volta para o seu caminhão, Brette respirou fundo para se acalmar. Como aquele homem tinha coragem de se gabar da sua paternidade? Seu filho de mais de trinta anos era tão grande e tirânico quanto o pai, e a pessoa mais malvada que ela já conhecera.

— Cretino!—murmurou Brette ao observar o caminhão do velho virar na estrada. Todavia o aborrecimento transformou-se em alívio quando Brette percebeu que ele não tinha visto a marca.

Olhando pela última vez para a placa, ela seguiu pela estrada estreita. Por mais aliviada que estivesse a paisagem de outubro, um caleidoscópio de âmbar e vermelho, não lhe chamava mais a atenção. Tudo em que Brette pensava era chegar em casa para tirar satisfações com seu filho, Eric, e seu amigo Hank.

Seria melhor que eles mesmos limpassem, decidiu. Os dois precisavam sentir na pele o que era correr o risco de talvez serem pegos. Com sorte, Eric e Hank teriam tempo suficiente para fazer o serviço depois da escola, pouco antes da chegada do caminhão de leite noturno.

Ela acelerou na estrada de terra, inalando o perfume outonal de folhas de carvalho. Pela primeira vez, Brette não começou a fantasiar ao passar na frente da casa antiga de Sam Knight. E seus pensamentos a entretinham de tal maneira que quase não viu Keith Daggett parado no meio da rua.

Brette brecou depressa e, por um instante, pensou que poderia ser indiciada por

homicídio culposo, além das ofensas que supostamente teria causado ao velho Truman Pugh.

Embora Keith parecesse um sujeito excêntrico, com seu cabelo loiro extremamente curto e óculos sem hastes, grandes demais para seu rosto, por baixo de tudo aquilo havia um homem de coração enorme, uma excelente pessoa. Alguns meses antes, Brette dera uma de Cupido ao tentar uni-lo a Sally. Infelizmente, sua amiga não se impressionara, e Keith entendera o recado bem depressa, sumindo como um cachorrinho assustado. Os dois saíram algumas vezes, mas o romance não decolara.

Hoje, porém, ele não parecia nem um pouco triste, e abriu um belo sorriso quando pegou o envelope das mãos de Brette.

- Achei que você já tivesse passado.
- Não, como sempre, você conseguiu me pegar.

Toda vez que passava noites em claro trabalhando em sua modesta casa, Keith ficava com os olhos vermelhos e inchados.

- Posso saber o motivo dessa irritação?
- Duas palavras explicam: Truman Pugh.
- O que ele disse sobre os garotos?

Era por isso que Brette gostava dele. Keith era direto. E apesar das críticas sarcásticas de Sally a respeito da sua insensibilidade para relacionamentos, ele ainda continuava a se preocupar com Hank.

- Nada, na verdade. Por enquanto. Isso porque ele ainda não viu.
- Ah, meu Deus! — Keith encolheu os ombros e esfregou as mãos como se fosse um dos principais assistentes do conde Drácula. — Um enigma, minha amiga. Eu adoro um enigma.

Vejam... O que poderia ser? Estamos perto do Halloween... Ah! É um momento perfeito para jogar rolos de papel higiênico em cima de telhados e árvores. E que tal atirar ovos nas casas de fazendeiros resmungões? Não, espere! Eles pintaram uma das melhores vacas de Pugh de cor de laranja?

- Você é quase tão ruim quanto eles. — Apesar do péssimo humor, Brette sorriu.
- Eles deixaram uma marca de sangue na placa de Sem Saída da fazenda. Foi Truman que insistiu para que o condado colocasse a placa ali, no começo da sua propriedade. — Ao notar a expressão de surpresa de Keith, ela balançou a cabeça. — Você não faz a menor idéia do que estou falando, não é? Nesse caso, está desculpado, pois os meninos deixaram a marca ontem. Os dois devem ter tramado tudo ontem à noite, antes de eu chamá-los para jantar.

Keith pressionou os dedos nos cantos dos lábios, numa tentativa de conter o riso.

- Pobre Brette. Levando tudo em consideração, não me espanta você estar tão irritada.

— Você não faz a menor idéia do que é a vida além do seu teclado, não é, Keith? Por isso não agüenta ficar de babá de crianças. Você vive em um mundo de computadores e programas.

- Eu sei minha cara, mas é o meu trabalho.

— Estou falando sério, Keith. Pugh pode fazer com que os garotos fiquem com um registro criminal juvenil que os perseguirá durante anos e os atormentará para sempre. Que faculdade vai querer jovens assim? Como eles poderão fazer uma entrevista de trabalho em que tenham de levar um certificado de antecedentes criminais? — Brette mordeu o lábio inferior. — Eu deveria ter limpado a mancha. Foi o que pensei em fazer logo que a vi, mas o Sr. Rabugento apareceu.

Ele assentiu, agora mais sério.

— Foi melhor você não se arriscar. Tem certeza de que ele viu?

— Não posso afirmar. Porém se mostrou mais interessado em criticar a minha ética profissional por eu estar atrasada. Ah, mas não tenha a menor dúvida de que assim que os dois descerem do ônibus hoje à tarde, eu os mandarei direto para lá com um balde e um esfregão.

— Você é muito severa com esses meninos. — Keith sorriu ao se afastar do carro de Brette. — Não vou prendê-la aqui. Vá embora para conseguir pegá-los assim que chegarem em casa.

— É verdade. Amanhã cedo trago os seus selos. Ah, e obrigada pelo ombro amigo!

CAPÍTULO II

No final do dia, o humor de Brette havia melhorado... Um pouco. Por mais que estivesse irritada com o fato de Eric ter negado que ele e Hank eram os responsáveis pela marca de sangue, o garoto não se recusara a ir até lá limpar a placa.

No momento, Brette estava terminando de preparar o jantar. Sexta-feira era o dia em que Eric escolhia o cardápio, ou seja, sempre pizza. Para aquela noite escolhera uma de vegetais com mussarela, que os garotos adoravam.

Depois de colocar o pote de queijo ralado em cima da mesa de jantar, ela abriu o forno e viu que o queijo estava borbulhando, e crosta quase dourada. Era hora de chamar os meninos.

— O jantar está na mesa! Lavem as mãos!

Ela não vira nenhum dos dois desde que dera a ordem para eles limparem a placa. Não era um comportamento estranho, pois tinham combinado que a lição de casa vinha em primeiro lugar, mesmo às sextas-feiras, e essa regra também se aplicava a Hank. Afinal de contas, ele ficava mais tempo naquela casa do que na própria. Também era típico de Hank ficar escondido para ver como a situação estava antes de aparecer.

Brette tinha passado o restante da tarde cuidando do jardim, retirando as folhas da grama, podando os arbustos de flores e aproveitando o tempo para aperfeiçoar o que diria aos meninos para se certificar de que não houvera nenhum mal-entendido.

Ela sorriu ao ver o filho aparecer no corredor.

— Você deve estar com muita fome. Eu só precisei chamar uma vez.

Eric ainda usava a camiseta do Dallas Cowboy. Era a do jogador Troy Aikman,

número 8. Loiro, o garoto tinha muitas características da mãe além da cor do cabelo. A altura e o físico eram algumas delas.

— Na verdade, não.

Eric foi até a geladeira e pegou a caixinha de leite. Ele bebia leite com tudo. Alguns anos antes, Brette brincara dizendo que poderia economizar um bom dinheiro se mantivesse uma vaca leiteira nos fundos da casa, como um animal de estimação. O arrependimento não tardara a chegar, pois os garotos decidiram "emprestar" uma vaca dos Pugh. Os dois alegaram que ninguém sentiria falta de um pequeno bezerro de três meses. Depois desse incidente, Brette passara a tomar cuidado com seus comentários para que eles não fossem interpretados literalmente.

— Terminou de fazer a lição de casa?

Brette sentiu uma tensão no filho e imaginou que ele talvez pudesse estar aborrecido por ela ter exigido que fizesse o certo. Torcia para que não fosse isso. Normalmente, Eric costumava se responsabilizar por suas ações.

— Ainda não. A Sra. Durban inventou um trabalho para a classe fazer, sobre os presidentes dos Estados Unidos. E hoje foram sorteados os nomes.

— Que bom, meu filho! E quem é o seu?

— John Adams. — O nome saiu como um resmungo. — Eu queria Grant.

— Você fará um grande trabalho sobre Adams. A vida da esposa dele também é bastante interessante. Os dois tiveram um excelente relacionamento. Eram parceiros em tudo.

— Eu queria Grant.

Sim, definitivamente, havia algo de errado.

— Pelo aspecto da Guerra Civil, não é? E deixe-me adivinhar... Hank ficou com Grant.

— Sim.

— É por isso que ele se escondeu? Está com medo de levar uma bronca de mim por haver escolhido o presidente que você queria, ou acha que vou diminuir a quantidade de pizza que ele vai comer?

Apesar do tom brincalhão, Brette estava preocupada. Será que Eric e Hank tinham brigado? Não era algo que costumava acontecer com frequência, pois os dois eram excelentes amigos e companheiros. Hank era um ano mais velho e repetira o ano, portanto os dois estavam na mesma classe.

Eric terminou de se servir de leite e recolocou a caixinha na geladeira.

— Hank não está aqui.

Isso explicava o silêncio de seu filho. Sally Jamison trabalhava à noite na lanchonete do hospital de Tyler e dormia durante o dia. Como consequência, Hank passava a maior parte do tempo na casa de Brette. Bem, ele faria o mesmo se Sally tivesse um emprego diurno, pois o relacionamento dos dois não era dos mais estáveis.

— Hank precisou buscar algo na casa dele? — perguntou ela, não querendo tomar conclusões precipitadas. — Espero que ele volte logo, pois mais tarde nós vamos à festa de Halloween na escola.

Eric acomodou-se à mesa de jantar.

— Pode esquecer.

— Eu achei que você estivesse animado com a festa, filho!

— Foi antes de eu saber que seria para criancinhas.

Não podia ser. Os meninos tinham ido no ano anterior e visto crianças de todas as idades. Todavia antes que Brette pudesse lhe perguntar o que havia de errado, o telefone tocou.

— Alô? — Ela pegou o fone sem tirar os olhos de Eric, cuja expressão era bastante sombria.

— Você acha que meu filho pretende aparecer para me dar um beijo de boa-noite antes de eu sair para trabalhar?

— Olá, Sally. — Brette cobriu o bocal do telefone antes de perguntar a Eric: — Eu ouvi direito? Hank não está aqui?

— Não.

— Então, onde ele está? Sally está procurando o filho. Eric deu de ombros.

A linguagem corporal do garoto revelava raiva... ou mágoa. Sim, havia algo de muito errado.

— Você poderia ser mais claro? Como vou traduzir um encolher de ombros para Sally?

— Brette? Você está aí?

— Espere um instante, Sal. — Brette cobriu o bocal novamente. — Já chega de mistérios, Eric. O que está acontecendo? Por onde anda Hank?

— Eu não sei mãe. Eu não o vi.

— Desde quando?

— Hank não foi à escola hoje.

Brette sentiu um nó se formar em seu estômago.

— Por que você não me contou?

— Você já tinha saído para o trabalho.

Eric poderia ter lhe contado quando chegara da escola. Não, ela não lhe dera nenhuma brecha. Tudo por causa daquela maldita marca na placa.

— O que você está querendo dizer? Hank não estava se sentindo bem quando saiu daqui hoje de manhã?

Era uma pergunta idiota. Se Hank tivesse ficado em casa por estar doente, Sally não lhe telefonaria procurando pelo garoto. A não ser que... A não ser que...

— Ele não dormiu aqui, mãe — disse Eric. — Hank foi embora assim que você chegou.

Brette apertou o bocal com mais força.

— Eric! Isso não faz sentido!

— Não é brincadeira, mãe. Ele estava em um daqueles dias de mau humor, sabe? E eu não agüento mais essas oscilações de humor. Então falei que se não melhorasse, ele podia ir embora, ficar irritado em outro lugar. E foi o que Hank fez.

— Ah, meu Deus! — Sem tirar os olhos do filho, Brette removeu a mão do bocal. — Sally, nós vamos até aí.

CAPÍTULO III

Os Jamison moravam do outro lado da rua, em uma casa pré-fabricada. Cinza escura, parecia uma grande caixa de sapatos com bordas brancas, com algumas rodas de leme de enfeite. Era a única parte da casa com a qual Hank se preocupava, pois fazia com que o lugar parecesse um barco-cassino da Louisiana. A cerca de ferro dava um ar mais moderno à moradia, que não tinha nenhum tipo de planta, já que Sally era alérgica a tudo que era verde. Sendo assim, ela não pensara duas vezes em cobrir a área da entrada com cascalho. Para dar um pouco de cor ao ambiente externo, entretanto, colocara alguns potes plásticos nas escadas, que enfeitava com gerânios de seda. No outono, os gerânios eram trocados por crisântemos de seda e, no Natal, Sally comprava bicos-de-papagaio.

Sally era fanática por cores, em especial das mais vibrantes, motivo pelo qual, as flores eram sempre de um tom mais forte do que o normal. Para enxergar uma vegetação natural, era preciso olhar um pouco adiante, onde havia pinheiros, carvalhos, bordos, cornisos, dentre outras árvores. Eles viviam em uma região bastante silvestre, que os protegia das perigosas tempestades daquela parte do Texas.

Sally estava parada atrás da porta de vidro. Divorciada quase desde o nascimento do filho, decidira enfrentar a vida criando sua própria realidade, antes mesmo de Hank vir ao mundo. Brette podia imaginar o que devia estar se passando na cabeça daquela mulher agora.

Filha de pais separados, Sally nunca tivera um relacionamento mais próximo com nenhum dos dois, e acreditava que vivia sob uma nuvem negra, vítima da má sorte. Como consequência, as crises eram freqüentes e costumavam consumir grande parte de seu tempo. Quando estava na pior, ela tentava enredar qualquer um em sua teia de depressão.

Ao se tornar amiga de Sally, três anos mais velha do que ela, Brette adotara mãe e filho como se fossem membros de sua família. Ela sempre tivera um relacionamento excelente com os pais e depender dos outros era algo que não se aplicava a sua maneira de viver. Sally era uma boa pessoa, sim. Amável, cheia de boas intenções e muito divertida. E também maníaco-depressiva. Qualquer pessoa sã perceberia que ela e o filho precisavam de ajuda profissional. O problema nunca fora diagnosticado por um profissional, é claro, o que dificultava ainda mais a situação. Apesar de trabalhar em um hospital, Sally evitava os médicos com o mesmo pavor com que se esquivava dos cobradores. Entretanto, depois de quase uma década de convívio, Brette testemunhara o suficiente para não ter dúvidas sobre o desequilíbrio da amiga.

Parecendo não ter feito nada além de se levantar da cama para pegar o telefone,

Sally estava sem maquiagem e com o rosto mais pálido do que o normal. Seu cabelo, tingido de castanho com tons de ruivo e bem curto, parecia algo saldo da MTV ou de desenhos infantis. Extremamente magra, ela vestia uma camiseta vermelha, dois tamanhos acima do seu, e um short largo.

— O que aconteceu? — perguntou Sally em vez de cumprimentá-los. — Onde está Hank?

— Sal, não se esqueça de que não há nada de novo nisso tudo, está bem? — Brette subiu as escadas e entrou na casa, seguida pela vizinha, um pouco mais alta. — Hank se chateou por algum motivo e decidiu puni-la escondendo-se em algum lugar. Acho que ele quer esfriar a cabeça.

Sally deu um passo para trás.

— O que está me dizendo? Hank fugiu?

— Não sabemos.

Sally olhou para Eric, porém os olhos esverdeados não diziam muita coisa.

— O que ele disse para você? Não acredite em nada!

— Não grite Sal. Vamos desligar a televisão—disse Brette.

— Por favor, entenda que Eric está tão confuso quanto você.

— Mas vocês dois estudam na mesma classe — continuou Sally, ignorando a amiga. — Ele deve ter dito alguma coisa.

Eric enfiou as mãos mais para dentro dos bolsos da calça jeans. Não era nem um pouco parecida com os modelos extragrandes que Hank preferia usar.

— Ele não foi à escola, Sra. Jamison.

Os músculos faciais de Sally se retesaram, e a pele branca pareceu mais transparente do que nunca.

— Eu não... não estou entendendo. Por que ninguém me disse nada? Você deve saber o que acontece na vida do meu filho... Afinal de contas, fica mais tempo com ele do que eu; — Ela lançou um olhar irritado para o garoto. — Você tem que saber. Por que não contou nada para a sua mãe?

— Hank saiu de casa depois que eu fui dormir—respondeu Brette.

— Desculpa minha amiga, mas meu filho a idolatra. Está querendo dizer que ele saiu sem avisá-la?

Brette sentiu Eric estremecer, e soube que sua relutância em responder era por respeito ao relacionamento complicado que Hank tinha com a mãe. Entretanto ela também sabia que Eric não gostava de se envolver em uma discussão.

— Ele passou o dia todo irritado — respondeu o garoto, algum tempo depois. — Primeiro queria conversar, depois me acusava de estar espionando. Para você.

— Você está brincando. — Nervosa, Sally coçou a nuca depois de ter brincado com os bolsos de seu short. — Como se você me contasse alguma coisa!

— À noite, eu pedi que ele me dissesse o que estava acontecendo, ou então que fosse embora. — Eric baixou os olhos.

— E ele foi.

Aquela admissão deixou Sally mais indignada.

— Como pôde fazer isso com ele? Você é o melhor amigo de Hank! Você devia...

— Pode parar Sally! — Brette jamais permitiria que usassem seu filho como saco de pancadas. — Não ficou claro que Eric estava tentando ajudar? Hank decidiu sozinho que iria embora. E não se esqueça de que foi você quem lhe deu a liberdade de agir como bem entendesse. Se tivesse me pedido para mantê-lo sempre na minha casa, pode ter toda a certeza de que eu o teria feito. Mas não é bem assim. E você nem insinuou que havia algo de errado entre vocês dois.

—Eu já lhe disse, Brette, não há nada de errado entre mim e meu filho!—Ela esfregou a testa com a força de quem sentia muita dor.—Está bem... Talvez as coisas não fossem perfeitas entre nós, mas estavam normais. Nós continuávamos nos falando. Faz semanas que não brigamos. É um bom sinal, não?

Para eles. O relacionamento de Brette e Eric, por outro lado, era dos mais prazerosos, como deve ser entre pais e filhos. A despreocupação de Brette com o garoto era muito diferente da atmosfera carregada que rondava a casa dos Jamison.

—Você não faz a menor idéia do motivo que possa ter levado Hank a querer ir embora ou...

— Ou o quê? — A confusão de Sally ameaçou transformar-se em desespero. — Você acha que ele foi seqüestrado? É isso! Só pode ser isso! Quer dizer, olhe para esta casa...

Brette olhou a sua volta, embora tivesse desejado não tê-lo feito. Sempre parecia que um tornado havia passado pela casa. Nos dias ruins de Sally, e aquele, pelo visto, era um deles, a bagunça aumentava. Parecia que a casa tinha sido revirada.

— Não, não faz o menor sentido — respondeu Sally, antes que Brette pudesse responder. —Quem viria até aqui escolher justamente o meu filho? Ele fugiu de novo. Ah, Brette, o que eu faço?

O xerife do condado de Wood, Chester Cudahy, deixara bem claro que não gostava que o seu pessoal fosse chamado para resolver problemas daquele tipo, como o comportamento vingativo e teimoso de um filho. Ele viera pessoalmente da última vez e dissera com todas as letras que, da próxima vez que fosse chamado, faria tudo que estivesse ao seu alcance para entregar a custódia do garoto ao Estado.

— Tem certeza de que ele não está lhe pregando uma peça de Halloween — perguntou Brette, tentando não perder as esperanças.

—Sim. Eu procurei meu filho no quarto, já que ele não gosta do resto da casa, como vocês.

— Teremos de ligar para a delegacia — respondeu Brette, ignorando o comentário da amiga.

— Cudahy não autorizará a busca. Você sabe como ele me trata.

— O xerife não é um monstro, Sal. Ele tem filhos e netos, e aposto que falou aquilo só para assustar Hank. O fato de ele não acreditar no amor não significa que se recusará a ajudá-la.

— Então você liga. Cudahy gosta de você.

Só pelo fato de não o ter xingado de viciado em charutos, pensou Brette, pegando o telefone. Claro, o xerife não estava mais lá, e o encarregado de plantão fez uma série de perguntas antes de lhe garantir que alguém iria ajudá-las. Assim que

desligou, Brette se pôs a pensar no que poderiam fazer até que o sub-xerife chegasse. Ele demoraria pelo menos quarenta minutos para aparecer, pois a base ficava no condado de Quitman.

— Você procurou algum bilhete?

— Para quê? Achei que ele estava na sua casa.

— Vamos procurar algum indício. Pode ser que ele tenha deixado um bilhete por aí. — Brette se virou para Eric. — Vá até o quarto de Hank, mas não toque em nada.

— Minhas impressões digitais estão por toda a parte, mãe. Se isso for me incriminar...

Brette sorriu, sabendo que seu filho, como ela, era fã de mistérios e de histórias de detetives.

— Você conhece bem as coisas de Hank. O que me preocupa são as impressões de outra pessoa, se houver, e não as suas.

— Está bem.

— De outra pessoa? De quem? — perguntou Sally, beirando a histeria. — Você sabe que Hank não tem amigos além de Eric. Na verdade, ele está cada vez mais esquisito. Será que meu filho planejou algo, Brette?

— Procure se acalmar, Sally. — Brette segurou-lhe as mãos. — Estou apenas tentando pensar da mesma maneira do sub-xerife, quando ele chegar aqui. Não vamos criar problemas onde eles não existem.

— O que eu devo fazer?

— Vamos todos até o quarto de Hank. É melhor três procurando. Podemos encontrar algo mais depressa.

Como Eric sempre ressaltava, o quarto de Hank era um dos lugares mais limpos da casa. A porta estava aberta, mas havia uma placa com os dizeres Propriedade Privada-Não Entre, pendurada na maçaneta. Do lado de dentro, a cama estava arrumada, e a escrivaninha, organizada, a não ser por alguns livros escolares desarrumados. Havia uma mochila aberta no chão, e a porta do armário se encontrava aberta. Eram indícios de que alguém passara por ali, mas havia quanto tempo?

— O que você acha, filho?

— Não sei em que pensar mãe. Sinceramente. Brette afagou os ombros do garoto.

— Vamos lá, eu preciso de você.

Eric inspecionou o quarto mais uma vez, então suspirou.

— Tenho a impressão de que Hank esteve aqui só para pegar alguma coisa. — Ele apontou a mochila. — A mochila não estaria aqui se ele tivesse a intenção de ir para a escola.

— Bem pensando. — Brette olhou para Sally. — Concorda? Sally encostou-se na porta do armário, como se algo dentro daquele quarto pudesse atacá-la a qualquer momento.

— Bem, ele... Hank fica furioso quando eu lhe digo que ainda é uma criança. Imagino que ele a deixaria em casa se acreditasse que pareceria mais velho sem a mochila. E se estiver escondido na floresta? Foi o que aconteceu da última vez, lembra?

Sim, Brette se lembrava, porém haviam sido apenas três horas, e de dia. Hank tinha se escondido em um casebre depois de ter cortado a perna. E quando o xerife lhe pedira explicações, o pobre Hank molhara a calça de tanto nervosismo.

— Ele não faria o mesmo, Sra. J. — Eric olhou para a porta fechada do armário.
— Não enquanto estiver usando o seu sapato predileto.

Os Jamison viviam sempre na corda bamba. Hank aprendera a ter cuidado com alguns de seus bens, como o par de tênis de uma marca que patrocinava um famoso atleta.

— Bom saber, filho. — Brette se virou para a amiga: — Hank poderia ter usado outra mochila?

— A sacola jeans que a Sra. Jamison ganhou de brinde quando comprou cosméticos da última vez. Ele gosta muito daquela sacola.

— Tem certeza de que fui eu que ganhei essa sacola? — perguntou Sally, descrente.

— Você pode querer dar essa informação aos tiras — Eric disse para Brette, demonstrando toda sua maturidade. — Acho que Hank não trocou de roupa, mas só os sapatos.

— Então, o que você acha que ele está vestindo?

— A camiseta do Dallas Cowboy, igual a minha, só que branca.

Os garotos adoravam as camisetas de times de futebol, e era tudo que pediam de Natal. O número sempre era maior, como ditava a moda.

— Muito bem, meu filho. E jeans?

— Sim, aquele que você odeia. Ela não o reprimiu pelo exagero.

— Aquele de estilo grunge.

— Sim.

— Boné?

Eric olhou a sua volta.

— Talvez o azul com a estrela branca. Culpa sua, pois foi você quem disse que aquele boné realçava o azul dos olhos dele.

Pobre Hank. O menino precisava tanto ouvir um elogio que realmente guardara o que Brette dissera sobre os olhos que oscilavam entre o cinza e o azul.

— Você é o máximo — murmurou ela, sorrindo. Todavia o sorriso logo sumiu de seus lábios quando Brette deparou com o olhar preocupado de Sally.

Agora eles tinham algo de concreto para dizer às autoridades locais.

CAPÍTULO IV

Trinta e cinco minutos tinham se passado até que a viatura do Departamento do Xerife do condado de Wood parou em frente à casa de Sally. Ela não perdeu tempo em começar a reclamar da demora, mas Brette ficou contente por eles terem chegado

discretamente, sem sirenes ou luzes. Por mais que não vivessem em uma rua muito povoada, não havia necessidade de constranger Sally na frente dos poucos vizinhos.

O sub-xerife era Roy Russel. Pelas fotografias que Brette vira do homem no jornal, imaginou que ele tivesse por volta de cinqüenta anos, mas pessoalmente parecia um pouco mais jovem.

— Foram as duas que nos chamaram? — perguntou ele, estudando as mulheres.

— Eu sou Brette Barry — apresentou-se e se afastou para que ele entrasse. — Esta é Sally Jamison, mãe de Hank.

O sub-xerife tocou a aba do chapéu.

— É um prazer. — Ele olhou a sua volta e tentou manter o rosto inexpressivo. — A telefonista me disse que não é a primeira vez que seu filho lhe causa problemas.

Antes que Brette pudesse intervir, Sally respondeu:

— É a primeira vez que ele some à noite. Numa ocasião o encontramos na floresta. Antes, ele tinha se escondido no carro de um amigo. Para a estrada, Hank foi apenas uma vez, mas o seu pessoal o capturou. Onde estavam desta vez?—perguntou ela, cruzando os braços sob os seios quase inexistentes.

— Qual é o nome desse amigo? Russel abriu seu bloco de notas.

— Como?

— Keith Daggett — respondeu Brette. — O senhor passou na frente da casa dele a caminho daqui. É a casa de madeira pintada de amarelo. Do lado direito moram Clóvis e Bertrice Ponder. Ela se aposentou na companhia telefônica e passa o dia cuidando do marido. Ele teve um infarto. Quando foi, Sal? Faz quase um ano, não?

— Imagino que sim. Não me lembro bem.

— O que estamos querendo dizer, sub-xerife Russell, é que a situação parece diferente desta vez. — Brette começou a contar os detalhes nos dedos. — Eric, meu filho, disse que Hank ficou calado e irritadiço o dia todo, e ele não brigou com a mãe. Depois disso, ontem à noite esperou que Sally saísse para ir trabalhar e...

— A senhora trabalha à noite? — ele a interrompeu.

— Sim, sou prostituta. Meu ponto fica na esquina da...

— Sally, por favor. — Brette torceu para que ela não piorasse ainda mais as coisas. — São perguntas necessárias.

— Bem, claro que trabalho à noite. O que esse homem está pensando, que eu saio e ignoro meu filho? Está bem, vou manter a calma. — Ela encarou o sub-xerife. — Sim, eu trabalho à noite no Hospital Madre Francis, em Tyler.

— Como enfermeira? — continuou ele, fazendo suas anotações.

— Não, na lanchonete. O salário da noite é melhor do que o do dia. O senhor não imagina o que as pessoas pedem de comida às duas da madrugada.

—Posso imaginar. O segundo filho da minha irmã demorou mais do que o normal para nascer e, como o marido dela estava viajando a trabalho, eu a acompanhei ao hospital. Passei algum tempo na lanchonete conversando com as atendentes.

— Querido, eu sou a gerente da noite, e não uma simples atendente.

— Então, quando a senhora percebeu... — Ele verificou as anotações. — Quando

sentiu a falta de Hank, Sra. Jamison?

— Isso é ridículo!

Ela dirigiu-se para a cozinha. Brette torceu para que a amiga estivesse atrás do maço de cigarros, e não de um copo de bebida.

— Na verdade, nós percebemos ao mesmo tempo—respondeu ela, em defesa da amiga. — Quando Sally telefonou para a minha casa para se despedir de Hank antes de ir trabalhar, meu filho me contou que ele não tinha ido à escola e que havia saído da minha casa ontem à noite.

— Está querendo dizer que não tem contato com um garoto que está sob os seus cuidados?

Brette se incomodou com o tom de voz, bem como com a colocação do sub-xerife Russell.

— Hank é um ano mais velho do que meu filho. Ninguém cuida dele. Hank e Eric são bons amigos. Nós o consideramos um membro da família. Ele fica conosco quando a mãe está trabalhando. Só que, algumas vezes, ele gosta de ficar sozinho, como todo mundo.

Sem reagir à provocação, Russell voltou-se para estudar Eric.

— Ele saiu da sua casa sem avisar sua mãe?

— Como acorda muito cedo, minha mãe não costuma ir dormir muito tarde.

— Vocês dois brigaram?

— Minha mãe e eu não brigamos.

— Deixe-me refazer a pergunta. Aconteceu alguma coisa com o seu amigo na escola?

Eric enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu só sei que havia algo de errado. Normalmente, nós costumamos conversar quando ele está irritado, mas não ontem.

— Hank estava mais irritado do que o normal?

— Ele é um adolescente! — gritou Sally da cozinha. Todos se viraram para ela. Indiferente, Sally encostou-se no batente da porta e acendeu um cigarro.

— Você achou que havia algo de errado com o seu amigo? Ele agia como se estivesse aborrecido?

Eric olhou para Sally, esperando que ela explodisse outra vez.

— Hank tentou discutir comigo algumas vezes durante o dia, e depois quando chegamos em casa. Não é normal. Às vezes ele tem problemas com algumas pessoas, mas não comigo. E, para mim, já tinha sido o suficiente. Então sugeri que ele parasse para pensar se queria ser meu amigo, ou continuar a agir como um idiota. Foi a última vez que o vi.

— E a que horas isso aconteceu?

— Por volta das sete e meia. Eu me lembro que minha mãe estava tomando banho.

— Quase vinte e quatro horas—observou Russell. — Vocês disputavam a atenção de alguma garota na escola?

— Não — respondeu Eric, evidentemente envergonhado.

— Ele tem apenas treze anos, sub-xerife. — Brette desejou estar mais perto do

homem para poder lhe dar uma cotovelada no estômago. As meninas da idade de Eric se interessavam por garotos mais velhos, em especial os mais musculosos. Elas nem prestavam atenção em garotos da mesma idade.

— E Hank?

— Catorze anos não é idade suficiente para se apaixonar por uma garota — interveio Sally.

— Nos dias de hoje, minha senhora, a juventude está sexualmente mais ativa do que se imagina. Faz pouco tempo, tivemos um caso em que dois jovens de treze anos fizeram um pacto suicida. Por sorte, um amigo contou para a mãe. Mas foi por um triz que não aconteceu uma desgraça.

— O que está sugerindo, sub-xerife, que meu filho está trancado em algum motel barato com uma garota? — Sally passou a mão nos cabelos, que continuaram despenteados. — Quem aceita alugar um quarto de motel para menores de idade?

— Os jovens de hoje têm outra visão do romantismo, minha senhora. Alguns gostam de se divertir no carro mesmo.

Sally voltou para a cozinha, e Brette respirou fundo, tentando se acalmar.

— Sub-xerife, Hank é o único filho dessa mulher.

— Obrigado pela informação, senhora...

— Srta. Barry.

Russell apertou os lábios e mostrou-se preocupado

— Bem, srta. Barry, eu posso apenas tentar supor o que há de errado. Não tenho a menor intenção de desrespeitar nenhuma de vocês, mas não temos homens o suficiente. Portanto nosso tempo vale ouro.

— Entendo.

— De acordo com as informações que obtive nos registros, esse menino já teve alguns problemas com a lei e é propenso a travessuras. O que a leva a crer que não é mais uma tentativa de tentar chamar atenção ou de assustar vocês?

— Porque ele sabia que não precisava fugir outra vez. Se tivesse qualquer problema, Hank poderia contar comigo. — A voz grave vinha de trás de Brette.

CAPÍTULO V

Brette se virou. Não ficaria mais espantada se o pai de Hank de repente tivesse colocado a mão na consciência e decidido aparecer para saber como ia seu filho. Mas não era a voz de Henry Jamison, e sim de Samuel Shane Knight, seu vizinho desde a primavera, motivo de suas frustrações e fantasias, apesar de seu comportamento recluso.

O que ele estava fazendo ali?

— Eu vi você e Eric vindo para cá — explicou Samuel, dirigindo-se a Brette. Então colocou a mão no queixo dela para fechar-lhe a boca. — Quando o carro da polícia

apareceu, eu soube que havia algo de muito errado. Então decidi vir até aqui, ver se vocês precisavam de algum tipo de ajuda.

Desde quando? Desde o dia em que ela havia assado um delicioso bolo de chocolate e o oferecera ao novo vizinho para lhe dar as boas-vindas. Naquela ocasião, Sam fizera questão de deixar bem claro que, a não ser que alguma das casas estivesse pegando fogo, não queria nenhum tipo de contato. Não, ele não chegara a ser rude. Ao contrário, parecia uma criança pega numa traquinagem, mas Brette entendera o recado.

Da outra vez que tentara invadir os domínios invisíveis, após ter sido convencida por Sally, ele a tinha dispensado com educação, agradecendo o convite para um churrasco. Entretanto sua linguagem corporal demonstrara rejeição. Brette voltara para casa decidida a continuar vivendo como se o sobrado que ficara fechado por quase dois anos após a morte do proprietário continuasse vazio. A não ser quando o Sr. Bonitão decidia cumprimentá-la com um aceno de cabeça quase insignificante ao se encontrarem, ou quando ela o pegava olhando-a pela janela. Era nas ocasiões em que a energia sexual que ela não sentia fazia anos vinha à tona com a sutileza de um felino no primeiro cio.

— Que... amável da sua parte — murmurou Brette, incrédula. — Sal? — Desesperada para quebrar o contato, ela se virou em busca da amiga e notou que não era a única a estar com problemas. Sally continuou parada à porta da cozinha, mas as cinzas de seu cigarro indicavam seu choque. — Sam veio nos ajudar.

Sally não conseguiu proferir uma única palavra, e havia razões de sobra para que agisse assim.

O apelido que dera para ele em momentos de irritação era Sr. Impotente, porém não pelo fato de não aprová-lo. O que havia para não gostar de Samuel? Era um homem forte, musculoso e seus ombros pareciam capazes de derrubar um pinheiro sem a ajuda de um serrote. Sam também tinha o tipo de rosto que os marqueteiros procuravam para colocar em outdoors: orgulhoso, seguro de si e confiante. E se surgisse uma espinha naquele lindo nariz, indicando que ele não conseguiria tudo que desejava? Nem mesmo seus olhos desconfiados, algumas vezes assustados, depreciavam seus atrativos.

Era deprimente e desconcertante.

Agora, todavia, todos estavam quietos demais.

— Sub-xerife Roy Russell, este é Sam Knight — disse Brette. — Ele mora do outro lado da rua, no sobrado branco. — De forma alguma permitiria que Sam achasse que sairia por cima. — Ele é professor de finanças na Escola Sandy Springs.

— Não pude deixar de notar que ficou surpresa ao vê-lo aqui, srta. Barry — respondeu Russell.

— Não, de jeito nenhum. Eu apenas...

— Ela não sabia que eu ainda estava em casa — disse Sam. O que estava acontecendo?

— Imagino que, ao ver os garotos em dois ambientes diferentes, o senhor tenha notado algo de estranho, Sr. Knight.

Brette queria ouvir a resposta àquela pergunta.

— Eles ainda não têm idade suficiente para assistir as minhas aulas — respondeu Sam. — Mas costumamos conversar nos corredores.

Brette se conteve para não levar o filho para fora e reprimi-lo por aquele comportamento. Eric tinha os olhos fixos em Sam. Se o que ele estava dizendo fosse verdade, por que o garoto lhe escondera o fato? Se não fosse, entretanto, Brette espancaria o vizinho por estar usando seu filho para mentir, e também por estar mentindo na frente dele.

— O senhor faz idéia de onde o garoto poderia estar?

— Temo que não. Hank me parecia bem quando conversamos ontem. Um pouco confuso, o que não é anormal. Ele não é dos mais chegados à escola.

— Eu tinha o mesmo problema na idade dele — comentou Russell. — Foi a última vez que viu o garoto?

— Não. Eu o vi pela última vez ontem à noite, quando ele saiu da casa da Sra. Barry e foi para casa.

Brette arregalou os olhos. Ele realmente tinha visto Hank indo embora!

— Lembra-se do horário?

— Não exatamente. Eu diria algo entre oito e nove horas. A Sra. Jamison já tinha saído. Pelo menos o carro não se encontrava na garagem.

— Onde o senhor estava quando viu Hank?

— Fechando minha oficina e indo para casa.

— Sua oficina... O senhor conseguiu vê-lo com clareza? Como pode dizer que realmente era Hank?

— As luzes da rua ainda estavam acesas. Sim, era Hank.

— Ótimo. O senhor é notívago?

— Como assim?

— Disse que estava saindo da sua oficina. Sam concordou.

— Eu costumava ser, antigamente, mas agora minha maior preocupação é reformar minha casa. Se o senhor a vir durante o dia compreenderá por que a Sra. Barry a chama de elefante branco.

— O senhor quer dizer srta. Barry—comentou Russell. — E a sra. Knight? Há alguma chance de ela ter visto algo?

— Sou divorciado.

Mais uma novidade. Quando Brette se apresentara e tentara descobrir algo sobre uma possível esposa, Sam apenas dissera que não era casado. O divórcio era algo bastante comum, mas o fato de ele não ter sido mais explícito a incomodará. Tal evasiva despertara a suspeita de que Sam quisesse esconder os detalhes.

Pelo visto, a resposta de Sam também intrigara o sub-xerife, pois ele passou a encarar o homem com um olhar diferente, mais curioso.

— É uma casa bastante grande para um homem solteiro.

— Concordo. Mas não estou descumprindo a lei, estou?

Esse era o Sam Knight que Brette conhecia. Fitar o oponente com um olhar gélido e indiferente, com uma expressão enigmática que fazia a tentativa de Russell parecer

amadora. Apesar de não estar sendo desafiada, ela perdera o rebolado, como sempre acontecia quando estava perto daquele homem. Ao mesmo tempo, sentiu uma grande admiração. Sam se recusava a se intimidar diante do distintivo do sub-xerife. O que tiraria Sam Knight do sério? Pensou ela.

— A senhora já procurou por toda a casa? — perguntou Russell, dirigindo-se a Sally. — Notou algo que sugerisse uma fuga de seu filho?

— Tínhamos acabado de começar essa busca quando o senhor chegou. Eric sabe o que ele estava usando. Conte para o sub-xerife — ordenou Sally.

Russell anotou as informações em seu bloco de notas.

— Excelente. Como já se passaram as vinte e quatro horas necessárias para iniciar uma busca, imagino que o xerife nos pedirá para vasculhar a região, a fim de garantir que ninguém sairá em vão da delegacia.

— Sally, acho melhor você telefonar para o hospital e informá-los sobre o que está acontecendo — sugeriu Brette.

As cinzas do cigarro de Sally ficaram caídas no tapete da sala.

— Por favor, Brette, telefone você. Tenho medo de perder o fio da meada durante a explicação.

Ao entrar na cozinha, Brette não deixou de notar como Sally aproveitou a oportunidade para se apoiar em Sam. E assim que o sub-xerife Russell saiu, ela aninhou-se nos braços do vizinho como uma gata carente. O pobre Eric ficou tão espantado que saiu atrás de Russell.

Depois que Sam apagou o cigarro em um cinzeiro, Sally colocou as mãos no peito dele como a heroína de uma tragédia de um filme em preto-e-branco.

Sua safada, você deveria estar pensando no seu filho, e não em seduzir um homem!

Envergonhada, Brette concentrou-se na voz do outro lado da linha.

Quando voltou para a sala, a porta do banheiro estava se fechando e Sam também saía da casa. Brette foi atrás dele sem pensar duas vezes.

— Heil! — Ela parou no primeiro degrau e esperou que Sam se virasse. — A quem você acha que está enganando?

CAPÍTULO VI

— Enganando? Não estou enganando ninguém. Á minha única intenção é ajudar no que estiver ao meu alcance.

Sam estivera esperando essa reação e, para tanto, preparara uma resposta desde o momento em que abandonara a segurança de sua propriedade para ir até lá. Entretanto a tensão que consumia seu ser não diminuiu nem um pouco. E o fato de Brette Barry ser uma mulher forte, vibrante e alegre que fazia as pessoas sorrirem não adiantou. Ele nunca fora um homem sorridente.

A compleição e os cabelos loiros de Brette que seduzia a mais suave das brisas a tornavam uma atriz perfeita para um seriado de tevê, pronta para ganhar vários Emmy e até um Oscar. Mas ela não estava feliz naquele momento. Na verdade, os olhos azuis demonstravam irritação e suspeita. E por mais que fosse um perito em ambas as emoções, Sam não tinha a menor idéia de como reagir às dela.

— Ajudar? Desde quando você é prestativo?

Ele enfiou as mãos nos bolsos de sua calça jeans e cerrou os punhos.

— Todos têm o direito de mudar de idéia.

Brette cruzou os braços. Nem a camisa jeans que ela usava conseguia ocultar seu corpo perfeito, como o de uma estátua grega em um museu. O artista frustrado escondido em Sam queria poder observá-la e apreciar as nuances da natureza.

— Você ficaria mais feliz se eu tivesse fingido que não vi o carro da polícia parar na frente da casa de Sally.

— Você já fez isso antes.

— Não havia o que fazer da última vez. A polícia estava trazendo Hank para casa, seguro e a salvo.

Brette balançou a cabeça para os lados, ainda incrédula.

— Não se atreva a brincar comigo. Eu não sou Sally, e muito menos os meninos. Você deixou bem claro que não queria nenhum tipo de aproximação quando se mudou para cá. E foi o que fizemos desde então. Por que a mudança repentina?

— Eu tenho os meus motivos.

— E posso saber quais são? Ele ficou em silêncio.

Sam sabia que havia sido assunto de discussão entre ela e Sally Jamison desde que se mudara para lá em abril daquele ano. Não sabia dizer a quais conclusões as duas tinham chegado, porém suas suposições haviam sido corretas, confirmadas quando Sally passara pela casa dele depois da festa de aniversário que Brette organizara para ela.

— Você só pode ser gay — Sally o tinha acusado, ao ouvir a negativa no meio da oficina dele. — Por que outro motivo não dar bola para uma mulher solteira? Eu não sou tão ruim assim, sou? Qual é o problema, falta de substância? Posso não ter um corpo perfeito, mas estou contente com as minhas formas. Além disso, não tenho silicone. E sei perfeitamente como satisfazer um homem. Esses garotos de hoje em dia só se preocupam com os próprios orgasmos.

— Brette acha que você é doente — acrescentara Sally. — Ela acha que você terá problemas.

Sam quase não conseguira impedir que ela caísse.

— Que eu saiba, não tenho nenhum.

— Aids?

— Não.

— Então, o que há de errado?

Sam decidira não responder, pois tinha como regra não discutir com pessoas bêbadas. Não queria dar explicações àquela mulher, já que isso podia lhe custar uma ida à delegacia. E sabia que seus dias de sossego tinham chegado ao fim.

— Você pode recusar a minha oferta se quiser — ele disse a Brette —, mas saiba que vou procurá-lo mesmo assim. Aproveitaremos melhor o tempo se sincronizarmos nossos passos e trabalharmos juntos.

—Não consigo decidir se você está se sentindo culpado ou... — Ela o encarou. — Está tentando esconder alguma coisa?

A pergunta direta não o surpreendeu. Não se tratava de uma mulher rejeitada como Sally Jamison. Brette se preocupava de verdade com o garoto desaparecido. Sam a observava quase todos os dias, encantado com a dedicação dispensada aos dois meninos. Se desconfiasse que ele fizera algo de ruim para Hank, Brette pularia em seu pescoço como se Hank fosse seu próprio filho.

— Não, não estou escondendo nada. Brette fechou os olhos.

—Eu me sinto como... Eu nunca conversei com uma pessoa dessa maneira.

— Não se preocupe.

Ela o estudou outra vez. Sam notou uma grande curiosidade e um quê de tentação, mas nada daquele calor espontâneo que a envolvera naqueles primeiros dias de contato. Ele compreendia os motivos, porém o fato não apaziguava a necessidade que sentia daquele calor humano. Era outro lembrete de que se metera em algo mais complicado e perigoso do que imaginara.

— Suponho que uma ajuda extra não nos prejudicará — Brette disse por fim. O sinal de relutância na voz dela era inconfundível. — Antes de tudo, eu preciso saber de uma coisa. Por que você falou aquilo sobre os garotos saberem que podem procurá-lo?

— É a verdade.

Brette olhou para o filho. Eric estava parado no meio da rua, como um cachorrinho perdido esperando por um sinal de que tudo tinha voltado ao normal.

— Eric nunca me contou nada a respeito — comentou ela, mas faltava convicção em seu tom de voz.

— Ele é um adolescente. Trata-se uma questão de território. Não venha me dizer que já se esqueceu.

— Na realidade, eu sempre fui uma jovem que concordava com tudo que meus pais diziam.

— Sorte deles.

— Você sabe que eu vou perguntar para Eric. Sam inclinou a cabeça.

— Só não se esqueça de não sair espalhando esta nossa conversa por aí.

— E então, o que você acha que aconteceu com Hank? — perguntou ela, preferindo não se prolongar naquele assunto.

— Espero que nada. Entretanto, a julgar pelo que tenho visto e ouvido, esse tipo de comportamento tornou-se regular.

— Mãe e filho não brigaram.

— Quer dizer que a verdade de Sally é inquestionável? Brette começou a falar, virou-se, e voltou para encará-lo, apontando-lhe o dedo indicador.

—Eu não tenho o hábito de apunhalar os meus amigos pelas costas. Principalmente quando estão aborrecidos — disse.

— Encarar a realidade não é traição.

—Pois bem, então você sabe que as coisas não estão perfeitas, mas o ex-marido de Sally tem uma grande responsabilidade nisso tudo.

— Como é o relacionamento de Eric com o pai? Surpresa com a audácia de Sam, Brette demorou um pouco para responder.

— Que estranho, você não disse que é amigo dos meninos? Eric não lhe contou nada?

— Eu disse que estava à disposição deles para quando precisassem, não que sou conselheiro sentimental.

Estava muito escuro para ver o rosto de Brette, mas Sam podia jurar que ela enrubescera.

—O pai de Eric tinha verdadeira paixão por esqui. Ele morreu em uma avalanche de neve pouco antes de o filho nascer.

Agora Sam compreendia por que ela insistia em ser chamada de senhorita. E também tinha respostas a perguntas que ele se recusara a lhe fazer.

— Sinto muito — disse Sam, deixando para pensar na informação mais tarde. — Existe a possibilidade de Hank estar com o pai?

— É bem mais provável que esteja escondido com Elvis. O pai de Hank é, para ser bem-educada, indiferente. Ele nem reconheceu o filho. O que mais me incomoda é que eu tentei fazer com que o garoto se sentisse um membro da nossa família. Pelo visto, não fiz um bom trabalho — acrescentou Brette, com a voz sumindo.

— Não se culpe por não estar fazendo o suficiente. Hank não é seu filho. Ele é um garoto solitário, e você nunca saberá o que se passa dentro daquele coração atormentado.

— Eu sei disso. E o que mais me surpreende é o fato de você também saber. Realmente, você está preocupado com esses dois.

Sam se viu respondendo com tanta intensidade à aprovação de Brette que quase rejeitou o elogio.

— É uma cidade pequena, e eles são meus vizinhos.

— Um dado que não foi questionado quando eu o convidei para jantar — respondeu ela, irritada com a polidez de Sam.

— Talvez sim. — Sam baixou os olhos para as mãos dela, nas quais não havia nenhum anel. Ele sabia que aquela admissão provocaria mais perguntas do que respostas, mas não tinha como voltar atrás. Também não havia como negar a química que vibrava entre eles. —Em vez de se aborrecer, Brette, sinta-se aliviada. Afinal de contas, você não sabe nada a meu respeito.

— Deixe-me entender uma coisa, você está tentando me convencer a deixá-lo nos ajudar ou não?

Sam sentiu uma vontade desconhecida de sorrir, porém a dor e a tristeza, sentimentos mais profundos, o ajudaram a resistir.

— Trata-se mais de colocar determinadas verdades sobre a mesa e deixar que você escolha o melhor movimento.

— Interessante colocação. Determinadas verdades, e não todas?

—A julgar pela atitude desse sub-xerife, ficou bem claro que ele não quer entrar

na floresta para procurar o garoto. Todavia imagino que a minha presença ajudará a mantê-lo concentrado em seu trabalho.

— Faz sentido — respondeu Brette, assentindo. — Obrigada pela boa vontade. Eu ainda me pergunto por que você está sendo tão gentil conosco.

Essa seria uma pergunta fácil de responder.

— Eu não sou tão velho a ponto de não me lembrar de como é ter a idade de Hank.

Depois de hesitar por alguns instantes, ela desceu as escadas devagar e tocou o braço de Sam.

— Sinto muito por toda a desconfiança. Acho que... mesmo através do grosso tecido, Sam sentiu um arrepio.

Em nome de sua sanidade, bem como da de Brette, ele deu um passo para trás.

— Vamos ver por onde Russell quer começar, e coletar as informações que temos.

Quando se virou e seguiu para o carro da polícia, Sam sentiu que ela o estava olhando. Apenas imaginava o que se passava por sua mente, mas o que quer que fosse, não havia solução. Se tivesse de passar por aquilo, ele sabia que precisaria de tempo.

CAPÍTULO VII

O destino estava intervindo em todos os acontecimentos.

Sam chegou a tempo de ouvir que o sub-xerife estava sendo chamado. Um acidente na estrada de acesso ao condado, cerca de quinze quilômetros dali. Roy Russell teria de ir até lá até que o xerife chegasse àquele lado do condado.

— Soube que há feridos — explicou Russell —, o que talvez me prenda por lá. Fiquem tranquilos, vou fazer o possível para voltar depressa.

— E o xerife Cudahy? — perguntou Sam, vendo o homem entrar no carro. — Será que não existe a menor chance de ele colocar mais homens para trabalhar?

— Ele está sendo chamado na delegacia agora mesmo. Vamos ver o que acontece. Sinto muito, pessoal. Preciso ir.

— Eu não consigo acreditar que estamos sendo abandonados em uma situação como esta — resmungou Brette, vendo-o sair.

— Ele disse que havia feridos — comentou Sam, tentando amenizar a situação.

— Eu ouvi. Não estou sendo insensível, só não entendo por que não há mais homens trabalhando. É ridículo. Parece que estamos no século passado. Vivemos em um condado grande, e o mundo não se recolhe quando escurece.

— Trata-se de um condado rural, na maior parte.

— Sim, mas um garoto desapareceu.

Sam estendeu a mão no intuito de acalmá-la.

— Vamos começar a busca sozinhos. Quem mais pode nos ajudar? E aquele sujeito que mora na casa amarela? Eu o vi por aqui várias vezes.

— Keith Daggett é um grande amigo. Ele e Sally saíram juntos algumas vezes.

Imagino que nos ajudaria se eu lhe pedisse, mas ele tem um trabalho para entregar.

— É escritor?

— Não do jeito que você está pensando, mas pode-se dizer que ele escreve. Keith é um gênio dos computadores. Ele cria seus próprios programas, atende em domicílio, dentre outras coisas.

— Pode-se dizer que é um hacker?

— Não. De jeito nenhum. Você vai se surpreender quando o conhecer. O relacionamento deles não deu certo porque Sally é muito atrapalhada. Ele até que gostava dela e se dava muito bem com Hank. De qualquer forma, vou tentar falar com Keith. Perto dele vivem os Ponder, Bertrice e Clóvis.

— Eu conheci os Ponder, por isso não cogitei que nos ajudassem. Uma noite, quando estava voltando para casa, encontrei o Sr. Ponder no meio da rua, de pijama. Quer dizer, com a parte de cima.

Brette suspirou.

— Pobre Clóvis. Um homem tão doce... Ele teve um derrame no ano passado e, semanas antes, Bertrice havia me contado que o marido começava a demonstrar sinais de esclerose.

— Não faria mal algum colocá-la a par da situação. Ela vai se assustar bem menos do que se vir luzes na floresta. Vou falar com ela enquanto você tenta convencer o doce Keith a deixar suas prioridades de lado em um caso de emergência. Depois podemos ir até os Pugh.

— Prefiro que você vá sozinho — disse ela. — Imagino que já tenha notado que eles não gostam muito de nós.

Sim, Sam vira o suficiente para notar que o relacionamento deles não era dos melhores.

— Eles precisam ser avisados para que fiquem atentos.

— Você não imagina como está... Ah, meu Deus! Sam fitou-a com curiosidade.

— O que foi, Brette?

— A marca! Como pude ter me esquecido da marca?

— Que marca? — perguntou ele, apertando as mãos com mais força ao ouvir aquele delicado lamento.

— Na frente da propriedade dos Pugh. Havia uma marca de sangue na placa de Sem Saída. Ah, meu Deus, e agora? E se for a marca da mão de Hank?

CAPÍTULO VIII

Ela não conseguia fazer o ar chegar a seus pulmões. Horrorizada, Brette materializou a imagem da cena que vira naquele dia.

— O que foi que eu fiz? Sam segurou-a pelos ombros.

— Brette, pare! Pare com isso!

Sam balançou-a algumas vezes, obrigando-a a respirar para afastar o pânico. Com as pernas bambas, ela desceu mais um degrau.

— Mãe! Mãe, o que aconteceu? Você está bem?

O garoto veio correndo e parou ao lado de Sam. As diferenças entre ambos faziam Eric parecer mais jovem e mais vulnerável. A idéia de que poderia ter sido o sangue de seu próprio filho fez seu coração disparar mais uma vez. Temendo perder o controle de si mesma, Brette se esforçou para manter a calma, inclinando a cabeça e respirando fundo.

— O que há de errado, Sr. Knight?

— É o que estou tentando descobrir.

Assim que o mundo parou de girar, Brette respirou fundo outra vez, então tentou fazer com que os dois compreendessem.

— A marca. E se for a mão de Hank?

A preocupação de Eric transformou-se em ceticismo.

— Mas, mãe, eu já lhe disse que não havia nada na placa quando fui até lá para limpar essa suposta marca.

— O que significa que outra pessoa limpou!

— Duvido que tenham sido os Pugh. Em primeiro lugar, eles chamariam a polícia, depois tirariam fotografias para mandar para o tribunal. Por fim, nos arrastariam até lá para limpar a placa.

— Por favor, se não for pedir demais, será que alguém poderia me dizer o que está acontecendo? — pediu Sam.

— Eu já lhe disse. Vi uma marca de mão na placa de Sem Saída quando passei na frente da propriedade dos Pugh. Achei que... estava convencida de que era arte dos meninos, ainda mais por estarmos perto do Halloween. Fora isso, todos sabem que não existe amizade entre eles.

— Nós gostamos de Tracie—falou Eric, com uma expressão inocente.

Brette tentou não parecer tão austera.

— Bem, Tracie tem a maturidade de uma pessoa de quinze anos.

— Acho que entendi — comentou Sam. — Mas o que a leva a crer que possa ser a marca da mão de Hank?

— Você não prestou atenção no que Eric disse? A marca não estava lá quando ele voltou da escola, e Hank desapareceu!

— Para quem mais você contou essa história?

— Para ninguém. Só você e Eric sabem. Sam olhou para o garoto.

— Você teve alguma participação?

— Não.

— Você acha que Hank poderia ter feito aquilo depois que foi embora da sua casa?

Eric ficou pensativo.

— Talvez. Mas acho pouco provável, porque ele não gosta de ficar passeando pela floresta durante a noite. Eu gosto muito mais, não é, mãe?

— Você é uma verdadeira coruja, meu filho — respondeu ela, com um sorriso

relutante.

— Não estamos falando da floresta em si. Hank não precisaria ter passado pela floresta para chegar até a placa.

— Eu sei. Um dia, quando voltávamos da casa de Tucker, um puma saiu do meio do mato e passou correndo na nossa frente em direção à estrada. Desde então, Hank reluta em passar por ali à noite.

— Entendo. Mas ele não teve medo de sair de casa no meio da noite, não é? — falou Sam.

Os olhos de Eric, não menos azuis do que os da mãe, se arregalaram.

— É verdade. Não se preocupe tanto assim, mãe. Hank deve estar sentado em algum canto pensando na vida. Daqui a pouco ele aparece. E é bem provável que seja antes de Sally descobrir o motivo da fuga. Até aí, qual é a novidade?

Brette não suportava ver o filho falando com todo aquele cinismo. Endireitando o corpo, ela esboçou um sorriso e afagou-lhe o rosto.

— Você tem razão. Estou me preocupando demais. Escutem, está ficando cada vez mais frio e nenhum de nós está agasalhado o suficiente. Por que não vai até a nossa casa e prepara um pouco de chocolate quente?

— Onde você vai estar? — perguntou ele, olhando para Sam com um misto de vergonha e esperança.

— Comigo. Tudo bem para você, Eric? Precisamos vasculhar a região.

— Não é melhor esperarmos o sub-xerife voltar? Mais uma vez, Sam olhou a sua volta.

— E se Hank estiver machucado em algum lugar?

— É mesmo. Acho melhor eu ir com vocês. Era a última coisa que Brette queria.

— Alguém já tentou telefonar para o celular dele?

— Hank sempre está com o celular, mas isso não significa que esteja ligado — respondeu Eric. — Eu já tentei telefonar para ele.

— E se ele decidir telefonar para alguém? É bem provável que seja para a nossa casa. E Hank também pode lhe enviar um e-mail de onde estiver.

— Já entendi o recado. Estou indo para casa. Você está levando o seu celular, não é, mãe?

Brette assentiu, e seu coração se encheu de amor e orgulho. A preocupação mútua não era nenhuma novidade. Eric agira pior do que um investigador de polícia nas poucas vezes em que ela saíra com possíveis pretendentes a namorado.

— Meu filho, o supervisor. Não se esqueça de que será bem difícil que encontremos algo na floresta.

— Fiquem longe do pântano — advertiu Eric, olhando preocupado para Sam. — Duvido que Hank descesse até lá.

— Não se preocupe, nós teremos cuidado. Assim que o filho se afastou, ela olhou para Sam.

— Obrigada por ter deixado de lado o assunto da marca.

— Imaginei que era o que você faria. Além disso, é melhor assim, pois ainda não temos como provar quem foi. Precisamos encontrar Hank e perguntar se foi ele.

Verdade. Brette apontou para Eric, que seguia para casa.

— Irei encontrá-lo depois que fizer alguns telefonemas. E também vou buscar uma jaqueta e uma lanterna. Você conta o nosso plano a Sally?

Sam hesitou, porém apenas por um instante.

— Está bem. Nos veremos daqui a pouco.

CAPÍTULO IX

Quase meia hora se passou antes que Brette e Sam pudessem dar início à busca. Os telefonemas demoraram um pouco mais do que o esperado, depois Sally os atrasou por insistir em dizer que estava com medo de ficar sozinha e que queria ir junto. Entretanto, como era típico, ela não se dignara a trocar de roupa. E a julgar pelo rosto sem maquiagem, Sally de certo se atrasaria para o trabalho.

— Sally, por favor, seja racional. Você precisa estar aqui para quando o sub-xerife Russell voltar.

— Ele não vai voltar.

— Claro que vai, Sally. E mesmo que não volte, quem vai atender ao telefone se Hank ligar?

— Aposto que ele tentará entrar em contato com Eric antes. Hank realmente deve me odiar por estar fazendo algo assim — acrescentou ela, criando uma nova onda de ansiedade e auto piedade. — Prefiro pensar que meu filho foi seqüestrado.

Pouco depois, os dois conseguiram sair.

— Ela está piorando — comentou Sam.

Por mais triste que fosse, Brette sabia que era verdade. Entretanto não estava disposta a criticar a amiga.

— Eu também estaria descontrolada se meu filho tivesse desaparecido.

— A probabilidade de Eric fazer algo do gênero é tão remota quanto a de Sally procurar a ajuda de um terapeuta.

— E se não for nenhuma travessura de Hank? — murmurou ela, novamente atormentada pela marca.

— Mantenha a calma, Brette. Você certamente saberia se os Pugh tivessem visto a marca. Eles jamais deixariam a história passar em branco. Talvez um dos funcionários da fazenda tenha parado ali para pegar a correspondência ou algo que tenha caído do caminhão e se machucou.

— Como alguém pode cortar a mão bem ali? Era a mão inteira, e não apenas a palma.

— E quem disse que precisa ser sangue? Não poderia ser ketchup de alguém comendo batata frita? Coisas estranhas acontecem. A propósito, Keith Daggett vai nos ajudar na busca? Preciso tomar cuidado para me manter bem longe no caso de ele estar armado.

— Ele não vai sair. Disse que poderia nos ajudar apenas de manhã. Como eu lhe disse, Keith está preso a um prazo.

Sam parou de andar.

— Você só pode estar brincando comigo. O bem-estar de uma criança não é mais importante do que um prazo de trabalho?

— Ele vai deixar as luzes acesas e sair caso ouça algo.

— Que amigão!

A desculpa parecia pouco convincente, mas Brette conhecia bem Keith e seus clientes exigentes.

— Keith seria um estorvo se fosse conosco. Além disso, nós acabaríamos procurando-o também.

— Por que ele mora lá se não gosta de florestas?

— O lugar foi um achado. Os antigos proprietários se separaram, e a mulher queria sair depressa dali para poder voltar para o Alabama e ficar com a família. Além disso, Keith estava desesperado por um lugar para morar, um lugar sossegado, sem barulho.

— Já entendi tudo. Você é fã desse homem.

Brette ficou olhando para as costas de Sam, imaginando se denotara algo além de proteção na voz dele.

— Keith é um homem maravilhoso — disse ela. — E, para seu conhecimento, ele não anda armado. Fora isso, não se pode exigir que uma pessoa entre em uma floresta sem estar devidamente protegida.

Depois disso, os dois ficaram em silêncio, como se tivessem decidido em conjunto que evitariam uma discussão. Além do mais, tinham de se concentrar nas redondezas, adaptar os olhos à escuridão cada vez maior, bem como ao terreno irregular. A floresta atrás da casa de Sally formava uma inclinação natural, terminando no riacho Little Cypress, e Brette precisava prestar muita atenção nos sulcos da terra e nas raízes expostas. Sem contar os galhos caídos e possíveis animais. Eles seguiam a cerca da propriedade dos Pugh, e quando a lanterna de Sally iluminou algo castanho-avermelhado, Sam parou. Não precisaram dizer que era quase da cor dos cabelos de Hank.

— É uma vaca? — perguntou Brette, mas queria ouvir a sugestão de Sam Knight.

Ele se abaixou para tentar enxergar melhor.

— Não sou nenhum fazendeiro, mas esse animal não é dos Pugh. Os deles não são malhados?

— Eles estão começando a misturar os animais — respondeu ela. Entretanto, ao se aproximar, Brette notou que se enganara em sua suposição. — Deve ser um veado ou um cachorro. É a cor perfeita para um coio. Como não havia pegadas no chão, eles não puderam precisar qual era o animal que haviam visto.

Logo que se mudaram para ali, eles costumavam receber visitas de veados e coiotes, bem como de alguns animais noturnos, além de quatis e gambás. Entretanto o único animal que lhes causava motivo de preocupação eram as cascavéis, em especial se a estação era mais úmida, pois as cobras se aventuravam além do pântano. Nos últimos anos, a vida nas proximidades da floresta tinha se tornado bastante atribulada. Quando as pessoas não se desfaziam de cachorros e gatos à beira da estrada, algum fazendeiro rico deixava escapar animais exóticos como o puma, propícios para homens

de negócios que gostavam de caçar. Alguns insistiam ter visto um urso preto. Naquele verão, inclusive, um de seus clientes tinha assistido a uma perseguição policial, uma caçada a um sujeito que escapara da prisão. Com armas em punho, os tiras tinham literalmente arrancado o homem da floresta, deixando o proprietário das terras em pânico. Precisavam tomar muito cuidado, pois a floresta estava se tornando cada vez mais perigosa.

— Você aprendeu bastante morando aqui, não é, Brette? Ela olhou para Sam, que a estudava com atenção.

— É essa a intenção, não é?

— Queria só me certificar de que você não está nervosa. Se estiver, podemos voltar.

— De jeito nenhum! — Ela segurou a lanterna com mais força e inclinou-se para pegar um pedaço de pau que serviria tanto de bengala quanto de porrete, se fosse o caso.

Se Sam achou a escolha dela divertida, preferiu manter-se calado. Ele mesmo carregava uma machadinha que pegara na oficina de sua casa.

— Estava pensando nos Pugh... — começou Sam, algum tempo depois. — Estar na defensiva não é o mesmo do que parecer culpado.

— Eu sei disso.

— Você realmente acha que o velho seria capaz de fazer algo para machucar os meninos?

Brette levou algum tempo para responder, parando e apontando sua lanterna para um arbusto. Parecia que algo tinha descansado ali, mas não recentemente. Não era, porém, nada que se assemelhasse à forma de um adolescente.

— Truman pode ser ruim o suficiente, e Albert também, mas duvido que algum deles seja estúpido a esse ponto.

— Algumas vezes o zelo excessivo também pode fazer com que uma pessoa pareça assustadora.

Brette parou e ficou imóvel até que ele percebesse que havia algo de errado.

— Você foi contratado pelos Pugh para ser o relações-públicas deles e melhorar a imagem da família, ou existe algum significado por trás de toda essa conversa? — Deixe para lá. A não ser que o reforço apareça, acho que, assim que terminarmos aqui, vou dar um pulo até a fazenda.

Nas proximidades do pântano, um pato reclamou da intrusão de estranhos em uma noite de calmaria. Brette simpatizou com o pequeno animal, também se sentindo pouco à vontade.

— Esteja preparada para o pior. Eles trabalham vinte e quatro horas por dia agora que o leite se tornou mais um artigo da guerra política. Alguns anos atrás, um dos responsáveis pelas caçadas quase levou um tiro por chegar sem ser anunciado.

— Bem, se vamos até lá, é melhor esperarmos um pouco aqui.

— Nós?

— Mudei de idéia. Se você vai até lá, eu também vou.

— Isso não me soa como um voto de confiança. Não tenho a menor intenção de

brigar com eles, apesar de saber que o comportamento dos Pugh pode ser dos piores. E você também não quer saber de briga — acrescentou Sam, baixando sua voz grave de barítono.

— Não se preocupe. Eu sou uma dama de verdade. Nunca parto para cima de alguém sem ter motivos.

Sam fez algum comentário em tom de resmungo, mas nada que se pudesse compreender.

— Você puxou sua mãe ou seu pai? — perguntou ele, momentos depois.

Brette parou e o encarou com perplexidade.

— Calma, Brette, trata-se apenas de uma questão de curiosidade.

— Desde quando?

— Se não quer responder a minha pergunta, diga apenas "não é da sua conta, Knight".

Que homem irritante!

— O senso de humor vem da minha mãe. E a tenacidade, do meu pai.

— Eu nunca os vi por aqui. Eles moram longe?

— Os dois morreram em um acidente de trem perto do Canadá logo após o terceiro aniversário de Eric.

— Eu estava me perguntando como você tinha vindo parar aqui.

Nada de "sinto muito" ou "que triste". Bem, pelo menos Sam Knight não era um homem hipócrita fazendo comentários vagos.

— Outra pergunta que você se esqueceu de fazer ao meu filho — provocou ela, com a voz melosa.

Sam assentiu, como se respondesse à própria pergunta.

— Verdade.

E agora? Pensou Brette.

— Você ainda não acredita que eu converso com os garotos na escola, não é?

— Eric nunca comentou nada comigo. — E Brette conhecia muito bem o filho.

— E ele já lhe disse sobre a sua versão em miniatura, a garota para quem costuma comprar suco depois da aula, enquanto esperam o ônibus?

A trilha poderia ter se transformado em uma pista de gelo. Brette ficou estática.

— Não é possível! O meu Eric?

— Não se preocupe. Eles ainda não passaram do estágio dos sorrisos tímidos e pouca conversa.

Brette teve vontade de sair correndo de volta para casa e fazer um questionário para o filho. Entretanto sabia que seria a pior coisa que faria ao relacionamento de ambos. Uma série de perguntas pipocou em sua mente. Brette tratou de reprimir todas, a não ser uma, que soava mais como uma advertência.

— É melhor que você saiba o que está fazendo e terminar com o acordo do silêncio.

— Para ser honesto, acho que não sei. Meu primeiro erro desde que me mudei para cá... Bem, o segundo, se você levar em consideração a compra de uma casa que não

é bem o seu ideal de moradia. Em relação aos meninos, Brette, eu pressenti uma necessidade e agi sem pensar nas conseqüências.

Ela se recusou a ser levada por aquela fala arrastada e melosa.

—Então, acho melhor começar a pensar nas conseqüências, pois não permitirei que você leve meu filho a acreditar que se preocupa com ele para depois vê-lo com o coração partido.

— O dele ou o seu?

Um coioite gritou ao longe. As folhas secas no chão se mexeram. Um coelho assustado observou Brette, vendo-o fugir depressa. E, mesmo assim, seu coração continuava disparado.

Por que aquele homem tentava passar a impressão de que ficava grande parte de seu tempo pensando nela e no filho? Ele deixara bem claro que não queria que os vizinhos fizessem parte de sua vida!

— Não estou preocupada comigo — disse ela, decidida. — Você acabou com todas as possibilidades de um relacionamento mais cordial entre nós alguns meses atrás.

Com passos lentos, Sam continuou a guiar o caminho floresta adentro. Não era um terreno tropical denso, embora a terra fosse ficando cada vez mais úmida.

— Está enxergando algum tipo de pegada? — Pior do que tentar puxar conversa, Brette precisou de forças para agir mais friamente com aquele homem.

— Não de seres humanos.

De repente, eles ouviram um grito agudo nas proximidades do pântano. Assustada, Brette também gritou.

— Você está bem? — perguntou Sam, olhando-a em meio à escuridão.

— Sim, a não ser por esses pequenos sustos que quase me matam. O que foi isso?

— Um pato, talvez uma garça.

—Eu nunca ouvi uma ave que gritasse assim. —Arrepiada, Brette fechou mais um botão de sua jaqueta jeans.

— Se um coioite gritasse no seu ouvido, ou um jacaré passasse por cima dos seus pés, você também não daria um grito normal.

—Eu sei, mas... Acho que os homens estão assustando cada vez mais esses pobres animais.

— Faz parte da natureza.

— Não sei se concordo muito com isso.

— Acho bom começar a concordar. Precisamos aprender a lidar com essas intempéries que a vida nos apresenta.

— Se houver um jacaré ali embaixo, certamente não será obra da natureza, mas sim das conseqüências dos atos humanos no habitat do pobre animal, bem como nas estações. O mesmo se aplica aos javalis obrigados a mudar de habitat. Ah, como eu gostaria que as pessoas pensassem antes de mexer com o que existe em volta delas.

Sam ficou em silêncio por alguns momentos.

— Quer voltar? — perguntou ele.

Era isso que Sam queria? Estaria torcendo para que ela desistisse por achar que o ato voluntário fora um gesto vazio?

— Nós ainda não terminamos — respondeu determinada. Ele seguiu em frente, até que não puderam continuar mais por causa do pântano. Ao sul havia a cerca, então eles foram para o norte. De tempos em tempos, Sam chamava o nome de Hank. Em vão.

Brette avistou a árvore com a corda do topógrafo que marcava a divisa norte da propriedade de Sally. Sam também viu, e continuou andando. Ela nunca havia ido tão longe, nem durante o dia, e teria se perdido completamente se não fosse pelo pântano. Instantes depois, Brette perdeu o equilíbrio.

Olhando sempre para Sam, ela não prestou atenção no chão irregular nem no tronco de árvore caído. Brette pendeu para trás e, no processo, deixou sua bengala improvisada cair e raspou a palma da mão direita em um pedaço do tronco da árvore. Imediatamente, colocou a mão entre as pernas e abafou um grito entre os dentes.

— Diabos! Diabos! — resmungou Brette, procurando um lenço ou um pedaço de pano para tentar estancar o sangramento.

A lanterna de Sam logo a iluminou, e ele viu o que acontecera.

— Sua desastrada — brincou, pegando-a no colo. Então ele a colocou contra a árvore e direcionou a luz para o ferimento. Era bem fino e ocupava toda a palma.

— Você não viu a árvore? Era tão grande!

— Obrigada por estar destacando o óbvio. Eu errei a mira, só isso.

— E corre o risco de envenenamento sangüíneo se não tomar uma antitetânica imediatamente.

— Eu tomei uma no final do ano passado, quando pisei em um prego enferrujado.

— Você é bem desastrada, não? — brincou Sam.

A observação demonstrava quão bem ele conhecia a probabilidade de Brette terminar usando um band-aid quando se punha a fazer alguma atividade em casa ou no jardim. Não, podia não ter muita habilidade para esse tipo de assunto, mas a questão era: como ele sabia? Sam devia estar prestando muita atenção na vida dela para conhecer esse tipo de detalhe.

Brette olhou para o rosto sombrio e enigmático.

Eles sustentaram olhares. A noite o protegia de certa forma, porém não o suficiente para esconder algumas verdades. Verdades interessantes. Verdades irritantes. Todos os traços do rosto dele demonstravam uma mistura de emoções: tensão, segredos e... desejo?

Desejo? Quando os olhos de Brette desceram para seus lábios, Sam engoliu em seco.

— Não! De jeito nenhum — sussurrou ele. Esperando sentir os lábios de Sam contra os seus, Brette se surpreendeu com a árvore contra suas costas. E antes que pudesse lhe dizer o que achava daquele gesto e dele, Brette ouviu um grito histérico.

— Sam! Brette!

CAPÍTULO X

— É Sally! — Sam descobriu que estava bem mais aliviado do que fosse possível ao ouvir a voz da vizinha. — Deve ter acontecido alguma coisa. Vamos voltar depressa.

— Quanto antes, melhor — respondeu Brette. Enquanto ela continuava a tentar encontrar um lenço nos bolsos de sua calça, Sam tirou um pacote de lenços de papel de sua jaqueta.

— Tome. Estes lenços devem ajudar a estancar o sangramento até chegarmos em casa, onde você poderá limpar direito o ferimento.

— Eu sei o que fazer. — Recusando-se a olhar para ele, Brette apertou os lenços de papel na mão. Decidida, pegou a lanterna e começou a voltar pelo caminho por onde tinham vindo.

— Brette...

Ela fingiu que não o escutou.

Sam não a culpava por estar aborrecida, afinal de contas seu comportamento não fora dos melhores. Como resultado, ele não tentou fazê-la parar novamente. Seria melhor assim, disse a si mesmo. Todavia, apesar de quase ter cometido o maior erro de toda sua vida, ele não gostava de ser tratado como o homem invisível.

Estava em boa-forma, bem como Brette, e, apesar de suas pernas serem mais compridas, Sam teve de andar depressa para alcançá-la. Quando se encontravam quase no meio do caminho, ele ouviu uma voz de homem chamando-os. Poderia ter sido o sub-xerife Russell, mas Sam não achava que fosse.

Antes que pudesse responder e dizer a todos que os estavam esperando que logo chegassem, Brette se antecipou em gritar:

— Estamos chegando!

A primeira visão das luzes que iluminavam a varanda através das árvores acabou com a resolução de Sam, que fez mais uma tentativa de amenizar as emoções tumultuosas que sentia irradiar de Brette.

— Você pode me dar um minuto antes de aparecemos? — pediu ele.

— Não há nada a ser dito.

— Eu lhe devo desculpas.

— De forma alguma. Além do mais, não estou nem um pouco interessada.

Indignado com toda aquela rudeza, Sam segurou-lhe o braço logo acima do cotovelo.

— Por favor, Brette, eu preciso saber se a magoei. Brette soltou-se com uma força surpreendente, mas não foi nada comparado ao brilho nos olhos dele.

— Não me confunda com meu filho ou com Hank. Eu não sou tão inocente nem tão crédula. Guarde sua suposta preocupação.

— Você está enganada a meu respeito. A minha maior vontade era beijá-la ali mesmo, mas saiba que foi melhor assim. Você não tardaria a se arrepender.

— Bem, pelo menos concordamos em um aspecto. Agora, se não se importa, eu gostaria de ir ao encontro deles. Se não fosse urgente, eles não nos chamariam para voltar. Acho que encontraram Hank.

Não, não tinham encontrado Hank.

Brette foi correndo o restante do caminho até se encontrar com o xerife Chester Cudahy. Os passos de Sam eram longos o suficiente para se manter logo atrás. Não esperava encontrar o xerife ali, pelo menos não daquele jeito, tão de repente.

Embora fosse um homem alto para o padrão, Sam sempre se impressionava com a altura do xerife, quase quinze centímetros maior do que ele. Sam tinha lido nos jornais que o veterano homem da lei passara por momentos muito difíceis naquele ano, e, como ícone do condado de Wood, resolvera dois assassinatos em Split Creek, um vilarejo próximo dali. Depois disso, houvera algumas histórias com drogas que, além do seu pessoal, envolveram alguns colegas de condados próximos.

Os resultados foram evidentes. Sam tinha visto várias fotografias do xerife no jornal, e o homem que cumprimentou Brette tocando na ponta de seu chapéu era uma versão mais cansada do "cão-de-guarda" que vira nos jornais. Ao chegar mais perto dele, Sam notou que havia algumas linhas de expressão mais profundas no rosto do xerife, em especial em volta dos lábios. Sam observou-o tirar o cigarro apagado da boca e girá-lo entre os dedos.

As pessoas diziam que possuía um bom coração, mas no instante em que o olhar de Cudahy se concentrou em Sam, ele viu algo naqueles olhos que lhe causou um arrepio. Uma sensação semelhante à que costumava experimentar de criança, quando ele, seu irmão ou sua mãe desagradavam ao pai.

—Xerife Cudahy—disse Brette, ofegante, pressionando a mão machucada contra o peito. — Quer dizer que ele ainda não voltou?

— Sinto muito. — A voz do xerife demonstrava fadiga e também pesar. — Como vai, srta. Barry?

— Estou desapontada, claro.

— E o que aconteceu com a sua mão?

— Eu tropecei em um galho. Não foi nada demais. Só um arranhão.

— Está sangrando bastante, xerife — interveio Sam. — Acho que ela deve limpar o ferimento o mais depressa possível.

Brette o olhou com desdém.

— Obrigada pela preocupação, mas estou bem. Xerife Cudahy, este é Sam Knight, nosso vizinho.

O olhar do xerife foi imediatamente para a machadinha que Sam segurava.

— Estava pensando em abater um porco, Sr. Knight?

— Se fosse necessário.

Pouco tempo antes, Sam ouvira que o xerife gostava de simplificar as coisas. "Quebra-cabeças e perversos", como ele costumava dizer, "eram assuntos para advogados e outros estudantes com tempo livre". Não era um homem para ser subestimado. Sua capacidade de enxergar além das pessoas era quase paranormal. Por esse motivo, Sam sabia que dentro em breve estaria suando, apesar do frio da noite que penetrava em sua jaqueta.

—Como está Sally?—perguntou Brette, chamando a atenção do xerife.

— Ela entrou quando ouviu que vocês estavam chegando. A mulher está uma pilha

de nervos, mas creio que não seja nenhuma novidade. Vamos até a frente da casa? Como o sub-xerife Russell já deve ter lhes explicado, estamos passando por uma noite bastante complicada, e preciso ficar perto do rádio do carro.

Brette foi atrás dele, ignorando completamente Sam.

— Nós detestaríamos lhes causar mais problemas.

— Tudo se resolverá. Seu filho está bem? Eric é o nome dele, não?

— Sim, Eric. Ele não vê a hora de poder entrar para o time de futebol da escola.

— Esses meninos estão sempre apressados, não é?

Na frente da casa, ele parou perto de um dos dois carros estacionados na rua.

— Sr. Knight, pelo que vejo, o senhor foi o herói da noite ao vir prestar auxílio às senhoras.

— De forma nenhuma. — Ao vê-lo olhar novamente para a machadinha, Sam colocou-a em cima do pneu traseiro do veículo do xerife.

— Não é o que a Sra. Jamison diz. — Cudahy inclinou-se contra a porta do motorista e cruzou os braços. — O senhor há de convir que nem todas as pessoas estão dispostas a deixar seus afazeres de lado para procurar um garoto que está demonstrando um comportamento irresponsável e infantil.

— Ah, xerife, Hank não é...

Cudahy levantou o cigarro como um guarda escolar segurando um sinal de trânsito.

— Não se preocupe, srta. Barry. Nós encontraremos o jovem Hank. Estou apenas querendo ressaltar a generosidade do Sr. Knight, depois de ter passado o dia todo rodeado de crianças.

Pelo visto, Sally conversara com o xerife. Sam tentou ignorar a sensação nauseante que o acometeu, e também procurou não se preocupar com a possibilidade de ela ter distorcido a verdade.

— Gostaria de ter tido um pouco mais de sorte, xerife. Brette tem razão. Hank precisa parar de fazer algumas coisas, mas eu já vi casos piores. — O dele, por exemplo.

— Falou como um professor dedicado. O senhor dá aula na Escola Sandy Springs, não é? Professor de finanças.

— Sim. A juventude de hoje está muito insegura, xerife. Eu já tive alunos que, depois de quatro anos de faculdade, não souberam enxergar a utilidade do nosso sistema escolar. Nós vivemos em um mundo em que a próxima geração usará apenas produtos descartáveis, porque ninguém saberá como consertar qualquer coisa que se quebrar. Por isso, xerife, eu considero o seu trabalho uma opção bastante interessante de escolha de carreira.

Belo elogio. Entretanto de nada serviu para amenizar os temores de Sam. O xerife estava se fazendo de cão de caça, sem dúvida em virtude dos comentários feitos pelo sub-xerife Russell. E a julgar pelo andar da carruagem, ele não tinha a menor dúvida de que o xerife Cudahy não hesitaria em usar a machadinha para conseguir as respostas que buscava.

— Fico contente em saber que aprova o meu trabalho. — Cudahy olhou para trás.

— E levando em consideração o tamanho da sua casa, o senhor deve ser do tipo que gosta de criar vínculos, não é?

— Sonhar não custa nada, não é, xerife? Cudahy virou-se para Brette.

— Srta. Barry, continua trabalhando no correio?

— Sim, faz dez anos. E ainda ouço piadinhas de todos os tipos.

Pela primeira vez, os olhos sombrios do xerife sorriram. Pouco depois, ele retornou sua atenção para Sam.

— O que a Sra. Knight faz?

Vai começar... Sam engoliu em seco como se tivesse um balde de areia em sua garganta.

— Não existe uma Sra. Knight.

— Exato. O sub-xerife comentou que o senhor é divorciado. Mais uma vez, ele voltou a atenção para Brette que, de repente, pareceu não querer estar ali, mas sim em qualquer outro lugar.

— Pode confirmar ou corrigir algumas informações para mim, srta. Barry? Hank continua a dormir na sua casa?

— Sim. Como eu disse para o sub-xerife Russell, essa é a rotina. Meu filho e ele são bons amigos. E como o horário de Sally é um pouco complicado, não faz o menor sentido Hank ficar indo e voltando. Além disso, nos dias de hoje não temos muito tempo para passar com os nossos filhos.

— Concordo plenamente, srta. Barry. E, mesmo assim, o garoto saiu de casa sem o seu conhecimento.

Sam já ouvira demais.

— Não é justo, xerife. Eric disse ao sub-xerife que a mãe estava tomando banho quando Hank foi embora. É claro que o garoto saiu de propósito naquele momento.

Torturada, Brette assentiu.

— O senhor acreditaria em mim se eu lhe dissesse que ele nunca fez isso antes?

— Se for a verdade, por que eu não acreditaria?

— É verdade.

— Mas ele já fugiu de casa antes.

— Saiu apenas por algumas horas, fingindo que havia fugido. Porém nunca por muito tempo, e nem para longe. Certo, estamos discutindo minúcias, mas desta vez é diferente. Nas outras, não havia acontecido nada de errado. E é por esse motivo que estou mais preocupada do que nunca com a marca na placa.

Sam fechou os olhos e, quando os abriu novamente, Brette o fitava com curiosidade.

— Que marca? — perguntou o xerife, mostrando-se mais ameno.

— Na placa de Sem Saída na entrada da fazenda dos Pugh. Eu vi a marca hoje de manhã, mas agora não está mais lá.

Ela contou toda a história para o xerife. À medida que escutava, o descontentamento do homem aumentava.

— Está querendo me dizer que destruiu uma possível prova?

— Não! Como eu lhe disse, quando Eric foi até lá para limpar a marca, não havia

mais nada na placa. Achei que tivesse sido uma brincadeira dos dois.

— Mesmo com um garoto desaparecido?

— Quando vi a marca, eu ainda não sabia que Hank tinha sumido. E por que, de repente, o senhor está dizendo que ele desapareceu se até agora insistia em dizer que Hank fugiu?

— Porque eu só sei o que sei — respondeu Cudahy com seriedade. — Alguma vez lhe ocorreu telefonar para a delegacia?

— Foi o que fizemos inúmeras vezes. E de nada adiantou. Seu pessoal anota as informações, mas ninguém aparece aqui. Ou há poucos funcionários à disposição, ou o senhor não acredita que a situação necessite da sua atenção, muito menos da sua intervenção. Ou, ainda, o xerife se recusa a sair à noite sem reforços.

— Não ajuda muito ser condescendente, srta. Barry.

— Condescendente seria lhe dizer o que eu achei da audácia do sub-xerife — respondeu Brette, sem pestanejar. — Olhe, xerife, eu sei que há poucos homens na delegacia, mas o nosso condado não é dos mais populosos. Além disso, nós também pagamos impostos! E podemos dizer que temos muita sorte de conseguir ganhar a sua atenção durante o dia!

— Bem, eu estou aqui agora, não estou? — resmungou ele. — Vamos voltar ao assunto da marca. Tem certeza de que era sangue?

— Não, não posso afirmar. Mas não era ketchup.

— E há quanto tempo sabe da marca, Sr. Knight?

— A srta. Barry me contou há pouco.

— E o que lhe pareceu? Bela tentativa pensou Sam.

— Eu não vi a marca.

— Então o senhor apareceu aqui por acaso para ajudar as senhoras indefesas? Ou queria emprestar uma xícara de açúcar? — Cudahy apontou-lhe o cigarro, sempre apagado. — Eu me lembro de a Sra. Jamison ter me dito que o senhor não é dos mais sociáveis. O que o levou a mudar de idéia exatamente esta noite?

O xerife era pior do que ele imaginara. Com repentina clareza, Sam visualizou seu futuro, que lhe pareceu bem mais sombrio do que quando partira de Houston.

— Imagino que, depois de seis meses — começou ele com calma —, a minha situação aqui comece a ser mais permanente. E como conheço os meninos da escola, quando vi a srta. Barry e o filho atravessando a rua preocupados, depois o sub-xerife chegando... Pareceu-me a coisa certa a fazer.

Brette emitiu um som que chamou a atenção de Cudahy. Ela apertou a mão machucada.

— Deixe-me dar uma olhada nesse ferimento — ordenou ele, segurando-lhe o pulso e tirando o lenço de papel ensangüentado, — Tenho um kit de primeiros-socorros no carro.

— Não se preocupe xerife. Estou bem. Podemos acabar logo com isso?

— Está bem. Sr. Knight, eu soube que o senhor é de Houston.

— Sim, dos arredores.

— Sempre foi professor?

— Não, eu trabalhei em outras áreas antes de chegar à educação.

— Em que outras áreas?

— Construção, bancos, corretoras de valores. Eu queria ganhar um pouco de experiência prática para poder ensinar melhor aos meus alunos.

— Isso significa que o senhor tem muitas referências?

— Para quê?

O xerife inspecionou as condições de seu cigarro.

— Estou apenas fazendo algumas anotações mentais, querendo conhecer melhor o novo membro do nosso condado.

— Está bem. Sabe onde me encontrar se quiser saber de mais alguma coisa.

Cudahy olhou para a floresta atrás da casa de Sally.

— Vocês encontraram algo de interessante?

— Várias pegadas de animais — respondeu Brette, antes que Sam abrisse a boca.

— Hank não gosta muito do escuro, sabe? Então não imaginei que ele pudesse estar na floresta. Mas não custava procurar.

— Espero que a senhorita tenha razão. — Como um mestre enxadrista, ele mudou imediatamente de estratégia. — A marca que pensou ter visto era...

— Eu vi.

— Era grande, pequena? Notou algo mais específico?

— Se está querendo saber se poderia ser a mão de Hank, a resposta é: não sei. Posso afirmar que era grande, porém alta demais para uma criança alcançar. Talvez de um adolescente. Sim.

Cudahy assentiu, aprovando.

— É esse tipo de observação que me interessa, srta. Barry. A propósito, não pretende mudar de profissão?

— Quem sabe algum dia no futuro, xerife.

— Bem, então me deixe aproveitar dos seus instintos e talento. Quem a senhorita acha que limpou a marca?

— Não sei — respondeu ela, fitando-o bem nos olhos.

— Compreende que é uma resposta difícil de aceitar?

— Sugiro, então, que pergunte aos Pugh.

— E por que colocariam uma marca na placa que fica bem em frente à propriedade deles?

— Esse é um assunto para ser discutido com eles. Visivelmente descontente Cudahy olhou para o relógio.

— É melhor eu ir até a fazenda antes que fique muito tarde. — Ele olhou para Brette outra vez. — Quero conversar com seu filho quando eu voltar.

— Eu já lhe disse o que ele fez e o que ele sabe, que é exatamente o mesmo que eu lhe contei, xerife. Eric não viu Hank depois que ele saiu da nossa casa.

— Então será uma visita amigável. — Cudahy se virou para Sam. — Quais são os seus planos?

— Fazer o que for preciso.

— Sugiro que vocês se recolham.

— E como alguém pode dormir? — perguntou Brette, indignada.

— Agora mesmo alguém está deitado e alguém está fazendo suposições, o que significa que as pessoas que precisam saber não estão obtendo as informações corretas. Todos estamos perdendo energias e recursos com base em hipóteses, ou pior, um se metendo no caminho do outro. Deixe-me ir conversar com os Pugh.

— O senhor não vai falar sobre a marca, não é?

— E há algum motivo para que eu omita o fato? Talvez eles possam explicar o porquê de a marca não estar mais lá.

— Ou, falando em mentiras, eles podem dizer que não sabem de nada.

Cudahy esfregou seu diafragma.

— Srta. Barry, eu me lembro bem da última vez que estive na casa da Sra. Jamison. Admiro a sua atitude de boa amiga. Ela é sua vizinha e seus filhos são amigos. Entretanto admita que, no fundo do coração, a senhorita sabe que ela não é das dez pessoas mais normais. A conclusão do sub-xerife talvez não esteja tão errada assim. É bem provável que a Sra. Jamison e o filho tenham discutido, e ela esteja com vergonha de admitir. Agora já temos os dados pertinentes e uma fotografia para dar início à papelada de pessoas desaparecidas. Entretanto, tenho a impressão de que se trata de um caso simples.

Brette pressionou os lábios, achando que seria melhor manter-se calada.

Sam também achou estranho estar respeitando o xerife, mas foi o que fez. O homem teve a decência de ser correto e profissional. Por outro lado, não havia como negar o golpe que estava sendo para Brette. E tendo destruído qualquer possibilidade de oferecer apoio ou conforto devido ao seu comportamento estúpido, Sam ficou parado, de mãos atadas.

Como se pressentisse a tensão no ar, Roy Russell saiu da casa de Sally naquele momento. Após uma breve troca de resmungos indecifráveis, os dois homens acomodaram-se em seus carros e partiram. Sam pegou sua machadinha no chão.

— Não se sinta na obrigação de nos ajudar — disse Brette, momentos depois.

— Por que está dizendo isso?

— Tanto Cudahy quanto Russell acharam a sua ajuda suspeita, mas, por enquanto, eles estão lhe dando o benefício da dúvida. Sendo assim, sugiro que você não faça nada que me leve a dizer-lhes que pode ter sido um erro.

Desejando mais do que nunca ter beijado aquela mulher, Sam continuou a olhá-la com admiração, esperando que toda aquela armadura de coragem e determinação revelasse alguma falha.

—Você é uma mulher muito honesta para fazer isso, Brette — comentou Sam, alguns instantes depois.

— Isso o quê?

— Mentir.

— Não vou nem fingir que entendi a sua insinuação.

— Eu sei. Quem sabe outra hora, em outro lugar. —Vendo Sally na porta de sua casa, ele virou-se para a rua. — Se Cudahy perguntar por mim, diga-lhe que fui até a escola ver se Hank está lá.

— Você sabe que Hank faltou à escola. Por que estaria lá agora?
Porque ninguém pensaria em procurá-lo na escola.

CAPÍTULO XI

— Aonde ele vai? Com um resmungo de frustração e desgosto, Sally sentou-se no primeiro degrau da escada da varanda. Não foi uma má idéia, pensou Brette, acomodando-se ao lado da amiga.

— Encontrei uma garrafa de vinho e achei que poderíamos beber um pouco enquanto tentamos decidir qual o nosso próximo passo.

Atitude clássica de Sally. Brette achou melhor evitar o olhar aborrecido da amiga.

— Você já tomou um Prozac que costuma surrupiar dos residentes. Não acha melhor não beber?

— Eu não sou forte o suficiente para suportar tudo isso. Preciso de um algo a mais. — Sally ofereceu-lhe o copo. Outra vez a vítima. Bem, pelo menos não estava dirigindo, pensou Brette.

— Não, obrigada. O xerife Cudahy foi conversar com Truman e Albert.

— Boa sorte para os dois.

— E Sam foi até a escola.

— Fazer o quê?

Brette a olhou de soslaio.

— Será que Hank está na escola? Por que ele não esperou um pouco? Eu teria me oferecido para ir junto.

Sally bebeu mais um gole do vinho, fingindo uma falsa curiosidade.

— Está ficando frio, Sal — disse Brette, levantando-se. — Vou para a minha casa ver se Eric está bem.

— Você volta, não é?

— Claro. Mas eu preciso dormir pelo menos umas duas horas, senão não conseguirei trabalhar amanhã cedo.

— Sam tem sido um amor, não é? — continuou Sally, como se Brette não tivesse falado. — Simpático e paciente. Sabe que enquanto você foi buscar a sua jaqueta, ele ficou comigo? Sentado do meu lado, apenas me escutando. Eu nem me lembro quando foi a última vez que um homem se dispôs a escutar o que uma mulher como eu tinha a dizer sem querer algo em troca. Na verdade, eu não me importaria se ele pedisse algo.

Brette apertou o lenço em sua mão e se lembrou de que Sally não costumava levar a sério essas conversas. Para que se ressentir com uma pessoa que perdeu ou nunca possuiu um filtro em seu processo de pensamento?

— Agora eu sou a malvada por não ser grudada com o meu filho!—estourou Sally, como se pressentisse o conflito interno de Brette. — Mas eu preciso ser realista. Se

não distrair a minha mente, não agüentarei tudo isso. Não estou preparada para esse tipo de choque. Eu não sou tão forte quanto você.

—Eu entendo. —E realmente entendia. —Só não concordo que Sam Knight seja o tipo de pessoa que queira ou mereça ser colocada em um pedestal, muito menos na lista de desejos de uma mulher.

Sally deixou a cabeça cair para trás e olhou para o céu.

— Acho que são os ombros dele. Aposto que Sam consegue carregar nós duas, uma em cada braço, sem deixar cair uma única gota de suor.

Concluindo que seu corte não sangraria mais, Brette enfiou o bolo de lenços amassados no bolso.

— Não gosto nem de pensar.

— E eu não sei? Você não quis ir comigo naquele clube de strip-tease em Dallas, mesmo que nos sentássemos no fundo. Bem, quem gostaria de dividir um espécime como Sam?—Um instante depois, Sally franziu as sobrancelhas. —Hank nunca lhe disse nada de negativo sobre Sam, não é? E Eric?

Brette respirou fundo, mas sua maior vontade era gritar. Sally estava falando sério! A lembrança da rispidez de Sam e da insistência em manter-se distante, bem como o juramento de Sally de não se envolver com mais nenhum vizinho depois de Keith não existiam mais.

— Merda!

Afastando seus pensamentos, Brette viu a amiga rasgar o maço de cigarros.

— É o meu último cigarro! O que vou fazer agora?

— Que tal parar?

Ignorando-a, Sally se levantou, sem dúvida para ir em busca de mais um maço.

Sozinha por alguns deliciosos momentos, Brette cobriu o rosto com as mãos. Não sabia se ria ou se chorava, e desejou que Hank voltasse para casa o mais depressa possível. Por quanto tempo mais agüentaria Sally falar sem pensar em seus próprios momentos com Sam?

Então ouviu o motor de um carro se aproximando. Ao olhar para cima, Brette viu a caminhonete de Sam. Quando passou por ela, ele a cumprimentou com um aceno de cabeça. Houve tanta intimidade naquele movimento sutil que ela teve de se controlar para não retribuir o gesto com mais entusiasmo do que o necessário.

Brette ouviu Sally reclamar e jogar algo dentro da casa. Decidindo que não perderia mais tempo, ela se levantou e atravessou a rua. Precisava de segurança, e sabia que o único lugar onde a teria era na sua casa.

Quando entrou, Eric estava levando o lixo para fora.

— Oi, mãe. Eu vi você e o Sr. Knight conversando e pensei em ir até lá. Ele foi embora?

— Foi até a escola para ver se encontra Hank.

— Você queria ir com ele — comentou o garoto, um pouco aborrecido.

— Sim.

— Para ajudar a procurar Hank ou para ficar ao lado dele?

— Os dois. Isso o incomoda?

Brette educara o filho para ser direto e verdadeiro, como aprendera com seus pais, porém nunca estivera do outro lado da situação. Não seria nada fácil, mas, mesmo assim, ela esboçou um sorriso.

— Estou percebendo uma pontada de ciúme? Por que não me contou que você gosta dele?

Suspirando, Eric tirou o casaco e o pendurou no cabide.

— Porque você também gosta dele. E como ele sempre recusava os seus convites, eu... Bem, achei melhor não tornar a situação mais complicada.

— Você estava protegendo os meus sentimentos?

— Eu sei quando ser sensível, mãe.

— Venha cá, meu menino! Dê um abraço na sua mãe. — Eric já era da mesma altura dela e, como acontecia todas as vezes, Brette sentiu a mesma alegria do que da primeira vez que o segurara nos braços. — Quando foi essa aproximação com o Sr. Knight?

— Depois da última vez que você o convidou para jantar. Eu percebi que você ficou aborrecida. Então, no dia seguinte depois do almoço, fui até a classe dele e lhe disse que ele era um verdadeiro babaca.

— O quê?

Eric caiu na risada, e em um daqueles dolorosos, porém lindos flashes, Brette viu as imagens do pai dele aos vinte anos e dela aos dezesseis. Era em momentos como aquele que sentia mais a falta dos pais, ansiando que eles estivessem ali para compartilhar sua alegria e orgulho.

—Admita mãe. Ele poderia ser o tal. Quanto tempo faz que você saiu com um homem, mais de um ano? E nem se interessou por aquele vendedor de seguros.

— Eu não fico muito à vontade com homens que costumam usar mais produtos de beleza do que eu. Pode me processar, se quiser — brincou ela.

— E o de antes?

— Queria colocar você na academia militar.

— Sério? Você nunca me contou!

— Eu fiquei com medo de você colocar uma lagarta na bebida dele, como Hank fez para se livrar do namorado da mãe.

—Academia militar! Que terror! Estou começando a gostar cada vez mais do Sr. Knight.

— Não faça isso.

— Eu vi você olhando para ele.

Horrorizada por admitir a verdade, Brette foi até a cozinha e colocou uma chaleira de água para ferver.

—Por favor, não me diga que você também contou isso para ele. Eu jamais conseguiria encará-lo novamente.

— Ora, mãe, eu não sou idiota! Acho que aprendi uma ou duas coisas com você.

Por exemplo: deixá-la sossegada depois de uma conversa difícil com Sally, ficar quieto nas manhãs de domingo para ela dormir um pouco mais. Todavia isso não significava que queria o filho se intrometendo em sua vida amorosa, ou na ausência de

uma. Sua curiosidade, porém, era maior.

— O que o Sr. Knight disse?

— Ele disse que sabia.

— Que sabia o quê?

— Que a tinha magoado. E também que você era uma mulher muito especial.

Muito contente com o elogio, ela fingiu que Eric não havia compreendido direito.

— O que o levou a se aproximar desse homem, filho?

— Ele não conversou diretamente comigo. Agiu como você.

— Como assim?

— Ele não me dava respostas em assuntos sobre os quais não queria conversar. E pareceu compreender Hank tão bem quanto eu, mesmo que os dois não tenham conversado como nós.

Talvez. Brette não ficou muito contente.

— Quer dizer que não era verdade o que Sam disse ao sub-xerife Russell, que vocês dois foram à procura dele?

— Claro que era. Ele me pediu para conversar com Hank. Mas você sabe como ele é. Hank não sabe lidar muito bem com as pessoas. Mesmo assim, o Sr. Knight insiste em ficar de olho nele. — Eric apoiou os cotovelos no balcão da cozinha e ficou olhando a mãe preparar café instantâneo. — Talvez, agora que o segredo foi descoberto, ele queira aparecer de vez em quando.

Esse tinha sido o maior temor de Brette quando Sam os chocara com seu anúncio. Expectativas e sonhos. Mas Eric não pressentira o mesmo que ela. Havia algo de errado com Sam Knight, e a simpatia dele com seu filho não deveria deixá-la cega perante o fato.

— Uma coisa de cada vez, está bem?

— Tudo bem. Mãe... Papai era parecido com o Sr. Knight? Ah, meu Deus! Não queria discutir esse assunto com um garoto! Ela colocou a colher na pia e afagou o rosto de Eric.

— Seu pai foi um excelente atleta, esquiava, corria, andava de bicicleta e surfava. Não era um daqueles halterofilistas ávidos por ter um corpo musculoso.

— Músculos diferentes! Entendi—respondeu ele, rindo. — Hei! O que aconteceu na sua mão?

Até então, Brette não tinha prestado muita atenção no machucado, mas agora que o filho tocara no assunto, ela abriu a mão para ver como estava.

O corte não era tão profundo.

— Eu quase caí dentro de um buraco — disse ela. — Havia muitos galhos pelo chão, por causa dos vendavais de setembro. Mas não se preocupe, não foi nada demais.

— Aposto que se fosse a minha mão, você me levaria para o hospital para costurá-la — brincou Eric, vendo-a lavar o ferimento e passar água-oxigenada.

— Não precisa. Podemos continuar com essa conversa quando voltarmos?

— E quando será isso?

— Mais cedo do que você imagina. O xerife Cudahy quer conversar com você depois que voltar da fazenda dos Pugh.

— Por quê?

Ela não o culpava pelo temor na voz.

— Trata-se apenas de formalidade. Você sabe como ele foi chato com Sally. — Satisfeita, Brette decidiu que um band-aid seria suficiente para o momento. E duas aspirinas resolveriam o latejar do corte, bem como sua dor de cabeça.

— Vou até a casa de Sally para ver se ela não está destruindo tudo atrás de um cigarro. Daqui a pouco eu volto meu filho — disse Brette, levando uma xícara de café. — Não houve nenhum telefonema?

— Não. Pode esquecer. Eu já cansei de pensar no assunto. Hank não entrará em contato conosco enquanto não estiver preparado. Isto é, se é que vai estar.

A confusão e a dor na voz do filho a deixou arrasada.

— Não desista querido. Ele deve ter um motivo muito bom por haver desaparecido dessa maneira.

Ao chegar à casa de Sally, Brette a encontrou abrindo a porta e saindo, com a aparência um pouco melhor. Tinha trocado de roupa e arrumado os cabelos.

— A vida deve continuar. Achei um maço de cigarros mentolados no meu criado-mudo. — Sally mostrou o maço para a amiga. — Devem ser de antes do verão. Aposto como estão estragados.

— Quem sabe assim você não toma jeito e resolve parar?

— Pouco provável. Já tentei algumas vezes. — Ela olhou para a xícara de café na mão de Brette. — Por que demorou tanto?

— Como lhe disse antes, eu precisava avisar Eric sobre a conversa com Cudahy — explicou ela, entregando a xícara a Sally.

— Não mencione o nome desse sujeito perto de mim, por favor. Será que Sam levou o celular junto? Imaginei que ele talvez pudesse me comprar um maço de cigarros.

— Não faço a menor idéia.

— Nem eu. Mas quem sabe ele não me leva para dar um passeio quando voltar?

— Sally! — Brette se controlou para não criticar a amiga. — Ele deve estar exausto.

— Duvido. Olhe para você, que acordou antes de nós e está bem. E o pior é que você ainda tem de trabalhar. — Pouco depois, Sally se deu conta do que dissera. — Sinto muito, Brette. Eu não estou melhorando em nada a situação, não é?

Não sabendo o que dizer para não parecer rude, ela simplesmente afagou o braço de Sally.

— Mantenha-se firme. Você deve estar com frio. Não prefere entrar?

Antes que Sally pudesse responder, as duas avistaram luzes vindo da fazenda dos Pugh.

— Você tem razão. Estou morrendo de frio. Boa sorte com o nazista — disse ela, abrindo a porta e entrando em casa.

CAPÍTULO XII

Brette se encontrou com o xerife assim que ele parou em frente à casa de Sally. Dessa vez, o sub-xerife Russell não parou, apenas acenou. Era um bom ou um mau sinal? Pelo menos Cudahy cumpriria o prometido de não demorar na conversa com Eric.

— Novidades, xerife? — Ela o acompanhou pela calçada. Ao contrário de Sally, Brette fazia questão de ter muitas flores e plantas no jardim.

— Nada que a senhorita gostaria de escutar. O Sr. Pugh continua irritado com os meninos.

— Será que ele os detesta tanto a ponto de fazer algo desse tipo?

— Ele não sabe nada sobre a marca. Ela parou com a mão na maçaneta.

— Como não?

— Não sabe.

— E quem a apagou?

— Talvez o filho dele... Albert. Não consegui falar com ele, pois estava descansando com dois ajudantes. Truman não sabia do que eu estava falando. É muito menos o empregado que o acompanhava.

Cudahy ficou olhando para o cigarro entre seus dedos.

— E eu, como um bom julgador de caráter, achei que ele estava sendo honesto comigo.

Brette não compartilhava a mesma opinião.

— O senhor não reparou na raiva nos olhos de Truman quando se refere aos garotos? Ele os vê como dois diabinhos, o que é um exagero para dois adolescentes. Eles são aventureiros, às vezes até maldosos, mas de forma alguma vingativos, se é que o senhor me entende.

— Cortar cercas e provocar a fuga do gado não me parece apenas divertido.

— Não foram eles! — Brette faria de tudo para defender os garotos daquela acusação injusta. — Era temporada de caça, e aquela não foi a primeira vez que algum caçador frustrado com o pouco espaço ultrapassou os limites da fazenda. Alguém salientou que os cortes foram feitos na parte leste da fazenda? Os garotos precisariam ter andado quilômetros! E a vaca que foi morta no final da temporada? Pelo que me foi relatado, a bala também veio daqueles lados. Outra coisa, eu não tenho arma. E nem Sally. Mas quem levou a culpa? Nossos filhos!

Cudahy ponderou sobre as palavras dela.

— Ele nunca me contou que uma de suas vacas levou um tiro. Só deu queixa de uma vaca roubada.

— É novidade para mim. E, pelo que me consta, ele mesmo poderia ter sido o responsável pelos dois acidentes.

O xerife cocou sua barba por fazer.

— As pessoas podem e falam o que querem para ter a melhor das respostas. Há muitas valas nessa floresta, e a vaca pode ter desaparecido em uma delas. Ou pode ter se perdido das outras. O fato de a senhorita não ter ficado sabendo não significa que

não aconteceu.

Brette abriu a porta da casa para o xerife.

— Ele pelo menos admitiu ter visto Hank?

— Há cerca de uma semana. — Cudahy se afastou para que ela entrasse antes. —

Não sabia precisar a data.

E, evidentemente, Cudahy acreditara. Resignada com aquela batalha, Brette fechou a porta e deparou com o filho sentado no sofá da sala. Sentiu um grande orgulho da calma do garoto, resultado da conversa que tivera com ele pouco antes de sair.

— Xerife Cudahy, este é Eric, meu filho.

— Como vai, meu jovem?

— Bem — respondeu ele, apertando-lhe a mão.

— Imagino que sua mãe já tenha lhe dito o motivo da minha presença aqui.

— Sim. Mas eu já contei tudo que sei para ela e para o sub-xerife Russell.

— Entendo. Porém acabei de vir da fazenda do Sr. Pugh.

— Ele não tem nada a ver com Hank.

O comentário chamou a atenção do xerife.

— Por que essa certeza?

— Porque Hank foi para algum lugar fazer alguma coisa — respondeu Eric sem pestanejar.

— Fazer o quê?

— Não faço a menor idéia.

— Tem certeza? Não está querendo ser fiel ao seu amigo escondendo a verdade?

— Meu filho não mente xerife — interveio Brette, com um olhar que não deixou a menor dúvida de que ela não admitiria qualquer questionamento a respeito da integridade do garoto. Eric nunca lhe dera motivos para duvidar de sua palavra, e Brette não permitiria que ele fosse alvo de táticas provocadoras.

Cudahy não se mostrou aborrecido com a interrupção.

— E o seu relacionamento com Hank? Você o considera tão próximo quanto um irmão?

— Não posso dizer, pois nunca tive um irmão. Os lábios do xerife se curvaram em um sorriso.

— Está bem. Como você define sua amizade com Hank?

— Ele é o meu melhor amigo.

— Mesmo agora?

— Sim. Ele não fez nada para mim.

— É uma observação bastante madura. Muitos adultos não conseguem pensar assim.

O elogio não surtiu efeito. Eric continuou em silêncio, esperando a próxima pergunta. Brette apertou os lábios para não sorrir.

— Eu não vou lhe pedir para repetir o que já disse a Russell, mas você se lembra de algo que não contou a ele ou à sua mãe?

— Não.

— Está bem. — Cudahy caminhou até a porta, depois se virou. — E o que você tem a me dizer sobre o Sr. Knight?

Brette ficou surpresa com a pergunta e viu que o filho teve a mesma reação.

— Como assim?

— Eu soube que ele é amigo de vocês dois. O que vocês fazem? Ajudam-no com a obra depois da escola, vão pescar?

— Não. Nós preferimos mexer no computador—respondeu Eric.

— Ele não pediu a ajuda de vocês na obra? Uma casa daquele tamanho, com tantos consertos a serem feitos... Imagino que o auxílio de vocês seria de grande valia, e garotos da idade de vocês estão sempre precisando de dinheiro.

Dessa vez Eric lançou um olhar assustado para a mãe.

— Eric ganha uma mesada para me ajudar aqui na nossa casa, xerife — falou Brette. — E eu ainda acho meu filho um pouco novo para ter a responsabilidade de um emprego.

Cudahy assentiu, aprovando, e voltou-se novamente para a porta.

— Só mais uma coisa. Você sabe se Hank entrou em contato com o pai?

Brette relaxou.

— Acho pouco provável. Não existe relacionamento entre eles.

— Toda uma geração de crianças crescendo em famílias separadas — resmungou o xerife. — Que beleza! É muita modernidade para mim.

— É melhor do que abuso doméstico. Cudahy ignorou o comentário de Brette.

— A propósito, onde está o Sr. Knight? Não vi o carro dele na garagem.

— Ele foi até a escola ver se Hank está por lá — respondeu Brette, desconfiada. Era melhor evitar qualquer referência a Sam Knight.

— Muito simpático da parte dele, não? Bem, preciso ir. A delegacia me espera.

Pela primeira vez, Cudahy olhou para a sala branca com as grandes janelas na parede sul.

— Sua casa é muito aconchegante, srta. Barry. Não me espanta Hank querer passar a maior parte do tempo aqui.

— Obrigada.

Assim que o xerife saiu, Brette olhou aliviada para o filho antes dê acompanhar Cudahy para fora.

Eles estavam quase chegando à viatura policial quando Sam apareceu. Ele estacionou o carro na frente de sua casa e foi ao encontro dos dois.

— Alguma novidade, xerife?

— Não. E, pelo visto, o senhor também não tem.

— Sinto informar que não.

— De qualquer maneira, foi uma boa idéia procurar o garoto na escola. Vou transmitir a informação para o seu diretor logo cedo. Imagino que ele lhe será muito grato por estar se preocupando com os seus alunos.

— Não há necessidade, xerife. Eu posso fazer isso sozinho.

— Como quiser — respondeu Cudahy. — De qualquer maneira, eu preciso conversar com ele. — Assentindo em despedida, o xerife continuou a seguir para o seu

carro.

— Quando teremos notícias suas? — perguntou Brette. — A Sra. Jamison gostará de saber.

— Assim que tivermos alguma novidade.

Brette ficou parada ao lado de Sam até que o carro do xerife desaparecesse.

— Não estou acreditando! — comentou ela, indignada.

— Acho bom começar a acreditar. E a tendência é piorar. A resposta cínica fez com que Brette estudasse o perfil de Sam.

— Não me diga que está escondendo alguma informação do xerife. Você descobriu alguma coisa na escola?

— Não.

Brette sentiu que havia algo de errado com seu vizinho, e decidiu insistir no assunto.

— Aconteceu algo entre vocês dois agora. O que foi?

— Você está imaginando coisas.

— Não estou não. Eu senti algo no ar. Quando ele disse que iria falar com o seu diretor, você ficou tenso. Sam desviou o olhar para a casa de Sally.

— Dê boa-noite a Sally por mim, por favor.

— Aonde você vai?

— Ainda não sei. Vou dar uma volta por aí para ver se encontro alguma pista de Hank. Só sei que é melhor eu não ficar aqui.

— Sally vai ouvir você saindo — disse Brette, sabendo que era um comentário um tanto quanto esquisito.

— E?

— Você está perturbado, e não é por causa do desaparecimento de Hank. Qual o seu problema com Cudahy?

CAPÍTULO XIII

Naquela noite, Brette não obteve nenhuma resposta. Na realidade, depois de dizer boa-noite, Sam virou as costas e foi embora. Ela voltou para a casa de Sally, onde ficou por mais alguns instantes. Como tinha bebido quase a garrafa de vinho inteira, além de tomar os calmantes, Sally não tardou a adormecer no sofá da sala.

Depois de cobrir a amiga, Brette foi para a sua casa. Assim que Eric dormiu, ela sentou-se na frente do computador para fazer alguns avisos sobre o sumiço de Hank.

Eram quase duas horas da manhã quando apagou as luzes de seu quarto e se acomodou na cadeira de balanço, enrolada em uma manta de lã.

Ao acordar, às cinco horas, Brette se levantou e tomou um banho rápido. Sem tempo para secar os cabelos, prendeu-os em um rabo-de-cavalo e colocou um boné vermelho. Vermelho para determinação e energia, disse a si mesma, como se estivesse

repetindo um mantra. Então vestiu uma calça jeans, uma blusa de gola alta preta e um suéter fino, também preto.

Depois de verificar que Eric dormia, ela lhe escreveu um bilhete, que deixou na mesa da cozinha.

Assim que trancou a porta, Brette observou as redondezas com o máximo de atenção. Tudo continuava escuro na casa de Sally, e seu coração se apertou ao pensar que seria mais um dia sem respostas. Entretanto, ao sair para a rua, seus pensamentos tomaram um rumo completamente diferente.

O carro de Sam não se encontrava na garagem!

Não era possível. Quando Sam fora embora, Brette imaginara que ele ficaria longe enquanto estivessem acordados para evitar prováveis questionamentos e ser o centro da incansável atenção de Sally, mas a história estava indo longe demais. Algo tinha acontecido. Um acidente? Uma discussão com Cudahy?

As possibilidades e implicações a perseguiram até Sandy Springs, e o céu sem estrelas só serviu para aumentar o medo que começava a atormentá-la.

O correio de Sandy Springs ficava cerca de vinte quilômetros a noroeste, em uma pequena comunidade de apenas seiscentos habitantes, sem contar as residências rurais que os mensageiros atendiam, incluindo a área onde Brette morava. Uma cidade que perdera sua força policial durante a última recessão, cujo centro era um aglomerado de edifícios, a maioria vazios, com alguns prestes a cair. O restante era como as outras pequenas comunidades da região, um achado para artistas e colecionadores, com poucas lojas, incluindo uma de antigüidades que um dia tinham enfeitado as casas dos antigos moradores da cidade. Uma lanchonete com um luminoso moderno transgredia a rusticidade, bem como o posto de gasolina localizado do outro lado da rua. O correio, no final do quarteirão, também era relativamente novo, mas não era nenhuma beleza arquitetônica.

Ao estacionar o carro na vaga que lhe era reservada, Brette notou que foi a última dos motoristas a chegar. Wally Cordell saiu de um caminhão carregando um saco cheio de correspondências, assobiando uma de suas canções prediletas. Brette não teve tempo de parar para se informar sobre as novidades da noite, apenas acenou para o colega de trabalho antes de entrar.

— Que bom vê-la, minha querida.

— Como foi a noite, Barry? Finalmente! Passe-me o número do telefone do felizardo para que eu possa cumprimentá-lo por todos nós.

O último comentário foi de Tucker Rice, seu melhor amigo ali, apesar de considerar a todos uma grande família. Aos 51 anos, o veterano da guerra do Vietnã tinha viajado pelo mundo afora, deixado quatro esposas para trás, e agora se dedicava apenas aos correios. Sem a natureza otimista de Brette, Tucker não era muito chegado a crianças, e costumava ser reprimido por ameaçar atacar os animais de estimação das pessoas. Apesar disso, era o melhor contador de piadas da região. E por mais que suas atitudes pudessem ser consideradas dúbias, ele tinha sido o maior companheiro de Brette durante os primeiros meses de vida de Eric. Além disso, sempre se mostrara disposto a fazer qualquer reparo necessário na casa dela. Por

mais estranho que parecesse, o homem que fazia questão de se mostrar tão distante se preocupava demais com Brette e com Eric. Foi por esse motivo que ela não se surpreendeu quando, depois de olhá-la com atenção, Tucker estendeu um pacote para Desiree Lauder, a entregadora da rota 2, indicando que ficasse em silêncio.

— O que houve minha querida?

Brette sabia que não tinha como omitir o ocorrido. Tucker podia ter um rosto de querubim e cabelos tão cacheados a ponto de deixar qualquer anjo morrendo de inveja, mas seu nariz aquilino sentia o cheiro de problemas a distância.

— O filho de Sally Jamison, Hank, desapareceu—começou ela.

Tucker e Desiree arregalaram os olhos.

— Outra vez?

— Desde quando?

Brette foi até sua mesa, onde deixou a bolsa e os cartazes.

— Quinta-feira à noite, porém nós só percebemos ontem. Eu sei, eu sei... É horrível.

— De jeito nenhum. Meu filho chega a ficar calado o dia inteiro — comentou Desiree, em seu inglês carregado.

Tucker concordou.

— Não me espanta que você esteja tão abatida. Ficou procurando a noite inteira?

— Grande parte... E sem nenhum resultado.

— Por que não me telefonou Brette?

— Chamou a polícia? — perguntou Desiree, antes que ela respondesse. —Eles se negaram a ajudar?—A jovem mulher era natural no Vietnã e tinha seus próprios problemas com as autoridades.

— Demorou um pouco, mas eles vieram. O problema é que ontem à noite houve um acidente com vítimas no condado. Portanto eles não puderam dedicar muito tempo a nós.

— Você deveria ter me telefonado — resmungou Tucker. Brette deu um tapinha nas costas do amigo.

—Nós achamos que a situação estava sob controle. Quando percebemos que não conseguiríamos resolver o problema tão depressa, já era tarde. Basta uma pessoa ter ficado sem dormir. Não podemos todos sair para entregar a correspondência morrendo de sono.

— Pobre Eric. Como ele está? — perguntou Desiree.

— Não é muito difícil de imaginar. Magoado. De certa forma, sente-se responsável pelo sumiço do amigo. E impotente por não poder fazer nada.

— Então ele não sabe de nada?

— Não.

— Como podemos ajudar? — Apesar dos problemas com o idioma, Desiree estava sempre disposta a dar seu apoio em situações delicadas. E comprovava sua determinação ao conseguir o emprego, bem como ao superar a desconfiança de Tucker a respeito de qualquer descendente de asiático.

Brette lhes mostrou os cartazes que havia feito e os repartiu com os dois.

— Estamos cobrindo muito bem a nossa área, mas se você puder colar alguns cartazes na sua...

— Isso significa ficar longe dos campos de arroz, companheira — brincou Tucker.

— Fique de olho — pediu Brette.

— Pode deixar.

— Quem a está ajudando, Brette? Sally não deve estar em condições de dirigir um carro.

Sim, ele conhecia tão bem as pessoas que rodeavam sua vida quanto o percurso que fazia todos os dias.

— E verdade. Sally está descansando em casa. Keith Daggett disse que estaria a nossa disposição ao amanhecer, e Sam Knight passou a maior parte da noite procurando na cidade.

— O professor? — Incrédulo, Tucker virou-se para Desiree. — Esse homem faz o Exterminador parecer gentil e dócil.

— Eric gosta dele. — Brette tomou o cuidado de manter o tom casual e a atenção voltada para a pilha de correspondências que ela separava. —Pelo visto, meu filho enxerga um lado de Sam que nem a escola nem nós enxergamos.

Tucker, que estivera na casa dela várias vezes depois da mudança de Sam, sugerira que ele talvez a estivesse espionando.

—As crianças costumam gostar de pessoas estranhas e diferentes. Faz parte da diversão de aterrorizar os pais.

—É verdade!—brincou Desiree. —Eric é louco por Tucker.

— Cuidado com o que fala, garota. —Tucker pegou a tesoura na gaveta e ameaçou cortar-lhe as longas madeixas. Ela saiu correndo e rindo. —E você também, Brette. Fique de olho nele.

Era o que ela pretendia fazer.

Por sorte, não havia muitas correspondências e todos saíam pontualmente às oito horas. O supervisor Owens veio liberá-los e, antes que Brette partisse, ela perguntou-lhe se poderia colocar um cartaz na agência. Ele concordou de imediato, porém demonstrou certa ansiedade quando começou a enrolar seu bigode grisalho. Brette sabia que ele fazia de tudo para não aborrecer a agente Brenda Fresse, que não aprovava nada colado nas paredes do correio.

— Está bem. Mas você sabe que se Brenda não gostar, o cartaz será retirado na segunda-feira.

— Espero que não precisemos de tanto tempo, Owens.

— Eu também. — Ajeitando os óculos, ele afagou-lhe o ombro com a tensão de um ator pela primeira vez no palco. — Acho melhor você tomar um pouco de café para não dormir ao volante.

Brette já tinha tomado uma dose extra de café, mas ficou contente com o fato de Owens ter permitido que o cartaz fosse colado e decidiu seguir o conselho do chefe. Apesar do atraso, ela conseguiu fazer seu percurso a tempo, de modo a poder parar de vez em quando para colar mais cartazes. Alguns clientes saíram de suas casas e, ao escutar a notícia, se ofereceram para ajudar. Um deles, uma enfermeira

aposentada, foi tão gentil a ponto de se oferecer para ficar com Sally. Brette agradeceu a todos e anotou os números dos telefones que não tinha em sua agenda caso precisasse de mais auxílio.

Tudo estava quieto na rua. A caminhonete de Keith não se encontrava na frente da sua casa. Quanto aos Ponder, a porta da frente ainda não fora aberta, um indício de que Bertrice devia estar dando banho ou comida a Clóvis. A casa de Sally também continuava toda fechada.

Então a picafe prateada de Sam lhe chamou a atenção. Ele havia voltado! Pouco depois, Brette percebeu que ele estava parado em frente à janela da cozinha com uma xícara de café nas mãos.

Um olhar em seu relógio indicou-lhe que já usara a maior parte de seu tempo extra, mas, mesmo assim, ela teria de parar. Depois recuperaria o tempo, pensou Brette, pegando a correspondência dele. E não permitiria que seu estado de semi-nudez a incomodasse, afinal de contas não era a primeira vez que o via apenas de calça jeans. O homem passara praticamente a maior parte do verão vestido assim, como um exibicionista. Além disso, ela merecia algumas respostas, e estava disposta a conseguí-las.

Antes de Brette chegar à varanda, Sam abriu a porta de carvalho ornada de vidro.

— Está frio, então não vou demorar—comentou ela, entregando-lhe as duas malas-diretas que certamente iriam para o lixo. Os cabelos de Sam, ainda molhados do banho, estavam mais pretos ainda, contrastando com a testa branca e tornando os olhos acinzentados mais misteriosos e intensos. —Quando eu saí hoje cedo, você ainda não tinha voltado.

— Cheguei cerca de quinze minutos depois do horário em que você costuma sair. Será que ele planejara sua chegada?

—Entendo. Bem, isso significa que você não dormiu muito.

— Por mais adorável que você fique com esse boné, ele não esconde o fato de que também não dormiu nada.

Com muito esforço, Brette ignorou o "adorável".

— Quer dizer que você não vai me contar?

— A pergunta é, o que você quer ouvir?

Ele passou a mão livre no peito, o que fez com que Brette se concentrasse no rosto recém-barbeado.

— A verdade — respondeu ela, entre os lábios secos.

— Quanto?

De repente, ela foi tomada pela exaustão e frustração.

— Isso é ridículo! Se quiser jogar, faça-o com alguém que esteja necessitando de diversão!

Ela se virou para ir embora, e ouviu-o pronunciar seu nome, baixinho.

Brette parou e apenas olhou para trás.

— Nenhum de nós precisa disso — disse Sam.

— O que o leva a crer que você recebeu mais do que há em suas mãos? —

perguntou ela, sentindo os batimentos cardíacos em seus ouvidos.

— Brette, há muita inocência em você, o que é muito bom. Você é uma mulher de fibra. Saiba que, se estivéssemos em uma época diferente e se eu fosse um homem diferente, estaria atrás de você como um caubói correndo atrás de um prêmio. E conseguiria!

Ela respirou fundo para não explodir. Poderiam estar no Texas, mas nenhuma mulher da sua geração admitiria conversas desse tipo. O problema era que não sabia o que dizer.

— Vá embora, Brette. Estou tentando me lembrar por que eu preciso me preocupar com alguma coisa. Portanto é melhor você ir antes que seja tarde demais.

Assim que viu a casa de Sam pelo espelho retrovisor de seu carro, ela começou a blasfemar por ter agido como uma idiota.

— Prêmio. Que audácia!

Sua decisão se renovou quando ela viu a placa de Sem Saída. Hank precisava da sua ajuda, bem como Sally, e, acima de todos, seu filho Eric. Como poderia prejudicar a pessoa mais importante da sua vida com um homem que a desprezara e a tratava sem a menor consideração?

Quando voltou da fazenda dos Pugh, Brette agradeceu por não deparar com Sam. Mas sua mente insistia em lhe causar problemas, apesar de sua determinação de manter os pensamentos distantes dali.

A dor de cabeça da noite anterior voltou mais intensa, porém pelo menos ela conseguiu ficar acordada. Durante o resto do percurso, enquanto não estava entregando as correspondências ou colando os cartazes de Hank, Brette tentava entender por que Sam insistia em esmagar seus sentimentos. E o pior de tudo era que estava claro que ele guardava segredos, segredos que não tinha a menor intenção de compartilhar. Pelo menos não com ela.

A fim de poder colar mais cartazes, Brette decidiu não almoçar. Tomou uma lata de suco de maçã com três aspirinas, e tentou terminar as entregas antes das duas da tarde.

De volta à agência dos correios, Brette entregou as cartas que recebeu e foi embora, contente por não ter encontrado ninguém.

Ao entrar em sua rua, ela viu um caminhão brecar, depois parar.

— Será que você não podia ter parado um pouco mais adiante?

Os olhos dela começaram a arder como se tivesse entrado pimenta, e estava tão tensa que seus ombros gritavam por um banho quente.

O motorista enfiou a mão pela janela do carro e sinalizou para ela passar. Mas, de repente, o mundo inteiro se resumiu àquele caminhão. A porta do passageiro se abriu... e alguém pulou para o chão. Alguém que a fez apertar a buzina com toda força.

CAPÍTULO XIV

Hank! Estava claro que era ele, embora a mochila que carregava nas costas fosse diferente da que Eric descrevera. Entretanto a roupa era a mesma. Após chamar-lhe a atenção, Brette parou atrás do caminhão.

A princípio, o garoto hesitou. Então, após um breve aceno para o motorista, ele caminhou até Brette. Mais alto do que Eric e um pouco mais musculoso, ele poderia ser considerado filho de Tucker, a não ser pelos cabelos avermelhados, que não eram ondulados. No momento, contudo, ele parecia um ser sem alma naquele mundo.

Assim que Hank se acomodou no banco do passageiro, Brette conteve a urgência de abraçá-lo, afagando-lhe o braço.

— Bem-vindo de volta, sumido.

— Obrigado.

— Você está bem?

— O suficiente. — O rosto pálido o deixava mais vulnerável do que o normal. — Suponho que minha mãe esteja bastante aborrecida.

— Todos estamos, inclusive Eric. Imaginamos o pior. Hank baixou a cabeça e tirou a sujeira de uma unha quebrada.

— E então, o que houve? Parece que você não trocou de roupa. — Brette tomou o cuidado de manter seu tom de voz calmo, por mais que seu interior ansiasse por respostas imediatas.

— Eu perdi a minha mochila.

— Mesmo? Onde?

— Em Saint Louis.

O choque foi pior do que o que ela imaginara no mais assustador de seus sonhos.

— Preciso de um segundo para ordenar minhas idéias — disse Brette, ajustando o espelho retrovisor.

Ela apontou para um dos avisos que colara em um poste na rua e pediu para que Hank o tirasse de lá. Depois estacionou perto da floresta, pouco antes de uma bifurcação.

—Eu estava me preparando para ir até Dallas ou Houston, mas por que Saint Louis?

Antes que Hank pudesse responder, ela apertou a mão do garoto.

— Estou muito contente por saber que você está bem. De verdade.

— Obrigado.

— E sua mãe também ficará bastante aliviada. Isto é, depois de querer arrancar suas orelhas ou estapeá-lo até sangrar. Por Deus, Hank, você faz uma idéia de quanto ficamos preocupados?

— Provavelmente, não mais do que eu.

— Que comentário tranquilizante! — Suspirando, Brette tirou o boné da cabeça.

— Vamos lá. O que houve? Pode começar a me contar.

Hank respirou fundo e se encolheu no assento.

— Será que podemos dar uma volta de carro? Acho que estou começando a perder a minha coragem.

- Se está envergonhado agora, espere até encontrar sua mãe e o xerife Cudahy.
- Droga! Você o chamou?

— Assim que percebemos que dessa vez o caso era mais sério. Como poderíamos lidar sozinhos com o seu desaparecimento? Você nunca ficou tanto tempo longe de casa. Nós ficamos muito preocupados, Hank.

Hank afundou ainda mais no banco do carro.

— E se... Posso contar o que aconteceu para você, depois você conta para minha mãe? — Ele olhou para Brette cheio de esperanças. — A verdade é que eu planejei esse encontro. Parei aqui para esperar você passar ao sair do trabalho.

— Quanta honra!

Apesar da resposta brincalhona, Brette se emocionou. Esse era o garoto que ela conhecia tão bem, o garoto que não sairia de casa sem avisar, o garoto que a amava tanto quanto ela o amava. Todavia, por mais tentada que estivesse a defendê-lo, Brette sabia que ele não aprenderia nada se ela resolvesse o problema.

— Sabe Hank, amigos não agem assim com amigos. Você traiu a minha confiança em você e escondeu um segredo do seu melhor amigo. Para piorar a situação, comprometeu o meu relacionamento com sua mãe. Agora quer que eu tire esse fardo das suas costas? As coisas não funcionam bem assim, Hank.

A expressão abatida do garoto piorou ainda mais.

— A sua colocação faz com que eu me sinta muito pior.

— Não há outra maneira de colocar o que aconteceu, Hank. Ao mesmo tempo, eu me preocupo demais com você para perder as esperanças de que aprendeu alguma coisa com toda essa história. Entretanto, por outro lado, minha curiosidade não me permite ficar quieta.

Diante do sorriso amarelo, Brette enfiou a mão na bolsa e tirou uma barra de cereais.

— Tome. Assim você terá com o que distrair suas mãos. É de amendoim, sua favorita.

— Obrigado. Já faz algum tempo que não como nada. Hank ficou passando a barra de cereais de mão em mão.

Seu perfil se suavizou com a luz do final do dia, tornando-se mais jovem.

— Eu já devia ter lhe perguntado isso, mas... Você precisa de um médico?

— Jesus! Você imaginou o pior! Não, estou bem.

No entanto havia algo de estranho na voz dele... e suas mãos tremeram ao abrir a barra de cereais.

— Pelo visto, você se livrou por um triz, hein?

— Sim. Você não imagina quanto. O coração de Brette disparou.

— Muito bem. O melhor a fazer é se abrir. E acho bom que seja logo, pois daqui a pouco não teremos mais privacidade.

Hank abriu a boca, mas não mordeu a barra.

— Há algo mais que está me importunando. Todo mundo ficou me procurando.

Brette tomou cuidado com a linguagem.

— As pessoas sabem ser compreensivas.

— Não quando se trata de estupidez.

— Dizem que a juventude serve para isso. — Brette sorriu. — Sou toda ouvidos. Pode começar.

Hank baixou os olhos e balançou a cabeça.

— É constrangedor, Brette.

— Agradeça por estar vivo para estar constrangido.

— É verdade. — Ele respirou fundo. — Eu conheci uma pessoa na internet.

— Uma pessoa?

— Uma garota.

Ela não admitiria seu alívio com a revelação de Hank. Tratava-se apenas de uma garota.

—E ela não era tão bonita quanto disse, não é?—perguntou Brette, compreensiva.

— Ou ela mandou o primo no lugar?

— Pior. Não era ela.

O sorriso sumiu do rosto de Brette, mas ela tomou cuidado para não mostrar o temor que invadiu seu ser. Seus nervos estavam prestes a entrar em curto-circuito. Ouvira as mais terríveis histórias na televisão, como todo mundo. Advertia o filho a todo instante, sugerindo-lhe que evitasse determinadas salas de bate-papo e sites. Monitorava o uso da internet pelos garotos ao máximo, sem recorrer a dispositivos de segurança que, a seu ver, eram um sinal de desconfiança e um desafio para a curiosidade deles. Não, sempre acreditara que a comunicação era o segredo de tudo. Respeito também. E, acima de tudo, amor. Eric fora educado assim, e achava que conseguira transmitir um pouco de suas convicções para Hank. Entretanto um degenerado conseguira brincar com o coração do pobre garoto.

— Ah, Hank... — Ela afagou-lhe os cabelos. — Que coisa horrível. Sinto muito, querido.

— Sim, foi horrível. O mais engraçado foi que eu conseguia conversar com ela, ou melhor, com ele, com a maior naturalidade. Claro, sem contar você e Eric.

— Eu acredito. Caso contrário você não teria desaparecido assim. Então, quer dizer que... Essa pessoa mora em Saint Louis?

— Sim.

— E fazia quanto tempo que vocês estavam se correspondendo pela internet?

— Dois meses.

Não pareceu a Brette tempo suficiente para decidir desaparecer sem avisar. Mas ela sabia que a intimidade surgia bem depressa nessas salas de conversa. E se a pessoa estivesse sozinha e cheia de problemas, mais rápido ainda.

—Eu sei o que você está pensando—disse ele, na defensiva. — Você nunca se apaixonou?

Era uma pergunta delicada, com a qual não estava disposta a lidar, mesmo se tivessem tempo de discutir a questão. Não queria tratar de um assunto tão íntimo com um adolescente.

— O importante é que você achava que era um relacionamento real.

— Exatamente.

— Hank, as pessoas que fazem essas coisas não são estúpidas. Elas sabem perfeitamente como lidar com as suas vítimas. — Preocupada, Brette acariciou-lhe o braço. — Tem certeza de que está bem? Por favor, não tenha vergonha de me contar se ele tocou você de alguma forma.

— Não. Eu fugi. Nós combinamos de nos encontrar no Mc Donalds, e ele me mandou um mapa. Eu enviei a minha fotografia por e-mail. E ela também. — Hank deu uma mordida na barra de cereais. — Como fui idiota! Eu facilitei as coisas.

— Não diga isso. Você agiu de boa-fé. Mas o que lhe passou pela cabeça quando você viu que não era uma garota que se aproximava?

— Ah, ele foi esperto! Apresentou-se como tio dela e disse que a sobrinha tinha quebrado a perna e lhe pediu que viesse ao meu encontro. Como desculpa, ele pagou o meu almoço. Então, enquanto comíamos, começou a sugerir que eu fosse com ele até a casa dela para conhecê-la, que diria aos pais dela que eu era um colega de escola. — Hank olhou para fora. — A todo momento ele ficava procurando desculpas para... sabe, chegar perto de mim. A princípio, foram cotoveladas leves, nada de sério. Depois... — Hank olhou para Brette. — Bem, depois ele chegou mais perto, alegando que queria me mostrar as fotografias da sobrinha que carregava na carteira. Foi quando me dei conta de que eu estava em uma enrascada.

Pobre garoto. O coração partido e seu estado psicológico forçado ao extremo por um dissimulado predador.

— Como conseguiu escapar?

— Eu disse que precisava ir ao banheiro antes de ir embora. Então fugi pela porta dos fundos. Ele me viu, mas eu saí correndo. Era um sujeito mais velho e bastante atrevido. Ele não tinha muito que fazer, não sem atrair a atenção das outras pessoas.

Brette agradeceu em silêncio.

— Incrível! E como você foi até Saint Louis e voltou em tão pouco tempo?

— Eu peguei carona na maior parte do tempo. E também fui de ônibus.

— Onde conseguiu o dinheiro? — perguntou ela, cautelosa. Sabia que Hank ganhava uma mesada, mas que não era grande coisa.

— Ela me disse que era rica e me mandou a passagem. Na volta, no banheiro da rodoviária, alguém roubou a minha carteira. A minha sorte foi ter encontrado o caminhoneiro de Oklahoma. Ele foi muito legal comigo. Veja que interessante: ele cuida de todos os seus negócios pelo laptop, e combinou com um amigo caminhoneiro que vinha para cá de me encontrar.

Embora Hank parecesse quase excitado com aquela parte da história, Brette teve de conter um arrepio de medo. Será que não se dera conta de que algo poderia ter lhe acontecido? Poderia ter sido tão ingênuo a ponto de acreditar que o sujeito que o incitara a ir a Saint Louis fosse o único no mundo? Como tinha percebido, a maior parte deles parecia tio de alguém.

— Hank, por que você não foi até a polícia? Eles teriam entrado em contato conosco para que fôssemos buscá-lo.

— De certo não seria minha mãe, não é? A mágoa na voz dele era evidente.

— Querido, Sally precisou ser medicada.

— Com margaritas ou vinho?

Ele conhecia bem a mãe que tinha.

— Vamos embora? — perguntou ela, no intuito de mudar de assunto. — O xerife Cudahy precisa entrar em contato com as autoridades de Saint Louis. Não me surpreenderei se o FBI quiser entrevistá-lo.

— Esse era o meu medo. Eles vão colocar o meu nome e a minha foto nos jornais?

— Não se preocupe Hank. Você é menor de idade. Mas isso não significa que não haverá fofocas — acrescentou Brette. — A nossa sorte é que tudo aconteceu no final de semana. Imagino que todos serão muito discretos. Exceto sua mãe, claro.

— Para ser sincero, eu não me importo. — Ele deu mais uma mordida na barra de cereais. — É um grande alívio estar de volta.

— Esse é o meu menino. — Brette pegou o telefone celular e o entregou a Hank. — Ligue para Eric e diga-lhe que estamos indo para casa.

CAPÍTULO XV

Eric estava esperando do lado de fora quando Brette estacionou o carro. Como de costume, ele vestia uma camiseta maior do que o normal, cujo branco acentuava a palidez do dia anterior. Mesmo assim, o garoto se mostrava aliviado com a novidade.

Fascinada e apreensiva, Brette observou o filho se aproximando. Quanto mais perto chegava, mais ele apertava as mãos. Ela ansiava pelo filho tanto quanto Hank, ciente das emoções que ele tentava reconciliar. A traição tinha um gosto especialmente amargo para os jovens.

— Como ela está? — perguntou Hank, ao descer da caminhonete. Era evidente que estava se referindo à mãe.

— Acho que ficou na cama o dia inteiro — respondeu Eric. — Só se levantou para receber o xerife.

O tom distante não deixava dúvidas sobre sua decisão de não julgar o amigo naquele momento. Entretanto o comentário fez com que Brette viesse depressa até eles.

— Quando? Eu telefonei na hora do almoço e Sally me disse que tinha ligado para a delegacia, mas que não havia ninguém disponível para atendê-la.

— Faz uns vinte minutos — respondeu Eric. — E não ficou muito tempo. Sally bateu a porta na cara dele.

— Excelente. Nada melhor do que um cenário explosivo. — Brette ajeitou o boné na cabeça, pronta para a batalha, ciente de que os garotos ainda não tinham se olhado nos olhos. — Está bem, vamos acabar logo com essa história.

Abraçando um de cada lado, ela os guiou para o outro lado da rua.

— Tente manter-se calmo — sugeriu Brette. — Se a situação ficar complicada,

vocês dois vão para a nossa casa. E, por favor, Hank, não hostilize sua mãe. Por mais que você possa pensar que ela tenha culpa, Sally passou por...

— O que ele quer?

Surpresa com a interrupção de Hank, sem contar o veneno na voz dele, Brette olhou para Sam caminhando na direção deles. Pelo menos dessa vez estava completamente vestido, pensou ela, parando.

— É uma alegria vê-lo — disse Sam, parando na frente deles. — Está tudo bem?

— Que diferença faz para você?

— Nós estávamos indo avisar a mãe dele — interveio Eric. — Que bom que você está aqui. É pouco provável que ela exploda na sua frente. — Ele se voltou para Hank. — Sam e minha mãe saíram à sua procura ontem à noite.

— A pedido de quem? — resmungou Hank.

Chocada com a indelicadeza do garoto, Brette apertou-o contra seu corpo.

— Calma Hank.

Sam não deixou transparecer o que sentira diante do comentário. Antes que algum deles pudesse preencher o silêncio inevitável, Sally apareceu à porta de sua casa.

Ao avistar o filho, ela levou as mãos à boca. No instante seguinte, levou-as ao peito.

— Não é possível! Meu bebê!

— Droga! — ralhou Hank, entre os dentes cerrados. — O pesadelo vai começar.

Enquanto Eric se segurava para não rir, Brette tentava encontrar uma resposta adequada, por saber a que Hank se referia. Só Deus sabia o que havia com Sally, mas ela era uma atriz nata e, sempre que podia, fazia drama. Quando não agia como Blanche DuBois se um homem lhe abria a porta de casa, ela parecia ter saído diretamente do filme...E o Vento Levou. Todavia essa era a primeira vez que o teatro da mãe incomodava Hank dessa maneira. Seria apenas cansaço ou vergonha por Sam estar testemunhando tudo aquilo?

— Você está bem?

Sally desceu as escadas correndo, vestindo um roupão verde-musgo, meias violeta e o cabelo todo desgrenhado.

—Você faz idéia do nervoso que eu passei? Obrigada, Sam. Obrigada por ter encontrado meu filho!

— Errado, mãe. Foi Brette quem me achou.

Depois de uma pausa instantânea, Sally riu e puxou-o para perto.

— Não é incrível? Depois de tudo que enfrentou, ele ainda tem senso de humor. Brette... Só podia ter sido você. Sempre provando ser a minha melhor amiga, a minha sanidade...

Hank tinha razão, a atmosfera começava a ficar sufocante.

— Esqueça, Sally. O melhor de tudo é que Hank está bem. O sorriso reluzente dela durou apenas até encontrar o olhar do filho.

— Onde você se meteu?

— Precisamos avisar o xerife Cudahy — interveio Brette, no intuito de evitar um

escândalo.

— De jeito nenhum! Ele me tratou muito mal. Se quiser saber como eu estou, ele que me telefone. Esse xerife não faz a menor idéia do que é uma mãe lutando sozinha. Sabia que o sub-xerife apareceu aqui faz uma hora? Queria saber como estavam as coisas. Era ele quem deveria estar procurando, não? Depois teve a audácia de me dizer para ir à delegacia assinar o relatório dos desaparecidos.

Quando seu rosto começou a se contorcer diante da ameaça de lágrimas, Hank resmungou algo indecifrável. Incapaz de conseguir suportar a dramatização da mãe, ele foi para dentro de casa.

Eric, Sam e Brette trocaram olhares preocupados.

— É assim que os filhos nos agradecem — choramingou Sally. — Eu passei nove meses carregando-o na minha barriga, tentando protegê-lo de um pai inútil, e é assim que sou recompensada.

— Cale a boca, Sally.—Era demais até para Brette.—Não lhe ocorreu que, pelo menos uma vez, a história não gira ao seu redor? Hank teve uma experiência bastante traumática.

Abrindo a boca para protestar, Sally fechou o roupão e fez biquinho.

—Como assim? Hank está bem. Não parece ter brigado com ninguém. Imagino que esteja querendo me punir por uma ofensa qualquer, mas...

— Engano seu—respondeu Brette. — Sally, ele caiu numa cilada.

Ela ficou quieta, confusa, não demonstrando a menor disposição para continuar aquela conversa. Apenas olhava para Sam, como se quisesse convidá-lo para escapar daquele cenário.

Sam, por sua vez, se manteve quieto e indiferente.

— Seja mais clara.

— Alguém entrou em contato com ele na internet. Sally arregalou os olhos.

— Eu odeio computadores. Não tenho um único dia de paz desde que Hank se meteu com essas máquinas. O que foi que ele fez? Eu sei que você não tem nada contra os computadores, mas não sabe do que Hank é capaz. Não me surpreenderia se ele tivesse comprado o Haiti. Juro, se o juizado quiser levá-lo, eu não farei nada para impedir.

—Você não pode estar falando sério, Sally. —Sentindo que o pior já passara, Brette concentrou-se em ajudar a amiga a encontrar seu lado pragmático. —Você é mais racional do que imagina e sabe como seu filho está abalado. Foi uma experiência terrível.

— Deve ter sido. — Sally encontrou os olhos de Brette. — Onde ele esteve?

— Em Saint Louis.

— Tão longe... — murmurou ela. — Por quê? Como?

— Mais tarde vocês conversam melhor. O fato é que ele acreditou estar tendo um relacionamento on-line com uma garota, mas não estava.

— Como assim?

— Namoros pela internet... Salas de bate-papo, sabe? Sally pressionou os dedos contra os lábios.

— Como as notícias que aparecem na televisão.

— Exatamente. Ele se envolveu de alguma maneira e o homem por trás de tudo tentou seqüestrá-lo.

— Não estou entendendo. Hank sabe que não deve confiar em estranhos.

— Esse homem se apresentou como tio da menina e sabia perfeitamente como lidar com Hank. Não sei de todos os detalhes, mas, pelo que entendi, tratava-se de um pedófilo que tentava ganhar a confiança de Hank passando-se tanto pela jovem quanto pelo tio dela.

Sally descartou imediatamente a idéia.

— Ora, Brette. Você está me dizendo que meu filho não sabe reconhecer uma garota? Ele conseguiu enganá-la direitinho.

— Sei que não é nada agradável ouvir uma notícia dessas, mas saiba que conheço seu filho quase tão bem quanto você — respondeu Brette, tentando não perder a paciência.

— Perfeito. Jogue na minha cara, bem na frente de Sam, que você é mais mãe dele do que eu.

— Não é nada disso. — Percebendo que a situação não estava tão sob controle, ela decidiu mudar de tática. — Eu tive a oportunidade de escutá-lo em várias ocasiões, e prestei bastante atenção em seu rosto enquanto ele me descrevia o ocorrido. Nunca vi Hank tão humilhado e abatido. Ele pode conseguir esconder as coisas de você, Sally, mas dessa vez é sério.

A expressão dela se manteve indiferente, o que não era de espantar.

— Sejamos sinceras, eu nunca fui tão boa mãe quanto você. O recado foi dado. Missão cumprida. Satisfeita agora?

Não era a primeira vez que Sally a agredia dessa maneira, mas havia um tom de amargura que sugeria que os pressentimentos de Brette estavam corretos. Depois de dez anos, aquela amizade começava a mostrar sinais de esgotamento.

— Seu filho precisa de ajuda, Sally.

— Você não disse que ele não se machucou?

— Estou falando de terapia. Um monstro quase destruiu a vida dele, alguém que ainda está à solta. Hank está bastante vulnerável com tudo que aconteceu, Sally. Espero que a polícia consiga pegar aquele...

— Eu não posso pagar, Brette. É tão difícil de entender? Aliás, preciso voltar ao trabalho assim que conseguir colocar meus nervos em ordem.

Sally começou a mexer em seu cabelo.

— Tenho de pagar o seguro do meu carro no mês que vem e ainda nem tenho esse dinheiro. Como vou conseguir pagar um psicólogo para meu filho?

— Eu empresto o dinheiro. — Não houve nenhuma hesitação por parte de Brette ao fazer a oferta. Claro, Sally não tinha o menor problema em encontrar dinheiro para comprar cigarros e bebidas, qualquer coisa que amenizasse as dificuldades reais e imaginárias que rondavam sua vida. Mas agora não era o momento de tentar endireitar a amiga. Queria ajudar o garoto cuja vida quase fora arruinada, podendo transformá-lo em algo que ela não gostava nem de imaginar. Sally a estudou balançando a cabeça.

— Sabe o que é mais triste nisso tudo? Saber que você conseguirá nos tirar dessa situação, e eu não.

— Não é bem assim — disse Brette. A admissão de derrota era algo que não lhe agradava. — Você não vai fazer tudo sozinha. Eu estou aqui. Agora, telefone para Cudahy.

—Você também vai ficar? — perguntou Sally, dirigindo-se a Sam.

—Minha presença aqui não é mais necessária—respondeu ele. — Além disso, já será bastante difícil para Hank ter de contar a história para a polícia. Pior ainda na frente de um estranho.

— Não se ele souber que você ficou para evitar que eles o humilhem. Você mesmo viu como o xerife foi rude conosco. Por favor, Sam. É muito importante para mim.

Brette foi tomada por uma mistura de emoções indefinidas ao notar que Sam evitou o olhar de Sally, bem como o dela. Parte de seu ser queria contar a Sally os verdadeiros sentimentos daquele homem. Outra parte queria que ele desaparecesse e nunca mais voltasse.

— Está bem — concordou Sam por fim. — Farei o que estiver ao meu alcance.

—Ótimo. Vou entrar para tomar um banho e pôr uma roupa decente. — Ela esfregou o pescoço. — Tenho de admitir que demorei um pouco. Brette...

A cena foi tão lamentável que Brette teve vontade de rir. Mas como não podia, ela simplesmente assentiu.

— Está bem. Vá fazer as suas coisas. Vou pegar o meu celular no carro e telefonar para o xerife. Também preciso avisar Keith e os Ponder que encontramos Hank.

Quando a porta se fechou atrás de Sally, Brette continuou parada perto de Sam.

— Vou ter de perguntar de novo ou você vai me contar?

— Agora não é o momento, Brette.

Sam estava bastante abatido, e ela queria saber o motivo.

—Seu tempo está acabando. Eu vi muito bem a forma como Hank olhou para você. Também quero saber o que há por trás disso. Antes que meu filho comece a sentir mais orgulho de você.

CAPÍTULO XVI

Mais uma vez, Cudahy os surpreendeu ao aparecer pessoalmente.

— Deixei três substitutos na delegacia, um no hospital esperando o nascimento do primeiro neto e o outro descansando depois de uma longa noite de trabalho. Decidi cuidar sozinho deste caso, e imaginei que vocês também fossem preferir.

Todos menos Sam. Enquanto os outros se mostraram aliviados, ele lutou para não demonstrar quanto estava descontente por ter a atenção pessoal de Cudahy. E não havia como escapar. O olhar dissimulado, porém explícito que o xerife lhe tinha

lançado ao chegar foi suficiente para adverti-lo de que não tentasse sair dali.

Todavia, antes de qualquer outra coisa, havia a história de Hank. O veterano xerife escutou o relato em silêncio, fazendo as anotações que julgou pertinentes. O garoto teve de contar o ocorrido duas vezes, onde conhecera "Michelle", quantas vezes tinham se falado, bem como a localização exata de seu encontro com o "tio Mel".

Em vários momentos da conversa, Sally saiu da sala, de certo para fumar um cigarro ou algo pior. Por sorte, Brette não notou essas escapadas e, ao lado de Eric, ficou perto de Hank, encorajando-o com sorrisos e abraços durante a experiência desagradável. Ela chegou até a desafiar Cudahy quando ele pressionou o garoto sobre mais detalhes. Praticamente esquecido no canto da sala, Sam ficou observando, fascinado, Brette lidar com o xerife.

— Não é possível.

— Por que não?

— Quer que eu acredite que um garoto ingênuo o suficiente para passar pela experiência que passou saiu ileso disso tudo?

Como um animal protegendo sua cria, Brette colocou-se entre Hank e o xerife.

— Esses são os fatos, xerife. Agora, deixe-o em paz. O senhor tem conhecimento suficiente para compreender a gravidade do ocorrido. Se mais testemunhos forem necessários, eles serão feitos perante um advogado, que protegerá os direitos de Hank. Não admitirei que ele seja obrigado a repetir a história dez ou vinte vezes para um bando de incompetentes que ainda decidirão se a história é sensacional o bastante para aparecer na manchete dos jornais!

Por um instante, Cudahy pareceu querer enfiar o cigarro na boca de Brette, mas apenas o apertou entre os dedos.

— Continuando...

A conversa poderia ter durado cerca de vinte minutos, mas durou o dobro. Sam suspirou, ecoando o alívio de Hank, assim que o xerife fechou o bloco de anotações. Graças a Brette, ele estava livre e poderia descansar.

— É só isso? Posso entrar? — perguntou ele, com o pé no primeiro degrau da escada.

— Não quero mais aborrecer a srta. Barry — respondeu Cudahy. — Só mais uma coisa, você se deu conta da sorte que teve? Foi um milagre ter saído ileso.

Hank olhou para Brette e assentiu.

— Espero que pense duas vezes antes de ousar se meter em outra aventura como essa, meu filho. Como diz o ditado, é bom demais para ser verdade.

— Sim, senhor.

Lágrimas, sem dúvida de fadiga e também de humilhação, brilhavam nos olhos do menino. No instante seguinte, ele entrou em casa. Após um sinal da mãe, Eric o seguiu.

— Eu admiro o seu controle da situação, srta. Barry—falou Cudahy, com mais admiração do que ressentimento.

— Ora, xerife, o senhor sabe que o garoto talvez tenha dormido umas três ou quatro horas nos últimos dois dias. Hank lhe passará as informações necessárias, mas não se estiver diante de uma inquisição, sentindo-se julgado por todos.

— Se um dia decidir mudar de emprego, sugiro que entre para o ramo da psicologia. — Cudahy voltou sua atenção para Sally, que estava sentada no anteparo da varanda.

— Boa sorte, Sra. Jamison. Acho que a senhora e seu filho estão tendo uma segunda chance. Use-a com sabedoria.

— O senhor vai atrás desse sujeito, não é mesmo, xerife? Vai prendê-lo?

As olheiras sob os olhos de Cudahy indicavam cansaço, notou Sam. Dentro em breve ele se aposentaria.

— Se possível. Vou passar o caso para um investigador, que relatará o ocorrido ao FBI, uma vez que há o envolvimento de um menor além das divisas estaduais. Entretanto, apesar dos detalhes, sabemos que grande parte do que Hank contou pode ser falso. Ele admitiu que nunca viu nenhum documento, portanto não pôde confirmar o endereço, ou se Michelle Selby realmente era Mel Selby. Só o tempo nos dirá o que é verdade nisso tudo.

— Sugiro que deixe o computador desligado, pelo menos por enquanto — acrescentou ele.

— Quer dizer que o homem pode tentar contactá-lo novamente? — perguntou Sally, mordiscando a unha.

— Sim, a hipótese existe. Mas a minha preocupação é que Hank queira bancar o detetive. Ou que apague algo que não tenha nos contado por vergonha. Não permita que seu filho ligue o computador, Sra. Jamison.

— Pode deixar — respondeu Sally, correndo para dentro. Sam interceptou o olhar de Cudahy. Lá vamos nós, pensou ele, acompanhando o comando silencioso do xerife para que fosse até o carro de polícia.

— Xerife — chamou Brette, seguindo os dois homens. — O senhor nos diria se achasse que Hank corre perigo, não é?

— Como assim, srta. Barry?

— Esse homem sabe onde Hank mora. O que o impedirá de vir até aqui?

Cudahy pensou por alguns instantes antes de responder.

— Acho que não há motivo para esse tipo de preocupação. Os pedófilos costumam ser discretos, não agressivos.

— Covardes.

— Nunca subestime ninguém, srta. Barry. Infelizmente, existem muitos Hank Jamison espalhados por aí. Será mais fácil para o nosso tio Mel encontrar outra vítima do que se preocupar com a que escapou. — Ele olhou para Sam. — Eu não gostaria de ser rude, mas preciso conversar com o Sr. Knight, e ele tem o direito da privacidade.

— Não há necessidade, xerife. O senhor não tocará num assunto que não está prestes a se espalhar por toda a comunidade — disse Sam, apesar de todo o nervosismo que o consumia. — Estou certo?

Enquanto Brette estudava o perfil do vizinho, surpresa, Cudahy comprimiu os lábios e assentiu.

— Eu gostaria de discordar, mas o senhor tem toda a razão. Essa conversa não seria necessária se o senhor tivesse sido sincero com o diretor da escola.

— É um problema meu xerife. O senhor mandou me investigar, não é?
— O que está acontecendo? — perguntou Brette.
— Vocês três foram investigados, Sr. Knight — respondeu Cudahy, ignorando-a.
— Preciso de explicações.

— O que está querendo dizer com vocês três? — insistiu Brette. — O senhor também investigou a minha vida e a de Sally?

— Srta. Barry, por favor, permita-me conduzir esta conversa em paz. — O xerife voltou-se para Sam: — O senhor é um professor que lida com crianças, algumas das quais podem ser mais instáveis e impulsivas do que o nosso jovem Jamison. Não me agrada saber que a pessoa que supostamente deve ser uma autoridade, um mentor para esses jovens, tentou matar o próprio pai.

O único som que se ouviu foi a respiração entrecortada de Brette.

— Foi há vinte anos — respondeu Sam. — Em legítima defesa.

— Sim, é essa a informação que consta no seu arquivo. Seu pai estava sendo julgado pela morte de sua mãe e de seu irmão mais novo.

— Seja mais exato, xerife. Ele os retalhou.

—E deixou bem claro que teria feito o mesmo com o senhor. Mas o seu ônibus estava atrasado. O senhor estava voltando para casa, de licença da Marinha, e, quando finalmente chegou, já era tarde demais. Então quando testemunhou contra seu pai, ele o atacou, sendo necessários quatro homens para dominá-lo, e seis para evitar que o senhor enfrentasse um julgamento.

Sam não via nenhum motivo para comentar as informações registradas e que sempre seriam um pesadelo tatuado em seu cérebro. Entretanto ele imaginava como Brette estava se sentindo e, dessa vez, não precisou se forçar a não olhar para ela. Não poderia suportar o julgamento daquela mulher.

Cudahy suspirou.

— Não pense que não sou solidário. O que eu não entendo é como seu pai conseguiu adiar a data de execução por tanto tempo.

Sam se manteve calado, pois sabia que haveria um "mas".

— Minha preocupação, todavia, é com o filho sobrevivente que, cerca de dez anos mais tarde, foi preso por quase ter matado a própria esposa.

— As acusações eram falsas e foram retiradas.

— Eu falei com a mãe dela hoje de manhã. Ela disse que sua mulher...

— Ex-mulher.

— Bem, ela disse que sua ex-mulher só retirou a queixa por temer pela própria vida e a do filho.

Sam engoliu em seco para manter a postos o gosto amargo da raiva que tentava conter desde o dia da acusação.

— Minha ex-sogra é uma mulher extremamente vingativa que nunca perguntou a opinião de Deirdre sobre o assunto e que mandava na filha a ponto de escolher as calcinhas que ela usava. Aquela mulher é uma verdadeira cascavel.

— Essa é a sua opinião.

— Tenho certeza de que é a mesma de todos.

— Dito isso, o senhor possui um registro de prisão em seus arquivos.

— Eu perdi o controle uma vez e empurrei um carrinho de bebidas contra uma porta de vidro. Foi na minha casa e era o meu carrinho — precisou Sam, enfatizando cada palavra. — O senhor perguntou o motivo para a minha sogra? A última versão é muito engraçada. A cada ano que passa as versões vão ficando mais divertidas. O que quer que ela tenha dito, saiba que eu nunca encostei um dedo na minha esposa em um momento de raiva, e meu filho não estava em casa.

— É o que o senhor diz, mas assinou a adoção, dando a custódia do garoto para o atual marido da sua ex-mulher.

Toda a energia desapareceu do corpo de Sam, deixando-o pálido.

— Foi melhor assim. Eu não queria que meu filho crescesse em um ambiente instável, e meus antigos parentes deixaram claro que, se eu não assinasse, eles usariam seus contatos políticos para que eu nunca mais conseguisse um emprego decente em Houston, muito menos lecionar.

— Essa informação poderá ser confirmada se eu telefonar para o seu último patrão?

— Sim. E também para o meu advogado, Paul Fain. — Esperando que Cudahy anotasse a informação, Sam sentiu um certo desconforto quando nada aconteceu. — Entendo. Não são esses os seus planos. O senhor pretende colocar todas essas informações nas mãos do diretor Glick e deixar que ele cuide de todo o resto.

— Então eu tenho razão, ele não conhece a sua história.

— A minha história ou a do meu pai?

— É um comentário pertinente sobre o qual eu não tenho como argumentar.

Sam sorriu com amargura. Já tinha escutado tudo aquilo antes. Por exemplo, antes de ser demitido do emprego em um renomado escritório de arquitetura. Obra de sua sogra, que fizera de tudo para que eles tomassem determinadas "medidas de segurança".

— O senhor fará o que quiser, e terá o apoio do tribunal — disse ele.

— Os tempos estão difíceis, Sr. Knight. As crianças são influenciadas com a maior facilidade e...

— Guarde seu discurso politicamente correto. Fatos são fatos, e a minha reputação como professor é impecável. E não admitirei que ninguém tire isso de mim.

—Pense no dilema que a escola enfrenta. Suas aulas atraem garotos normalmente classificados como desafios da disciplina. Eles costumam ser candidatos a abandonar os estudos.

— Tente os pobres e sem muita expectativa de ir para a faculdade. Para mim foi assim. As crianças entendem isso. Meu registro mostra que eu nunca perdi um aluno até hoje. Desconfortável, Cudahy levou as mãos à cintura.

— O fato é que o senhor omitiu informações de pessoas que tinham o direito de saber. As manchetes nos últimos anos são bastante assustadoras. Crianças soltando bombas e levando armas para as escolas, provocando acidentes incompreensíveis. Estimuladas por quem? Em alguns casos, não há explicação plausível. E se souberem que têm um professor que é psicologicamente mais desequilibrado do que elas...

— Chega!

Apesar do tom de voz calmo, os olhos de Sam demonstravam todo seu descontentamento.

— O senhor tem razão, eu me excedi. Peço desculpas. Sob o ponto de vista de Sam, era um pouco tarde para o xerife se desculpar.

— Só me diga uma coisa, o senhor pretende ir conversar com Glick agora?

— Acho melhor o senhor contar a história a ele. Sam teria rido se, se lembrasse como.

— Quanta bondade da sua parte, xerife. Será que eles me recomendarão para o meu próximo emprego de professor? Isto é, se eu conseguir marcar uma entrevista. Não, xerife, o senhor começou essa história e eu lhe dou a honra de fazer todo o trabalho sujo.

Eles ficaram parados por vários instantes. Por fim, Cudahy balançou a cabeça e entrou no carro.

Sam esperou a viatura desaparecer antes de se virar para encarar Brette. Ela parecia ter levado um chute no estômago, sensação que ele compreendia com extrema perfeição.

— É a sua vez — murmurou Sam.

— Não sei o que dizer.

— Mas a sua mente não parou um só segundo.

— É impossível não pensar em tudo que acabei de ouvir.

— Eu não sou como ele.

Brette não respondeu ao comentário. Estava perdida em seu próprio percurso de revelações e repulsa.

— Kell só tinha onze anos. — Sam fechou os olhos, mas não havia como escapar do cenário em que se metera antes de a polícia chegar. — O bastardo havia acabado de ser demitido por ter dado um soco no patrão. Em vez de ir para casa e avisar minha mãe de que poderia enfrentar acusações de agressão, ele entrou no bar mais próximo. Quando foi expulso do estabelecimento, meu pai estava pronto para enfrentar todas as pessoas que haviam atrapalhado sua vida miserável. Foi um milagre não ter sofrido um acidente de carro quando ia para casa.

— É uma história terrível — balbuciou ela. — Sua mãe e seu irmão?

CAPÍTULO XVII

Dividida entre o desejo de sair correndo e a necessidade de compreender o resto, Brette cruzou os braços em volta da cintura.

— O que aconteceu depois?

— Por mais que eles pudessem reconstruir o cenário a partir das evidências, meu pai voltou para casa disposto a garantir que ninguém nunca mais diria uma única palavra

a seu respeito. — Sam baixou os olhos. — Primeiro ele foi atrás de minha mãe. Deve ter sido quando Kell foi correndo para a cozinha, pegou o martelo de carne no escorredor de louças e tentou acertá-lo. Além do golpe não ter sido forte o suficiente, meu pai se enfureceu ainda mais. Ele arrancou o martelo de Kell e...

Brette viu lágrimas nos olhos dele, o que quase despedaçou seu coração. O cenário que Sam descreveu era brutal até para uma pessoa mais esclarecida. Para ela, que crescera em um lar repleto de confiança e amor, essa era uma agressão psicológica que afetava tanto seu intelecto quanto seu físico.

Brette não tinha a menor idéia de como agir naquele momento. Ir embora? Fazer algo que ele encararia como uma rejeição, ou condenação? Ela realmente não sabia o que fazer.

— Diabos!

A explosão de Sam a tirou do estado de choque e, no instante seguinte, ele seguia para a sua casa.

Sem pensar duas vezes, Brette foi atrás dele, mas logo controlou o impulso.

O que você está fazendo?

Será que não aprendera nada nas últimas quarenta e oito horas? O desaparecimento de Hank e, graças ao faro de Cudahy para problemas, essa notícia terrível.

Assombrada, Brette entrou na casa de Sally. Ao ouvir vozes na cozinha, ela foi até lá. Sally terminava um telefonema.

— Sem problemas. Até daqui a pouco. Brette torceu para não ter escutado direito.

— Quem você vai encontrar daqui a pouco?

— Você não vai acreditar! — Rindo como uma adolescente, Sally colocou o fone no gancho. — Era... — Ao olhar para Brette, ela baixou a voz. — O que aconteceu?

— Uma coisa de cada vez. Você primeiro.

— Onde está Sam?

— Foi para a casa dele. O que há Sally?

Ela pegou a bolsa na cadeira e verificou rapidamente o que havia dentro.

— Não tem problema. Eu não vou estar aqui.

Não, a notícia não assustaria tanto Brette quanto tudo que tinha escutado nos últimos dez minutos.

— Aonde você vai?

— Trabalhar. Mas não se preocupe. Eu falei com Keith e ele se ofereceu para ficar com os meninos hoje à noite, se você precisasse de um descanso. Que gentileza, não? Veja só, há poucos meses eu não conseguia um assobio nem de um velho como Clóvis, e agora tem dois homens me paparicando! Amiga, minha sorte está mudando!

A conversa não ajudou a acalmar os nervos de Brette, mas ela tentou manter a serenidade.

— Você não pode sair hoje, Sally.

— Eu acabei de falar com o pessoal da lanchonete. Eles precisam de mim.

— Hank precisa de você. Ele precisa entender o que aconteceu. — Então um

pensamento a assustou. —Ah, meu Deus! Você não contou tudo para Keith? — Sally seria capaz de justificar qualquer coisa, incluindo a privacidade do filho, para ganhar a simpatia das pessoas.

— Você acha que eu quero lidar mais uma vez com os ataques de Hank?

—Pense um pouco, Sally. Hank nutre certa implicância por Keith por vocês terem saído juntos algumas vezes. Além disso, Cudahy lhe pediu para manter Hank longe da internet, que é o que Keith mais gosta de fazer.

— Então, você terá de ficar com Hank para mim — disse ela, apontando para o seu quarto. —Venha conversar comigo enquanto eu troco de roupa.

Mesmo aborrecida, Brette seguiu a amiga.

— Sally.

— Quando eu telefonei para o hospital pela primeira vez, eles disseram que havia apenas duas pessoas trabalhando, uma no salão e a outra na cozinha. Se tiver sorte, vou conseguir recuperar o dinheiro que perdi ontem.

— Eu compreendo, mas você não ficou nem um instante sozinha com seu filho. Vocês precisam conversar. Ele precisa conversar.

— Converse você com Hank. Você tem mais jeito do que eu para esses assuntos de psicologia.

Brette olhou para a porta fechada no final do corredor. Suspirando, ela fechou a do quarto de Sally. Não lhe passara pela cabeça que o garoto poderia estar escutando a conversa. E Sally estava indo longe demais.

— Sal—começou Brette, agora que tinham um pouco mais de privacidade. — Hank não é meu filho. Por mais que eu o ame como tal, não será a mesma coisa se você conversar com ele.

— Quer apostar? — Sally tirou o roupão, abriu o armário e começou a revirá-lo em busca de uma roupa. — De qualquer maneira, eu quero que ele saiba o que é esperar sem saber o que fazer. Hei! Estou tendo uma idéia! Sam pode conversar com ele. Eu posso convidá-lo para tomar um drinque conosco amanhã e...

— Pare! — Surpresa com seu descontrole, Brette pressionou os dedos contra as têmporas e lutou para recuperar a compostura. Todo seu corpo tremia de indignação?—Sal, eu sinto muito, mas Hank não deu nenhum indício de que quer se aproximar de Sam.

— Cuide disso para mim, Brette. — Ela pegou um vestido preto e o colocou depressa. — Espere um pouco! Você não está interessada em Sam, está? Depois dele ter agido com tanta indiferença e de ter recusado os seus convites, você concluiu que Sam não era o seu tipo.

O fato de a amiga não saber definir seus sentimentos a incomodou.

— Eu disse que não tinha importância e que a última coisa que queria era que um homem pensasse que eu estava correndo atrás dele.

— Bem, eu não me importo se ele perceber que estou. Por favor, tente fazer com que Hank goste dele. Por favor.

Atônita, Brette olhou para a mulher que, em um instante lhe beijava o rosto e no outro corria para o banheiro para se maquiar. Estava claro que não chegariam a lugar

algum com aquela conversa. Sabendo que Sally já estava mentalmente a caminho do trabalho, Brette saiu do quarto e bateu na porta de Hank.

— Entre.

Hank estava deitado na cama e Eric, sentado no chão, encostado à escrivaninha. Os dois se mostraram aliviados quando viram que era Brette.

— Más notícias, querido — disse ela. — Sua mãe teve um problema no trabalho e terá de ir até lá. Eu sei quanto ela está se sentindo mal por vocês não terem tido tempo para...

— Esqueça Brette — interrompeu-a Hank, girando o boné no dedo indicador. — É bem provável que ela peça para trabalhar dobrado, se for possível. Pelo menos até que você consiga fazer o trabalho sujo para ela.

O fato de escutar tanto cinismo na voz de uma criança a deixou arrasada.

— Não há trabalho sujo, Hank. Eu adoro conversar com você. Eu te amo querido.

— Entendido, mamãe dois — respondeu ele, usando o apelido que guardava para ocasiões especiais. Sentando-se na cama, Hank colocou o boné na cabeça. — Podemos ir para a sua casa? Quanto mais cedo eu sair daqui, melhor.

Brette notou o alívio de Eric e aproveitou o indício.

— Está bem. E vocês dois, como estão?

— Bem, eu já admiti que fui um idiota — falou Hank, esboçando um sorriso.

— Sabe o que é isso? Uma linda história de amor... — disse Eric.

Contente pelo fato dos dois poderem brincar entre si, ela caminhou até a porta. Entretanto sentiu certo constrangimento na voz de Hank e reserva em Eric.

— Pegue algumas roupas e vamos para casa. Acho melhor você até levar mais uma muda. — Agora, mais do que nunca, Brette não queria perder nenhum dos dois de vista.

— Você está me escondendo alguma coisa? — indagou Hank.

— Eu? De jeito nenhum. Se decidirmos fazer algum programa juntos amanhã, não há necessidade de você vir até aqui e acordar sua mãe.

Hank concordou e enfiou algumas peças de roupa na mochila da escola.

Eric, entretanto, foi mais atencioso.

— O que aconteceu, mãe? Você parece... doente. Brette franziu o nariz e levou a mão ao estômago.

— Acho que estou meio fraca por não ter comido nada o dia todo. Além disso, dormi pouco.

Os garotos aceitaram a explicação e a acompanharam para casa, fazendo sugestões sobre o jantar. Hank não se despediu da mãe, e Brette não se atreveu a reprimi-lo.

Mesmo assim, ela abriu a porta do quarto. Problemas ou não, Brette se preocupava com Sally dirigindo, sem contar com seu trabalho na cozinha, ao redor de óleo quente, fogo e de todos os outros equipamentos.

— Você promete que tomará cuidado? — pediu Brette.

— Eu só tomei um comprimido hoje cedo.

— Porque você dormiu o dia todo depois da tonelada de remédios que tomou ontem à noite. Está tomando Prozac e, provavelmente, as outras drogas que os seus

colegas conseguem no hospital.

—Brette, por favor. Eu estou um pouco velha para sermões de mãe. Prometo dirigir devagar, olhar para os dois lados nos cruzamentos e não pegar em pratos quentes sem um pano. Agora vá aplicar sua magia nos garotos.

Minutos depois, ela escutou Sally saindo em disparada da garagem. Brette fechou os olhos e fez uma prece em silêncio.

— Ela só fica contente quando me olha pelo espelho retrovisor — comentou Hank, parando ao lado de Brette.

— Não é verdade. — Entretanto cada vez mais ela concordava com o menino. — Escute — disse Brette, determinada a proporcionar-lhes um jantar agradável —, tem certeza de que é isso que quer comer? Bife à milanesa, purê de batata e salada de tomate?

— Sim. Durante todo o caminho de volta, fiquei sonhando com a sua comida.

— Está bem. Então, enquanto eu preparo os bifos, lave as mãos e pegue os ingredientes da salada. Eric, você quer bolinhos de queijo?

— Sim, mas... Olhem, é Sam! — disse ele, parado em frente à janela da sala de jantar. —Por que não o convida para jantar conosco?

— De jeito nenhum! — gritou Hank.

— Não podemos! — exclamou Brette ao mesmo tempo.

— Está bem, vocês venceram — falou Eric, sorrindo.

— Sinto muito pela grosseria — desculpou-se Brette, tentando encontrar uma desculpa plausível para não querer o vizinho em sua casa. — É que estou mais cansada do que imaginei. Sabe, não me sinto disposta a conversar sobre amenidades.

— Tudo bem, mãe. — Eric apareceu na cozinha e cutucou o amigo. — Você perdeu todo o agito. Antes de descobrirmos que você tinha sumido, ela ficou furiosa quando viu uma marca na placa de Sem Saída que fica na frente da propriedade dos Pugh.

Em vez de cair na risada, Hank se mostrou surpreso.

— Como assim?

— O Sr. Pugh colocou essa placa perto do portão da sua fazenda, e mamãe viu a marca de uma mão, feita com sangue, ontem de manhã. A princípio, achou que era uma brincadeira nossa por causa do Halloween. Então, quando nos demos conta do seu desaparecimento, ela achou que o velho Truman tinha...

— Eu quero ver!

— Não será possível. A marca desapareceu.

— Não pode ser — sussurrou Hank.

— Pergunte para a mamãe. Ela me pediu para limpar a placa e, quando cheguei lá, não havia mais nada. Assustador, não?

Além de não responder, Hank foi até a janela da sala de jantar e observou Sam desaparecer dentro do galpão.

— Droga! — sussurrou ele.

— O que há de errado, Hank?

— É coisa dele.

— Sinto muito, companheiro, mas a marca era muito pequena para ser da mão de

um adulto.

— Era pequena como a de uma mulher?

Brette respirou fundo, tentando controlar a tensão.

— Hank...

— Você viu Tracie Pugh desde então?

Ela nunca vira o garoto tão sério, tão preocupado.

— Não sei, querido. Eu estava preocupada com você.

— Mas eu a vi correndo para a casa dele na noite em que parti — respondeu Hank.

— A marca deve ser da mão dela. Acho que Sam Knight a matou!

CAPÍTULO XVIII

O sono era algo impossível. Brette tentou adormecer a todo custo, sem sucesso. Ela fizera com que os garotos se alimentassem muito bem, depois lhes preparara sanduíches, para estimular a proximidade entre ambos e também exortá-los a falar. Pela primeira vez desde a mudança de Sam para a casa vizinha, Brette desejou ter colocado cortinas em suas janelas.

Ela tentou não expor suas dúvidas e inseguranças, mas era mais fácil falar do que fazer, em vista da acusação de Hank. Apesar de Eric ter salientado que o xerife Cudahy estivera na fazenda dos Pugh na noite anterior e que ninguém relatara o desaparecimento de Tracie, as suspeitas de Hank contra Sam continuavam.

—Ele não é como os outros professores da escola. Ele é como eu, reservado— dissera Hank. —Confie em mim, esse homem tem segredos.

Para o garoto, essa era uma declaração sem fundamentos. E Brette não estava disposta, nem preparada, para compartilhar esses segredos com os dois. Nos últimos dois dias, muita coisa tinha acontecido na vida deles. Queria que dormissem em paz pelo menos uma noite. Claro, teria de contar a história para Hank e Eric antes de segunda-feira, quando voltariam para a escola, antes que comesçassem a escutar os rumores que certamente surgiriam.

Eram quase nove horas quando os dois decidiram ir dormir. Precisando de tempo para pensar e organizar suas idéias, Brette apagara todas as luzes e ficara andando de um lado para outro, relembando as palavras de Hank, de Cudahy, de Sam. Ele continuava na oficina, com as portas abertas e as luzes acesas. De vez em quando ela o avistava. De certo tentava se manter ocupado. Brette também não conseguiria dormir se tivesse levado o tipo de golpe que ele recebera naquele dia.

Será que Sam perderia o emprego quando Cudahy contasse toda a história ao diretor da escola? A possibilidade era grande. O corpo docente não gostava de alunos que atrapalhavam o bom andamento das atividades. Imagine um professor... Ela não conseguia se lembrar de nenhum caso ocorrido naquela escola. Em Split Creek, por outro lado, o diretor fora obrigado a pedir demissão devido ao seu comportamento

com antigos alunos e funcionários da escola. O fato de Sam Knight ser ou não um homem perigoso não seria de suma importância para os membros da diretoria. Ele os enganara. Mas quem não manteria uma história como aquela enterrada no passado? Pedir-lhe para apresentá-la junto com seu currículo seria como ter a companhia constante daqueles dias de horror.

O telefone tocou, trazendo-a de volta à realidade. Quando entrou na cozinha para pegar o telefone sem fio, Brette viu que eram apenas nove e meia.

— Está tudo bem por aí?

Era Tucker. Brette suspirou aliviada.

— Sim, os meninos foram dormir às nove.

— E como foi?

— Eles estão se entendendo. Quem me preocupa é Sally. Ela foi trabalhar.

— Não me surpreende. Se não pode se esconder, corra sem parar. Ela pelo menos estava normal quando se sentou atrás do volante?

Sim, Tucker conhecia Sally perfeitamente, não apenas pelo que Brette lhe contava, mas também pelas vezes que testemunhara seus chiliques.

— Essa é a boa notícia — respondeu ela.

— Então, posso saber por que você não está na sua cama, sonhando com um príncipe encantado ou com um caubói?

— São essas as minhas opções?

— Melhores do que o Exterminador, não?

Brette tinha ido até a janela da sala. Enquanto observava a oficina, ela se arrepiou com a sutileza do apelido que Tucker dera para Sam, sobretudo depois do que ficara sabendo.

— Alô... Hei, o que está acontecendo, minha querida?

— O xerife Cudahy descobriu algumas informações sobre Sam Knight e jogou a bomba hoje à tarde.

— Eu achei mesmo que você estava mais tensa do que deveria. Converse com o seu Tucker, querida. Qual é o problema?

Brette sabia que podia confiar em Tucker, e precisava compartilhar aquele segredo com alguém.

— O pai de Sam está no corredor da morte — disse ela, ainda chocada com toda aquela história que mais parecia um filme de terror. — Pelo que me consta, ele era um homem rude. No dia em que Sam foi para casa, de licença da Marinha, o pai matou a esposa e o filho. Tucker, o menino tinha apenas onze anos.

— Meu Deus!

— E não é tudo. Sam tem um registro de prisão. A esposa dele, digo, ex-esposa, deu uma queixa.

— Eu não lhe falei para tomar cuidado com esse homem?

— Ele disse que nunca encostou um só dedo nela — acrescentou Brette.

— E por quanto tempo ela ficou no hospital?

— Não houve nenhum comentário a esse respeito, e depois ela retirou a queixa.

Sam contou que a ex-mulher era controlada pela mãe, que não fazia questão alguma de

esconder seu descontentamento com o casamento. Classes sociais diferentes, se é que você me entende. — Enquanto Tucker falava, Brette encostou a testa no vidro, o que refrescou sua pele quente.

— O fato é que ele abriu mão da custódia do filho, Tucker. O atual marido da mulher o adotou.

— Nenhum homem abre mão de um filho. Ele tem culpa no cartório. Acho melhor você começar a tomar um pouco mais de cuidado com o seu vizinho. Não que quer eu vá até aí para lhe fazer companhia?

— Tucker, Sam Knight mora aqui faz mais de seis meses e, até agora, foi um vizinho exemplar. Discreto ao extremo.

— Os calados são os piores.

— O xerife Cudahy teria me avisado se Sam fosse um homem perigoso. De qualquer forma, duvido que ele fique aqui por muito tempo. Cudahy pretende conversar com Glick na segunda-feira cedo. Bem, depois você sabe o que vai acontecer.

— Ótimo. Quanto antes, melhor.

Brette desejou poder compartilhar todo aquele entusiasmo.

— Tem mais uma coisinha.

— Você se esqueceu de que é Halloween, e não Primeiro de Abril?

— Hank me contou que viu Tracie Pugh indo até a casa de Sam na noite em que ele partiu.

— Agora tenho certeza de que o cara é um idiota. Ele preferiu Tracie a você?

Por mais constrangedor que fosse, Brette teve o mesmo pensamento que o amigo.

— Tucker, não é por isso que estou fazendo o comentário. Eu não consegui lhe contar antes que vi uma marca de sangue na placa de Sem Saída na fazenda dos Pugh naquela mesma noite. E, pelo visto, Hank acredita que seja de Tracie.

— Santo Deus! Estou indo para a sua casa.

— Não pode ser dela, Tucker. Pense! Cudahy foi até lá e não deu falta de Tracie.

— Ele a viu?

— Aí eu já não sei, mas Truman teria feito algum comentário se ela tivesse desaparecido.

— Não se ele soubesse que ela costumava passear durante a noite e tivesse vergonha de se expor. — Brette escutou Tucker se levantar. — Eu demoro apenas alguns instantes para fechar a casa e...

— Estou falando sério, Tucker. Não precisa vir para cá. Além do mais, não quero armas de fogo na minha casa. E se os garotos acordarem, que explicação lhes daremos? Pelo visto, você está pensando em se mudar para cá até que Sam decida colocar a casa à venda.

— E por que não? Eu adoro a sua comida.

A verdade era que Tucker não podia conviver com ninguém durante muito tempo. A agente do correio Brenda Freese fizera um comentário a respeito da amizade dele com Brette, dizendo que ele a tratava como um bichinho de estimação.

— Não ouse aparecer no meu quintal alegando que ficou com vontade de fazer um piquenique — brincou ela. — Os meninos adorariam a idéia e desistiriam de dormir.

Agora é sério, Tucker, muito obrigada pela preocupação, mas eu não lhe contei toda a história para assustá-lo. Queria apenas conhecer as suas reações. E compartilhar o que descobri com o meu amigo.

— E conseguiu, não? Estou lhe dizendo que você precisa de alguém para cuidar de você e das crianças.

— Eu estou fazendo isso como sempre fiz. Tucker suspirou novamente.

— Eu sei. E então, onde está o bastardo agora?

— Continua na oficina.

— E você?

— Em frente à janela da sala de jantar.

— E o que está vestindo?

— Bela tentativa, companheiro.

— Pelo menos você não perde o bom humor. As portas estão trancadas?

— Claro que sim.

— Espero que já tenha percebido que vou ficar de olho em vocês.

— Não se atreva a me acordar no meio da noite. Eu lhe telefono assim que abrir os olhos amanhã cedo, está bem?

— Acho bom mesmo. E deixe o telefone na mesinha-de-cabeceira. Eu chego aí em dez minutos, bem mais depressa do que a polícia, se precisar. Portanto telefone antes para mim, sim?

— Você é um grande amigo, Tucker.

— Tome cuidado, minha querida.

Assim que Brette colocou o fone no gancho, as luzes da oficina de Sam se apagaram.

CAPÍTULO XIX

Temendo ser vista, Brette se escondeu no pequeno espaço entre a janela e o aparador. Pressionando o telefone contra o coração disparado, ela imaginou se demorara demais e quanto tempo teria de esperar antes de espiar outra vez. No dia seguinte, de qualquer maneira, ela procuraria uma cortina para as janelas.

Enquanto fazia suas anotações mentais para tirar as medidas da janela antes de sair para trabalhar, Brette ouviu um estalido agudo. O vento! Parecia ter derrubado um galho de árvore em algum lugar. Nos fundos da casa? Um novo barulho confirmou suas suspeitas.

Curiosa, espiou pela janela para tentar descobrir algo. Sam trancara sua oficina e estava olhando na mesma direção. Quando ele começou a andar para lá, Brette seguiu na ponta dos pés por trás da mesa de jantar para olhar pela porta de madeira e vidro. Precisava colocar uma proteção ali também.

A idéia de se trancar dessa maneira não lhe agradava nem um pouco, pois

comprara aquele terreno com a intenção de poder viver em um lugar aberto e seguro. O causador de sua prisão na própria casa apareceu por trás do galpão e parou, com as mãos na cintura, para estudar a treliça se quebrando sob o peso do galho da árvore. Suas lindas trepadeiras não teriam onde se entrelaçar na primavera!

Brette colocou a mão na maçaneta, mas tirou-a imediatamente, como se estivesse pegando fogo.

O que você está fazendo?

Não, não podia sair de casa. As novidades de Cudahy não eram prova suficiente para mostrar que ela não conhecia absolutamente nada sobre a vida do vizinho? Além disso, havia os garotos.

Então Brette ficou olhando Sam analisar a treliça de perto e depois voltar para casa. Correndo, ela foi até a janela e observou-o entrar pelo jardim de inverno, cujas luzes iluminavam os vasos de plantas e flores.

Ela esperou que as luzes dentro da casa se acendessem, o que não aconteceu. Será que Sam subiria direto? Seria um grande alívio. De certo, ela não conseguiria dormir, mas se sentiria menos...

O telefone tocou. E agora? Perguntou-se Brette, quase derrubando o aparelho.

— Alô?

— Eu conserto a treliça para você.

Era a última voz que Brette queria ouvir. O fato de saber que Sam sabia que ela o observava a chocou mais ainda. E como encontrara o telefone dela tão rápido, no escuro?

— Está bem — respondeu Brette, ciente do ligeiro tremor em sua voz. — Você conseguiu o que queria, me assustar. Está satisfeito?

Sam ficou calado por alguns instantes.

— Você acha que é isso que estou fazendo?

— E não é?

Em vez de uma resposta, Brette ouviu o fone ser colocado no gancho. Tal atitude foi tão enervante quanto o telefonema.

O que ele esperava escutar? O que queria dela? Em um momento tentava afastá-la, no outro queria atraí-la com seu olhar magnético e comentários enigmáticos. Aquele homem realmente não era uma pessoa fácil de se lidar. Brette não o entendia, e com certeza não permitiria que ele testemunhasse o poder que exercia sobre ela. De forma alguma.

Trêmula, tanto de indignação quanto de nervosismo, Brette foi até seu quarto, acendeu a luz e recostou-se na porta. Pouco depois, mais calma, deitou-se na cama e pegou seu diário.

Fora sua mãe que a introduzira no ritual. Brette sabia que se tratava de uma premonição.

— Eu sei que você fala e acredita que compartilha tudo que está acontecendo em seu interior — ela dissera poucos dias antes do 21 aniversário da filha. — E você é a pessoa mais honesta que já conheci na vida, porém acho que está igualando erroneamente consciência limpa com visão clara. De qualquer forma, eu não estarei

aqui para sempre, e por mais que você saiba que estará rodeada de pessoas que a adoram, a intimidade que apenas verdadeiras amizades conseguem pode nem sempre ser sua. Nunca deixe de escrever em seu diário, minha filha. Anote todas suas experiências, seus temores, suas expectativas. Permita que ele a ajude a descobrir seu caminho, mas que também a ajude a crescer.

Como sua mãe fora sábia. A vida parecia estar desafiando-a, e o diário agia tanto como espelho quanto como terapeuta. Naquela noite, o diário seria sua memória e seu confessor.

Em primeiro lugar, Brette escreveu sobre a discussão com os garotos...

— Você é amigo do Sr. Knight, Hank?

— Só pode ser brincadeira! Ele é professor!

— Mas o Sr. Knight disse que você sabia que podia contar com a ajuda dele se precisasse.

— Lamento. Esse homem está tremendamente enganado.

— Ele não lhe disse isso?

— Para mim, não. Ele é mais uma voz me dizendo o que estou fazendo de errado na minha vida. Quem ele pensa que é para agir assim? Tente contrariá-lo para ver o que acontece!

O que aquilo significava? Será que Hank ofendera Sam ou discutira com ele? Brette lembrou-se das palavras do menino com grande preocupação. E Eric também se espantara com aqueles comentários. Até a explosão de Hank houvera várias trocas de farpas...

— Por que o está defendendo? Seria melhor para todos se ele fosse embora. Eu já lhe contei sobre Tracie. Quer que sua mãe seja a próxima?

Os dois conseguiram acalmá-lo, mas Brette percebeu que não se tratava apenas do drama de um garoto assustado e envergonhado tentando desviar a atenção de sua pessoa. Ela examinou seu próprio comportamento e notou que havia uma transição em suas referências ao vizinho. Por várias vezes ela o defendera diante de Hank, e sabia o porquê. Era só fechar os olhos e lembrar-se dos momentos na floresta atrás da casa de Brette, ou na frente da varanda da casa dele. Sua curiosidade natural sobre aquele homem se transformara em algo mais do que simples atração. De alguma forma, Brette fora completamente seduzida.

— Ah, Brette, você se meteu em uma grande enrascada — murmurou ela, olhando para o teto. — Seus problemas estão apenas começando.

CAPÍTULO XX

Qual é a verdade? É a que vejo com os meus olhos, a que ouço com os meus ouvidos? Devo confiar nos meus instintos... ou nas acusações dos outros?

Tudo em que sempre acreditei está sendo desafiado. Sinto-me tão sozinha e tão

responsável...

Anotação no diário

Domingo, 31 de outubro de 1999

Os garotos ainda dormiam quando Brette saiu para ir se encontrar com Sally. Ela colocara um jeans e o moletom preto com uma estampa de Halloween que comprara três anos antes no festival de outono da cidade. Se não o vestisse, os garotos ficariam magoados, pois já era uma tradição entre eles.

Por mais que seus olhos estivessem ardendo e sua cabeça latejando pela falta de sono e por ter escrito demais, Sally parecia pior.

— Estou surpresa por você não ter atropelado um cone — disse Brette ao encontrar a amiga na frente da casa dela. — Você está muito abatida, Sal.

— Quase dormi duas vezes ao volante voltando para casa — disse ela, batendo na mochila. — Você me viu fechando a porta em cima da mochila? Devo ter quebrado meu espelho de maquiagem. Era só o que me faltava... Sete anos de azar!

Brette riu.

— Não ligue para essas superstições. Quer entrar e tomar café comigo? Posso preparar algo bem gostoso para nós.

— Você terá de mastigar por mim. E Hank, como está?

— Ele ficará bem. — Se dependesse dela, o garoto logo se esqueceria de todo o ocorrido.

— Vou parecer uma mãe muito desnaturada se eu lhe pedir que fique com Hank até o final da tarde?

— De jeito nenhum. Foi por isso mesmo que vim até aqui. Vou levá-los para assistir a um filme em Tyler.

— Excelente idéia. Espere, vou lhe dar dinheiro.

— Não se preocupe Sally. Eu estou convidando.

— Eu não mereço uma pessoa como você, Brette. Como... ele melhorou? Está mais bem-humorado? Mais alegre?

— Ele está bem o suficiente para quem levou um susto tão grande e teve questionada sua fé na humanidade. Não é uma experiência tão fácil de esquecer. Hank aprendeu lições muito duras.

— Talvez ele se esqueça de tudo enquanto ainda é jovem, diferentemente da mãe, que ainda remói tudo de ruim que passou na vida. — Ela olhou para o outro lado da rua. — Sam conversou com ele?

— Não.

— Por quê?

— Imagino... bem, ele deve ter tido outros compromissos. Além do mais. Sam perdeu quase dois dias nos ajudando a procurar Hank. E bem provável que tenha atrasado seu trabalho.

— Mas que trabalho? Ele é professor! Além do mais, disse que...

— Ele é um artista—interrompeu-a Brette, pois não queria entrar nesse assunto

outra vez. — Além disso, Sam está reformando a casa inteira sozinho.

Apesar de toda a explicação, Sally fez biquinho.

— Mas ele disse que estaria à disposição caso os garotos precisassem.

— As pessoas falam, Sal. Deixe para lá.

Brette não queria parecer rude, mas Sally notou a mudança no tom de voz da amiga.

— Você está me escondendo alguma coisa, Brette?

— Claro que não, Sal. Não se preocupe com os meninos. Cuide de você. Precisa ir trabalhar hoje à noite? — Normalmente, Sally tinha os domingos livres.

— Não, mas preciso dormir. Acho que vou ficar doente — disse ela, esfregando a testa. Estão dizendo que haverá uma epidemia de gripe este ano, e acho que serei um dos primeiros casos. Posso lhe pedir mais um favor? Hank pode passar a noite na sua casa? Não deve ser nada de sério, mas não quero expor mais ainda o menino. Além disso, não quero que ele falte na escola.

Brette afastou a idéia de que Sally estava evitando enfrentar o próprio filho.

— Claro, mas tenha em mente que vocês precisam conversar.

— Não antes de eu ter um pouco mais de paciência do que agora. Nem sei como agradecer tudo que está fazendo por mim e pelo meu filho.

— Amigos são para essas coisas, Sal.

— Você é uma grande amiga. Sinceramente, não sei como consegue me agüentar!

Incomodada com o forte impulso de concordar, Brette fingiu estar arrepiada e se abraçou.

— Se vai ficar doente, acho melhor não permanecer aqui fora. Essa sua jaqueta não é quente o suficiente para um dia como o de hoje. Acenda o aquecedor, tome um bom banho e um chá quente, depois vá para a cama. Acho que teremos uma noite bem fria hoje.

— Tomara, assim todos ficam em casa. Não gosto nem um pouco dessas brincadeiras do Halloween. Ontem, um garoto chegou ao hospital com a testa aberta graças a um bando de vândalos que atiravam latinhas de cerveja de dentro do carro.

— Isso aconteceu ontem? — O emprego de Brette mostrava um dos lados menos atraentes da sociedade, mas não dessa maneira. Para uma pessoa normal, já era difícil lidar com esse tipo de incidente, imagine para Sally. — Por que não tenta trabalhar na lanchonete da escola? O salário pode não ser tão bom, mas você economizaria em combustível e em tempo de estrada.

— A lista de espera é gigantesca.

— Está bem, fim de conversa. Posso fazer alguma coisa por você antes de mandá-la para dentro de casa?

— Fale com Sam por mim quando o encontrar.

Brette não queria escutar o nome do vizinho, muito menos falar dele.

— Eu já lhe disse que não pretendo encontrá-lo tão cedo. Além disso, quero que os meninos mudem um pouco de cenário.

— Você sabe o que quero dizer. Se surgir a oportunidade... Meu Deus, até a pobre Tracie Pugh é capaz de encontrá-lo antes de mim.

Durante um instante, Brette imaginou que estivesse sonhando. Por que Sally tinha tocado no nome de Tracie?

— Do que você está falando, Sally?

— Eu a vi várias vezes na cidade flertando com outros homens. A partir disso, presume-se que o velho Albert não dá conta do recado, o que a leva a buscar algo novo. Ou quem sabe um pouco mais...

Brette sentiu um grande desconforto. Toda a pressão e a depressão a deixaram muda. Tracie era uma loira muito bonita, alguns anos mais nova do que elas. Será que a acusação de Hank tinha algum fundamento? E agora a de Sally?

— Homens — sussurrou Brette.

— Juro que na próxima vida não chegarei nem perto deles. Enquanto isso não acontece, só lhe peço que faça o possível para me ajudar.

Brette sabia que deveria dar algum tipo de resposta.

— Bom descanso, Sal. Amanhã nos falamos.

Depois disso, ela seguiu pela calçada, mas não a caminho de casa. Brette olhou para trás a fim de verificar se Sally não a estava espionando pela janela, e continuou andando, passando pela casa de Sam em direção à fazenda dos Pugh.

A placa de Sem Saída encontrava-se no mesmo lugar, como um diamante amarelo sob a fria manhã. Limpa e nova como se tivesse sido colocada naquele dia. Era isso que mais a assustava. Como era possível? Ela jurava que havia visto a marca.

Determinada a descobrir algo, Brette se abaixou para verificar o chão. Alguém estivera ali. Portanto, de certo essa pessoa deixara um rastro...

Havia marcas de seu próprio carro, bem como do caminhão dos Pugh. Era fácil reconhecê-las. Em relação às pegadas, já não podia dizer o mesmo. Quem mais estivera ali?

— Que diabo você está fazendo?

CAPÍTULO XXI

Pega de surpresa, Brette tentou se virar e se levantar ao mesmo tempo. Foi o suficiente para perder o equilíbrio e cair em cima do quadril esquerdo. Á força de seus dentes contra a língua impediu seu grito de susto... e quase sua capacidade de respirar.

Sam estava poucos metros afastado, caminhando em sua direção, como o enorme carvalho plantado na frente de seu quintal. Brette olhou para os pés dele, de tênis. Como um homem com pés tão grandes se atrevia a persegui-la dessa maneira? Como conseguiria organizar seus pensamentos com seu estômago embrulhado com o gosto de sangue?

— Deixe-me ver—disse Sam, abaixando-se diante dela. — Você cortou a língua?

Com a mão enfaixada contra a boca, Brette passou a língua nos dentes, então

balançou a cabeça negativamente.

— Sinto muito.

As duas palavras, tão simples, proferidas com o peso do mundo em cima dos dois, eram um acréscimo humilde e dramático aos olhos injetados de Sam, sem contar a barba por fazer. Brette sentiu uma onda cada vez mais familiar de compaixão, porém logo voltou à realidade, assaltada pela imagem de Tracie nos braços dele.

Respirando fundo, ela se levantou devagar e massageou o quadril dolorido. Sem dúvida ficaria roxo até a noite. Mais um motivo para se lembrar de Sam Knight.

— O que você quer? — resmungou ela, irritada.

— Para começar, uma resposta — disse Sam, levantando-se. — Por que você está aqui?

— Você não tem nada melhor para fazer do que ficar me espionando? Eu estava dando uma volta. Pensando na vida.

Sam ignorou o tom sarcástico e olhou para a placa.

— Chega Brette. Você deveria descansar em vez de passar metade da noite tentando descobrir meus passos. — Diante do olhar chocado de Brette, algo aqueceu os olhos gélidos de Sam. — Se quer morar em uma casa sem persiana ou cortinas, acho melhor não se esquecer de que, mesmo sem nenhuma luz acesa, seu cabelo loiro atrai os raios de luz das lâmpadas de fora.

Uma forte rajada de vento soprou, levando vários fios de cabelo à boca de Brette. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, o instinto de Sam agiu mais depressa, retirando-os. O toque dos dedos fortes e calejados foi extremamente gentil atrás de sua orelha.

Era intimidade demais. Arrepiada, Brette deu um passo para trás.

— O que você está fazendo?

— O mesmo que você — respondeu ele, com a voz um pouco aborrecida. — Tentando encontrar o meu caminho. Sendo provocado. Tropeçando.

Brette nunca ouvira ninguém falar daquele jeito. Seria seu fascínio por aquele homem? Ou a estranha e sedutora honestidade que nunca respondia a uma pergunta ou explicava demais, mas que levava a acreditar que ele estava lhe confiando sua alma?

— Estou começando a desejar que você não tivesse se mudado para cá — falou Brette, sem pensar.

— Entendo seu aborrecimento, Brette. Não estou sendo justo com você e com os garotos.

— Você não pode ser caloroso e, ao mesmo tempo, distante com eles. Seja uma pessoa constante. Para Eric, a palavra de uma pessoa significa muito.

— Eu sei.

— Quanto a Hank, ele disse que você nunca falou nada.

— Não me surpreende. Deus. Outra vez não!

— Sam, por favor, nada de respostas evasivas. Neste momento, eu não me importo com o que você entende ou não entende. Quero saber o que está acontecendo.

— Você acredita que o registro de honestidade de Hank seja impecável? Nesse caso, não posso fazer nada. Não discuto com garotos de catorze anos de idade,

Brette. Conhecendo-me um pouco melhor do que antes, você deveria compreender muito bem quando eu digo que faço de tudo para evitar qualquer tipo de discussão.

Brette esperou por mais, porém quando Sam não continuou a se explicar, ela deixou sua frustração falar mais alto.

- E quando foi a última vez que você teve uma conversa de verdade com alguém?
- Sempre que estou perto de você.

Ele poderia ser do tipo reservado, mas tinha respostas de efeito em seu repertório.

— Essa técnica funcionou com Tracie? — perguntou ela, com a intenção de se defender.

Um olhar espantado foi logo substituído por uma expressão de incredulidade.

- O que está querendo dizer?
- Esqueça. Acho que já vi e escutei o suficiente.

Ela se virou a fim de voltar para casa, mas Sam segurou-lhe o braço.

— Você viu Tracie indo para a minha casa naquela noite — comentou ele, estudando-a com olhos apertados.

— Pode ser.

— Ou foi Eric... Ou Hank? Sim, foi Hank. Ele também lhe contou que ela foi embora cinco minutos depois?

Como poderia ter visto se não ficou ali para descobrir? Suspirando, Sam a soltou.

— Estou vendo que teremos grandes problemas pela frente. Brette quase não o escutou. Só conseguia pensar no que Sam tinha dito. Tracie não ficara na casa dele.

— Eu sou um ser humano como outro qualquer. Você não pode continuar a olhar para mim dessa maneira e esperar que eu não queira me aproximar.

— Eu sei.

— Também sabe o que significa ter consciência de que, de certa forma, você tem medo de mim? Suas palavras no telefone, suas suspeitas...

— Foi por isso que desligou em vez de responder?

— Aonde você quer chegar? Sempre haverá mais uma pergunta, mais dúvidas. No final das contas, eu sou filho do meu pai. Posso lhe afirmar que não sou nada parecido com ele, mas você sabe que não é totalmente verdade. Nenhum de nós está livre de suas raízes e ancestrais.

— E apesar de ter dito tudo isso — continuou Sam, quase num murmúrio —, eu te quero, Brette. E saber que você também me quer só piora a situação. Entretanto nós não vamos fazer nada a respeito porque eu vou perder meu emprego e, no processo, você ouvirá mais rumores e acusações que reafirmarão as dúvidas que já tem a meu respeito.

De qualquer maneira, a situação estava ficando mais complicada do que o necessário. E Brette tinha como esquecer a marca que vira na placa.

Como se ela tivesse expressado seus pensamentos em voz alta, Sam voltou os olhos para a placa de metal pintada de amarelo. A expressão dele se tornou implacável.

— Droga! — Sam apontou para a placa. — Foi por isso que você tocou no nome de Tracie! O fato de ter ouvido que ela esteve na minha casa significa o quê, Brette?

Seja direta.

Foi um momento insano, mas como voltar atrás?

— Eu não acredito! — Sam deu um passo na direção da fazenda dos Pugh, depois se virou para encará-la. — Já telefonou para a polícia?

Brette deu um passo para trás.

—Você está tirando conclusões precipitadas.

— Eu exijo que você responda a minha pergunta! — exclamou ele, apontando-lhe o dedo. —Está suspeitando que matei Tracie Pugh?

— Não seja ridículo! — respondeu Brette, com a mesma energia. — Suponho que Albert notaria a ausência da esposa.

—Talvez. —Sam deu um, dois passos até ela. —Há só mais uma complicação. Tracie foi até a minha casa naquela noite com um grande hematoma no rosto e anunciou que estava abandonando o marido.

CAPÍTULO XXII

— Eu não sei nada a esse respeito — falou Brette. E também não sabia nada sobre os planos de Tracie de abandonar Albert.

—Está bem. —Sam não parecia nem um pouco convencido. — É por isso que você está brincando de Sherlock Holmes, e porque quase perde o controle sempre que me aproximo de você. Acho que eu me enganei a seu respeito. Um homem perder o sono por sua causa não é suficiente. Você quer alguém que não seja capaz de tomar decisões, um fantoche.

Nunca ninguém a tratara com tamanha grosseria, e ele não sairia dali sem ouvir o que merecia. Furiosa e magoada, Brette não pensou duas vezes em erguer a mão. Sam, porém, mais alto e mais forte, não teve nenhuma dificuldade em conter o movimento.

Ele segurou-a pelo pulso, virou-o atrás do corpo dela e segurou-a contra si.

—Obrigado por sossegar a minha consciência—disse Sam, com a boca perto da de Brette.

Entre o choque da proximidade dos corpos, da pressão da boca dele e da perda do chão sob seus pés, Brette lutava apenas para conseguir respirar. Então veio a invasão da língua quente de Sam. Todas as lembranças das aulas de autodefesa que ela tivera desapareceram, e Brette se deixou levar pelo momento.

Nunca fora beijada em um momento de raiva, pelo menos não com verdadeira paixão. Na realidade, sua única experiência memorável tinha sido na noite em que Eric fora concebido, mas não envolvera aquele tipo de paixão. Longe disso. Havia sido algo carinhoso e gostoso, até mesmo divertido. Mas nada que se aproximasse daquela insanidade.

Sam a beijava com um desejo urgente, e ela sentiu o gosto de sangue outra vez. Com um gemido profundo, ele segurou-lhe a nuca com a mão livre.

Brette achou ter escutado seu nome, como uma prece, mas não tinha plena certeza. De repente, o barulho de um caminhão ecoou em seus ouvidos. Antes que o som pudesse fazer sentido, a buzina do veículo os trouxe de volta ao mundo real.

Sam tirou-a da passagem antes de soltá-la, e os dois observaram o caminhão de leite passar por eles. Com o vento soprando em seus cabelos, Brette viu o sorriso maroto do motorista pelo espelho retrovisor. Envergonhada, baixou os olhos e ajeitou o moleto.

Quando Sam começou a falar, ela o impediu erguendo a mão.

—Por favor, não diga nada. —Brette limpou os lábios úmidos e notou que havia um pouco de sangue. — Nenhuma palavra. — A advertência servia como único consolo para a sua dignidade.

Brette não sabia como conseguira chegar em casa, porém se sentiu vitoriosa por ainda estar em pé, mesmo que com as pernas bambas, quando trancou a porta da frente. Agora, tudo que tinha a fazer era chegar ao seu quarto sem ser vista pelos meninos. Não estava em condições de encontrar ninguém, muito menos de responder a perguntas. Por sorte, nenhum ruído vinha do quarto de Eric. Assim que fechou a porta do seu quarto, ela foi direto para o banheiro.

Aborrecida o suficiente para vomitar, sentou-se no vaso sanitário e abriu a torneira da pia. Não queria ver sua imagem no espelho. O incidente a fez lembrar da noite em que soubera do acidente de trem de seus pais devido a uma avalanche. Lágrimas ardiam em seus olhos. Ela sabia que os dois teriam explicação para várias coisas, como, por exemplo, o choque sobre o suposto desaparecimento de Tracie, seu cansaço, ou a preocupação cada vez maior a respeito do futuro de Hank com sua mãe desmiolada.

Todavia, se decidisse ser honesta consigo mesma, sabia que todo aquele desassossego se devia ao beijo de Sam e à falta de respeito que ele demonstrara. Não podia permitir que um estranho a afetasse daquela maneira. Era insano. Tinha muitos problemas para resolver.

Pense Brette.

Santo Deus! Poderia ser o sangue de Tracie na placa? Cudahy precisava ser informado de qualquer jeito.

Brette pressionou a toalha úmida contra seu rosto quente com o intuito de se acalmar. Repetiu o processo até conseguir relaxar um pouco. Depois enxaguou a boca com água fria.

Após ter recuperado o controle, Brette voltou para o seu quarto, sentou-se na beirada da cama e telefonou para a delegacia.

Cudahy, é claro, não estava.

—Você pode me dar um telefone onde eu possa encontrá-lo? — pediu ela. — É muito importante.

— Sinto muito, minha senhora, mas é impossível.

— Ele me conhece. É Brette Barry quem está falando. Nós nos encontramos ontem em virtude do desaparecimento do filho da minha vizinha. Hank Jamison é o nome do garoto.

— Eu já ouvi o seu nome.

— Então, imagino que compreenda a minha urgência em falar com ele — disse Brette, ainda com a voz trêmula.

— Diga-me onde a senhora poderá ser encontrada, que eu farei com que o xerife receba a mensagem.

— Ele vai para a delegacia hoje?

— Ele é o xerife, minha senhora, e sempre entra em contato conosco quando não se encontra aqui.

— Preciso saber quanto tempo pode demorar para o xerife Cudahy entrar em contato comigo. É um assunto de extrema importância.

— Olhe, minha senhora, os últimos dias têm sido bastante conturbados. Portanto não pretendo perturbá-lo a não ser que haja um bando de terroristas entrando na sua casa ou um avião caindo no telhado.

Como um possível assassino se encaixava nesse cenário? Brette não teria paciência para descobrir.

— Está bem. Obrigada pela atenção. Você pode passar o número do meu celular para o xerife, se não for pedir demais?

— Claro.

— Muito obrigada.

Ela escutou um pesado suspiro do outro lado da linha.

— Posso anotar o número da sua casa?

— Ele já tem, mas eu não estarei aqui.

Tendo ouvido o suficiente, Brette desligou o telefone. Como podiam ser tão displicentes? Cobrindo o rosto com as mãos, ela tentou relaxar e acalmar os batimentos frenéticos de seu coração. Tinha feito a coisa certa? O que deveria contar para Cudahy quando ele telefonasse?

E se ele não telefonasse?

Ela levou as mãos ao estômago e olhou pela janela para a casa de Sally. A amiga precisava saber sobre Tracie. Entretanto, agora devia estar dormindo pesadamente, e era melhor assim. Não, decidiu não contar nada a Sally nem aos garotos enquanto não tivesse informações consistentes.

— Mãe? — Eric bateu na porta do quarto. — Ainda está dormindo?

Brette respirou fundo e levantou-se para abrir a porta do quarto.

— Bom dia, meu anjo. Dormiu bem?

— Sim. O que está fazendo aqui? A esta hora você costuma estar na frente do fogão.

Ele tinha razão, mas aquele domingo não era comum.

— Eu fui até o quintal para verificar se o vento causou algum dano. Um galho caiu em cima da minha treliça de flores.

— Sêrio? Eu não ouvi nada.

— Você precisava descansar. Hank ainda está dormindo? — Acredite se quiser, mas ele foi primeiro ao banheiro. Será que teremos um novo Hank?

Brette gostou da atitude positiva do filho. Independentemente do que pudessem

dizer a seu respeito, Eric era a prova viva de que ela fazia algumas coisas corretas.

— Ele passou por um grande susto — comentou Brette.

— E então, o que teremos para o desjejum?

— Eu estava pensando... Que tal irmos ao cinema à tarde, depois tomarmos um lanche em algum lugar?

— Ótima idéia, mãe, mas eu adoraria comer panquecas agora. Estou faminto. A propósito, a que filme vamos assistir?

— Vocês podem escolher — disse ela, afagando os cabelos de Eric.

— Ótimo. Afinal de contas, o último filme não foi dos melhores.

— Como assim?

— Era Dia das Mães, e nós não queríamos magoá-la, então deixamos que você escolhesse o filme.

— Obrigada, meu filho—disse ela, sorrindo. —Foi tão ruim assim?

— Não. Brincadeira. Hank precisa avisar Sally que vamos sair?

—Não, nós conversamos quando ela chegou do trabalho. Na verdade, ela me ajudou a ter a idéia. Sally está muito abatida.

Eric olhou para a porta fechada do banheiro antes de falar.

— Ela tomou alguma coisa?

Naquele momento, o celular de Brette tocou.

—Não, meu querido. Vá tomar um copo de suco de laranja. Eu vou daqui a pouco.

Embora Brette soubesse que Eric fosse estranhar, fechou a porta para atender ao telefone.

— Alô?

—É o xerife Cudahy, srta. Barry. Fui informado de que está preocupada com alguma coisa.

O atendente não fora tão educado assim, pensou ela.

—Obrigada por retornar a ligação, xerife. —Brette manteve a voz baixa no caso de a curiosidade de Eric falar mais alto. — Sinto muito por incomodá-lo em seu horário de descanso.

— Se a senhorita for se retratar das pesadas acusações que fez a mim e a minha delegacia, acho que talvez valha a pena. Qual é o problema agora? O jovem Jamison se lembrou de mais algum dado sobre o sujeito de Saint Louis que possa ser útil?

—Ah... Não exatamente. Minha preocupação é com a marca de sangue na placa.

Houve apenas silêncio do outro lado da linha.

—Eu sei no que o senhor está pensando xerife—continuou ela, deprimida. — Ninguém mais viu a marca, só eu. Entretanto decidi averiguar o local e...

— Não é uma notícia que me agrada, srta. Barry.

— Algo muito estranho aconteceu na noite em que Hank partiu para Saint Louis.

— Sou todo ouvidos.

— Tracie Pugh foi vista nas proximidades da placa.

— Isso significa que foi uma brincadeira de Halloween.

— Estou falando sério, xerife — disse Brette, irritada com a reação dele.

— E eu não vou gostar do que vou escutar, não é? Está bem, continue srta. Barry.

Brette hesitou, pensando novamente no que estava prestes a dizer.

— Srta. Barry, está claro que pretende fazer algumas afirmações. Saiba, todavia, que, sem provas, essas afirmações podem se tornar apenas fofocas.

— Não podemos descobrir como está a Sra. Pugh? Se ela estiver em casa, a salvo, eu lhe pedirei desculpas e prometo que nunca mais o importunarei com as minhas desconfianças.

— Se eu tiver de mandar uma viatura buscá-la para ouvir seu depoimento, saiba que o farei. Agora, conte-me o que há de tão estranho no fato de a Sra. Pugh ter sido vista quase na frente da sua própria casa.

Quais eram suas opções? Pensou Brette, rápido.

— Bem, é que tudo se encaixa. E quando eu contei a Hank a respeito da marca...

— Como? A julgar por tudo que vi e ouvi, esse garoto brinca com a verdade. Por que acreditar nele? A senhorita não percebe que é uma excelente oportunidade para desviar a atenção do que lhe aconteceu?

— Seria uma observação pertinente se Hank tivesse sido a única pessoa a ter visto Tracie, e se eu não tivesse visto a marca na placa. Há algo de muito errado acontecendo aqui, xerife.

— O que há de errado é que a senhorita se esqueceu de que eu conversei com o sogro da Sra. Pugh ontem à noite. Ele não deu nenhum indício de que ela tinha sumido. Está lembrada? A senhora achou que ele fosse o responsável pelo sumiço de Hank.

Brette olhou a linha vermelha na palma de sua mão. Se não desse mais informações a Cudahy, ele desligaria o telefone.

Deveria acusar Sam? Por mais aborrecida que estivesse, seria justo colocá-lo em uma situação tão delicada com tudo que ele já estava enfrentando?

Ele está nessa situação por ter escondido seus segredos das pessoas erradas.

— Srta. Barry, eu sou um homem paciente, mas não quando está claro que estou lidando com um jogador de caça-níqueis a uma mesa de pôquer. Esse não é o seu jogo, compreende? Então é melhor a senhorita me contar tudo o que sabe antes que alguém se machuque.

Brette fechou os olhos.

— Sam Knight confirmou que Tracie foi até a casa dele naquela noite, como Hank contou.

— Ah...

— Agora o senhor entende a minha preocupação?

— Eu entendo que lhe fiz um favor.

— Como assim?

— Eu percebi algo entre a senhorita e Knight, mas não quis comentar nada para não envergonhá-la. Não gostei de ver uma pessoa como a senhorita se envolver com alguém com tanta bagagem, ainda mais criando um filho sozinho. Tive a impressão de que a senhorita estava seguindo um caminho direto para um grande sofrimento.

— Espere aí, o senhor verificou o passado de Sam Knight pela necessidade de bancar o bom homem?

— Eu mandei investigá-lo porque o sub-xerife e eu concordamos que havia algo de

estranho a respeito do seu vizinho. Se a senhorita tivesse tirado seus óculos cor-de-rosa, teria percebido o mesmo. E agora vem me dizer que, além de estar seduzindo a senhorita, o bastardo também estava se encontrando com a Sra. Pugh?

— Ele não estava me seduzindo, xerife — ralhou Brette. — E nós não sabemos se ele estava tendo um caso com Tracie, sabemos?

— Claro, a senhorita tem razão. Ela estava fazendo a torta de maçã predileta do marido no meio da noite quando se deu conta de que não tinha açúcar. Então decidiu ir até a casa de Knight pedir um pouco emprestado! — A irritação de Cudahy era evidente. — Seus instintos de segurança podem não estar sendo sábios, srta. Barry. Portanto sugiro que desperte desse conto de fadas e perceba que é melhor se afastar desse homem.

Será que ela realmente se enganara a respeito de Sam?

— A propósito, srta. Barry, como conseguiu que o Sr. Knight lhe contasse sobre Tracie Pugh? — perguntou Cudahy, no momento exato.

— Eu fui bastante direta.

Ela escutou um barulho do outro lado da linha e imaginou que Cudahy estivesse cocando a barba por fazer, antes que pudesse fazer algum comentário desagradável.

— Deixe-me tentar entender melhor, srta. Barry — começou o xerife, com um novo tom de voz. — Sabendo que o pai dele está no corredor da morte e conhecendo sua ficha policial, a senhorita teve a ousadia de culpá-lo pelo desaparecimento de uma mulher?

— Não foi bem assim! — O xerife a acusava de ter sido imprudente, e Brette não viu outra saída a não ser desafiá-lo. — Sim, talvez eu tenha aproveitado uma oportunidade, mas foi o senhor que decidiu ignorar o que lhe contei sobre a marca.

— E isso justifica o fato de a senhorita arriscar a sua própria vida, e até a do seu filho? — comentou Cudahy. — Srta. Barry, acabamos de mandar um homem para Hüntsville por ele ter matado a mulher com quem vivia e as duas filhas adolescentes, só por ela ter decidido sair de casa. Ou quem sabe a senhorita tenha visto esse outro caso no jornal? Um homem atirou na barriga da ex-namorada grávida de cinco meses por ter ouvido que ela estava noiva de outro homem. E caso pense que estamos falando de uma classe inferior da sociedade, não vamos esquecer o que aconteceu em Split Creek no ano passado.

— O senhor acredita que Sam Knight seja um assassino, xerife?

— A senhorita, pelo visto, não acredita.

— Responda a minha pergunta, por favor.

— Eu não posso e não vou fazê-lo porque não tenho um assassinato. Não há informação de nenhum desaparecimento. Será que consegui ser claro, srta. Barry?

— Sam disse que Tracie tinha um hematoma no rosto — respondeu Brette. — E que ela o informou que estava abandonando Albert.

— Se realmente ele bateu em Tracie, foi bom ela ter saído de casa. Nesse caso, o abandono do lar não é contra a lei.

— Mas o hematoma...

— Ela pode ter caído, batido em algum lugar... O Sr. Knight pode ter inventado

para ajudá-lo a negar que os dois estavam tendo um caso. Há inúmeras possibilidades. A senhorita disse que ela estava abandonando Albert Pugh? Ninguém comentou nada sobre uma possível bagagem?

— Não, mas quem sabe ela não tenha tomado a decisão enquanto conversava com Sam?

— E para aumentar as complicações já existentes em sua vida, ele a mata?

— Eu estava pensando em Albert ao receber a notícia. Cudahy resmungou algo, impaciente.

— Escute aqui, srta. Barry. Em casos de abuso doméstico, existem registros legais em que a polícia é chamada várias vezes antes de algo realmente acontecer. Ela não nos telefonou nenhuma vez.

— Tenha em mente o fato de que talvez Sam Knight esteja querendo transformá-la em sua aliada, srta. Barry — acrescentou Cudahy. — A senhorita é uma mulher atraente, mais do que a média. Pessoas como ele, estão sempre dois passos à frente, minha cara. Se Sam Knight precisar do seu testemunho no tribunal, o comportamento inocente da senhorita e do seu filho pode ser do que ele precisa para ganhar a simpatia de um júri.

Por Deus, será que Cudahy realmente via a vida como um amontoado de corrupção e mentiras? Brette gostava de quebra-cabeças e de mistérios, mas isso já era exagero.

— Eu a deprimi — comentou Cudahy, percebendo que ela não responderia. — Sinto muito, mas se está lidando com teorias de conspiração, a senhorita precisa imaginar os piores cenários. A boa notícia é que eu não acredito que nesse caso exista um.

Brette não conseguia escutar o que ele realmente estava dizendo.

— O senhor não pretende fazer nada?

— Como lhe disse ontem, estou cheio de problemas reais e com falta de funcionários. Se eu me intrometer na vida de Albert Pugh sem justa causa, é bem provável que ele torne um caso de hemorróidas agradável. Peço desculpas pela indelicadeza da analogia em uma linda manhã de domingo, srta. Barry.

— Eu sei que a senhorita está passando por momentos difíceis e de grande tensão, mas preste atenção no que vou lhe dizer. Cuide das suas correspondências e da educação do seu filho, e deixe o lado obscuro da humanidade nas mãos de profissionais capacitados. Tenha um bom dia.

Brette não conseguia acreditar em tudo aquilo.

— Como? — murmurou Brette, escutando o clique. Como poderia ter um bom dia se Cudahy estava deixando bem claro que, se ela quisesse respostas, teria de buscá-las sozinha?

CAPÍTULO XXIII

Nunca me senti tão sozinha. Não sei o que fazer agora. Entretanto sei que há apenas uma coisa a ser feita.

Anotação no diário

Segunda-feira, 1- de novembro de 1999.

Na segunda-feira cedo, Brette chegou à agência do correio com a cabeça cheia de problemas. Havia ficado bastante tempo com os meninos em Tyler, e fora apenas quando Eric a lembrara de que precisava lavar o uniforme de educação física que Brette decidira voltar para casa. Graças à tarefa e à vontade de escrever em seu diário, era quase meia-noite quando ela havia se deitado. Brette sentia cada minuto de sono perdido ao entrar no escritório da agência de correio.

— Oh-oh — murmurou Tucker, assim que a viu colocando a bolsa em cima da mesa. — Você não escutou uma única palavra do que eu lhe disse ontem, não é?

Ela lhe telefonara enquanto os garotos jogavam fliperama. Como Cudahy, Tucker não se surpreendera com as notícias a respeito de Tracie, muito menos com a maneira como tinham sido descobertas,

— Por favor, Tucker — pediu Brette. — Nós já discutimos esse assunto várias vezes. Não quero ficar batendo na mesma tecla.

— Mas parece que não adiantou nada. Você passou a noite toda remoendo a conversa.

Quando ela pedira que Tucker a ajudasse telefonando para a fazenda e perguntando se Tracie se encontrava em casa, ele se recusara.

— Já ouviu falar em identificador de chamadas? — perguntou Tucker. — Daria na mesma se eu batesse na porta deles e esperasse que Albert enfiasse uma espingarda carregada na minha cara.

— Foi por isso que decidi telefonar para eles de Tyler — contou Brette.

Imediatamente, Tucker se aproximou dela, fingindo não estar enxergando o número do CEP no envelope manuscrito.

— É 37 ou 22 no final? — perguntou ele, alto o suficiente para que toda a agência o ouvisse. — E então, o que aconteceu? — continuou Tucker, dessa vez em um pretenso sussurro.

Brette deu-lhe uma cotovelada.

— Como meu amigo, você deve me ajudar, e não me ridicularizar.

— Continue prendendo a respiração se quiser estourar um coágulo no seu cérebro — brincou ele. — Desta vez preciso concordar com Cudahy. Você está fazendo serão extra para ganhar uma cela na cadeia ou, no mínimo, um belo processo.

Ignorando o pior cenário, ela o seguiu até a mesa dele.

— Eu telefonei para a casa deles três vezes, de números diferentes — contou Brette. — E todas as vezes a secretária eletrônica atendeu.

— Muitas pessoas gostam de rastrear suas ligações.

— Ninguém atendeu em um período de quase dez horas. Quem fica em casa e não atende ao telefone? Não é possível!

— Eles de certo acharam que se tratava de um comprador e decidiram não

atender.

— Em um domingo?

— Se você não sabe, as vacas não param de produzir leite nos finais de semana e feriados, o que explica a ausência de Albert. Quanto a Tracie, ela poderia estar na igreja, depois limpando a casa do sogro. Até eu já ouvi dizer que eles a tratam como uma criada.

Era possível, mas Brette precisava ter certeza. Não havia muitas oportunidades de usar telefones públicos nos dias de hoje. Eles não eram muito comuns em Pineywoods.

— Acho melhor você se preocupar com o ressentimento do Exterminador quando ele for capturado — falou Tucker.

Sim, esse era outro assunto que Brette tinha em mente. Quando haviam voltado para casa na noite anterior, a oficina de Sam estava fechada, e a casa toda escura, a não ser pelas luzes no jardim de inverno. Apesar de ter visto a picape na garagem, não havia o menor sinal de vida na casa. O fato a fizera tomar o máximo de cuidado ao passar em frente à janela que lhe proporcionava vista direta da cozinha e da área de serviço.

— O que aconteceu com as persianas que você ia comprar quando fosse para a cidade? — perguntou Tucker, assim que Brette lhe contou o ocorrido.

— Vou precisar tirar as prateleiras de vidro para colocá-las. — As duas janelas daquela parede tinham prateleiras de vidro em cima, onde ela colocava sua coleção de pedras e algumas plantas. — É muito difícil ter de abrir mão de algo de que você realmente gosta por causa de outra pessoa. Esconder-me de alguém que está tentando me intimidar? Não me agrada nem um pouco agir assim, Tucker. Eu cedo um pouco aqui, um pouco ali, e daqui a pouco terei medo de destrancar a porta da frente e sair sozinha.

— É verdade. É melhor ficar espionando o vizinho de camisola.

Ela lançou um olhar tolerante para o amigo, que sabia muito bem que uma mulher com dois adolescentes em casa não usaria uma camisola transparente ou sexy. Brette não queria dar margem a qualquer tipo de comentário.

— O que devo fazer? — perguntou ela, vendo que Desiree se aproximava.

— Você realmente quer o meu conselho? — disse ele, num sussurro alto. — Cuide da sua vida.

Fácil falar para quem não têm vizinhos.

— Eu vi o que vi naquela placa. Hank me contou algo e Sam confirmou. Não posso fingir que tudo está bem quando meus instintos dizem o contrário.

— Você ainda está com problemas? — perguntou Desiree, afagando as costas de Brette.

— Ainda estou tentando descobrir o mistério por trás daquela marca na placa — respondeu ela, olhando para Tucker.

— Chame a polícia. Ela pode ajudar — sugeriu Desiree.

— Ela já pediu a ajuda dos policiais — informou Tucker, colocando a última remessa de cartas em sua sacola.

Desiree saiu da sala empurrando o carrinho e resmungando.

— Tenho uma idéia — disse Tucker —, mas se você contar para alguém que foi minha, eu farei com que o Exterminador se transforme no Coelhoinho da Páscoa.

Depois de certificar-se de que não havia ninguém olhando, Tucker lambeu a ponta de seu dedo indicador e, com um gesto dramático, pegou uma revista endereçada aos Pugh. E rasgou um pedaço da capa.

— Pronto! Agora leve a revista até a casa deles e peça desculpas pelo incidente — disse ele. — Espero que assim você consiga encontrar Tracie para se acalmar um pouco.

Brette olhou para a revista rasgada.

—Você não tem jeito, Tucker, mas eu te amo mesmo assim. Você sabe que não há necessidade de entregar uma correspondência danificada pessoalmente. Basta colocar uma etiqueta indicando estrago em trânsito.

— Ninguém sabe disso. Entregue a revista nas mãos de Tracie e volte a ter um pouco de paz, minha querida. Pelo menos tente.

Tucker tinha razão, pensou Brette. E, graças a ele, não teria dificuldades de entrar na casa. Sair já seria um outro problema. Todavia quais eram suas alternativas?

CAPÍTULO XXIV

Brette não imaginara que tantas pessoas fossem para-la durante o trabalho para lhe perguntar a respeito de Hank. Alguns ainda não sabiam que ele tinha aparecido e queriam saber de toda a história. Como resultado, ao entrar em sua rua, ela estava atrasada.

Keith saiu de casa quando a viu aproximar-se de sua caixa de correspondência.

— Esta carta precisa ser registrada — disse ele, entregando-lhe um envelope pardo. — Eu deveria levá-la sozinho ao correio, mas...

— Você não me parece bem. O que houve?

— Nada demais. Acho que vou pegar um resfriado. Apesar de estar morrendo de pressa, Brette percebeu que havia algo mais.

— Você nunca se alimenta direito quando está prestes a entregar um trabalho. O que comeu dessa vez?

Ele empurrou os óculos para cima e sorriu.

— Pipoca com queijo parmesão.

— Só isso?

— E Coca-Cola.

— Keith, você sabe muito bem que precisa se alimentar direito. Como quer que a sua cabeça funcione se o seu corpo está fraco? Vou pedir que Eric lhe traga uma porção de sopa de legumes com cevada. Você só precisa colocar no microondas para descongelar.

— Levando em consideração o fato de a minha despensa estar vazia no momento, eu aceitarei a gentileza. Como posso retribuir? Eric precisa de algum CD, de novas fontes?

— Pare com isso, Keith. Não precisa dar nada em troca. — Ela apontou para o envelope. — Pode deixar que eu cuido disso. Amanhã lhe entrego o recibo.

— Está bem. Muito obrigado, Brette. E como andam as coisas? Você me parece bastante bem para quem não dormiu muito nos últimos dias.

Brette tinha colocado uma malha de lã azul por cima da blusa branca de gola alta para acentuar seus olhos e cabelos. Sua teoria era que até mesmo o amargo Truman Pugh não teria coragem de ser rude com uma pessoa tão de bem com a vida. Entretanto Keith não precisava saber de sua pequena experiência de psicologia.

— É de alegria. Os meninos continuam amigos e, por sorte, nada de ruim aconteceu em Saint Louis.

— E como anda o relacionamento de Hank com a mãe?

— Como você, Sally acredita que vai pegar um resfriado. No caso dela, entretanto, acho que é mais uma maneira de evitar uma conversa séria com Hank. Tenho a impressão de que ela quer fingir que nada aconteceu — falou Brette, com um sorriso triste.

— É uma pena. Como uma mãe tem medo de enfrentar o filho? Além disso, você fica com uma responsabilidade muito grande.

— Eu não me importo. Todavia acho que não é saudável para nenhum dos dois. Um precisa do apoio do outro.

— Eu realmente gostaria de saber como ajudar. — Keith suspirou. — Sinto falta de Hank. Ele é um bom garoto e tem um grande potencial. Só que de nada adianta ter potencial sem as influências certas. Por que você acha que Sally não... Bem, você sabe... O fato de eu ter me relacionado com Sally me impede de ajudar Hank.

Brette não queria entrar naquele assunto tão delicado, mas sabia que não devia tomar partido de ninguém, uma vez que gostava de todas as partes envolvidas.

—Atualmente, Hank acha que o relacionamento entre você e Sally não deu certo por sua causa. E você sabe como ela é, prefere que os outros tenham um conceito errôneo a ser taxada de culpada. — Brette apertou a mão do amigo. — Dê tempo ao tempo. Nós dois conseguiremos ajudar Hank. — Brette olhou para a rua. — Por acaso você viu Tracie Pugh passar aqui?

— Hoje... de manhã?

— Sim. Eu preciso entregar uma correspondência para ela e não queria me encontrar com um dos homens.

— Devo admitir que não prestei muita atenção na rua hoje, a não ser quando chegou perto do horário de você passar.

— Sem problemas. — Brette notou um movimento atrás dele. — Acho melhor você entrar se quiser evitar Clóvis. Ele de certo tentará convencê-lo a levá-lo para dar um passeio.

—De jeito nenhum. Não posso nem pensar em sair. —Keith olhou para trás e viu o senhor se aproximando lentamente, com a ajuda de uma bengala. —Esse homem está

ficando mais forte a cada dia que passa. Vou sair daqui antes que eu perca um telefonema que estou aguardando. Obrigado, Brette.

Ela despediu-se de Keith sorrindo. Com um aceno para o velho Clóvis, ele atravessou a rua e desapareceu dentro de sua casa.

Depois de ligar o carro, Brette deu ré e estacionou na frente da casa dos Ponder. Então pegou a correspondência deles e foi até a longa rampa que Sam construía para os Ponder no último verão.

— Bom dia, meu amigo. Como andam as coisas?

Com movimentos lentos, o homem que sofrera um derrame no início do ano mostrava sinais de recuperação. Brette sorriu diante do progresso, pois algumas semanas antes ele não conseguia caminhar no andador de alumínio sem a ajuda de alguém. Seus passos ainda não eram muito seguros, e algumas vezes ele parecia estar revivendo a explosão em seu cérebro que mudara completamente sua vida. O lado direito do rosto de Clóvis continuava paralisado, mas seus olhos azuis fitavam os dela como se avistassem um arco-íris.

Ele tentou dizer algo, um resmungo que Brette aprendera a reconhecer como seu nome.

— Que bom vê-lo, Clóvis. Bertrice sabe que está aqui fora? Em vez de responder, ele soltou o andador para apontar, com a mão trêmula, a casa de Keith.

— Eu sei. Ele teve de entrar para atender a um telefonema que estava esperando. Era do exterior. Você sabe quanto ele é ocupado. — Brette tinha colocado a correspondência dos Ponder em um saquinho de supermercado para que Clóvis conseguisse levá-la sozinho para casa. — Aqui está, meu querido. Não se esqueça de dar um beijo em Bertrice por mim, está bem? Agora tenho que voltar para o meu trabalho, e você precisa voltar para sua casa. Bertrice não gostará de vê-lo só de meias na rua.

Instantes depois, Bertrice apareceu, enxugando as mãos no avental.

— Ele estava assistindo ao show de Carol Burnett enquanto eu fazia pão. Só escutei a porta de entrada batendo. Pode ir sossegada, Brette. Como estão os meninos?

— Voltaram para a escola hoje. Aos poucos, tudo vai retornando ao normal.

— É o melhor que temos a fazer, não? Esperar que tudo volte a ser como antes. Pena que poucos de nós estão preparados para o verdadeiro significado da palavra "normal", não é?

Bertrice tinha razão, pensou Brette, observando-a tirar uma mecha de cabelos grisalhos do rosto redondo antes de ajudar o marido. Só de olhar para o pesado coque da vizinha, o pescoço de Brette doía. Entretanto Bertrice era uma mulher forte e paciente, que cuidava do marido com grande dedicação.

Fazendo uma anotação mental para não se esquecer de visitá-los dali dois ou três dias, Brette entrou em seu carro. Os Ponder não tinham nenhum parente nas redondezas. Keith era um vizinho atencioso, mas fazia o possível para evitar os dois velhinhos devido à insistência de Bertrice em cuidar de sua alimentação. E, infelizmente, a comida dela não tinha nenhum atrativo.

Em sua caixa de correio, Brette deixou uma revista de computação para Eric e a conta telefônica.

— Mais uma conta — resmungou ela.

Um olhar para o outro lado da rua lhe disse que Sally ainda não havia acordado. Depois de colocar as cartas na caixa de correspondência da amiga, ela foi até a de Sam. Como de costume, Brette sabia o que havia nas correspondências: conta de telefone, outros pagamentos, algumas malas-diretas e um envelope pardo de um escritório de advocacia em Houston. Ela já vira o envelope antes. Na realidade, todos os meses chegava um, sempre uma semana após ele ter enviado um para Houston. A curiosidade de costume fora substituída por uma preocupação maior.

Um caminhão de leite deixava a fazenda dos Pugh. Assim que passou por ele, Brette parou no mata-burro e breiou. Mais uma vez, pensou no que estava prestes a fazer. Albert e Truman não eram pessoas fáceis de lidar, mas essa seria a maneira mais direta de conseguir descobrir se Tracie estava bem.

—Não pense duas vezes—ela disse para si mesma e seguiu em frente. Cinco minutos depois tudo teria terminado. O que eram cinco minutos?

A fazenda dos Pugh era uma propriedade de quarenta e cinco hectares de pastagem rodeada por pinheiros que protegiam a privacidade da família. A casa principal ficava escondida atrás de um dos pastos. Um pouco mais perto da entrada, localizava-se a pequena casa em que Albert vivia com Tracie desde que haviam se casado, cerca de cinco anos antes. Atrás da casa principal, ficava o galpão amarelo, em que era feita a ordenha das vacas e onde havia todos os equipamentos necessários: tanques, bombas, compressores, dentre outros. Quando todos estavam em operação, o barulho era infernal. Como o caminhão partira havia poucos instantes, Brette supôs que eles estariam ocupados com a limpeza do galpão.

Ela parou sua caminhonete próxima à porta de entrada da casa de Albert. Mantendo o motor ligado, como era de praxe, ela desceu com a revista danificada nas mãos e o resto da correspondência, foi até a porta e bateu. Seus batimentos cardíacos ecoavam em seus ouvidos, mas não alto o suficiente para abafar o som que vinha de dentro da casa. Um homem xingando! Antes que Brette pudesse pensar em voltar para o seu carro, a porta se abriu e Albert Pugh apareceu.

— O que você quer aqui?

Alto e robusto como o pai, o jovem fazendeiro também tinha muitos pêlos espalhados pelo corpo. Brette achava charmoso um homem com bastante pêlos no peito, mas aquilo já era demais.

— Olá, Albert. Eu... Tracie está? — disse, recompondo-se.

Albert a olhou como se ela tivesse lhe falado em um dialeto ininteligível.

Temendo colocar tudo a perder, Brette estendeu-lhe a revista ao falar.

— Houve um problema durante o transporte e eu queria pedir-lhe desculpas pelo estrago causado na revista.

— Vocês são um bando de incompetentes—resmungou ele, pegando a revista.

Brette ignorou o insulto e tentou olhar para dentro da casa.

— Tracie está ocupada preparando o almoço? — perguntou ela. — O cheiro está

bom. Tracie! Sou eu, Brette! — chamou.

— Ela não está — respondeu Albert. — Chega. Vá embora. Não quero queimar a minha comida.

— Sinto muito pela revista.

Com um olhar de desdém, Albert pegou o resto da correspondência e fechou a porta sem se despedir.

Trêmula e chocada, Brette voltou para a sua caminhonete.

— Eu incompetente? — repetiu ela, dando marcha ré. — Incompetente?

Distraída, não viu um buraco, o que a fez morder a língua já machucada.

— Droga!

Lágrimas de dor e de frustração inundaram-lhe os olhos à medida que ela saía da fazenda. Não tinha conseguido nada. Nenhuma resposta e nenhum indício do que fazer dali em diante.

CAPÍTULO XXV

Preciso de respostas...

Quarta-feira, 3 de novembro de 1999

Anotação no diário

Durante os dois dias seguintes, Brette viveu em pleno esquecimento. Apesar de Tucker a estimular a encarar a experiência na casa de Albert como uma prova positiva de que estava enganada a respeito de suas desconfianças, ela não conseguia afastar as imagens de Tracie correndo por entre as árvores em busca de um lugar seguro para se esconder. Apesar dos conselhos de seu amigo, Brette fez mais dois telefonemas, obtendo o mesmo resultado dos anteriores.

Quanto a Hank, o xerife Cudahy entrou em contato com Sally para informar-lhe que o FBI queria ter uma conversa com o adolescente, e marcou uma entrevista para aquele dia na delegacia de Quitman. Sally insistiu para que Brette fosse em seu lugar, pois sabia mais sobre o ocorrido. Em consideração ao garoto, ela até que tentou, porém o xerife foi inflexível.

—Você não é membro da família — ele disse — e, por mais que tenha procuração para tratar dos assuntos do garoto, nesse caso é diferente.

Cudahy lhe garantiu, entretanto, que Hank seria tratado com o máximo de cuidado. As autoridades acreditavam que o "tio Mel" se encaixava em outros casos ainda pendentes e achavam que, com o depoimento do garoto, teriam uma chance de capturar o criminoso.

Brette se apressou no trabalho aquele dia e chegou em casa quase junto com o ônibus escolar. O Ford Taurus de Sally não se encontrava na garagem. Para aumentar ainda mais sua ansiedade, o carro de Sam estava. E com ele dentro. Ainda.

Algo lhe dizia que fazia algum tempo que ele estava dentro do carro. Sam costumava ficar na escola cerca de meia hora após o término das aulas e, quando chegava em casa, sempre ia de um lugar para outro como um homem cumprindo uma missão. Era um comportamento estranho, e Brette suspeitou de que as repercussões sobre a descoberta de Cudahy haviam começado.

Ela pegou sua correspondência e entrou em casa, lançando olhares freqüentes para a caminhonete. Sam continuava em transe.

Depois de fechar a porta, Brette foi até a janela da sala de jantar, certa de que o veria entrando em casa.

Ele não tinha se mexido.

Será que estava respirando? As idéias começaram a assombrá-la. Será que fizera alguma besteira e...

Olhando para o relógio em seu pulso, Brette viu que Eric estaria em casa em pouco tempo. Conhecendo o filho, sabia que ele gostaria de ir até a casa do vizinho, ou pelo menos conversar um pouco com Sam. Eric ficara extremamente aborrecido com os rumores que circulavam na escola.

— Ele está sendo testado e julgado sem que as pessoas conheçam os fatos! — dissera ele na noite anterior. — Os outros professores o evitam como se ele fosse um leproso. Não sei por que ainda não o demitiram. Seria bem melhor do que enfrentar uma situação dessas!

Foi isso que aconteceu? Pensou ela.

Decidida, Brette enfiou a mão na bolsa e pegou seu spray de pimenta. Sabia que era um gesto tolo, além de contraditório, pois não conseguia desviar o pensamento do beijo acontecido entre eles. Mesmo assim, colocou o objeto no bolso e saiu de casa novamente.

As folhas estalavam alto na medida em que Brette caminhava de seu jardim até o de Sam, mas não alto o suficiente para abafar o ruído dos pássaros em migração, da brisa balançando os galhos e da máquina de terraplenagem abrindo um novo caminho para os madeireiros. Se Sam escutava algum daqueles ruídos, não demonstrou. Ele não se mexeu até ela parar diante da caminhonete.

Assim que seus olhos se encontraram, os dois ficaram em silêncio por alguns instantes. Brette só conseguia vê-lo a partir dos ombros, mas a expressão de Sam incitava sua imaginação. Estaria a mão dele no câmbio, pronta para engatar a primeira marcha e fazê-la pagar pela catástrofe em que havia se transformado sua vida? Ou será que segurava uma arma, pronta para disparar e...

Antes que entrasse em pânico, Brette seguiu até o lado do motorista. Sam tinha baixado os olhos.

Ela esperou um momento antes de bater no vidro.

— Você está bem? Sam a ignorou.

Olhando para dentro do carro, Brette viu que as mãos dele seguravam a parte inferior da direção. Um pouco mais sossegada, tentou abrir a porta. E conseguiu.

— O que você quer? — perguntou ele, continuando a olhar para frente.

— Achei que talvez... O que aconteceu?

Aos poucos, Sam virou a cabeça, encontrando os olhos dela com ar de desdém.

Brette compreendeu que ele não toleraria nenhum tipo de evasiva. De certo Eric lhe contara que ela fazia parte da Associação de Pais e Mestres e que eles tinham recebido vários telefonemas de pais preocupados e curiosos querendo informações sobre a veracidade das fofocas e se ela acreditava que as crianças estavam a salvo.

—Até hoje não tenho do que reclamar. Sam Knight sempre foi um vizinho exemplar—Brette dissera a uma das mulheres.

Todavia Eric lhe contara, no dia anterior, que duas mães haviam tirado os filhos das aulas dele.

— Eles não o demitiram, não é? — perguntou ela. — Você tem o direito de se defender das acusações.

— Faz alguma diferença? O resultado será o mesmo. — O olhar dele tornou-se desafiador. — Por que a preocupação? Minha demissão será um alívio para você.

Brette esperava a grosseria.

— Se as acusações forem pertinentes, tudo bem. Entretanto, se não forem, eles terão de lhe pedir desculpas. E saiba que eu serei a primeira a fazê-lo.

— Nada mudará. Da próxima vez que um aluno se rebelar dentro da sala de aula ou que eu tentar apartar uma briga na escola, qual será a reação dos pais? Ele foi rude com você, meu filho? Ele ameaçou bater em você? Ninguém ameaça meu filho!

— Esses são os seus argumentos para desistir? Situações semelhantes surgiriam em qualquer escola em que você tentasse lecionar.

— O que a leva a crer que tentarei procurar outro emprego como professor?

— O fato de você ser um bom profissional. O fato de você amar o que faz. O fato de você gostar de crianças. Não é o bastante?

— Por favor, pare. — Sam saiu de repente da caminhonete, obrigando-a a se afastar. O paletó azul-marinho por cima da camisa branca lhe dava uma aparência bastante profissional, porém os olhos vermelhos e rodeados de olheiras indicavam que havia muita coisa acontecendo por trás de um exterior calmo e controlado.

— Não comece a fingir que está do meu lado. Era bem melhor quando você achava que eu era apenas um espancador de esposas e assassino em treinamento. O fato de ter começado a acreditar que eu transformei Tracie Pugh em molho à bolonhesa...

—Pare!—exclamou Brette, horrorizada com o comentário. —Não vou me desculpar por querer descobrir o que está acontecendo aqui.

— Não está acontecendo nada. — Sam apontou para a fazenda. — Ela está lá.

— Não, não está.

— Como assim?

— Eu tenho motivos para acreditar que ela não está na fazenda. Fui até lá na segunda-feira e...

Resmungando, ele olhou para o céu.

— Não estou acreditando! Você realmente acha que tem o direito de se meter na vida dos Pugh?

— Para seu conhecimento, eu fui até lá a trabalho!

— O que você fez? Jogou a correspondência dela em um buraco para poder ir até

lá e se desculpar pelo ocorrido?

Sam estava tão próximo da verdade que Brette sentiu o rosto enrubescer. Foi o suficiente para ele resmungar algo ininteligível antes de bater a porta do carro e sair em direção à sua casa. Depois de três passos, todavia, parou e se virou.

— Você viu Tracie?

— Não. Albert abriu a porta e pegou a correspondência.

— Então decidiu vir me interrogar outra vez? Aquela pequena encenação sobre estar preocupada foi apenas um teste psicológico?

Como pretendido, o comentário cruel a magoou, mas Brette aceitou o fato de ele encarar a realidade daquela maneira. Totalmente na defensiva, qual outra escolha Sam tinha a não ser enxergar todos contra a sua pessoa?

— Foi você quem tocou no nome de Tracie — disse Brette, com o máximo de calma que sua voz trêmula permitia. — E ela é uma das minhas clientes. Eu me preocuparia com qualquer pessoa depois de ter visto o que vi.

Diante do silêncio de Sam, Brette se atreveu a continuar.

—Por favor, responda-me a uma pergunta. Naquela noite... Você notou algo de errado com a mão de Tracie? Você comentou algo sobre um ferimento. A pele da mão estava cortada? Existe a possibilidade de você não ter reparado em algo mais?

Incrédulo, Sam balançou a cabeça e seguiu para a sua casa.

— Sam! Por favor! Eu preciso saber.

— Telefone para o meu advogado — respondeu ele, sem se virar.

CAPÍTULO XXVI

— Qual é um sinônimo de cinco letras para deprimido?

Hank estava concentrado nas palavras cruzadas do jornal Sandy Springs Signal que Brette trouxera para casa. Como de costume, uma vez por semana eles se revezavam no jogo, usando canetas de cores diferentes. Quem completasse mais, além de escolher a sobremesa, não precisava ajudar com a louça.

— T-R-I-S-T-E — disse ele.

— Essa tem seis letras. Tente M-A-M-Ã-E — sugeriu Eric. Brette ergueu os olhos da seção de gastronomia do jornal.

— Por que eu deveria estar? Fiquei muito aborrecida por Hank ter sido obrigado a enfrentar mais uma entrevista, mas não estou triste. Eu diria esperançosa. Parece-me que as autoridades estão bastante empenhadas e determinadas em capturar o sujeito.

Sally deixara o filho na casa de Brette e saíra correndo para trabalhar meia hora depois de Eric ter chegado. Ainda era cedo, mesmo para ela, porém compreensível após Hank ter lhes contado a experiência. A entrevista contara com apenas um agente do FBI, um agente estadual e o investigador John Box, do condado de Wood. Além

disso, uma psicóloga infantil fora solicitada, para assistir à conversa e prestar algum tipo de auxílio, se necessário.

Claro, não fora nada fácil para Hank, e houvera vários momentos delicados, sobretudo quando os agentes o pressionaram para relatar detalhes mais explícitos. Todavia não havia como negar o orgulho do garoto, o que era um excelente sinal para a sua auto-estima.

—Estou falando sobre um outro assunto—respondeu Eric, trazendo-a de volta ao problema em questão.

Pouco antes de Hank ter chegado, Eric lhe contara como o assunto tinha se espalhado pela escola, que Sam seria demitido sem receber o salário, além das especulações a respeito do verdadeiro motivo. O garoto ficara indignado e quisera ir até a casa do vizinho para lhe garantir que ele não era um daqueles que insistiam que havia algo diferente no comportamento do Sr. Knight. Brette conseguira convencer o filho a não se envolver. Entretanto ela estava esperando que o telefone começasse a tocar com as reclamações de membros da Associação de Pais e Mestres que haviam escutado Eric defender o professor.

—Eu peguei você olhando para a casa do Sr. Knight quando achou que não estávamos prestando atenção nas palavras cruzadas — acrescentou Eric. —E muito mais do que na segunda e na terça-feira.

Na mosca! Brette achara ter sido mais discreta. Ela acreditara que os dois estivessem entretidos na conversa sobre o agente do FBI.

— Sam está passando por um momento muito delicado — respondeu Brette, pensando rápido. — E quando se trabalha com as ferramentas que ele costuma usar, qualquer desliz pode ser perigoso.

— Não me convenceu mãe.

— Por que a preocupação? — interveio Hank, afastando as palavras cruzadas. — Parece-me que tivemos um aviso. O Sr. Knight pode ser um outro Hannibal Lecter ou algo do tipo. Quanto mais cedo conseguirmos nos livrar dele, melhor.

A veemência das palavras de Hank não a surpreendeu, muito menos a mistura da realidade com ficção.

—Você não pode querer que as pessoas se afastem cada vez que acontece alguma coisa com a qual você não concorda ou que o afete de maneira negativa. E para seu conhecimento, o Sr. Knight foi sincero sobre o seu passado com o xerife Cudahy.

—Claro, depois de ter sido descoberto, não havia mais como negar.

— Ele não fugiu como alguém que esconde algo, fugiu? — Brette foi até a mesa e sentou-se em sua cadeira. — Hank, a reputação desse homem na escola foi impecável até hoje. Você mesmo não desgosta dele.

— Mas também não o adoro. Eu sempre o achei estranho.

— Por quê?

Quando ele se recostou na cadeira e cruzou os braços na frente do corpo, Eric o olhou de lado.

—Agora que começou, trate de terminar. Pode contar tudo a ela. Sua mãe não ficará sabendo.

Qual seria a próxima bomba? Perguntou-se Brette.

Hank inclinou os ombros para frente e começou a mordiscar o lápis.

— Eu fiz algo no início do ano. Ele me pegou, mas não fez nada.

Brette olhou para o filho que, inocentemente, fingia estar verificando o vencedor do jogo daquela noite.

— Devo adivinhar o que aconteceu?

— Eu esvaziei os pneus da caminhonete do Sr. Glick. E o Sr. Knight me pegou no flagra.

— Todos os pneus?

Eric lutou para controlar a risada.

— Sim, todos.

— Por quê?

— Bem, ele me repreendeu por eu ter dado um soco em um menino que tinha chutado a minha... Bem, ele me chutou.

— E você tentou explicar o ocorrido ao diretor Glick?

— Ele não me escuta — disse Hank, baixando os olhos.

— Parece-me que o Sr. Knight escutou. Ele foi bastante compreensivo, não?

— Era exatamente isso que ele queria que pensássemos! Eu diria que o Sr. Knight estava querendo algo mais. Suponho que tentaria se aproximar de você ou da minha mãe.

Eric resmungou e olhou para Brette.

— Está vendo o que sou obrigado a ouvir?

— Você é tão ingênuo quanto ela e minha mãe.

— Você é o estranho dessa história — devolveu Eric.

— Chega meninos! Hank, vamos esquecer o ocorrido com os pneus do Sr. Glick. Saiba que fico muito emocionada com o seu instinto protetor, meu querido, mas você prestou atenção no que acabou de dizer? Você desconfia de um homem que ficou do seu lado em uma situação delicada.

O garoto não encontrou os olhos de Brette, mas também não estava tão inflexível quanto antes.

— Parece-me que o jogo terminou—disse ela, supondo que todos precisavam de uma pausa. — Quem ganhou?

— Eu — respondeu Eric. — Quero croissants recheados de chocolate.

Brette foi para a cozinha preparar a sobremesa enquanto os dois inspecionavam a coleção de videogames. Abriu o freezer e pegou a embalagem de croissants congelados, que levou ao forno para assar. Pouco depois, ela levava a bandeja com as guloseimas para a sala de estar.

— Sente-se conosco para assistir ao filme, mãe—disse Eric, pegando um pedaço do doce.

— Obrigada, querido. Preciso arrumar a cozinha. Brette afagou os cabelos do filho, depois apertou o ombro de Hank. Então voltou para a cozinha, deixando os dois sozinhos na sala. Terminou de lavar a louça do jantar. Foi num desses momentos que avistou Sam pela janela.

Era apenas uma linha de luz na escuridão entre a porta e a parede da oficina, mas o suficiente para ver que ele estava sentado ali. Sam tinha a cabeça entre as mãos, o protótipo de um homem sem esperanças. Por causa deles. Por que ele tentara fazer a coisa certa.

Sem parar para pensar nas últimas palavras do vizinho, frias e distantes, Brette colocou dois croissants em um prato, pegou uma caneca com café fresco e saiu pela porta dos fundos.

Quando ela chegou à oficina, Sam já tinha apagado a luz principal. Uma pequena luminária continuava acesa, mas projetava mais sombras do que luz. Brette hesitou, parando à porta. Foi quando ele a viu.

— Olá... Eu... Pelo visto você está trabalhando até tarde — começou ela, envergonhada. A expressão de Sam não era nada animadora. — Achei que... Está com vontade de comer um doce?

Sam a olhou por uma eternidade antes de tirar a mão do último interruptor.

— O que você está fazendo?

— Sinceramente? Não sei. — Brette estendeu-lhe o prato com os croissants. — Acabei de assar, e o café está quentinho.

Depois de hesitar por um momento, Sam aceitou a gentileza.

— O cheiro está muito bom.

Ele sentou-se no pequeno sofá e deu um gole no café. Então pegou um pedaço de croissant e fechou os olhos antes de dar a primeira mordida.

— Não sei explicar por que, mas acho que a comida ganha um sabor todo especial quando comemos fora de casa — comentou ele.

Sentindo-se mais tola do que quando chegara, Brette cruzou os braços e assentiu.

— É verdade. Por isso sempre gostei do outono. Meu pai e eu costumávamos assar batatas enroladas em papel alumínio. Bem, pelo menos tentávamos. Na maioria das vezes, entretanto, nós as comíamos antes de entrar. Minha mãe, coitada, sempre reclamava que ficava com a pior batata. — Ela sorriu com a lembrança e por ver como Sam estava se deliciando com o doce.

Olhando a sua volta, Brette reparou que ele tinha trabalhado bastante desde que estivera lá pela última vez. Havia fileiras de corrimãos, ponteiros de ferro entalhadas e um cata-vento inacabado.

— Você está bastante ocupado

— E, pelo visto, vou ter tempo de sobra. E muito.

Não querendo entrar naquele assunto tão delicado, Brette preferiu ignorar o comentário.

— Os corrimãos são para a escada de dentro?

— A idéia é essa. Os atuais estão velhos, além de soltos.

— Vão ficar lindos. Mas serão suficientes? Achei que... Bem, eu nunca subi, mas imaginei que as escadas e a varanda fossem mais longas.

— E são. Pretendo fazer a mesma quantidade novamente. Se eu ainda estiver aqui, foi o que Sam não quis dizer. Mais uma vez, Brette achou de bom tom manter-se

calada, e continuou a inspecionar a oficina.

Sam terminou de comer os croissants com uma rapidez incrível, o que indicava que não tinha jantado. Então se aproximou de onde Brette estava, movida pela curiosidade de um pedaço de raiz de cipreste.

— Estou pensando em usar esse tipo de cipreste em um jardim de cactos — comentou ele, segurando a caneca entre as mãos como se ansiasse por seu calor. — Foi um presente.

Estava claro que havia sido de alguém com grande senso de humor, bem como de uma pessoa importante para ele. Uma mulher, talvez?

— Muito obrigado, Brette — acrescentou Sam, um pouco mais devagar. — Pelo gesto e pela comida.

O tom suave da voz a desconcertou, e ela achou melhor concentrar-se em um pedaço de madeira.

— Eu achei que você jogaria tudo em cima de mim.

— Conhecer-me é saber que o meu estômago está em competição constante com o meu cérebro. — Ele deu mais um gole no café e entregou-lhe a caneca. — Acho melhor você voltar para casa.

— Termine de beber.

— Os meninos notarão sua ausência.

— Eles estão assistindo a um filme. — Brette umedeceu os lábios. — Falando nisso, Hank me contou que você o salvou quando ele murchou os pneus do diretor da escola.

Sam esboçou um sorriso.

— Lembre-me de nunca entrar em uma sala de interrogatório com você.

— Hank teme que você esteja tentando ser simpático apenas para conquistar a mãe dele.

— Só se for nos sonhos dela.

Brette não conseguiu evitar o arrepio de prazer, e esfregou os braços torcendo para que Sam pensasse que fosse de frio.

—Ele não está acostumado a receber carinho, e Sally é cada vez menos presente na vida do filho.

— Eu não quero nada com Sally, Brette. Uma mulher que poderia ter todo o tempo do mundo para passar com o filho e não o faz não me interessa nem um pouco. — Ele colocou a caneca em uma bancada de trabalho e chegou mais perto.

Mesmo com a pouca iluminação não havia como negar o brilho de seu rosto, e o único aroma no ar era o de café, prova de que não estava ali para seduzi-lo. Entretanto Sam a olhava como se essa fosse a situação.

— Sally é uma boa pessoa. Apenas um pouco...

— Descontrolada. Exatamente do que eu preciso, não?

A respiração quente provocava-lhe os cabelos e a têmpora esquerda.

— Você tem razão, acho melhor eu ir embora.

Antes que ela conseguisse dar um passo, Sam deslizou a mão na nuca de Brette, impedindo-a de se mover.

— Tarde demais. Você deveria ter ido quando eu ainda tinha força de vontade de deixar.

Em seguida, ele foi se aproximando, cada vez mais, até que Brette viu apenas os lábios trêmulos...

— Estou perdendo o controle...

Brette fechou os olhos contra a sensação de perturbação, que se intensificou à medida que os lábios de Sam roçaram os seus.

Não havia como negar que Brette estava pronta para aquele beijo. Ele buscou-lhe a língua com a sua, resgatando imediatamente o término do último beijo, como se fossem amantes se reencontrando. Aliviada, ela entrelaçou os braços ao redor do pescoço de Sam. Era insano. Tantas questões e tantas dúvidas em aberto, porém Brette ansiava por aquele beijo. Desejava saciar seu desejo.

Gemendo, Sam afagou-lhe as costas, descendo até o traseiro, que apertou contra seu corpo. Queria que ela sentisse a veracidade de suas palavras. Não importava que tudo acontecesse tão depressa. Naquele momento, Brette se deu conta de que, se ele a deitasse na bancada de trabalho, ela apenas relutaria se fosse para tirar suas roupas mais depressa.

Em vez disso, ouviu-se uma forte batida.

— Seu bastardo!

CAPÍTULO XXVII

Ao escutar o grito enfurecido de Hank, Brette e Sam se desvencilharam como adolescentes pegos em flagrante. Lá estava ele, com o punho contra a porta de metal que acertara e um terrível olhar de dor e traição em seu rosto jovem.

— Ah, Hank... — começou Brette, caminhando na direção dele com a intenção de tranquilizá-lo. — O que você está fazendo aqui?

— Deixe comigo — interveio Sam. — A culpa é minha.

— Exatamente — respondeu o garoto por entre os dentes cerrados, baixando as mãos nas laterais do corpo, sempre com os punhos fechados. — Saia de perto dela!

Brette foi até ele.

— Tenha calma, Hank. Eu estou bem, Hank. Não precisa xingar o Sr. Knight.

— Você está louca? Esqueceu quem ele é? Quer ser a próxima?

— Chega!

— Danem-se vocês dois! — exclamou Hank, profundamente magoado.

Ele saiu correndo para casa, e Brette tentou chamá-lo, mas de nada adiantou.

— Preciso ir — disse ela. — Não quero que ele aborreça meu filho.

— Eu vou com você.

— Não acho que seja uma boa idéia. — Pela primeira vez desde o grito histérico de Hank, Brette olhou para Sam. Nos olhos dele, viu o arrependimento que escutara na

voz, além de um resquício de desejo. Seu corpo todo tremia com seu próprio desejo. Como nenhuma palavra acalmaria o que sentia naquele instante, Brette tocou de leve na bochecha de Sam e seguiu para casa.

Ao entrar pela porta dos fundos, ela viu que Hank já estava ao telefone tentando ligar. Brette foi até lá, tirou-lhe o fone da mão e recolocou-o no gancho.

— Você não pode me impedir — gritou ele. — Vou usar o telefone da minha casa!

Sem fôlego e ainda trêmula, Brette ergueu a mão.

— Não vou permitir que você telefone para a sua mãe enquanto ela está trabalhando. Não sabe como ela vai ficar chateada?

— E você se importa? Você não é amiga dela. Além do mais, você não tem como me impedir de usar o meu próprio telefone.

— Hei! — Eric juntou-se a eles, olhando para Hank. — Vá com calma. O que está acontecendo?

— Pergunte a ela.

Brette cruzou os braços, imitando a postura de Hank.

— Hank, eu sei que você teve um dia difícil, que a sua vida não é fácil, mas isso não lhe dá o direito de se comportar dessa maneira. Sinto muito em saber que o que viu o aborreceu, mas você não deveria ter ido bisbilhotar.

— Eu não fui bisbilhotar. Vi que a porta dos fundos estava aberta e fiquei preocupado quando não a vi na cozinha.

— Está bem, não escolhi as palavras mais adequadas. Peço desculpas. Entretanto o Sr. Knight e eu somos adultos. Você não tem o direito de me acusar.

— O que você fez? — perguntou Eric, curioso.

— Eles estavam quase lá — gritou Hank.

— Espere um instante, Hank. — Brette sabia que precisava tomar cuidado, mas não permitiria que o garoto transformasse suas ações em algo imundo. — Ele viu Sam e eu nos beijando.

— Ele estava com as mãos no traseiro dela!

— Hank! Pare com isso! Você já se esqueceu de que sou sempre eu que estou ao seu lado? Quem segurou a sua mão quando você levou sete pontos no joelho? Quem o ajudou a ir ao banheiro a noite inteira no dia em que você tomou três sundaes de uma vez? Alguma vez eu o ofendi? Alguma vez eu demonstrei o desrespeito com o qual você está me tratando agora?

— Quem lhe pediu? Você finge que se importa comigo e age como se fosse muito melhor do que minha mãe, mas não é. Pelo menos ela admite que é um lixo!

— Pare com isso! — interveio Eric, empurrando-o pelo ombro. Antes que Hank pudesse revidar, Brette colocou-se entre os dois garotos.

— Não vou admitir brigas aqui na minha casa. Tratem de se acalmar. Os dois!

Sabendo que Hank não se acalmaria tão cedo, ela apontou para o corredor.

— Vão para a cama, meninos. Nós conversaremos sobre o assunto amanhã cedo.

— É o que você pensa — resmungou Hank.

Brette segurou-o pelo braço antes que o garoto conseguisse escapar.

— Se tentar sair daqui, vou telefonar para o xerife Cudahy e pedir que ele venha

buscá-lo. E não pense que é uma ameaça, é uma promessa.

Hank se soltou e desapareceu no corredor.

— Que idiota! — exclamou Eric, colocando as mãos nos bolsos.

— Ele está se sentindo traído. É difícil ver as pessoas que são modelos em sua vida como seres humanos.

— Eu não sabia que você tinha saído. Ele foi até a cozinha para buscar um copo de suco e algum tempo depois o escutei batendo a porta da cozinha. —Eric sorriu com malícia. —Você realmente estava... se divertindo com Sam?

— Não pretendo discutir esse assunto com você, Eric. Faça-me um favor, vá dormir. Tente impedi-lo de telefonar para Sally. Terei de enfrentar um furacão quando ela descobrir, então é melhor termos pelo menos uma noite de sono tranquilo.

— Está bem. — Depois de ter dado um passo, ele olhou para a mãe. — Para seu conhecimento, eu não me incomodo.

Quando o filho entrou no quarto, Brette cobriu o rosto com as mãos. E agora? O que mais falta acontecer?

Suspirando, ela foi até a janela da sala de jantar. Sam estava parado à porta dos fundos de sua casa, olhando-a. Querendo saber o que havia acontecido. Emocionada, Brette gesticulou dizendo que não teria como dizer como terminaria a noite.

Sam apontou para a porta dos fundos da casa dela.

Compreendendo o recado, Brette foi até lá e abriu a porta. Encontrou a caneca e o prato no primeiro degrau da escada. Mais um gesto amável do homem que estava virando sua vida de ponta cabeça e exigindo cada vez mais de seus pensamentos.

O telefone tocou, e Brette correu para atender.

Será que Hank conseguira falar com a mãe? Pensou ela, tirando o fone do gancho.

— Brette? Aqui quem fala é Mônica Selby. Que história é essa sobre Sam Knight? Por que não telefonou para me contar?

Não era Sally, mas não ficava muito longe. Mônica Selby tinha sido presidenta da Associação de Pais e Mestres no ano anterior e agia como se seu mandato ainda não tivesse terminado. Esposa do único dentista de Sandy Springs, ela se comportava como se o marido fosse a grande sumidade da cidade. Como resultado, Mônica tinha opinião a respeito de tudo e acreditava que todas as pessoas queriam escutar o que pensava. Isso incluía uma análise constante de quem deveria e não deveria ficar no sistema escolar de Sandy Springs.

— Contar o quê? — disse Brette, tentando ganhar tempo para acalmar seus nervos.

—Ora, minha querida. Você é vizinha do sujeito, e Eric deve ter lhe contado os rumores que andam percorrendo a escola. Como consegue dormir à noite? Eu ficaria em pânico.

— Sam Knight sempre foi um bom vizinho e professor.

—Até agora. Mas Lillian Osgood me contou sobre o passado dele. Estou redigindo uma petição para todos os membros da Associação assinarem e pretendo apresentá-la para a reunião de diretoria a semana que vem. O Sr. Knight aprenderá bem depressa que não precisamos de pessoas como ele na nossa comunidade.

Brette esfregou os olhos com a mão livre.

— Mônica, eu não vou assinar nenhuma petição.

— Por que não?

— Porque acho que ele tem o direito de tentar se defender.

Mônica suspirou, como se estivesse escutando o comentário de uma criança.

— Está bem. Deixe-o se defender. Mas saiba que o resultado será o mesmo.

Ninguém com um passado tão tenebroso como o dele chegará perto dos meus filhos.

— Mônica, eu preciso ir. Minha casa está pegando fogo e tenho que telefonar para os bombeiros.

Ela desligou e pressionou o fone contra sua testa quente.

— Ah, meu Deus! Ah meu Deus...

CAPÍTULO XXVIII

Há muitas coisas acontecendo, e a situação tende a piorar.

Anotação no diário

Quinta-feira, 4 de novembro de 1999

— Eu troco com você. Brette balançou a cabeça e deu um sorriso de gratidão enquanto eles carregavam os veículos com as correspondências na manhã de quinta-feira.

— Não é a minha rota que me preocupa, mas sim Sally. Ela estará dormindo quando eu passar por lá. E é bem provável que faça um grande espetáculo hoje à tarde.

Brette não teria comentado seu problema com Tucker se ele não tivesse notado que as olheiras dela tinham piorado. Por mais que tivesse tentado não admitir nada, seu amigo não era tolo.

— Nesse caso, sugiro que me espere chegar para acompanhá-la até a sua casa.

Brette apreciou a gentileza, porém preferia resolver seus problemas sozinha.

— Sally fará um escândalo, mas quanto mais cedo eu encarar o problema, melhor. Quero me livrar logo desse assunto.

— Essa sua vizinha não tem jeito mesmo! Lembra-se de quando Sam se mudou e ela se arrumou como se fosse a um baile de gala para lhe dar as boas-vindas?

— Obrigada por me ajudar a relaxar.

— Espere, eu ainda não terminei. Não se esqueça da repercussão que esse incidente pode causar no garoto. A mãe dos sonhos de Hank percebeu que, ao contrário de uma boneca, todas as partes de seu corpo funcionam. Pode se preparar, pois você terá muita dor de cabeça com esses dois.

Apesar de nunca se cansar de escutar as extrapolações de Tucker, ela não tinha planos de transformar seu mini drama ao circo que ele estava prevendo.

— Com tanto trabalho, imagino que Eric já terá voltado para casa quando eu

terminar. E não se esqueça de que Sam também está em casa.

Tucker franziu as sobrancelhas.

— Como você foi se deixar envolver por um homem desses, minha amiga? Eu lhe compro um boneco inflável se for necessário para você se manter afastada de Sam Knight. Você deveria ter medo dele, Brette!

Ela tinha medo de Sam, medo das sensações que ele lhe provocava, medo de quanto seu filho gostava dele, medo do que teria de fazer para controlar seu desejo cada vez maior. Todavia seu maior medo era o lado de Sam que lhe era desconhecido. E não podia compartilhar esse temor com Tucker. Não podia correr o risco de deixá-lo perder o emprego para protegê-la.

— Não se preocupe, Sally não perderá a compostura na frente dele. Além do mais, eu não comentei com ela nada do que lhe contei, pois Sally já terá problemas de sobra ao lidar com Hank. Já deve estar a par do assunto, e quem sabe aliviada por nem tudo ter acontecido da maneira como ela sonhava — respondeu Brette, apenas para tranquilizá-lo.

— Claro. É bem capaz. Ela até deve ter assado um bolo para lhe demonstrar gratidão. Cuidado apenas na hora de morder para não cortar toda a boca com os cacos de vidro.

Resmungando, Tucker colocou a última caixa de cartas no banco de passageiros de sua caminhonete e fechou a porta. Olhando a sua volta, ele viu que Desiree estava saindo da agência.

— Eu encontrei Albert no supermercado ontem à tarde. Brette arregalou os olhos. Agora Tucker estava jogando sujo. Ela não queria saber nada sobre Albert Pugh. Não queria pensar em Tracie ou na marca. Queria que toda a experiência desaparecesse como se tivesse sido um sonho ruim.

— Aconteceram coisas estranhas — comentou ela, começando a fazer especulações.

Tucker assentiu sorrindo, e seus olhos brilharam.

— Concordo. Ele tem todo o direito de comprar alguns congelados, uma caixa de sabão em pó e o mais próximo que se pode conseguir de uma revista masculina em um supermercado de uma cidade pequena. Não há nada de estranho nisso.

— Por Deus, Tucker! Você seguiu o homem pelo supermercado como um cão-de-guarda? Ele sabe quem você é.

— Ele não me conhece tão bem quanto o pai ou Tracie. Faz mais de um ano que não nos encontramos. E antes disso já fazia quase um ano. Além do mais, Albert estava duas pessoas à minha frente na caixa. E parecia bem apressado. Não olhou nem para a caixa, muito menos para mim.

Brette começou a sentir dor na boca do estômago.

— Quem sabe ele não foi até a cidade resolver algum outro assunto e aproveitou para ir ao supermercado?

Tucker a olhou por baixo da aba do boné vermelho.

— Você levou um tombo no banheiro? Primeiro me conta que foi levar comida para o Exterminador, depois...

— Eu fiz os croissants para os meninos.

— E agora está encontrando desculpas para o comportamento estranho de Albert? O que aconteceu, Brette?

— Espere aí! Foi você quem me disse para esquecer esse assunto, que eu estava imaginando coisas! Pensou bem no que acabou de falar? Está querendo dizer que foi Albert quem matou a esposa, e não Sam?

— Se foi Albert, ele só o fez porque descobriu que o sujeito que está prestes a deflorá-la estava bolinando a esposa dele.

—Tucker—disse Brette, com a voz firme —, não se esqueça de que eu tenho um filho de treze anos. Usando o mesmo termo que você, eu fui deflorada há muito tempo. Além disso...

— Até aí você ainda é virgem. Você acredita que é a única mulher que teve um filho com um homem de quem gostava?

— Correção, eu amava...

— Mas não estava apaixonada. Você nunca se apaixonou por ninguém. É isso que estou querendo dizer. — Ele olhou para a agência do correio. — Acho melhor nos apressarmos antes que E J venha ralhar conosco. — Tucker tirou o telefone celular do cinto e o ligou. —Faça o mesmo, Barry. Eu pretendo lhe telefonar o dia inteiro.

Depois de resmungar por alguns instantes, Brette pegou o celular e obedeceu ao amigo.

— Pronto, está ligado.

— Mais uma coisa.

— O que foi?

—Achei que você gostaria de saber que Albert não foi direto para casa quando saiu do supermercado.

— Você o seguiu?

— Ele foi até a loja de material de construção e comprou alguns sacos de cal.

—Não estou entendendo, Tucker. Seja mais claro, por favor.

— No Vietnã, eles usavam cal para ajudar os corpos a se decompor mais depressa.

CAPÍTULO XXIX

Brette demorou alguns quilômetros para afastar a sensação de que estava prestes a sair do sério. Não queria acreditar no que Tucker lhe contara sobre a cal, mas quanto mais pensava no assunto, mais era forçada a acreditar que Albert tinha tanto motivo quanto privacidade para ter acabado com a vida da esposa. Quanto ao temperamento do homem, não era preciso ser um analista. Era só lembrar-se da expressão com a qual ele a recebera no dia em que fora entregar a revista supostamente danificada a Tracie. Parecia pronto para atacar, e fizera questão de deixar sua antipatia bem clara. E se Albert tivesse se sentido usado e traído?

O xerife Cudahy precisava saber disso. Porém estava claro que ele não veria nenhuma correlação, mesmo se Tucker lhe telefonasse para repassar a informação, o que não aconteceria. Tucker evitava pessoas fardadas e armas, bem como padres e mulheres em busca de anéis de compromisso. Não, pensou Brette, teria de contar tudo sozinha ao xerife... Ou descobrir o que Albert tinha feito com a cal.

Perdida em seus próprios pensamentos, ela não viu Sally até parar o carro. Segurando o roupão contra o peito, a outra correu para o vidro do lado do motorista. A expressão em seu rosto foi o suficiente para dizer a Brette que Hank já lhe contara a novidade da noite passada. Mesmo assim, ela sorriu ao entregar as correspondências da amiga.

— Achei que ainda estivesse dormindo — disse Brette.

— Achou mesmo? — Ela arrancou as cartas da mão de Brette. — Como posso conseguir dormir se a minha suposta melhor amiga está me apunhalando pelas costas?

Estava claro que a intenção de Sally era brigar, mas Brette não morderia a isca.

— Não acho que fiz isso, Sal.

— Não? Como você chama correr até a casa ao lado para jogar seu charme em cima de Sam no instante em que eu saio para trabalhar? Como você chama fazer esse espetáculo na frente do meu filho?

— Desculpe, mas Hank estava em casa com Eric. Eu não sabia que ele tinha me seguido para fora. E eu não esperava que aquilo fosse acontecer, só...

— Por favor, poupe-me dos comentários. Agora você vai dizer que a culpa é de Sam. Todos estão sempre errados, menos a srta. Perfeição.

O que mais preocupava Brette naquele momento era o tom de voz da amiga, cada vez mais histérico.

— Estou dizendo que simplesmente aconteceu. Só isso.

— Se Hank tivesse demorado um minuto a mais, teria testemunhado um espetáculo bem maior, não é? — Sally parou apenas para respirar. — Você deveria se envergonhar de si mesma. Eu confiei em você. Abri o meu coração sobre os meus sentimentos em relação a Sam, dia após dia...

— Espere um pouco! — A situação estava se tornando dramática demais. — Sally, você fantasia a respeito de tudo. Keith, os médicos no hospital, até mesmo o atendente da farmácia. Vocês não estavam tendo um relacionamento.

— Eu estava tentando!

— Sinto muito. De verdade. — Mesmo antes daquele beijo, era evidente que não havia nenhum interesse da parte de Sam por Sally. E ele fizera questão de deixar isso bem claro.

— Quanta sinceridade! Também está arrependida por ter partido o coração do meu filho? Você não passa de uma grande hipócrita!

— Eu? Como assim? — Agora Brette estava magoada.

— Fingindo ser alguém que não é.

Pelo visto, aquela conversa demoraria mais do que Brette previra, e ela não tinha tempo no momento.

— Por que não conversamos mais tarde, depois que você dormir um pouco e eu

terminar...

— Eu não quero escutar nada do que você tem a dizer. Tudo sempre tem que ser quando você quer. Tudo pode ser explicado de acordo com a sua lógica. Quanta besteira! Estou brava agora, e é você que está com um problema!

— Eu sei Sal, eu sei. É que preciso fazer o meu trabalho. Se quiser ter uma conversa adulta e madura quando eu voltar, sem problemas.

— Está me chamando de imatura? Como ousa? — Vermelha de indignação, Sally começou a gritar. — Como ousa me atacar? Você está sempre vestida como um moleque para que eles pensem que é mais divertida do que eu. Você é quem precisa crescer! Mas não, você quer toda a atenção. Não é de espantar que o meu relacionamento com meu filho seja horrível. Você faz de tudo para mostrar que é melhor do que eu.

Definitivamente, Sally estava entrando em um de seus acessos de raiva. Da primeira vez que testemunhara um, Brette achara que precisaria levar a amiga para o hospital. "Bizarro" era a melhor palavra para descrever o ocorrido. A experiência tinha sido tão terrível quanto engraçada. Sally podia transformar completamente uma conversa, bem como sua opinião sobre determinado assunto com extrema rapidez. Ela perdia o controle em um piscar de olhos. E Brette não podia deixar aquilo acontecer, pelo menos não naquele momento.

Ela balançou a cabeça para os lados.

— Não vamos continuar com isso. Sinto muito, Sally, mas eu preciso trabalhar. Conversamos depois.

Depois dessas palavras, Brette seguiu para a casa de Sam. Ao esticar o braço para abrir a caixa de correio, ela sentiu uma forte pancada no antebraço.

— Pare com isso!

— Sua vagabunda! Nunca mais me deixe falando sozinha! Quem você pensa que é?—Usando as duas mãos, Sally começou a bater em Brette com o maço de cartas. — Sua covarde! Duas caras! Sempre faz com que as pessoas sintam pena de você. A pobre Brette Barry nunca erra, e durante todo esse tempo você esteve tramando e mentindo para pegar o que é meu. Chega! Chega!

Sem parar, Sally golpeava a amiga, algumas vezes batendo apenas no capo da caminhonete. E sempre gritando. Brette apenas protegia o rosto com as mãos. De repente, o ataque de fúria parou. Brette puxou o boné para cima e viu que Sam segurava Sally, que chutava e gritava feito louca.

— O que há de errado com você, Sally? — perguntou ele. — Sally!

— Pergunte para a sua namorada! E tire suas mãos imundas de cima de mim. — Ela se soltou e apertou a correspondência rasgada contra o peito. Com o roupão aberto, Sally não tinha a menor idéia de como estava ridícula com a calcinha e o sutiã pretos aparecendo.

— Seu imbecil! Estou contente por você perder o emprego! Você está arruinado e vai perder tudo que tem. Você é exatamente o que essa mulher merece... Lixo! — Ela se virou outra vez para Brette. — E você, fique longe do meu filho! Se tentar se aproximar dele, eu chamo a polícia.

— Ora, Sally, não coloque Hank no meio dessa história. Fique brava comigo, mas não envolva seu filho. Ele e Eric...

— Não são mais amigos. Hank está cansado de ser tratado como um caso de caridade. Não precisamos de você! Fique longe de mim e do meu filho, senão vou ligar para o xerife Cudahy e dar queixa de abuso e maus-tratos.

— Que absurdo Sally! Como ousa insinuar algo tão horrível? — Brette não acreditava que Sally tinha chegado a esse ponto.

— Descubra como é estar do outro lado, pelo menos uma vez na vida.

— Chega, você já disse tudo que queria — interveio Sam, empurrando-a para que se afastasse.—Vá para casa imediatamente, senão quem vai telefonar para o xerife sou eu. E você será indiciada por agressão.

— Como se ele fosse acreditar em você. — Com a cabeça erguida, Sally se virou e foi para casa com o roupão esvoaçando atrás de seu corpo.

Brette recostou a cabeça no banco e fechou os olhos. Não conseguia parar de tremer e a vontade de chorar era incontrolável. Seriam lágrimas de raiva e de dor.

Uma suave carícia em seu braço chamou-lhe a atenção.

— Seu braço vai ficar roxo. Talvez seja uma boa idéia tirar uma radiografia — murmurou Sam.

— Não. Não foi nada de mais.

— Então, vamos colocar um pouco de gelo.

— Obrigada, mas eu já me atrasei demais. — Agora que todo o teatro tinha acabado, seu braço começou a doer demais. Muito. Entretanto não podia deixar de trabalhar.

—Brette, eu sinto muito. Toda essa confusão não teria acontecido se não fosse por mim.

— De tempos em tempos, Sally precisa descarregar a pressão. E sempre sobra para alguém.

—Não tente desculpá-la. Você escutou o que ela disse. Sally está determinada a magoá-la e a afastar o filho de você.

— Hank não precisará de nenhum tipo de incentivo. Está bem claro que ele ficou furioso.

— Brette, pense bem. Ele não tem nenhum direito de estar bravo com você. Você é a única pessoa que pode colocar a vida desse garoto em ordem, que pode ajudá-lo a ser alguma coisa na vida. Está na hora de Hank perceber isso.

Brette balançou a cabeça. Havia notado a paixão por trás das palavras e sabia como se tornara suscetível a Sam, o que era extremamente perigoso. Não podia permitir que piorasse, afinal de contas havia muito em jogo.

— Preciso ir — sussurrou ela. — Obrigada pela ajuda.

— Olhe para mim, Brette.

O murmúrio suave teve o mesmo efeito do toque de Sam. Ela o desejava. E com tanta intensidade que lágrimas arderam em seus olhos. Como não queria demonstrar sua fraqueza na frente daquele homem, respirou fundo e fechou os olhos, procurando recuperar o controle.

— Está bem, se não quiser olhar para mim, não precisa. Peço apenas que me escute. — O tom de Sam era calmante, sedutor. — Gostaria de poder fazer mais por você. Gostaria que você soubesse que pode contar comigo para o que precisar. Enquanto eu estiver aqui, saiba que sempre estarei disposto a ajudá-la. Por favor, tenha isso em mente.

Seria um grande alívio poder contar com o apoio de uma pessoa, em especial de um homem. Ser mãe solteira, responsável por tudo, nunca a incomodara até então. Sam a fizera perceber como seria bom ter um parceiro, uma pessoa com quem compartilhar os problemas e as alegrias, alguém que a abraçasse nos momentos em que tudo estivesse difícil e sem perspectivas de melhora. Antes que pudesse responder, todavia, Brette escutou o barulho de um carro se aproximando. Ela olhou para cima e viu que era Albert Pugh em sua caminhonete.

CAPÍTULO XXX

O corpo de Sam se retesou. O marido de Tracie estava vindo na direção deles e não havia como se esquivar. E agora? Haveria alguma possibilidade de Tracie não ter falado dele como costumava fazer com todas as outras pessoas?

Como era de esperar, o carro branco diminuiu a velocidade assim que chegou perto deles e Pugh o olhou intensamente, o que respondeu à pergunta de Sam.

Claro, ela dissera algo para o marido.

Sam sentiu o suor começar a se formar em suas costas e se virou para ver a reação de Brette, que também o encarava. A expressão de horror no rosto dela também era perturbadora.

Pugh então pisou no acelerador e seguiu em frente.

Expirando, Brette inclinou-se para frente e apoiou a cabeça na direção. Quando Sam percebeu que ela estava hiper-ventilando, colocou a mão em sua nuca molhada de suor.

— O que foi? O que há de errado?

— Nada. Apenas uma manhã tumultuada. Nada demais.

— Brette, eu nunca a vi nesse estado.

Sam abriu a porta da caminhonete e empurrou-a para trás no assento. Então lhe tirou os cabelos do rosto.

— Conte-me o que houve.

— Acho que foi o fato de ver Albert Pugh novamente, depois de... Deixe para lá. É tolice.

— Depois do quê? — Sam percebeu que era algo bastante importante para deixar passar. E a forma como Brette o olhou o deixou incomodado. — Brette, o que aconteceu? Ele lhe fez algo?

— Não. Foi Tucker que o viu comportando-se de maneira estranha.

— Seu amigo deveria comprar um espelho. Ele pensa que todas as pessoas são estranhas. Menos ele, claro.

— Dessa vez acredito que Tucker esteja certo, Sam. Ele disse que viu Albert comprando comida congelada e uma revista masculina no supermercado.

— E?

— Está vendo? Eu sabia que você não acharia nada demais. A princípio, eu também não achei. Se você trabalhasse dezesseis horas por dia, ficaria satisfeito se sua esposa lhe preparasse comida congelada?

— Minha ex-mulher era capaz de assassinar um simples sanduíche de presunto e queijo, e algo me diz que, apesar de não ser nenhuma princesa, Tracie não é muito melhor — respondeu Sam. — Talvez Albert goste de comida congelada.

— Não precisa fingir que está supondo. Se vocês estavam tendo um caso, não é da minha conta.

— Não é? — Sam suspirou quando percebeu que Brette não tiraria os olhos do porta-luvas. — Você tem razão, eu não deveria estar fazendo isso com você. Suas emoções já estão sendo bastante reprimidas. Por favor, Brette, isso não faz o menor sentido.

— Não foi só o comportamento dele no supermercado que intrigou Tucker. Ele disse que Albert também comprou alguns quilos de cal.

— Cal?

— Sim. Na loja de material de construção.

— Não entendi. Eu também comprei alguns sacos de cal. — Sam a olhou fixamente. — Há algum problema em comprar cal?

CAPÍTULO XXXI

A expressão de Sam parecia realmente confusão, mas Brette sabia que havia retardado demais sua partida.

— Eu preciso ir — disse ela, endireitando-se no assento. — Estou tão atrasada que a Sra. Petrie já deve estar telefonando para a agência para saber onde estou. — E um telefonema como esse causaria uma reação em cadeia, com a qual não estava disposta a lidar.

Sam fechou a porta e inclinou-se na janela.

— Se quiser conversar mais tarde...

— Eu realmente preciso resolver esse problema com Sally. Em seguida, Brette ligou o motor e partiu, não sem antes murmurar mais um "obrigada".

Sam não se encontrava mais lá quando ela voltou da fazenda dos Pugh. Parada à porta de entrada, Sally a olhou passar. Não havia como dizer a que conclusões ela chegara após ter presenciado o fato de Sam ter ficado para conversar um pouco mais. Uma certeza Brette tinha: aquilo só pioraria o relacionamento das duas.

Com aquela convicção apertando-lhe o peito, ela tentou concentrar-se no resto de seu dia.

Quando Brette chegou à agência do correio, Tucker, como já era de esperar, a aguardava na entrada. Após um único olhar, ele insistiu em ajudá-la a descarregar, mas não se manteve calado a respeito da aparência dela.

— Parece que você enfrentou um bando de mulheres em uma loja em liquidação. Olhe só para o seu braço!

Não houve necessidade de explicar o que havia acontecido, pois Tucker lhe telefonara pouco depois de Brette ter saído de seu bairro. Por esse motivo, ele a esperara voltar.

— Dessa vez a história não ficará assim — disse ela, contente por não ter de contar tudo desde o início. — Cansei de bancar a boa samaritana.

— Não se desgaste com isso, minha querida. Chegou a hora de Sally aprender um pouco mais sobre a vida. Ela já não é mais uma adolescente.

— Não é tão simples assim. Se eu lhe der o espaço que ela está exigindo, será como se eu estivesse abrindo mão de Hank.

— E há outra escolha? Realmente acredita que Sally permitirá que você se aproxime do garoto? Acho que ela prefere colocá-lo num colégio interno. Sei que sou apenas um amigo, mas essa sua vizinha me parece bastante vingativa. Ela não a deixará em paz tão cedo.

— Eric também sentirá com o ocorrido. Os dois são muito amigos.

— Que tal um convite para jantar na sua casa? Acho que chegou a hora de ele escutar um pouco mais sobre as minhas histórias de guerra.

— Você não gosta de comentar o assunto.

— Trata-se de uma ocasião especial.

— Acho que a sua verdadeira intenção é ficar de olho em Sam — comentou Brette.

— Acertou na mosca!

Imediatamente arrependida, ela começou a massagear as têmporas.

— Eu não deveria ter lhe contado sobre a cal.

— É verdade. Melhor deixar a polícia descobrir que seis meses atrás você plantou azaléias no jardim dele, junto com quem sabe mais quantas mulheres.

— Ninguém está acusando Sam de ser um assassino em série.

— Já se esqueceu da maneira como Albert o olhou? Depois de ter guardado a correspondência que ela trouxera, Tucker a acompanhou de volta até o carro.

— Parece-me que Albert tinha conhecimento do caso de Tracie com o Exterminador, não é?

A idéia de Sam ter algo de mais íntimo com Tracie a irritou ao extremo.

— Talvez não fosse um caso. Quem sabe o antagonismo que eu senti não tenha sido apenas pelo fato de Tracie tocar no nome dele com tanta frequência? Ou quem sabe ela não o tenha elogiado demais? Homem nenhum gosta de ouvir esse tipo de comentário, ainda mais vindo da própria esposa.

— Ah, meu Deus! Ele não é tão bonito assim. Brette sorriu.

— Já que não vou conseguir convencê-lo a não ir jantar na minha casa, o que quer comer?

— Um grelhado. Pode deixar que eu compro a carne. Você tem batata-doce?

— Claro que sim. Quer purê, batatas assadas ou com molho?

— Assadas e com a casca. — Tucker brincou com a chave no bolso de sua calça. — Depois posso ir até os Pugh para saber como andam as coisas na fazenda.

— Nem pense nisso, Tucker. Se ousar ir até a fazenda, eu retiro o convite para jantar.

— Está sugerindo que não tenho cacife para cumprir essa missão?

Apesar do tom de brincadeira, Brette percebeu que o amigo estava falando sério. Portanto precisava ser cuidadosa em sua resposta.

— Não quero mais perder amigos esta semana. Se quiser aparecer, venha para distrair Eric.

— E você também?

Ela não subestimaria mais o amigo.

— Pare com esse tipo de brincadeira, Tucker.

— Prometo que vou curá-la desse mal, minha querida. Caso contrário, quem sofrerá será o Exterminador.

— Acho melhor eu ir para casa cuidar das batatas. Se está pensando em levar cerveja, saiba que terá de passar a noite por lá, pois não permitirei que você beba e dirija.

— Está bem. Vou levar um engradado completo — brincou ele.

Tucker trouxe um pacote com seis latas de cerveja, mas não tocou em nenhuma até que o carvão estivesse quente e a churrasqueira pronta para os filés. Até então, ele interrogou Eric sobre Hank e a escola e, o que não foi surpresa nenhuma para Brette, a respeito de Sam. Devido ao tempo cada dia mais quente, ela conseguiu escutar a conversa, curiosa e preocupada, pois a janela da cozinha estava aberta.

Como previra, Hank se mantivera afastado de Eric, sem dúvida graças à uma série de injustiças inventadas por sua mãe. Talvez tivesse sido bom Sally ter ido buscá-lo na escola. Quando Brette chegara em casa do trabalho, não vira o carro dela na garagem, mas agora o Ford Taurus já se encontrava em seu devido lugar. Será que haviam sido convocados para mais uma conversa com o FBI?

Assim que terminou os preparativos, ela se juntou aos homens no jardim, que esperavam a carne assar. Levou o copo de vinho que bebericava, mais uma lata de cerveja para Tucker e também um refrigerante para o filho. O sol começava a se pôr depressa, e só restara um brilho alaranjado saindo das árvores do bosque. Os poucos raios de sol se transformavam em penumbra.

Enquanto escutava Tucker contar a Eric sobre sua última experiência com o rottweiler que gostava de comer os pneus de seu carro, ela olhou para a porta de entrada da casa de Sam. Ele não estava quando Brette chegara, e ainda não tinha voltado.

— Você por acaso viu o Sr. Knight na escola hoje? — perguntou ela ao filho assim que Tucker terminou sua história.

— Não, mas eu estava andando atrás do Sr. Glick e do professor Sandler pouco antes de entrar para a última aula e escutei-o dizer que Sam tinha sido visto entrando em um escritório de advocacia na cidade.

— Meu Deus por que será que ele precisa de um advogado? — perguntou Tucker, virando a carne de lado.

— No mínimo para saber quais são os seus direitos na escola. E também para ajudá-lo a limpar seu nome...

— Sem dúvida uma visita rápida — brincou ele.

— Porque, se não o fizer, Sam terá de fugir o resto da sua vida. — Sentando-se ao lado do filho à mesa, Brette olhou para o amigo de tantos anos.

— Alguém já soube algo a respeito de Tracie? — indagou Eric.

Ela se surpreendeu com a pergunta.

— Acho que não.

— Se ela tivesse desaparecido, alguém teria dito algo, não? Pelo menos Albert Pugh.

Começando a compreender a linha de raciocínio do garoto, Brette assentiu.

— Você tem razão.

— Então Hank estava errado ao acusar Sam, certo?

— Sem dúvida.

— E por que o xerife Cudahy não foi atrás de Albert? — perguntou Eric, finalmente olhando para a mãe.

Tucker assobiava enquanto cuidava da carne.

— Ninguém deu queixa do desaparecimento de Tracie — respondeu Brette, tentando afastar qualquer indício de emoção na voz. Era importante que Eric compreendesse os fatos e tirasse suas próprias conclusões. — Graças ao comportamento de Hank, o xerife Cudahy não acreditará na palavra dele logo de cara. E Albert não fez nenhum comentário sobre o desaparecimento de sua esposa. Sendo assim, no momento Cudahy está interessado no fato de Sam não ter comentado nada com ninguém a respeito do seu passado.

— Mas ninguém viu Tracie? Será possível que ninguém se preocupa com ela?

— Vá com calma, Sherlock — disse Brette, massageando as costas do filho. — Isso não significa que não há ninguém prestando atenção. As pessoas estão cientes dos fatos.

— Pode ser. Eu colocaria um satélite em cima da fazenda dos Pugh para descobrir o que está acontecendo. Por que não podemos entrar na casa e ver se ela está lá?

— Aí está um filho do qual uma mãe pode se orgulhar — comentou Tucker.

Brette o ignorou.

— Eric, prometa-me que evitará chegar perto da propriedade dos Pugh, sobretudo da casa.

— Calma mãe. Eu estava apenas pensando e fazendo suposições. Isso não significa que eu vá agir.

Aborrecido, Eric cocou o queixo.

— Não acho justo com Sam. Ele estaria bem se não fosse a estupidez do xerife

Cudahy. Se tivesse mais tempo para provar que é um sujeito legal, ele não estaria passando por essa... inquisição. Mãe, quando a diretoria se reunir na semana que vem, você vai... testemunhar a favor de Sam?

— Eu ainda não pensei no assunto, querido — respondeu ela.

—Você só pode estar brincando, mãe. Você é a única pessoa que pode provar que ele nos ajudou a procurar Hank, e eu sei quanto Sam tentou se aproximar dele antes e depois do ocorrido. Sam não é o psicopata que estão pintando na escola. Eu nunca o escutei gritar ou vi tratar mal um único aluno. Sabe por quê? Porque ele sabe o que a raiva pode causar. É como você e as armas, não é, tio Tucker? Por ter estado no Vietnã, você respeita mais as armas do que as outras pessoas.

— Não se atreva a me chamar de tio outra vez — disse Tucker, olhando a sua volta como se houvesse espiões escondidos na floresta. —Por acaso está tentando arruinar a minha reputação?

Brette percebeu que a resposta evasiva de Tucker era uma maneira de não defender Sam. Quando achou que seu amigo tinha conseguido, os faróis da caminhonete de seu vizinho iluminaram a rua principal e ele entrou na garagem.

Feliz da vida, Eric pulou do banco no mesmo instante.

— Hei, Sam! — chamou ele, acenando. Em seguida, virou-se para a mãe. — Posso convidá-lo para comer com a gente?

CAPÍTULO XXXII

— Mas, Eric...

— Temos comida de sobra, mãe.

— Claro, mas talvez ele prefira ficar sozinho.

— Sam!

Eric correu para encontrá-lo na frente da caminhonete. Consternada, Brette observou-o colocar o braço ao redor do ombro do filho e os dois caminharem na direção da casa.

— Lá vamos nós — zombou Tucker. — Uma pose perfeita para um cartão do Dia dos Pais. Devo admitir que ele é um homem de coragem.

—Por favor, comporte-se—sussurrou Brette. —Eu sei que não era bem o tipo de jantar que você estava planejando, mas pense nos sentimentos de Eric.

Tucker abriu os braços, segurando a lata de cerveja na mão direita e o garfo de churrasco na outra.

— Quem disse que estou reclamando? Acho que será uma noite bastante divertida.

Ela não pôde responder, pois os dois já estavam bem próximos e havia apresentações a serem feitas. Depois disso, Brette garantiu ao vizinho que ele seria muito bem-vindo para jantar.

— Isto é, se você ainda não tiver jantado — falou ela, notando a roupa mais formal. Embora Sam tivesse tirado a gravata, a camisa branca, o paletó azul-marinho e a calça cinza acentuavam o corpo perfeito, bem como o estilo elegante. Ela se incomodou um pouco com o fato de ainda estar usando as roupas de trabalho, bem como Tucker. Apenas tirara o boné e penteara os cabelos. — Já jantou?

— Não. Eu tive uma série de compromissos hoje à tarde.

Ele não se estendeu no assunto.

— Ótimo. Então, junte-se a nós. Temos comida de sobra e já está pronta, não é, Tucker?

Tucker enfiou o garfo em um pedaço de carne.

— Se você não quiser que a carne se transforme em carvão...

— Ao ponto para mim — disse Sam.

Assim que acabou de colocar a carne na travessa, Tucker foi até a cozinha.

— Tem certeza de que quer a minha companhia? — perguntou Sam.

Ele estava tão perto que Brette sentiu o delicioso perfume masculino.

— Está tudo bem.

— Como você está?

— Bem.

Eram respostas vazias para as perguntas sinceras, quase gentis. Brette sentiu o desapontamento dele, mas não tinha o que fazer. Não estava preparada para vê-lo novamente, para estar tão perto dele depois do que acontecera naquela manhã.

— O que posso lhe oferecer para beber? — perguntou ela, fechando depressa a porta.

— Um pouco de vinho — respondeu Sam, olhando para o copo de Brette, praticamente intocado. — Pode deixar que eu mesmo me sirvo. Você tem muito que fazer.

A escolha da bebida a fez lembrar que Sam um dia fora casado com uma princesa da alta sociedade. Por que isso a incomodava, Brette não sabia explicar. Sua própria família sempre fora muito respeitada. Seu pai tinha sido vice-presidente executivo de uma importante empresa e um dos fundadores de um grande banco de investimentos em Dallas, e sua mãe, uma talentosa paisagista que possuía escritório próprio, além de uma loja de peças de decoração e arranjos florais. Como resultado, Brette nunca tivera problemas com distinções de nível social.

Por sorte, os últimos instantes foram preenchidos com o término das preparações para o jantar, incluindo a colocação de mais um lugar à mesa, o que Eric fez sem hesitar. Brette apontou a cristaleira para Sam, onde ficavam os copos de vinho que haviam pertencido a sua mãe.

— Sua casa é ainda mais bonita por dentro — elogiou ele, aproximando-se de Brette na cozinha.

Brette tirou do forno os pães que acabara de assar e colocou o guardanapo de pano por cima para mantê-los aquecidos.

— Obrigada. Muitos acessórios vieram da loja da minha mãe. Ela acabou se especializando em decoração de jardins de inverno, bem como em paisagismo de

exteriores. Ela teria adorado o jardim da sua casa.

— Você está convidada para conhecê-lo melhor quando quiser - disse Sam. — Então sua mãe era paisagista. Isso explica seus dedos verdes.

Pelo menos esse era um assunto com o qual Brette não teria problemas em lidar.

— É verdade — disse ela, abrindo um belo sorriso. — Eu adoro flores.

Sam a fitou por alguns instantes em absoluto silêncio.

— O que foi?

— Você fica ainda mais fascinante quando sorri. Virando-se de repente, Sam foi até a mesa juntar-se aos outros homens. Brette teve de se segurar na ponta da mesa para esperar que o ar voltasse aos seus pulmões.

— Percebi que o carro de Sally continua na rua—comentou Sam, acomodando-se ao lado de Eric. — Será que ela não vai trabalhar hoje?

— Suponho que não. Imagino que seja a única maneira de ela ter certeza de que Hank ficará em casa. — Eric pegou a travessa de salada que Tucker lhe passou, serviu-se e passou-a para Sam. Um minuto depois, Brette viu que os dois estenderam o braço para alcançar o mesmo molho de salada. Foi um gesto pequeno, mas seu coração disparou ao ver o filho sorrir e puxar a mão.

— Sirva-se — disse Eric. — Sally foi buscá-lo mais cedo na escola — continuou ele. — Será que o FBI marcou mais uma entrevista?

Os olhos do menino brilhavam de admiração. Como consequência, Brette sentiu o coração se apertando pela inevitável decepção que Eric sentiria quando as coisas não saíssem da maneira como ele esperava. Brette colocou o prato com espigas de milho e batatas assadas na mesa, então se sentou entre Sam e Tucker.

— É bem capaz — respondeu Sam. — Eles costumam ser extremamente meticulosos.

— Você acha? — interveio Tucker.

Notando uma pontada de sarcasmo na voz do amigo, Brette achou de bom tom se intrometer na conversa.

— Quem sabe eles não recomendam uma terapia para Hank?

— E para a mãe dele também — acrescentou Eric. — Você viu o que ela fez no braço da minha mãe? Mostre para ele, mãe.

Perturbada, Brette concentrou-se para não derrubar a salada para fora do prato.

— Ele estava lá, meu querido. Foi Sam quem a impediu de continuar. — Ela contara o mínimo possível do incidente ao filho, e só depois de ele ter notado o machucado.

O olhar que Eric lançou para Sam foi de grande adoração.

— Obrigado.

— Qualquer um teria feito o mesmo.

— Mas foi você que a salvou das garras daquela mulher. Se fosse eu, não sei o que teria acontecido.

— Você não teria feito nada demais—disse Sam, passando a cesta de pães para Brette sem tirar os olhos do rosto dela. — Sua mãe o educou bem demais para qualquer outro tipo de atitude.

Eles poderiam muito bem estar sozinhos. Brette sentiu a carícia dos olhos de Sam como um toque físico e soube que, se estivessem sós, ela a teria beijado. Ah, meu Deus, por que essa sensação a perseguia cada vez com mais frequência?

Tucker tossiu e começou a se levantar.

— Estou morrendo de sede. Preciso de mais uma cerveja.

— Pode deixar que eu pego — disse Brette, contente pela desculpa para poder se levantar.

— Não, eu vou — insistiu ele. Tucker a seguiu até a cozinha.

— Não seja rude — sussurrou ela assim que ouviu Eric fazendo uma pergunta para Sam.

— Não seja estúpida.

A partir daquele momento, a situação começou a se deteriorar. Apesar de estar comendo, Tucker também decidiu beber. Não dirigiu mais a palavra a Sam, e quando Brette começou a servir a torta de maçã que preparara para a sobremesa, ele já tinha bebido toda a cerveja e estava prestes a cair da cadeira.

— Está na hora de fazer a lição de casa — disse Brette, olhando fixamente para o filho.

Relutante, o garoto pediu licença e seguiu para o seu quarto.

Assim que ele desapareceu, o sorriso sumiu dos lábios de Brette, que se levantou da mesa, determinada a cuidar de Tucker. Sam tocou-lhe o braço.

— Quer que eu o coloque no sofá? Mesmo que ele desperte, acho que não está em condições de dirigir.

— Ele vai dormir na caminhonete. — Brette sabia que era um gesto cruel e sentiu-se na obrigação de explicar. — Tucker é um anjo de pessoa, mas algumas vezes age como uma criança de dez anos de idade. Ele sabe que não pode ser assim. E também sabe que, nesse estado, eu não permitirei que durma no meu quarto de hóspedes. Não quero comprometer a segurança do meu filho, muito menos sujeitá-lo a esse tipo de comportamento. Portanto só sobrou a caminhonete. Amanhã cedo eu o acordo a tempo de ir para casa tomar um banho antes de ir trabalhar.

Sam esboçou um sorriso.

— Você seria uma excelente instrutora de treinamento.

— Ele vai me odiar quando acordar.

— Duvido. Aposto como vai lembrar que o erro foi dele. — Sam se levantou. — Abra a porta, que eu o levo para fora.

Tucker era bem mais pesado do que Sam, mas ele conseguiu levá-lo até a caminhonete e colocá-lo no banco de trás. Brette cobriu-o com o saco de dormir, então trancou a porta e guardou as chaves no bolso.

— Você age como se esse tipo de comportamento fosse comum - comentou Sam, acompanhando-a de volta para dentro.

— Se fosse comum, Tucker não estaria aqui e nós não seríamos amigos. Foi o fato de eu ter permitido que você ficasse para jantar que o levou a se embriagar.

Sam parou na escada.

— Já lhe ocorreu que Tucker pode ser apaixonado por você?

Brette balançou a cabeça para os lados, confiante. —De jeito nenhum. A guerra acabou com a vida de Tucker. Nós somos o mais próximo de uma família que ele sonha ter.

— E eu estraguei tudo, não foi?

—De jeito nenhum. Eric ficou muito contente por você estar conosco.

Sam estendeu a mão para tocar o braço ferido de Brette.

— Eu também. — Ele desabotoou o punho da camisa de Brette e, sob a parca luz da varanda, inspecionou o resultado da ira de Sally. — Eu a observei várias vezes com os garotos, sozinha... e tive muita inveja do que vi. Obrigado por haver permitido que eu participasse da sua vida pelo menos por uma noite. — Sam ergueu a mão dela até seus lábios e beijou-a com ternura, depois ajustou a manga da camisa.

— Por que está me mostrando esse lado seu agora?

—Não quero que você se lembre apenas do lado ruim quando eu não estiver mais aqui.

Apesar de estar preparada para uma possível partida de Sam, a admissão a perturbou.

— Então... Você vai embora?

— Acho que não tenho outra escolha.

— Você pode lutar. Não foi esse o motivo da sua ida ao escritório de advocacia hoje?

Lentamente, Sam soltou-lhe a mão.

— Quem lhe contou?

— Alguém ligado à escola viu você entrando no escritório. Você sabe como são as cidades pequenas. Nada é mantido em segredo durante muito tempo. — Brette virou a cabeça e tentou aferir o que a expressão fechada de Sam dizia. — E então, você foi mesmo?

—As notícias não são animadoras. Sou muito novo aqui. E Cudahy tinha razão, eu omiti muitas informações.

—Você não vai nem aparecer para lutar pelos seus direitos quando a diretoria se reunir na semana que vem?

Incomodado, Sam enfiou as mãos nos bolsos.

— É bem provável que não.

— Quer dizer que pretende abrir mão de tudo que começou a conquistar aqui?

À distância, um coitado quebrou o silêncio da noite.

— O que você quer de mim, Brette? Em um momento você não consegue sair de perto de mim rápido o suficiente, no outro me olha como se estivesse imaginando nós nos amando.

A honestidade impetuosa foi como uma bênção. A franqueza de Sam provocou mais uma onda de calor em Brette, mas não havia como evitar que tudo fosse esclarecido de uma vez por todas.

— E você não tem feito o mesmo desde que se mudou para cá? Cada dia surge um novo Sam. Um dia você nem me diz "bom dia", depois aparece todo enigmático.

Sem saber o que dizer, Sam respirou fundo e se manteve em silêncio por um

momento.

— A culpa é toda minha. Você é a minha tentação, o meu presente para mim mesmo. Eu a usei para tentar mudar, para tentar ser a pessoa que eu queria ser antes de... Bem, antes de minha mãe e Kell terem morrido.

— Eu menti sobre não ser o homem que Cudahy descreveu. Depois de ter perdido a minha família, fui até o fundo do poço. E não fiz nada para mudar a situação. Eu estava apenas esperando uma chance de me vingar de meu pai.

— E o que mudou? — perguntou ela, concentrada.

— Eu ter empurrado o carrinho de licor contra a porta de vidro. Foi quando percebi que estava me tornando filho do meu pai em todos os sentidos. Em seguida, perdi meu filho e a minha esposa, embora acredite que isso teria acontecido de qualquer forma, graças à mãe dela. A partir de então, comecei a tentar salvar o que havia restado da minha integridade.

— Eu diria que você fez um belo trabalho.

—Então, faça um favor a si mesma e não me pergunte quantas vezes eu quis resolver um problema com as mãos, como, por exemplo, quando Cudahy disse que me denunciaria ou quando Glick passou a agir como se eu tivesse roubado dinheiro do cofre da escola.

— Qualquer pessoa teria a mesma reação.

— Concordo. E todos iriam para casa descontar a raiva trabalhando com ferro ou madeira. Não, Brette, eu não vou perder meu tempo lutando por um emprego no qual ninguém quer me ver e abrir mão da fantasia de ter você como recompensa por manter a minha cabeça erguida.

Com um sorriso triste no canto dos lábios, ele esticou o braço e, como da primeira vez, tocou-lhe o queixo, fechando a boca de Brette.

—Você gosta de fazer isso, não é? — perguntou ela, apesar da pulsação acelerada em sua garganta.

— O quê? De tocá-la? Muito.

— Eu me referia a... Bem, deixe para lá.

— Está bem. Acho que tudo era tão mais simples quando você me enxergava como um possível assassino...

Cega pelas lágrimas, Brette deu um passo para trás e segurou na cerca da varanda.

— Diabos, Sam!

CAPÍTULO XXXIII

— Você dormiu com ele?

— Cale a boca, Tucker! Brette estava furiosa. Fez o possível para não chorar quando se deitou na cama, mas também não conseguiu pegar no sono. Nem mesmo seu

diário serviu de consolo. Na verdade, ela ficou sentada na cama até perceber que não tinha escrito uma única palavra.

— É uma maneira muito educada de tratar a pessoa que trouxe a carne para o jantar.

— Se não tivesse se embebedado, você teria percebido que eu coloquei o dinheiro no bolso da sua calça. Verifique-a antes de colocá-la na máquina de lavar.

— Brette, não precisava. Eu não estava cobrando, foi apenas uma brincadeira. — Tucker tentou ajudá-la a tirar os pacotes de cartas da caminhonete, mas ela o afastou. — Eu que estou de ressaca e você que fica de mau humor?

—O problema é que você tomou um pileque sem pensar nas conseqüências, muito menos no meu filho. E se você não tivesse desmaiado, eu talvez não tivesse escutado o que escutei.

Tucker a seguir para fora como um cachorro abandonado.

— O que foi Brette? O que você escutou? Santo Deus! Está bem. Prometo que da próxima vez cuidarei da quantidade de cervejas que tomo.

—Acho melhor você sair para cuidar das suas entregas. Se tiver muita sorte, conseguirá terminar antes das duas e meia.

As sextas-feiras costumavam ser conturbadas devido ao excesso de correspondências. Por esse motivo, Brette despertara Tucker às cinco, e não às cinco e meia, para que ele tivesse tempo de ir para casa e tomar um bom banho antes do trabalho.

— Quero saber se aconteceu alguma coisa — disse ele. — Knight a desrespeitou?

Brette pegou um pacote e seguiu até seu carro.

— Não quero falar sobre o assunto, Tucker.

Já tinha sido demais. No espaço de uma semana, Brette passara de mãe feliz e amiga para uma pilha de nervos que começara a duvidar de si mesma em tudo que era mais importante em sua vida. E por quê? Pelos dois motivos mais idiotas: por tentar fazer a coisa certa e por se importar.

E nada disso lhe fizera bem.

Bem, tudo terminava ali. A partir de agora, Brette faria parte do nicho da população que só se preocupava com sua própria vida. Concentraria todas as suas energias em criar um excelente lar para seu filho e para si mesma. Na realidade, Eric até lhe pedira para andar de skate no final de semana. Seria uma boa oportunidade para levá-lo a Dallas no dia seguinte, depois do trabalho. Poderiam passar a noite por lá mesmo, em um pequeno hotel, e assistir a um filme. Passar um final de semana agradável, normal.

E deixar Hank sozinho, sem ninguém?

Brette respirou fundo e voltou para dentro da agência a fim de pegar sua bolsa. Não abandonaria Hank de forma alguma, por mais magoada que estivesse com Sally.

Tucker seguira seu conselho e estava concentrado em seu trabalho.

Desiree chegou empurrando um carrinho cheio de pacotes.

— Más notícias — disse ela. — São todos seus.

—Ah, não—resmungou Brette, pegando o primeiro pacote.

- Posso saber o que há de errado? — perguntou Tucker.
- Este pacote é para Sally. E é registrado.
- Sinto muito.

Mas não era o pior. Havia outro para Tracie Pugh.

- Aí já é demais — disse ele. — Vou ver se podemos trocar nossas rotas.

— Não é necessário. Quero lidar sozinha com esse assunto. Uma nova determinação tomou conta de Brette. Talvez fosse um sinal de que a situação começaria a mudar para melhor.

Talvez o dia anterior tivesse sido um momento complicado antes da mudança. Quem sabe hoje tudo não tomaria um novo rumo e Tracie aparecesse para recebê-la?

Brette ainda tinha essa idéia em mente meia hora depois. Ao entrar em sua rua, sentia-se melhor do que quando deixara a agência do correio no dia anterior. Bertrice apareceu acenando-lhe com um pano de prato, e Brette sorriu.

- Olá! Está um lindo dia de verão, não é, querida? — comentou Brette.

— Ah, como eu queria ter um pouco mais de tempo para desfrutar esse sol maravilhoso — disse Bertrice, apertando o pano contra o peito. — Minha querida, por acaso você teria um selo sobrando? Esqueci de pagar minha conta de telefone este mês. Tirei do lugar e acabei me esquecendo. E vence hoje.

- Pode deixar que eu cuido disso para você.

- Espere, eu tenho a quantia certa aqui...

— Não se preocupe com isso, Bertrice. Eu tenho alguns selos de reserva para emergências como esta. Será o nosso segredo.

— Você é muito gentil comigo. Bem, então pegue o dinheiro e me traga uma carteira de selos amanhã.

Brette pegou o envelope alaranjado e assentiu.

- Fique sossegada. Como vão as coisas? Clóvis está assistindo televisão?

— Não, está fazendo seus exercícios de fala. Dá para acreditar? Durante meses eu insisti para que ele fizesse os exercícios recomendados pela fonoaudióloga, e ele se recusava terminantemente. Você sabe como Clóvis é teimoso. De repente, ele resolveu aprender a falar direito. Estou tão contente!

— Que ótimo Bertrice! Então ele está escutando as fitas que a médica lhe deixou?

— Sim. E eu estou quase ficando surda. — Ela sorriu. — Preciso voltar para dentro, senão o meu bolo de cenoura vai virar carvão. Por que você não passa aqui quando voltar e pega um pedaço do bolo para levar para vocês?

— Tenho uma idéia melhor. Por que não passamos por aqui depois do jantar para uma partida de dados? Aí aproveitamos para comer um pedaço de bolo.

— Você terá tempo? — Os olhos da mulher brilharam de alegria. — Clóvis ganhará o dia quando souber da novidade.

— Faz tanto tempo que não nos reunimos para um joguinho, não é? Assim, ele poupará um pouco de energia e dará um descanso para os seus ouvidos.

— Espere um instante para eu pegar um dinheiro para você trazer um pote de sorvete.

— Fique sossegada, Bertrice, nós trazemos o sorvete. Sete horas está bom?

— As luzes estarão acesas, e a porta aberta. Ah, Brette, que alegria!

Sim, seria uma grande alegria, pensou ela despedindo-se da dócil senhora. Eric também gostaria da idéia. Além de sentir falta de avós, ele adorava as guloseimas que Bertrice preparava, e Clóvis o levava muitas vezes para pescar antes do derrame.

Está vendo? Pensou Brette. Se seguir o fluxo e concentrar-se em pensamentos positivos, você é capaz de fazer mudanças.

Sentindo-se cheia de esperanças, ela foi até a casa de Sally e estacionou atrás do Taurus marrom. Não houve resposta para o primeiro toque de campainha, nem para o segundo e o terceiro. Começando a imaginar que havia algo de errado, Brette bateu com força na porta. Sempre havia a possibilidade de a vizinha ter tomado algum medicamento muito forte.

— Sally! Sou eu. Tenho um pacote para lhe entregar. Por fim, Brette ouviu um barulho, seguido por um xingamento. Então a porta se abriu.

— Por que não deixou o pacote aí? — perguntou Sally. Decidindo manter a linha de pensamento positivo, Brette sorriu.

— Porque é registrada. — Ela mostrou o valor para Sally. — São 22 dólares.

— Droga!

Sally soltou a porta e entrou em casa. Esperando que fosse para buscar o dinheiro, Brette esperou pacientemente, lembrando-se dos dias em que teria entregado a encomenda em sua própria casa e pago a quantia para que a amiga pudesse descansar um pouco mais. Mas não havia como agir assim agora. A julgar pelo comportamento explosivo de Sally, não seria de espantar se ela fizesse um escândalo se Brette optasse por se responsabilizar pela entrega.

Pouco depois, Sally voltou, entregou-lhe o dinheiro e pegou a caixa sem dizer uma única palavra.

— Escute—começou Brette, passando-lhe a prancheta com o recibo para assinar.

— Bertrice nos convidou para comer a sobremesa com eles e jogar dados. Haveria algum problema se Hank fosse conosco?

Com os lábios apertados, Sally rabiscou seu nome no recibo e bateu a porta na cara de Brette.

— Pelo menos ela não me xingou — murmurou Brette.

Ao se acomodar novamente em seu carro, ela avistou Sam. Ele estava parado à porta de seu galpão olhando-a. Quando percebeu que Brette o tinha visto, ele a cumprimentou com um gesto da cabeça e retornou ao trabalho.

Depois de colocar sua correspondência na caixa de correio, bem como a de Sam, ela respirou fundo e seguiu rumo à fazenda dos Pugh. Procurou apreciar a paisagem na tentativa de se acalmar. Era um lindo dia e a fazenda o brilhava com seus pastos verde-esmeralda, as numerosas árvores rodeando a propriedade, os pássaros cantando...

Brette notou que não havia nenhum carro parado na frente da casa. Ao estacionar sua caminhonete, viu a bagagem de Tracie e desceu depressa.

Bateu na porta e olhou à sua volta. Àquela hora do dia, eles já tinham terminado

de ordenhar as vacas, que pastavam tranqüilamente no pasto ao sul.

Ninguém veio atendê-la, então Brette bateu de novo, com mais força... E começou a pensar em suas opções. Podia deixar um bilhete para Tracie, informando que tentara fazer uma entrega e que tentaria outra vez no dia seguinte, ou que o pacote deveria ser retirado na agência do correio. Também tinha a alternativa de ir até a outra casa e ver se ela se encontrava lá.

Nenhuma das opções a atraía, pois nenhuma lhe proporcionaria a chance de ver a mulher. E pior ainda seria ter de discutir o assunto com Albert ou com Truman. As oportunidades apareciam quando tinha de ser, concluiu ela.

Respirando fundo, Brette virou a maçaneta e abriu a porta. E quase caiu para trás.

A casa estava uma bagunça! Não era do feitio de Tracie deixar a casa naquele estado. Ela podia ter vários defeitos, mas não falta de organização. Parecia que alguém estava de mudança. Havia caixas e mais caixas empilhadas no meio da sala de estar, e as de cima estavam quase transbordando de tão cheias. Foi quando Brette percebeu que eram coisas de mulher: roupas, bolsas, sapatos...

— O que acha que está fazendo?

Assustada, ela deu um passo para trás e quase caiu de costas.

— Eu... sinto muito, Albert. Trouxe uma correspondência registrada para Tracie e...

Ele bateu na porta, irritado.

— Leve de volta!

— Mas...

— Eu já disse, leve de volta! Não quero saber disso!

— Mas foi Tracie quem pediu.

— Ela não está aqui.

— Está bem. — Brette tentou não visualizar Albert telefonando para a delegacia de polícia para relatar sua infração. — Vou tentar guardar o pacote por um ou dois dias até que ela volte.

— Tracie não vai voltar.

— Como assim? — perguntou ela, escutando os batimentos do próprio coração martelarem em seus ouvidos.

— Nós nos separamos. Ela foi embora.

— Ah... Entendi. Por acaso você sabe...

— E por que eu deveria saber ou me importar? — explodiu ele. — Não quero saber dessa correspondência e não vou pagar pelas besteiras dessa mulher.

— Como quiser. Quer que eu traga um cartão para você informar a mudança de endereço?

— Não.

— Assim, podemos enviar para o novo endereço qualquer correspondência que Tracie receba.

— Isso é problema dela. Já disse que não quero mais nenhum tipo de contato com essa mulher!

—Desculpe a intromissão, Albert, mas também é problema seu se você aceitar as correspondências de Tracie se ela não estiver mais morando aqui. Se puder me dar o endereço da família...

— Ela não tem família. Agora vá embora.

— Mas, Albert, as leis...

Olhando a sua volta, ele pegou um pesado cinzeiro que ficava próximo ao aparador e o ergueu.

CAPÍTULO XXXIV

— Eu nunca passei tanto medo em toda a minha vida. Quero dizer, a não ser na semana passada, quando vi aquela marca.

— Então, quer dizer que Tracie e Albert realmente se separaram? — perguntou Tucker, do outro lado da linha.

— Ele diz que sim. E se estiver mentindo?

—Você mesma disse que ele está empacotando todas as coisas dela em caixas. Na segunda ou terça-feira alguém irá buscar tudo para enviar para ela. Onde vivem os pais de Tracie?

—Não sei. Ela nunca tocou no assunto com ninguém. Albert diz que ela não tem família.

— Bastardo!

— Onde Tracie pode estar Tucker?

— Pergunte para Albert. Ou para o seu namorado. Aquelas palavras a fizeram apertar o telefone celular com mais força.

— Por favor, Tucker.

— Deixe-me pensar um pouco. Talvez você devesse telefonar para o xerife.

— Com que argumento?

— Albert admitiu que ela foi embora.

—E você acha que Cudahy vai se preocupar com um homem que decidiu se separar da esposa? Duvido.

— Maldito! Ele a ameaçou com um cinzeiro!

Tucker tinha razão. Mas era um comportamento perfeitamente normal para Albert; afinal de contas, ele não fazia questão de ser simpático. Além do mais, Brette entrara na casa dele sem ser convidada. Será que queria que Albert contasse esse pequeno incidente ao xerife?

— Preciso pensar um pouco no assunto, Tucker. Eu só lhe telefonei para informar o ocorrido.

—Claro. Obrigado por me deixar mais preocupado com você.

— Albert não vai fazer nada. — Brette limpou as migalhas de pão de seu colo. — Eu estava lá a trabalho. Ele sabe que levaria a culpa se ousasse fazer algo.

— É verdade... A não ser que ele decidisse comprometer o seu vizinho. Lembre-se da maneira como Albert olhou para ele. Knight deve estar mentindo sobre não ter tido um relacionamento com Tracie.

Brette pensou no que Sam lhe contara na noite anterior. Se tivesse dormido com Tracie, ele teria mentido, mas seus instintos lhe diziam o contrário. Talvez parecesse crédula e tola, e de certo jamais conseguiria convencer Tucker, portanto preferiu manter-se calada.

— Posso saber o motivo de tanto silêncio, Barry?

— Ah... Não é nada demais. Escute, Eric e eu vamos sair hoje à noite. Vamos comer sobremesa com os Ponder e depois jogar dados. Comporte-se e não ouse fazer nada antes de conversarmos, está bem?

— Fique sossegada. Vou pegar uma pizza, ir para casa e ficar na frente da televisão até que o sono apareça.

Brette sorriu, esquecendo-se momentaneamente de seus aborrecimentos.

— Perfeito!

O restante do dia transcorreu sem nenhum incidente, e Brette voltou para casa quando Eric e Hank desciam do ônibus escolar. Os dois não conversaram, mas Hank hesitou quando a viu. Então olhou para a sua casa e, ao ver a mãe parada à porta como um cão de guarda, continuou seu caminho.

Interessante, pensou Brette. Pelo menos o garoto queria colocar um ponto final naquela guerra fria e não estava completamente ao lado da mãe.

— Como foi seu dia? — perguntou ela, beijando Eric na testa.

— Se quer saber sobre Hank, não se anime. Ele está falando sobre sair de casa outra vez.

— Ele quer voltar para Saint Louis?

— Não.

— O pai dele não aparece, então quais são os planos?

— Hank está apenas tentando nos intimidar, mãe. Ele acredita que se eu estiver escutando, a notícia chegará aos seus ouvidos e você convencerá a Sra. J a deixá-lo voltar a frequentar a nossa casa.

— Pelo visto, ele não conhece nem um pouco a mãe que tem. — Brette afagou os cabelos do filho, lembrando-se dos dias em que ele era pequeno e queria longos e apertados abraços — Você está ficando bastante entendido no assunto.

— Não precisa ser nenhum perito.

Depois de colocar o pote de sorvete e suas correspondências em cima da mesa, ela o olhou com atenção..

— Querido, gostaria de saber sua opinião sobre um compromisso que marquei para esta noite.

— Já vou avisando que não vou até a casa de Sally levar jantar para Hank depois que ela sair para trabalhar. Ele sabe onde nos encontrar e o que fazer.

— Pare. Você está me assustando com toda essa sabedoria. Que tal umas partidas de dados com os Ponder? Eu prometi a Bertrice que iríamos lá depois do jantar.

— Isso significa que não terei de comer fígado cru? Sim!

—Antigamente, comer fígado cru era mais saudável, filho. E você não gosta de carne mal passada?

— Mas não sangrando. Ela vai fazer a sobremesa?

— Sim. Bolo de cenoura, meu anjo.

— Bolo de cenoura é suportável.

— Mas que homem corajoso!

— É a sua vez, Clóvis.

Os três esperaram pacientemente até que ele fizesse a sua jogada.

— Estou tão contente por vocês terem vindo, Brette. A companhia de vocês dois é melhor do que qualquer medicamento.

— Nós também estamos muito contentes, não é querido? Eric franziu as sobrancelhas e olhou para o velho Clóvis.

— Acho que ele está roubando.

As duas mulheres caíram na risada e esperaram para ver o resultado.

— Viram?

A noite foi bastante agradável, e Brette escutou, orgulhosa, o filho contar aos Ponder sobre a escola e suas outras atividades. Também sentiu um grande alívio por poder se afastar um pouco dos problemas dos outros.

— Quem aceita mais um pedaço de bolo? — ofereceu Bertrice, ao final de mais uma partida.

— Estou satisfeita, obrigada. E está ficando tarde. Preciso ir para casa, para a minha cama.

— Posso levar um pedaço para casa, Sra. B? — perguntou Eric.

— Não precisa nem pedir. Eu já preparei a...

Uma batida na porta a interrompeu. Todos se entreolharam, assustados. Eram quase dez horas da noite, tarde demais para uma visita.

Brette se levantou.

— Eu atendo.

Assim que se aproximou da porta de entrada, ela viu pela janela quem estava ali.

Sam. Seu coração disparou, mas Brette tentou se convencer de que era por causa da expressão preocupada no rosto dele.

Ela destrancou e abriu a porta.

— O que houve?

— Eu estava voltando para casa e vi a sua caminhonete parada aqui. Brette, você sabia que está com um pneu no chão?

— Não pode ser! Eu troquei os quatro o mês passado.

— Bem, o pneu dianteiro esquerdo está vazio. —Ele baixou a voz. — Brette, parece-me que foi furado.

Ela passou por Sam, que a seguiu de perto. Não conseguia parar de pensar em quem poderia ter feito aquilo.

Sam tinha parado o carro atrás do seu e manteve os faróis acesos para iluminar a área. Realmente, o pneu dianteiro estava um desastre.

— Mas o que... — Com as mãos na cintura, ela virou-se para olhar a rua escura, depois novamente para o pneu. — Aquele maldito!

— Você sabe quem fez isso? — perguntou Sam.

— Claro. Albert. Só pode ter sido ele. Ficou bravo comigo hoje de manhã e está tentando me intimidar.

Sam respirou fundo, tentando entender a situação.

— O que aconteceu? Eu sei que você foi até lá, mas como a vi voltando pouco tempo depois, imaginei que tudo estava bem.

— Difícil. — Ela fez um breve relato sobre sua passagem pela casa dos Pugh.

— Por que você não deu queixa?

— E adiantaria? Minhas impressões digitais estavam na maçaneta. O xerife Cudahy teria adorado saber dessa história.

Resmungando, Sam esfregou os olhos.

— O que vou fazer com você?

— Desculpe, mas conforme consta, eu não sou problema seu. — Ele fizera questão de deixar isso bem claro na noite anterior.

— Quer apostar que é?

Antes que Brette pudesse responder, Eric saiu correndo da casa dos Ponder. Bertrice e Clóvis vinham um pouco atrás.

— O que aconteceu, mãe? Sam? Meu Deus! Como isso aconteceu?

— Nem queira saber meu filho.

— Pode deixar que eu troco. O estepe está bom?

— Sim, mas você não precisa se preocupar.

Brette não queria discutir na frente dos outros e, em vez disso, concentrou-se no filho, que queria saber o motivo de Albert estar bravo com ela. Assim que terminou de lhe explicar que não era nada demais, Keith apareceu.

— O que houve Brette? Passou por cima de um prego?

— Alguém rasgou o pneu da minha mãe — respondeu Eric. — Albert Pugh a está ameaçando.

A raiva deixava sua voz trêmula, Keith o abraçou, mas sua preocupação direta era com Brette.

— Você quer dizer que o que me contou hoje de manhã o deixou tão irritado?

Ela nem quis olhar para Sam, mas percebeu que ele a olhava. Fora um momento de desabafo. Keith a encontrara quando ela voltava da casa dos Pugh, a fim de lhe entregar mais uma correspondência. Ao ver o rosto pálido da amiga, ele a pressionara para saber o que havia acontecido. Até então Brette tinha se esquecido do episódio.

— Você precisa telefonar para a delegacia—sugeriu Keith.

— Não posso.

— Por que não?

Ela não queria comentar o assunto na frente dos outros.

— Albert deixou bem claro que não quer ninguém se intrometendo na sua vida. Se eu chamar a polícia, ele vai me fazer alguma outra maldade.

Keith ajustou os óculos no nariz e a olhou com curiosidade. — Vendo por esse lado,

sou obrigado a concordar com você.

— Que horror! — comentou Bertrice. — Esta rua sempre foi tão sossegada. Por que aquele homem horrível não vai embora daqui e nos deixa em paz? Eu sempre achei que foi ele que atropelou o nosso Max.

Brette abraçou a senhora e acompanhou-a para dentro de casa.

— Não quero que vocês dois fiquem aqui nesta friagem. Sam cuidará de tudo. Assim que ele terminar de trocar o pneu, iremos para casa.

Concordando, Bertrice pediu que Eric os acompanhasse para pegar seu bolo de cenoura. Aproveitando o momento de calma, Brette interrogou Keith.

— Você ouviu algum carro passando por aqui nas últimas horas?

— Alguns.

—Alguns movido a diesel? — Ela sabia que Albert costumava dirigir a caminhonete a diesel.

Keith encolheu os ombros.

— Obrigado, Brette. Continue assim, expondo meu vasto conhecimento de automóveis. Não posso lhe dizer se era um carro a diesel. Além do mais, eu não estava prestando atenção.

— Enquanto estão filtrando a lista de suspeitos, não se esqueçam de que um desses carros era o meu. Fui até Mineola comprar alguns sacos de areia e verniz. Se precisarem de algum tipo de confirmação, o material e as notas estão no meu carro.

O sarcasmo na voz de Sam era evidente, e Keith foi o primeiro a confortá-lo.

— Eu ouvi mais de um automóvel passando. É verdade. Brette, não quero que você me odeie por isso, mas já pensou na hipótese de Hank ter... Bem, você sabe o que estou querendo sugerir.

A princípio, Brette não compreendeu o que Keith quis dizer, e ficou horrorizada com o verdadeiro significado daquelas palavras. Era uma idéia tenebrosa.

— Não quero acreditar que Hank tenha sido capaz de algo tão... detestável. Além disso, ele não sabia aonde íamos quando saímos de casa. Duvido que tenha saído para dar uma volta à noite. E sozinho. Ele morre de medo do escuro. Seria preciso um motivo muito forte.

— Foi você mesma que me contou que ele tinha comentado outra vez sobre sair de casa. Hei! Você está tremendo! — Keith a envolveu com os braços e começou a afagar-lhe as costas. — Sinto muito, Brette. Não tive nem um pouco de tato.

— Foi a coisa mais inteligente que você disse até agora — resmungou Sam.

Assim que acabou de trocar o pneu, ele abaixou o macaco que pegara de sua caminhonete e guardou tudo em seu devido lugar. Assim que terminou de colocar o pneu furado na caçamba, Eric apareceu com seu bolo.

Brette lhe pediu que entrasse na caminhonete e despediu-se de Keith.

— Obrigada por tudo.

— Sinto muito, Brette. Eu deveria ter ficado quieto.

—Não, você me fez perceber que preciso ver como está Hank quando chegar em casa. Eu tinha me convencido de que ele não costuma fazer o que fala que vai fazer. A minha preocupação é quando ele para de falar. Entretanto determinados

acontecimentos mudam as pessoas.

Keith beijou-lhe a bochecha.

— Tome cuidado. E não hesite em me telefonar se precisar de ajuda.

Quando Keith se afastou, Brette se preparou para escutar os comentários nada agradáveis de Sam. Mas ele apenas limpou as mãos na flanela e entrou em sua caminhonete.

— Vou acompanhá-los até em casa, depois verificarei se está tudo em ordem enquanto você vai ver Hank.

— Não há necessidade.

— Ao contrário de Daggett, eu não me contento em esperar por um telefonema.

Sam caminhou até seu carro, deixando Brette perplexa. Ele estava com ciúme! Todavia, em vez de ficar lisonjeada, ela sentiu o coração apertar no peito. Mesmo que estivesse, Sam não deixaria seus sentimentos transparecerem.

Psicologicamente exausta, Brette entrou no carro ao lado do filho e foi para casa.

— Que noite! — exclamou ele.

— Nem me fale.

— E tínhamos nos divertido tanto.

— Que bom que você gostou, querido. Lembre-se apenas dos bons momentos e deixe o resto para trás.

— Você realmente acha que... Credo! Que cheiro ruim! Não havia como não sentir. Quanto mais perto de casa chegavam, mais forte o cheiro ficava. Havia um gambá nas redondezas.

— Espero que não encontremos o animal quando estivermos entrando — disse Eric.

Mesmo tendo deixado as luzes internas da casa acesas, ela pegou a lanterna e entregou as chaves ao filho.

— Entre. Vou tentar encontrar o gambá.

— Parece que ele está bem na frente de casa.

Eric saiu do carro segurando o nariz com a mão direita e levando o bolo e as chaves com a esquerda. Enquanto corria, viu que Sam também procurava o animal em seu quintal.

— Uma desgraça nunca vem sozinha—brincou ele. — Não vi nada, e você?

— Não, mas deve estar bem perto. O cheiro está medonho. —Espero que o tenhamos assustado com o barulho do carro. Assim que terminou de falar, Brette avistou Eric saindo de casa, correndo.

— Mãe! Venha aqui! Depressa!

CAPÍTULO XXXV

Eric correu até eles tossindo sem parar. Brette o encontrou na metade do caminho.

— O que aconteceu, meu filho?

— Ele está dentro de casa!

— O gambá? Não pode ser!

— Não, o cheiro. Quero dizer, o cheiro é bem pior lá dentro do que aqui fora. O gambá só pode estar lá dentro.

Sam apertou o braço de Brette.

— Você deixou o ar-condicionado ligado?

— Sim, estava muito quente e úmido para deixar as janelas abertas. Por quê?

— Não estou escutando o barulho. Acho que encontramos o problema. É melhor você ficar aqui. Vou até o galpão pegar um par de luvas e algumas ferramentas. Não quero que ele se alastre.

Brette demorou alguns instantes para perceber o que Sam estava querendo dizer. O ar-condicionado... Ele achava que o gambá se encontrava na unidade de ar-condicionado!

— Fique aqui — ela pediu ao filho, e seguiu atrás de Sam.

— Não há outro jeito — disse ele, saindo do galpão com um par de luvas pesadas, um saco vazio de fertilizante e uma pá.

— É problema meu, Sam. Deixe quê eu resolvo. Posso cuidar disso sozinha.

— Eu sei, mas você precisa acordar cedo para trabalhar amanhã, enquanto eu tenho todo o tempo do mundo.

Ele tinha razão.

— Está bem, mas procure tomar cuidado.

— Aconselho-a a pegar uma muda de roupas para um ou dois dias, abrir todas as janelas e mudar o botão para ventilar quando eu lhe pedir.

— Espere um instante. Roupas? Para quê?

— Você não ouviu o que seu filho disse? O cheiro se espalhou pela casa toda através do ar-condicionado. Vocês não vão conseguir dormir lá dentro. E aonde pretende ir? Para a casa de Sally? Dos Ponder? Ou ainda de Daggett?

— Não precisa ser estúpido.

— Alguém a atacou esta noite. E eu não estou nem um pouco disposto a praticar a minha sociabilidade. Vocês se hospedarão na minha casa. Ou será que ainda figuro na sua lista de suspeitos?

Ela encontrou o olhar desafiador de Sam.

— Se ainda pensa assim, é porque não me conhece nem um pouco.

— Então vá pegar as suas coisas—disse ele, um pouco mais amável.

Brette obedeceu e pediu que o filho fizesse o mesmo. O cheiro dentro da casa estava insuportável. Ela abriu todas as janelas, pegou o pijama, uma muda de roupa e alguns itens de toalete. Quando saiu, Brette estava prestes a vomitar. Eric já a esperava perto da caminhonete. Para seu completo espanto, Hank estava ao lado dele.

— Olá, mamãe número dois — murmurou ele, tímido. — Sinto muito pelo transtorno. Eric me contou o que aconteceu.

— Obrigada, Hank. Você não está se arriscando demais ficando aqui fora conosco? Daqui a pouco sua mãe aparece. — Sally logo surgiria atrás do filho, não por preocupação, mas sim por não confiar no garoto.

— Ainda está brava comigo?

— Por causa daquela noite? Não, eu entendo. De verdade. Mas eu tive um longo dia e não quero terminá-lo discutindo com sua mãe.

— Eric me disse que vocês vão ficar na casa de Sam. Não querem vir para a minha casa? Mamãe não precisa saber. Você acorda cedo mesmo, e Eric pode sair junto.

— E ir aonde? — Além do mais, Brette teria de fazer uma bela faxina na casa de Sally antes de se deitar em qualquer lugar. — Não é uma boa idéia, querido, mas agradeço a consideração. A propósito, você viu alguém diferente passando por aqui?

— Está se referindo aos Pugh? Sinto muito. Eu estava com os fones de ouvido e assistindo ao canal de esportes.

— Está bem. — Ela apertou-lhe o ombro. — Senti sua falta, garotão.

— Eu também. — Hank continuou parado ali. Ficou claro que tinha algo a dizer. — Acho que... Acho que ela está começando a se arrepender.

Não era nada demais, mas Brette abraçou-o com ternura.

— Obrigada.

— E saiba que eu ainda não gosto dele — acrescentou Hank, indicando a casa de Sam.

— Sabe o que é mais interessante? Se as circunstâncias fossem outras, vocês dois se dariam muito bem, pois são bastante parecidos.

Hank não respondeu, e também não se mostrou ofendido. Poucos instantes depois, ele se despediu e foi para casa.

Brette e Eric continuaram esperando por um sinal de Sam. O pouco tempo pareceu uma eternidade, mas logo depois ele apareceu, segurando o saco fechado e apoiando o fundo na pá. Ele caminhava depressa, mantendo o saco mais longe possível, e seguiu para o bosque, onde enterrou o animal morto.

— Onde estão as suas luvas? — perguntou Eric, indo ao encontro dele.

— Tive de enterrá-las junto com o gambá. Aquele verme custou a morrer.

— Que nojo!

— Era um animal jovem — contou Sam. — Ficou preso em um painel deslocado e morreu quando o ventilador ligou. Poderei dizer mais sobre os danos amanhã cedo.

— Eu nem pensei nisso — respondeu Brette, seguindo-o para a casa dele. No caminho, ela se deu conta de que aquele incidente poderia significar um ar-condicionado novo. Porém não queria se preocupar com aquilo agora.

— Não comece a se preocupar antes da hora — disse Sam, notando o silêncio de Brette. Ele abriu a porta do jardim de inverno para entrarem.

— Eu só quero saber de um bom banho e de uma cama macia — disse Eric, entrando. — Que delícia de cheiro!

— É mesmo, querido. Sua casa é muito bonita, Sam.

Ela queria ter tempo para inspecionar cada detalhe, para perguntar sobre as plantas e flores que havia ali. Por exemplo, será que havia comprado aquele fícus

adulto? E a bananeira, que quase batia no teto e logo daria frutos? Em meio a inúmeras espécies, havia um sofá e uma grande cadeira de balanço. Contra a parede ao lado da porta ficava uma bancada com diversas ferramentas. E também vasos de cactos.

— Está pensando em fazer um jardim de cactos?

— Se eles se adaptarem ao ambiente... Já perdi alguns, e acho que eles se conservam muito bem lá fora, mas não agüentarão o inverno. — Sam os conduziu até outra porta de madeira e vidro que dava para a casa.

— Legal! — exclamou Eric, inspecionando tudo com a mesma avidez da mãe.,

A parte de fora da casa ainda precisava de muitas melhorias, mas a cozinha e a sala de jantar eram lindas, tão arejadas e iluminadas quanto as dela. Os armários de madeira com detalhes em cobre e o chão de ladrilhos vermelhos criava um ambiente aconchegante.

— Eu vi você trazendo a mesa para dentro — comentou Brette, passando a mão na madeira. — Estava praticamente destruída.

— É verdade. Foi um achado. Um roubo, para ser bem sincero. Estava destruída pelo fogo e pela água.

Ele trouxera quase tudo sozinho, a não ser algumas peças que tinham sido entregues pela loja de móveis de Tyler. Esse fora um dos motivos pelos quais Brette fizera questão de se apresentar. Achou que ela e o filho poderiam ser-lhe úteis na mudança.

— Não posso esperar para ver o resto da casa — disse ela, alegre como uma criança.

— Não espere nada demais. O resto ainda não está pronto, mas pelo menos já pinte os dormitórios. Eric, por que não se instala no quarto de hóspedes? É a primeira porta à esquerda. Brette, você pode ficar com o quarto principal no final do corredor à direita.

— Nem pensar. Além disso, eu preciso acordar muito cedo.

— A maior parte das minhas coisas está aqui no galpão. Estou acostumado a dormir com as plantas. — Sorrindo diante da expressão de deleite de Eric, ele os levou por um corredor até a sala de estar. Era bem espaçosa, e na parede oposta havia uma grande lareira. À esquerda ficava a escada.

— Tomem cuidado ao subir, pois o corrimão não é muito confiável. Os lençóis estão limpos, e os banheiros, em ordem. Sintam-se à vontade.

— Eu não vou fazer cerimônia — disse Eric, bocejando. — Boa noite para vocês.

Ele começou a subir as escadas, porém Brette ficou mais um pouco.

— Você está sendo maravilhoso conosco, Sam. — Ela baixou a voz, mesmo sabendo que seu filho costumava ficar surdo quando começava a bocejar.

— Não ficará nervosa aqui na minha casa?

Foi então que Brette se deu conta de quanto o magoara com suas dúvidas e suspeitas.

— Não, Sam.

— Procure descansar. — Foi tudo que ele disse, embora parecesse querer falar

algo mais. E assim a deixou sozinha.

Brette sentiu-se sem ar, como se ele tivesse levado todo o oxigênio junto. Ela sabia que seria bem pior ficar ao lado dele e não deixar a imaginação fluir...

É melhor ir se deitar caso pretenda conseguir sair da cama amanhã cedo.

Sam não mentira quando dissera que o segundo andar ainda não estava pronto, mas levando-se em consideração o fato de fazer apenas seis meses que ele morava lá, os progressos eram grandes. Todas as paredes estavam pintadas de branco, e o chão de madeira, perfeitamente encerado.

Brette bateu de leve na porta do quarto em que o filho estava.

— Tudo bem por aí?

Ele abriu a porta depressa e apontou para a janela, enfeitada por cortinas brancas de seda.

— Daqui consigo ver a casa de Hank.

— Não quando seus olhos estiverem fechados.

Ela olhou a sua volta e percebeu que Sam não estava sendo modesto. Havia apenas a cama king-size, a mesinha-de-cabeceira e um abajur de madeira.

—Estou brincando, mãe. O que vou fazer amanhã enquanto você estiver trabalhando? Será que a nossa casa já estará em ordem?

Brette duvidava, mas também não acreditava que a generosidade de Sam seria tamanha a ponto de cuidar de seu filho enquanto ela estivesse entregando as correspondências.

—Acho que terá de vir comigo. Pode até ser uma boa idéia, assim você me ajuda a enfrentar Albert.

— Ah, não, mãe. Ainda vai estar escuro.

— Mais um motivo para ir dormir. Boa noite, meu amor.

Brette fechou a porta e foi para o quarto que lhe fora destinado. Não havia nada mais do que o outro quarto, mas ela adorou a amplidão do aposento. A cama também era king-size, o tamanho exato para um homem corpulento como Sam. Ela, entretanto, se perderia sozinha.

— Não se atreva nem a pensar nisso — resmungou Brette, dirigindo-se ao banheiro.

Os cabelos de Brette ainda pingavam quando ela desceu as escadas. Precisava muito falar com Sam.

Infelizmente, ele não se encontrava na cozinha, e a porta que dava para o jardim de inverno havia sido trancada.

— Aconteceu alguma coisa?

Ela se virou, assustada. Não esperava ser pega de surpresa. Sam não passava de uma silhueta sob a parca luz que entrava pela porta de vidro, mas Brette podia dizer que ele também já tinha tomado banho e vestia uma calça limpa. Só.

Sem fazer questão alguma de disfarçar, ele a olhava com intensidade, fazendo-a sentir-se quase nua com sua camiseta de dormir. Brette teve de se esforçar para não cruzar os braços na frente do peito.

—Sam... Eu sei que não tenho o direito de ficar perturbando você com os meus

problemas, porém preciso de ajuda. Não posso acordar Eric antes de o dia nascer e levá-lo comigo enquanto percorro a cidade entregando as correspondências. Será que existe a possibilidade de ele ficar aqui com você? Sei que estou lhe pedindo um grande favor, mas apesar de tudo que eu disse antes, estou preocupada com Albert. Eu ficaria muito tranqüila se você pudesse tomar conta do meu filho.

— Você confia em mim?

Ela baixou a cabeça, aborrecida.

— Eu mereço ser tratada assim, mas devo admitir que, a princípio, você me assustou. — Aos poucos, Brette encontrou os olhos dele novamente. — Sim, eu confio em você. Mais do que nunca.

Por um instante, o único som que se ouvia era o do aparelho de ar condicionado.

— Fique sossegada. Eric ficará muito bem comigo.

Mais uma vez, Brette se controlou para não cair no choro. Estava passando por momentos de grande estresse.

— Obrigada.

Não havia mais nenhum motivo para ficar, porém ela não se mexeu. Sam também não fez nada, e o silêncio começou a pulsar entre ambos.

— Não acho que seja uma boa idéia — disse ele, por fim. Verdade. Os dois estavam vulneráveis demais para fazer algo tão insensato. Mesmo assim, Brette se manteve alerta.

— Diabos, eu não a trouxe aqui para isso.

Ela compreendia a atitude de Sam. De certo, esse era o motivo por ele estar dormindo no jardim, mantendo-se o mais longe possível.

Foi o suspiro que lhe disse que Sam havia decidido. Era uma mistura de necessidade e derrota.

— Venha cá, Brette — ele murmurou.

CAPÍTULO XXXVI

Aquelas palavras deixaram Brette com a sensação de ter tocado em arame farpado.

— Você não acha... — começou ela, tanto para alertar Sam quanto a si mesma. Seria a atitude mais arriscada que tomara nos últimos tempos... Bem, desde que decidira ter Eric. — Você me falou que...

— Eu sei. Juro que sei. Então, por que eu sinto que sangrarei até morrer se não a beijar outra vez?—Seu peito se expandiu assim que Sam respirou, mas como não teve coragem de falar mais nada, ele apenas estendeu a mão.

Brette cruzou a distância que os separava, e Sam a abraçou. Ele possuiu-lhe os lábios com a mesma avidez, e o beijo desencadeou uma explosão de paixão enquanto seus braços se apertavam mais e mais, como se tentassem complementar a fusão de

seus corpos iniciada por aquele calor.

Quando Brette sentiu que cada parte de seu corpo ameaçava derreter, Sam gemeu e interrompeu o beijo para começar com as carícias em seu pescoço.

— Ah, como eu te quero...

As palavras foram confirmadas pelo tremor do corpo dele, bem como o suor cada vez mais intenso.

— Então não pare... — sussurrou ela.

Sam deu um passo para trás e olhou-a com seriedade.

— Brette, isso não mudará nada.

— Não fale mais — pediu ela, roçando-lhe os lábios. — Não vamos pensar em nada esta noite. Faça amor comigo.

Antes do beijo seguinte terminar, eles já estavam no quarto de Sam, o jardim de inverno, deitados no sofá-cama. A única luz vinha de um pequeno abajur do outro lado do ambiente. Foi o suficiente para Brette enxergar a intenção no rosto dele. Desde que o conheceu, Brette o achara um homem impressionante. E vê-lo tão de perto a deixou impaciente, querendo que ele voltasse para perto. Todavia Sam parecia ter outros planos, como despi-la, depois explorar o que acabara de revelar.

— Você é adorável — murmurou ele, passando a mão por todo o corpo de Brette.

Depois ele fez o mesmo percurso com a boca. Brette quase perdeu o fôlego quando sentiu os lábios quentes em seus seios, depois a mão na parte mais íntima de seu corpo.

Não havia como retardar o inevitável. Poucos segundos depois dela o ter tocado, Sam blasfemou e se afastou.

— Espere um instante. Preciso pegar algo.

Então ele a penetrou, e Brette o recebeu com um abraço acolhedor de um antigo amante. O resto foi uma onda de desejo, murmúrios de prazer e, por fim, a falta de fôlego do êxtase.

Brette não queria nada além de manter os olhos fechados para saborear as sensações que continuavam a consumi-la como uma onda implacável. Durante anos acreditara que havia algo de errado com ela. Apesar de se preocupar e cuidar dos outros, faltava-lhe a capacidade de sentir paixão de verdade. Agora ela compreendia, ou pelo menos achava, o que era aquele sentimento. A revelação foi uma bênção, apesar da descoberta ter sido feita com um homem que se recusava a lutar por ela, a lutar por eles.

— Já está arrependida?

Brette abriu os olhos e deparou com Sam apoiado nos cotovelos, olhando-a. Com a garganta seca, ela respirou fundo antes de responder.

— De forma alguma. Nunca.

— Dolorida? Eu não fui tão cauteloso quanto deveria ter sido.

— Eu lhe darei a chance de se redimir em um minuto. Brette sentiu o tremor do corpo dele, o que renovou seu desejo.

— O que foi? — perguntou ela, vendo que Sam franzia as sobrancelhas.

— Você pode me responder a uma pergunta que não sai da minha cabeça?

— Vou tentar.

— Por que não se casou com o pai de Eric? Brette relaxou.

— Por vários motivos. Em primeiro lugar, eu queria um filho, e não um marido. Eu sempre fugi do convencional, sabe? Em segundo lugar, Adam era meu melhor amigo e, conhecendo-o tão bem, sabia que ele não estava preparado para sossegar. Em terceiro lugar... — Ela suspirou diante da triste lembrança. — Ele morreu antes de eu lhe contar que a experiência tinha funcionado.

— Experiência?

— Bem, não se pode dizer que tínhamos um caso. Eu o amava... Amava seu bom-humor, sua alegria de viver, sua impetuosidade... Mas não estava apaixonada. E não acreditávamos que daria certo logo na primeira vez.

Sam abriu um belo sorriso.

— Você é louca. Por que não foi a uma clínica?

— Muito impessoal.

— Você gostaria que ele fizesse parte da vida de Eric se não tivesse morrido?

— Se ele quisesse... Entretanto Adam estava passando por uma fase meio complicada em sua vida. O pai dele morreu depois de uma longa e sofrida doença, e a mãe o havia abandonado logo que a doença foi diagnosticada, para ir viver com outro homem. Adam não conhecia o significado da palavra família como eu.

— E Eric conhece?

— Claro. E ele tem muito orgulho de ter Adam como segundo nome, bem como compreende que não foi registrado com o sobrenome do pai para protegê-lo de uma avó histérica. Foi uma exigência de Adam.

— E o que os seus pais acharam da experiência?

— Não ficaram muito contentes. Meu pai quebrou seu cachimbo predileto, e minha mãe ficou mais preocupada do que aborrecida. Ela queria que eu fosse feliz como eles eram. Por sorte, ela confiava muito em mim.

— E você acha que deu certo?

Seria uma pergunta casual, a não ser pela tensão no corpo dele.

— Eu achava que sim. Aliás, ainda acho. Eric é...

— Maravilhoso.

Brette acariciou-lhe a bochecha, contente com a alegria que viu nos olhos de Sam quando pronunciou o nome do garoto.

— Obrigada. E eu adoro a casa em que moramos, mas... Tive de aprender que nem tudo é perfeito.

— Como ter Sally como vizinha.

— Vizinha, amiga... Ela seria um problema de qualquer jeito.

— Você só a suporta por causa de Hank.

— Se tiver a oportunidade de conhecê-lo melhor, você vai perceber que Hank é um garoto encantador.

— Eu gosto dele. Meu problema é com Sally. E com outras pessoas...

Ela sabia que Sam estava pensando no que acontecera aquela noite.

— Sam, eu não vou telefonar para o xerife.

— Por minha causa. Você acha que Albert me acusará se ser amante da esposa dele?

— Sam. — Brette pegou a mão trêmula que percorria seu corpo. — Albert pode acusá-lo de qualquer coisa, mas eu nunca acreditarei que você dormiu com Tracie.

— Só que você acha que ela está morta.

— Não estrague tudo — pediu ela, desviando o olhar,

— Está bem. Temos assuntos mais interessantes para resolver-disse ele sorrindo. — Fique comigo esta noite, Brette. Minha doce e idealista Brette.

Ela estava prestes a dizer-lhe que não era nem um pouco idealista, porém decidiu que era melhor deixar que descobrisse sozinho. Em vez disso, puxou-o para perto e sussurrou a resposta contra os lábios dele.

— Fico.

CAPÍTULO XXXVII

Segunda-feira, 8 de novembro de 1999

Sam sentiu-se quase aliviado quando Brette e Eric voltaram para casa. No sábado, ele passara grande parte do dia tentando a verificar se o garoto já trocara a cerca antiga pela nova. Mais tarde ficou torcendo para que Eric encontrasse alguma distração, de modo que ele pudesse levar Brette de volta para a sua cama. Não havia como negar, em um período de vinte e quatro horas, ele tinha se transformado em um perfeito masoquista. Entretanto chegara a hora de colocar as coisas no lugar.

A reunião com a diretoria da escola seria naquela noite, e Sam pedira para Brette se manter distante de tudo aquilo. E era exatamente o que ele pretendia fazer. Quanto mais longe ficasse da vida dela, melhor.

Se também tivesse a decência de manter suas mãos longe dela...

Enquanto a olhava sair para ir trabalhar na escuridão da manhã, Sam reagiu ao ver aquele corpo perfeito caminhando até a caminhonete. Brette sempre fazia tudo depressa, com precisão, como se não gostasse de perder tempo. E gostava de fazer várias coisas de uma vez. Só não tinha pressa para fazer amor.

Como fizera a noite passada em sua cama enorme e vazia; Sam lembrou-se dos momentos de paixão das duas noites anteriores. Era incrível como Brette podia se concentrar e se entregar com tanta intensidade...

Gemendo, ele fechou os olhos e pressionou a testa contra o vidro gelado da janela da sala. Como poderia fugir de tudo aquilo?

Como poderia se afastar de uma pessoa tão maravilhosa, tão incrível... E de um garoto como Eric, que talvez representasse sua última chance de tentar ser um bom pai?

Você não tem alternativa!

De alguma maneira, Sam sabia que precisava encontrar forças para agir assim,

para poupar a todos. Seria melhor que se machucassem um pouco agora do que testemunhar o amor deles se transformar em ódio e medo, como havia acontecido com sua mãe e Kell.

Sam sentiu-se mais decidido quando viu Hank e Eric entrando no ônibus pouco depois das sete horas. E também mais tarde, ao telefonar para o corretor que lhe vendera a casa. Em seguida, viu o caminhão de leite dos Pugh passando, o que o deixou ainda mais pensativo.

E se Brette estivesse certa e Tracie não tivesse partido para ir morar com a família?

E se Pugh não passasse de um grande filho da puta?

Deixar Brette e os garotos nas mãos de sujeitos folgados era uma coisa. Agora deixá-los nas mãos de um sujeito que escondia suas mudanças de comportamento era bem diferente.

Sam não duvidava que Tracie conseguira enganar melhor o marido em outra ocasião, mas dessa vez tinha sido diferente. Ela agira com extrema casualidade, muito confiante em sua abordagem. Isso o levou a crer que Albert conhecia as peripécias da esposa. A pergunta era: quanto poderia suportar? Alguns homens preferiam se manter calados. Será que Tracie se cansara de ser tratada com indiferença e decidira ser indiscreta? Sentindo-se encurralado, ele foi até seu galpão descontar as frustrações em trabalhos manuais.

Quando voltou para casa na hora do almoço, havia duas mensagens em sua secretária eletrônica. Uma era do diretor da escola, Glick, avisando-o de que a reunião seria às sete e meia na escola, e que ele teria o direito de falar caso quisesse. Sam respirou fundo entre os dentes cerrados ao se dar conta do recado mascarado:

Não piore ainda mais as coisas.

O segundo telefonema não foi muito diferente. Era de Brette, com sua voz doce e suave.

Olá, Sam. Pena que não consegui pegá-lo em casa. Acabei de ver três perus perto da igreja. Não é o máximo? Com tantos coiotes e javalis por aí, achei que não encontraria mais nenhum.

Ela adorava a vida selvagem da região, a não ser pelas cobras venenosas e os javalis. Na realidade, aquele final de semana começara a temporada de caça, e Brette se arrepiava a cada tiro que ouvia. Como Sam gostava de testemunhar esses momentos, de estar ao lado dela, de Eric... Pena que não durariam...

Quando Sam recebeu mais um telefonema de Brette avisando-o de que sairia um pouco mais cedo e que teriam quase duas horas antes que Eric voltasse da escola, ele estava se sentindo mais perseguido do que nunca.

Como era covarde! Saiu de casa e ficou na rua até as sete e meia. Aliás, voltou para casa só depois das oito e meia. E teve uma surpresa nada agradável: a caminhonete de Brette não se encontrava na garagem.

Claro que não estaria, pensou ele, em voz alta.

Xingando sem parar, Sam engatou a ré.

CAPÍTULO XXXVIII

— Assim terminamos nosso assunto. O superintendente Jack Percy lançou um olhar de expectativa e de certo nervosismo ao diretor Glick. — Temos algum outro assunto em pauta?

Acomodada na primeira fileira da lanchonete da escola, Brette deu um tapinha no joelho de Eric. Na realidade, o gesto era mais para acalmar a si mesma do que ao filho. Nunca vira tanta gente junta na escola desde a reunião que o professor de psicologia fizera sobre uma pesquisa com as classes para descobrir quantos alunos se masturbavam. Não houvera nenhum tipo de discussão naquela noite, e a votação não demorara mais do que um minuto.

A julgar pelos olhares do grupo descontente atrás deles, aquele encontro também não demoraria muito mais.

— Gostaria de chamar o diretor Glick — começou o superintendente, batendo seu martelo para que todos se calassem.

O alto e circunspeto administrador da escola endireitou-se na cadeira, ajeitou os papéis à sua frente e depois o microfone.

— Todos estão me ouvindo?

— Sim, pode começar — respondeu uma pessoa. Ouviram-se algumas risadas, seguidas pelo silêncio.

— Como a maioria de vocês sabe, o xerife do condado de Wood, Cudahy, trouxe à tona um assunto de nosso interesse, cuja natureza é tão séria que o superintendente Percy e eu achamos que merecia atenção imediata.

Eric se mexeu em sua cadeira, e Brette esforçou-se para não fazer o mesmo. Não conseguiu, claro. Virou-se em busca dos olhos de Sam. Não esperava que viesse, pois ele mantivera uma postura fatalista diante daquela reunião e lhe ordenara que ela não aparecesse.

Ninguém dizia a Brette o que fazer e o que não fazer. De qualquer forma, como poderia não comparecer?

Glick estava gostando de ser o centro das atenções de adultos, o que não acontecia com muita frequência. Na realidade, não era uma grande revelação. Nas poucas vezes em que Brette lhe dera um pouco de atenção, o diretor a deixara atordoada de tanto falar.

Quando, finalmente, chegou a vez do público participar, ele imediatamente sugeriu que as pessoas sentadas mais atrás fossem ouvidas primeiro.

— Está fazendo isso de propósito—resmungou Eric. —Ele sabe que você vai defender Sam.

Apesar do número de presentes, poucas pessoas se dispuseram a falar. Brette foi a primeira a defender abertamente Sam, além de Rachel Durban, a professora de história, que disse que o assunto deveria ser resolvido logo para que pudessem tomar uma decisão sobre o convite para participarem de uma conferência em Anaheim.

— Por favor, srta. Durban, um assunto de cada vez.

— Não vou desperdiçar meu dinheiro com um bando de crianças que só sabem discutir sobre qual brinquedo ir primeiro na Disneylândia — comentou um homem sentado atrás de Brette.

— A escolha dos lugares não foi muito feliz — ela cochichou para o filho.

Antes que Eric pudesse dizer algo, Glick chamou-a para falar.

Eram quase nove horas da noite, e Brette estava muito cansada devido às poucas horas de sono na última semana. As pessoas começavam a se retirar, pois não estavam contentes com o rumo da discussão. Frustrada, ela amassou o discurso que preparara e virou-se para o público restante.

— Trata-se de uma situação bastante constrangedora — começou Brette. — Todos deveríamos nos envergonhar por termos ficado aqui para testemunhar esse absurdo.

Houve um murmúrio geral de desaprovação.

— Imagino que, até esta noite, poucas pessoas conheciam direito Sam Knight. Bem, eu conheço. Ele é um professor exemplar e um excelente vizinho desde que se mudou para o nosso condado. Não vou negar nada do que o diretor Glick lhes contou a respeito da tragédia familiar envolvendo esse homem. Entretanto, se quisesse ser justo, ele teria ressaltado quantas vezes Sam ficou, voluntariamente, até mais tarde na escola para ajudar alunos que tivessem qualquer dúvida sobre algum trabalho. E também não mencionou o fato de o Sr. Knight ter ajudado alguns ex-alunos a encontrar emprego. — Essa informação lhe fora passada por Eric, enquanto iam para a escola naquela noite. — Nem como ele se esforça para se entrosar com alunos difíceis, o que não acontece com outros professores.

— Ele é um homem ruim — gritou alguém dos fundos. — Para mim, já é o suficiente.

— Normalmente, as pessoas sempre crescem sendo reflexo de seus pais — respondeu ela. — Quantos de vocês têm pais que ficaram casados a vida inteira? Bem, a julgar pelas pessoas que estão aqui reunidas, vejo que nem a metade.

— Pelo menos nós tentamos — disse uma mulher. — Você nem se incomodou em tentar.

Brette reconheceu a voz de uma das participantes da Associação de Pais e Mestres que estava fazendo de tudo para que a filha se tornasse miss Texas. Achou melhor ignorá-la e continuar com sua tentativa de defesa.

— O que estou querendo dizer é que seria uma grande injustiça se condenássemos Sam Knight pelos crimes cometidos pelo pai dele.

Ela avistou Charlie Howard, um antigo funcionário do distrito policial.

— Quantos pais já não foram pegos dirigindo alcoolizados? — perguntou Brette, sabendo estar pisando em terreno perigoso. O grupo se mostrou um pouco mais

compassivo, mas não convencido. — Todos estamos cansados e queremos ir para casa. Quero apenas que compreendam uma coisa: se perdermos esse professor, as crianças serão as mais prejudicadas. Sam Knight é um homem de muitos talentos, e não precisa ser professor. Ele poderia se dar muito melhor na vida se montasse um negócio próprio. Entretanto ele preferiu não sucumbir aos estereótipos nos quais vocês estão tentando encaixá-lo.

Não permitam que o medo os leve a cometer um erro pelo qual seus filhos pagarão. Não percam Sam Knight

No rebuliço que seguiu o término de seu discurso, Brette viu apenas duas coisas, seu filho aplaudindo... e Sam saindo pelos fundos da sala.

CAPÍTULO XXXIX

— Você acha que ele vai ficar bravo, mãe?

Brette virou à direita na avenida principal, deixando o trânsito para trás.

— Pode ser.

— Eu não quero mais me envolver com ele.

— Com Sam? — perguntou Brette, quase perdendo o controle do carro.

— Não, com o Sr. Lemeki. Existem outros barbeiros na cidade. O que ele disse sobre Sam ser o próximo psicótico famoso não foi nada justo. Ainda mais por ele ter ficado se gabando, da última vez que fui cortar os cabelos, por Cory ter ido às compras.

Agora Brette estava entendendo.

— Bem, o Sr. Lemeki está tendo sérios problemas com Cory, e ele é a prova perfeita de como as pessoas podem ser tolas tentando desviar a atenção dos outros para encobrir seus problemas. De qualquer forma, você percebeu. Se quiser, nós encontraremos um barbeiro que trabalhe sem falar tanto.

— Acho que eles deveriam ter se disposto a escutar a opinião das crianças. Todos os meus amigos concordaram comigo dizendo que Sam seria acusado injustamente.

Concordando em silêncio com o filho, Brette entrou na rua em que moravam.

— Eles ainda podem pedir ao conselho para mandar uma carta de protesto ao diretor Glick. Escute, eu preciso falar com Sam. Fique em casa, que voltarei o mais depressa.

— Será que se eu for junto ele ficará menos bravo com você?

Eric estava se tornando adulto bem depressa. Com um sorriso triste, Brette apertou-lhe a mão.

— Obrigada, mas eu tenho que resolver esse assunto sozinha. E você precisa ir para a cama, afinal de contas amanhã é dia de aula.

Não havia luzes na casa de Sam quando eles estacionaram, e o galpão também não

estava aberto, mas a caminhonete na garagem indicava que, com certeza, ele se encontrava lá dentro. Brette entregou as chaves para o filho e foi para a casa de Sam.

Não havia nem uma luminária acesa, e ela teve de chegar bem perto da janela para conseguir enxergar algo. Foi quando o viu sentado no sofá, de braços cruzados, como se a estivesse aguardando.

Ela entrou sem pensar duas vezes.

— Espero que você tenha mudado de idéia — disse Brette, em vez de cumprimentá-lo.

—E eu esperava que você tivesse cumprido a sua promessa.

O homem apaixonado e amável que a amara sem cansaço nas duas últimas noites não existia mais. Sim, restara apenas a civilidade. E um homem frio e distante com o qual Brette não sabia se queria lidar.

—Eu não fiz nenhuma promessa. Você realmente esperava que eu ficasse quieta?

— Eu lhe pedi para não se intrometer. Não é o suficiente? Se estava tentando aborrecê-la, Sam seguia pelo caminho certo.

— Bem, eu imaginei que você soubesse que a maioria das pessoas sensatas não necessita de autorização para tomar decisões.

Sam se levantou e começou a andar de um lado para outro como um animal enjaulado.

— Quem você acha que é se metendo nos meus assuntos?

—Alguém que se preocupa com você. —A resposta veio com confiança, pois era a mais pura verdade. — Alguém que não gosta de ver que você está assistindo a tudo isso de camarote, deixando acontecer. Eu não consigo fingir que não está acontecendo nada, Sam. Não é só por você, é por nós!

— Não existe "nós".

Apesar das palavras terem sido proferidas quase como um sussurro, o significado fora bastante explícito, e a intenção, bastante letal.

— Você não pode estar falando sério.

— Eu fui bem claro, Brette. Eu lhe disse que o fato de nós termos ido para a cama não mudaria em nada a nossa situação. O que a levou a crer que eu não estava falando sério? Você ter tido seu primeiro orgasmo?

Ela se recusou a responder àquela crueldade. A estratégia de Sam era óbvia e eficiente, mas Brette não participaria dela. Afinal de contas, a escolha era única e exclusivamente dele. Fugir da vida e, dessa forma, fugir do que existia entre ambos. Não, decidiu ela, não o magoaria para justificar toda aquela estupidez.

— Boa noite — disse Brette. — Ou melhor, adeus, Sam. Como chegaria em casa sem tropeçar no meio do caminho, ela não sabia. Depois que saiu da casa de Sam, não enxergou mais nada pela frente. Seguiu com a mesma determinação que não lhe permitiria perder o controle antes de estar dentro de seu quarto. Não se debulharia em lágrimas na frente do filho.

Estava nos degraus da varanda quando um carro da polícia parou.

Era o sub-xerife Russell.

Agora não, pediu Brette, mas logo foi tomada por uma onda de vergonha. De

certo, era mais algum problema com Hank. Por que não fora até a casa dele para ver se estava tudo bem antes de ter ido falar com Sam?

Brette tentou decifrar a expressão do sub-xerife à medida que ele se aproximava e, quanto mais perto chegava, mais irreal ficava o momento. Não havia como relaxar com seu coração despedaçado. O que faltava acontecer? O que faltava para aquele dia ficar ainda pior?

— Srta. Barry, eu realmente sinto muito por incomodá-la a esta hora do dia, mas por acaso Hank Jamison está na sua casa?

— Não... Não, não está. Não me diga que ele fugiu de novo?

— Não. O problema é com a mãe dele, — Russell chegou mais perto. — Ela morreu em um acidente de carro.

CAPÍTULO XL

Sally morta? Brette cobriu a boca com as mãos e ficou olhando, atônita, para o sub-xerife, que preferiria estar em qualquer lugar menos ali.

— Como? — sussurrou ela, incapaz de acreditar.

— Acidente de carro.

Não podia ser possível. Devia ter havido um engano.

— Ela foi trabalhar três ou quatro horas atrás.

— Um Taurus marrom se desgovernou e caiu em um precipício. Cerca de uma hora atrás, o motorista de um furgão parou ali para trocar o pneu furado e viu o carro enquanto as crianças brincavam com as lanternas. Se não fosse por isso, só teríamos encontrado o automóvel amanhã cedo. — Russell estendeu a mão para ajudá-la a se manter em pé. — Srta. Barry, acho melhor sentar-se um pouco.

Automaticamente, Brette balançou a cabeça.

— Não se preocupe. Estou bem. — Mas, claro que não estava. Sua mente suportara demais para uma única noite e ainda tinha de assimilar uma notícia tão terrível. Fechando os olhos, ela deparou-se com uma escuridão interminável.

— Srta. Barry...

Brette respirou fundo e estendeu a mão, precisando de um momento de silêncio, de tranquilidade. Aos poucos, o foco foi voltando ao normal e sua visão clareou novamente. Seus pensamentos também.

Pobre Sally. Pobre Hank.

— Espere um pouco. Se Sally não apareceu no trabalho, alguém deve ter telefonado atrás dela. — Então Brette se lembrou de uma conversa que tivera com Hank alguns dias antes.

— Hank de certo estava escutando música com os fones de ouvido. Ah, não!—Ela olhou para o relógio imaginando quanto tempo faltava para que o garoto acordasse e fosse verificar as mensagens na secretária eletrônica.

— Ah, meu Deus! Se ele souber da preocupação do pessoal da lanchonete... será muito pior.

A porta da frente se abriu e Eric apareceu sonolento.

— Mãe?

A expressão de Brette devia estar revelando sua dor, pois ele correu para os braços dela.

— O que aconteceu?

Ah, como era bom abraçar seu filho... Eric era tão meigo, tão cheio de vida.

— Pelo visto escolheram esta noite para tudo acontecer. Preciso que você seja forte, meu querido.

— Conte logo, mãe. O que houve? É Hank, não?

— Não, filho. É Sally. Ela morreu. — Brette apertou-lhe as mãos. — O carro dela se descontrolou. Precisamos ir até a casa dela com o sub-xerife Russell e dar a notícia a Hank.

— Droga!

Ela acariciou as costas de Eric, sentindo-o lutar para manter o controle. Depois de um instante, Brette voltou a atenção para o sub-xerife.

— O senhor sabe, é claro, que Hank não tem mais ninguém.

— Eu me lembro. Já conversei com o xerife. De acordo com a lei, precisamos localizar o pai dele. Porém Cudahy acha que seria melhor que ele passasse a noite com vocês antes de entrarmos em contato com o serviço social.

— Nem pensem que eu deixarei o garoto ir para um orfanato. Tenho uma procuração para cuidar dele, e também sou testamenteira do testamento de Sally. Ela queria que Hank ficasse conosco no caso de alguma fatalidade. — Graças ao bom Deus, pensou Brette. Quem sabe se não tinha sido uma premonição? Havia dois anos que haviam feito aquele acordo. — Ele está em casa, sub-xerife.

Brette apenas torceu para que Sally não tivesse tido tempo de mudar aqueles planos, ou que Hank insistisse em afirmar que nada daquilo tinha valor.

Eles começaram a atravessar a rua.

— Brette! Espere.

Sam corria na direção deles. Sua expressão tornou-se ainda mais preocupada ao ver os rostos sombrios dos três.

— O que aconteceu?

Era pedir demais para conversar com ele naquele momento. Brette não conseguiu nem olhar para Sam.

— A mãe de Hank morreu — respondeu Eric.

Sam emitiu um som estranho, porém breve, que chamou a atenção de Brette. Ela viu a consternação nos olhos dele, e também a vergonha.

— O que eu posso fazer?

— Deixe-nos em paz — respondeu ela.

Com o braço em volta dos ombros do filho, Brette continuou a andar pela rua. Sentia um embrulho no estômago, mas sabia o que precisava fazer.

Respirando fundo, ela deixou tudo aquilo para trás e bateu na porta da casa dos

Jamison.

— Hank? Hank! Sou eu, Brette — chamou, temendo assustá-lo.

Ele abriu a porta bem depressa e recebeu-os com um olhar de cautela e curiosidade. Depois de olhar para todos ali presentes, Hank fitou Brette. Por que quando esperam notícias ruins as pessoas costumam se concentrar nas mulheres? Será que acham que o baque seria menor? Não havia como suavizar aquela notícia tão dolorosa.

— A mamãe? — murmurou ele. Brette assentiu. — É grave?

Ela simplesmente abriu os braços e Hank correu para o conforto.

— Sinto muito, querido.

— Não pode ser verdade.

— Eu sei. Eu também não consegui acreditar quando soube. Vamos nos sentar um instante para que o sub-xerife Russell possa lhe explicar exatamente o que aconteceu. Eu também tenho algumas perguntas.

Assim que o choque inicial passou, Brette sugeriu que voltassem para a sua casa. Roy Russell concordou. Hank segurava-lhe a mão com tanta força que a seguiria para qualquer lugar naquele momento.

— Eu preciso ver os... — Russell não terminou a frase.

Contente por ele estar poupando os sentimentos de Hank, Brette sorriu.

— Eu tenho uma cópia de toda a documentação na minha casa — explicou ela. Então viu o piscar de uma luz acesa na cozinha. — Talvez seja melhor o senhor entrar e escutar a mensagem na secretária eletrônica. Vamos esperar aqui fora.

Infelizmente, Sam também estava lá fora.

— Hank, meus sentimentos — disse ele, aproximando-se. O garoto baixou a cabeça, porém alguns segundos depois se virou e agradeceu em silêncio.

— Decidi que é melhor esperarmos o sub-xerife Russell na minha casa. Vão entrando garotos. Eu estarei aqui — sugeriu Brette, incitando os meninos a entrar. Só quando teve certeza de que eles não ouviriam nenhuma palavra, ela se virou para Sam, que disse:

— Permita-me ajudar.

— A fazer o quê? Por quanto tempo? — Brette balançou a cabeça para os lados. — Por favor, Sam, não torne as coisas ainda mais difíceis. Eu já enfrentei o suficiente. Obrigada, mas eu prefiro resolver esse assunto sozinha, como sempre fiz.

Quando encontrou os garotos, ela levou Hank até o sofá e sentou-se ao lado dele para lhe contar o que sabia até então. O menino escutou as novidades com a mesma falta de emoção descrita por Eric quando ele começara a ser acusado na escola. Pelo que tudo indicava, Hank parecia não estar nem ouvindo.

Sabendo que precisava quebrar aquele transe, Brette colocou o braço ao redor do garoto e o aninhou em seu peito.

— Hank, meu querido, você não está sozinho.

A mudança não aconteceu de uma vez por todas. Hank tinha o costume de criar barreiras entre ele e as pessoas durante algum tempo e, proibido de entrar naquela casa, sua única referência de família, a retração aumentara. Todavia o medo e a

garantia de que não havia nenhum resquício de mágoa pelo ocorrido dias antes serviram para quebrar essas últimas barreiras. Por fim, ele caiu em prantos nos braços de Brette.

Foi assim que o sub-xerife Russell os encontrou. Com um simples sinal da cabeça, ele contou a Brette que escutara a mensagem na secretária eletrônica de Sally e, como tinham suspeitado, o pessoal da lanchonete havia telefonado para saber o que acontecera.

— Hank — disse ela, dando um instante para o garoto se recompor. — Por que não vai lavar o rosto com água fria? Eric, teremos uma longa noite pela frente. Por favor, meu filho, coloque um pouco de água para ferver e pegue um refrigerante para Hank.

Os dois saíram em direções opostas. Tão logo a porta do banheiro se fechou, Brette olhou para o sub-xerife.

— Havia algo na mensagem que pudesse aborrecê-lo?

— Não. Foi como a senhorita disse, pessoas agitadas querendo saber o paradeiro da Sra. Jamison. Mesmo assim, sugiro que o mantenha longe daquela casa nestes primeiros dias. E não o deixe sozinho quando ele for pegar suas coisas.

— Não se preocupe.

Russell apontou para a casa de Sam.

— Estou preocupado com o seu comportamento em relação ao Sr. Knight.

— Não é nada.

— A minha intenção não é envergonhá-la, srta. Barry, mas eu sentiria o mesmo se não estivesse usando esta farda. Alguma coisa aconteceu entre vocês e eu preciso saber o que é. Espero que entenda que estou aqui para ajudá-la.

Ela ficou emocionada com a preocupação, bem como com a descrição com a qual ele tocou no assunto.

— Não se preocupe. Já resolvi tudo. De qualquer forma, obrigada pela preocupação.

— Não vou mais insistir. Contudo, se mudar de idéia... Agora voltemos a Sra. Jamison. — Russell olhou para o corredor, depois se aproximou do sofá. — Posso me sentar?

— Claro — respondeu Brette, dando-lhe espaço.

— O motivo pelo qual estou tendo tanta cautela é para prepará-la. A senhorita poderá encontrar problemas se houver algum seguro em nome do garoto.

A não ser que algo tivesse mudado, Brette não acreditava que houvesse uma grande quantia. Sally quase não conseguia pagar as contas da casa e o seguro do carro...

— O que estou querendo dizer é que não havia um motivo para ela ter perdido a direção naquele local da estrada. É um trecho reto da pista e não havia trânsito naquele horário. Além disso, ela não parecia estar em alta velocidade.

— Está insinuando que Sally poderia estar sob a influência de algum tipo de droga ou bebida? — Brette sabia que qualquer coisa que dissesse poderia comprometer Sally. Mas sua maior preocupação agora era com Hank. — Sally estava tentando cuidar sozinha do filho — começou, procurando ser o mais diplomática possível. — Mas devo

admitir que ela sempre teve problemas com responsabilidade. Não posso lhe afirmar se Sally tomou algum tipo de medicamento antes de sair. Eu estava fora e voltei um pouco antes da sua chegada, sub-xerife.

— Acharam alguns medicamentos na bolsa dela. Antidepressivo, diurético, comprimidos para hipertensão. Todos amostras.

Brette imaginou que mais remédios haveria na caixa de primeiros-socorros da amiga, e quais misturas ela teria feito, sobretudo naquela noite, antes de ir trabalhar.

— Se quer saber os nomes das pessoas que lhe deram os medicamentos, eu não sei dizer—declarou Brette. —Já tinha visto as amostras antes, e tentei adverti-la sobre automedicação, então ela evitava tocar no assunto comigo.

— Também havia uma garrafa pequena de vodka na bolsa da Sra. Jamison. Cheia, devo ressaltar, o que não significa que ela não tenha bebido nada em casa.

Brette ouviu Hank assoar o nariz.

— Sub-xerife, Hank conhece os problemas da mãe, mas eu lhe peço que o poupe pelo menos por enquanto.

— Faremos o que estiver ao nosso alcance para que ele não tenha de passar por situações delicadas — disse Russell. — Saiba que esse não seria o caso se houvesse outro veículo envolvido. Eu só preciso saber se ela estava consciente quando saiu de casa.

Hank voltou do banheiro e Russell se levantou para que o garoto se sentasse ao lado de Brette.

— O que preciso fazer agora? — perguntou ele. — Vou ter de identificar o corpo?

A simples idéia o deixou prestes a se descontrolar. Brette, por sua vez, sabia que o corpo já devia estar indo para Dallas, onde seria feita a autópsia.

— Precisaremos tomar algumas decisões para o funeral, meu querido — disse ela. — Não se preocupe, nós cuidaremos disso amanhã. Eric e eu estaremos ao seu lado o tempo todo, e faremos o que estiver ao nosso alcance para ajudá-lo. Como eu já lhe disse uma vez, você não está sozinho.

Essas afirmações pareceram acalmá-lo.

—Preciso fazer mais algumas perguntas—interferiu Russell, sentando-se na mesa de centro, bem na frente do garoto. — Hank, eu sei que não é nada agradável, mas você tem idade suficiente para saber que há procedimentos legais a serem seguidos. Sabe me dizer se notou algo de estranho em sua mãe quando ela saiu para trabalhar?

— Não... É... Estranho como?

Imediatamente, Brette soube que ele estava mentindo. Conhecia-o muito bem, tanto quanto a seu próprio filho.

Por sorte, Eric apareceu com uma bandeja, e Brette sentiu um enorme desejo de abraçá-lo. Ele derramou um pouco de café ao colocar a bandeja na mesa, porém o aroma estava delicioso. O garoto tinha até se lembrado das colheres... Mas não do açúcar ou do leite.

— Como quer seu café, sub-xerife? — perguntou ela.

— Puro, sem açúcar. — Havia também duas latas de refrigerante, e Russell passou uma delas para Hank. — Voltando ao assunto, quer dizer que tudo estava

normal com sua mãe quando ela saiu para ir trabalhar?

— Sim, senhor.

— E vocês estavam se dando bem nesses últimos dias?

— Sim.

— Não receberam telefonemas inadequados ou alguma visita antes de ela sair?

— Não.

O sub-xerife Russell fechou o bloco de notas, terminou de beber seu café e explicou-lhes quais os procedimentos que deveriam ser seguidos nos próximos dias.

— Bem, acho que é tudo — disse ele, pronto para partir. Brette mostrou-lhe a papelada antes de acompanhá-lo para fora.

— Obrigada por ter sido cuidadoso com Hank — disse ela.

— Eu sabia que ele não me daria nenhuma informação. Os dois estavam passando por uma fase difícil, não é? Não houve nenhum tipo de melhora?

— Temo que não.

Apertando os lábios, ele respirou fundo.

— E, agora, a senhora tem mais essa dor de cabeça. É bem maior do que antes, não? Tem certeza de que sabe o que está fazendo?

Provavelmente bem mais do que a maioria das pessoas na mesma situação, pensou Brette. Por ironia do destino, ela conseguia enxergar o lado positivo daquela experiência triste.

— O que me deixa aborrecida, apesar de Hank morar meio aqui, meio ali, foi eu não ter conseguido convencer Sally a colocá-lo na terapia. Pelo menos agora isso será possível.

— O que significa que pretende ficar mesmo com o garoto?

— O pai de Hank nunca apareceu. Aliás, a última vez que Sally conversou com ele, ele afirmou que o menino não era seu filho. Nós somos a família de Hank. Não se preocupe, vou cuidar de toda a papelada.

Roy Russell deixou a postura profissional de lado e abriu um belo sorriso.

— Hank é uma criança de muita sorte.

Despediu-se e foi embora. Quando Brette entrou em casa, percebeu que Sam a observava da janela. O simples fato de saber que ele estava interessado acelerou-lhe os batimentos cardíacos, mas ela não podia se dar ao luxo de tratar de assuntos pessoais naquele momento. Havia outros bem mais importantes que precisavam da sua atenção.

Dentro de casa, Brette encontrou os dois meninos conversando. Ambos se calaram quando a viram.

— Conte para ela — ordenou Eric, após um momento de silêncio.

Hank girou a lata de refrigerante entre as mãos.

— Eu menti sobre tudo estar bem entre mim e minha mãe. Eu lhe disse que... Eu lhe disse que iria fugir se ela não me deixasse vir aqui. Ela saiu mais atordoada do que nunca. Você acha que o acidente é culpa minha?

— Ah, Hank... — Brette sentou-se ao lado dele e aninhou-o em seus braços. De jeito nenhum. Tire essa idéia absurda da sua cabeça, meu querido. Se sua mãe estava

aborrecida, saiba que não foi por qualquer desavença que tenha ocorrido entre vocês. De certo era pelas escolhas que ela fez na vida. Você mesmo sabe que sua mãe não estava contente consigo mesma, e ela sabia que estava cada dia pior. E também sabia que precisaria de muita força e coragem para superar todo o problema. Escute, teremos tempo de sobra para conversar sobre esse assunto — disse Brette, apertando-lhe o ombro. — Você teve o pior choque que uma criança pode ter. Demorará um tempo até que consiga realmente entender o que aconteceu esta noite. Na verdade, o melhor que você tem a fazer agora é se deitar e tentar descansar um pouco.

— Sim. Você... — Ele lançou um olhar de desculpas para Eric. — Você se incomoda se eu ficar no outro quarto? Não é que não queira ficar com vocês, mas...

Hank queria um pouco de privacidade para chorar a morte da mãe. Brette beijou-lhe a testa, que estava um pouco mais quente do que o normal.

— Aquele quarto sempre esteve ali para você. Eu só esperava vocês dois estarem prontos para cada um ter seu próprio espaço. Pode ir. Tenho que fazer algumas ligações, mas estarei aqui se você precisar de alguma coisa. Não hesite em me chamar, está bem?

Hank assentiu e se levantou. Assim que ouviu a porta do quarto sendo fechada, Brette olhou para o filho.

— Você está bem?

— Ainda não consigo acreditar em tudo que está acontecendo — sussurrou ele. — Achei que o que aconteceu com o Sr. Knight foi duro, mas a Sra. J. morrer assim, de repente... Mãe, eu não sei se saberia enfrentar tudo isso se estivesse no lugar de Hank.

A voz dele estremeceu e seus olhos se encheram de lágrimas. Brette aproximou-se do filho e o abraçou com ternura.

— Eu sei, querido, eu sei. Mas eu estou aqui e nós superaremos essa desventura juntos. Unidos. Falando nisso, durma com o som ligado, para você não se aborrecer ainda mais com o que poderá ouvir.

— Está bem, mãe.

— Só não exagere no volume.

Eric foi para seu quarto e Brette levou a bandeja para a cozinha. Assim que ouviu a música, ela pegou o telefone e ligou para Tucker.

— Meu Deus! — exclamou ele ao escutar a notícia. — Não posso acreditar! Por um lado, eu já esperava que algo do tipo acontecesse, mas, mesmo assim, estou chocado.

— É exatamente como estou me sentindo.

— O que posso fazer para ajudá-la?

— Telefone para a Brenda, por favor, e avise a todos o que aconteceu. Também lhe peço que cuide das minhas correspondências amanhã. Na realidade, acho que talvez seja melhor eu tirar uma semana de férias. Hank vai precisar muito de mim.

— Não se preocupe com isso. E como ele está?

— Atordoado.

— Imagine o que seria desse menino se ele não tivesse você e Eric. A idéia de

você ter de cuidar de um protótipo de delinqüente não me agrada.

— Tucker, não admito que fale assim do garoto. Ele nunca mostrou nenhum tipo de comportamento suspeito. De qualquer forma, é muito tarde para esse tipo de discussão. Não quero ser rude, mas preciso fazer outros telefonemas. Amanhã nos falamos.

— Espere um instante. E o encontro com o Exterminador, como foi?

Ele sabia que Brette pretendia ir à reunião, porém a idéia não lhe agradara.

— Foi como esperávamos. Acabou. — E Tucker mal imaginava que esse "acabou" não se aplicava apenas à acusação.

— Melhor assim. Cuide-se, minha querida. E, se precisar de qualquer coisa, me telefone.

Depois Brette telefonou para Bertrice e Keith, e só então teve tempo para pensar no que Tucker lhe dissera ao final do telefonema. Os dois também ficaram chocados, como era de esperar, e ofereceram ajuda. Ela lhes garantiu que, por ora, tudo estava sob controle, mas sabia que eles apareceriam ao amanhecer.

Poucos instantes depois, o telefone tocou.

— Não desligue — disse Sam, sem preâmbulos.

Brette não o fez, porém também não falou nada. Ficou sentada sem se mexer, pois sabia que, mesmo apenas com a luz do exaustor do fogão acesa, ele poderia enxergá-la.

— Brette... Brette, desculpe.

Ela nunca ouvira tanta mágoa na voz de Sam, tanto arrependimento.

— Se eu soubesse...

— Se você soubesse, teria esperado até o término do enterro para me ofender?

Então ela desligou. E, finalmente, as lágrimas que estivera segurando escorreram. Por todos eles.

CAPÍTULO XLI

Emily Dickinson escreveu: "A morte é uma noite terrível e uma nova estrada". Sally tinha encontrado aquela noite terrível. Estou rezando para que Hank encontre essa nova estrada.

Anotação no diário.

Sexta-feira, 12 de novembro de 1999

O funeral aconteceu às dez horas da manhã de sexta-feira, no Cemitério Cedar Cove, perto da casa de Tucker. Nem ele nem Desiree puderam ir, porém havia várias coroas de flores da equipe do correio. Na realidade, poucas pessoas compareceram, uma vez que Sally não tinha amigos além de Brette, e seus colegas do hospital estavam sendo questionados sobre as drogas que ela vinha conseguindo ilegalmente. Além de

Bertrice, Clóvis e Keith, estavam o pastor e os coveiros.

E Sam também. Brette o vira pelo canto dos olhos, sabendo que ele os seguira até ali. Estava parado perto de uma árvore, um pouco afastado do grupo.

Brette esforçou-se para não pensar nele e se concentrar nas palavras do pastor, mas não teve muito sucesso. Tentava compreender o que Sam fazia ali. Ele parecera haver entendido o recado depois do telefonema tardio na segunda-feira, e se mantivera distante desde então. Mas o que estaria fazendo ali se nunca gostara de Sally?

O problema era com a consciência dele, e o seu estado de espírito e aparência nesses últimos dias não estavam ajudando muito.

Brette encontrava-se bastante abatida, e Hank também. A diferença era que as demandas da semana a tinham feito correr de um lado para outro, e se refletiam agora em seu peso e aparência. O terninho preto que usava estava bastante largo, bem como as outras roupas que experimentara antes. O mais importante, todavia, era que o pior já tinha passado. Agora deixaria tudo para trás e seguiria em frente.

Quando o enterro chegou ao fim, o sol saiu pela primeira vez naquela manhã. Brette ainda sentia um pouco de frio, apesar da brisa morna que começava a soprar. Bertrice queria ajudá-la e se ofereceu para preparar uma refeição para todos.

— Agora? — perguntou Hank.

— Sim, meu querido.

Ele deu um passo à frente e colocou uma rosa branca em cima do túmulo da mãe. Eric fez o mesmo. Em seguida, Keith surpreendeu a todos ao se aproximar e tomar o braço de Brette.

— Vou acompanhá-la até o carro.

— Não precisa Keith — respondeu ela, apertando-lhe a mão. — Ajude Bertrice a levar Clóvis.

Ele trouxera os dois ao cemitério em seu próprio carro, que era maior e mais confortável para o casal de idosos.

— Tem certeza? Eu não pude deixar de perceber quem nos seguiu até aqui. Dessa vez vou ficar bem atrás de você — disse Keith, beijando-lhe a bochecha.

Assim que ele saiu para buscar os dois, Brette e os meninos passaram ao lado da árvore onde Sam se encontrava parado. Usando um blazer azul-marinho e uma camisa branca, ele estava muito imponente, e não havia como notar que não tivera uma boa noite de sono.

— Olá, Sam — cumprimentou Eric.

O garoto tinha comentado a respeito de Sam várias vezes durante a semana, ainda mais quando percebera que a mãe o estava evitando ao máximo. Brette fora obrigada a admitir que as coisas estavam difíceis entre eles, sem dar maiores explicações ao filho. Poderia ter sido um grande erro, notou ela.

— Até daqui a pouco — disse Eric.

— Acho que não é uma boa idéia — respondeu Sam.

— Temos comida de sobra — insistiu Eric. — Mamãe e a Sra. Ponder prepararam tudo antes de sairmos de casa.

— Acho que não...

— Se for por minha causa—interveio Hank —, não se preocupe, pode ir.

Brette vinha observando Hank lutar com seus complicados sentimentos durante os últimos dias. E esse fora um excelente sinal de que seus conflitos estavam começando a ser resolvidos. Porém não ficou muito contente com esse primeiro passo. Antes que pudesse pensar em uma maneira de tentar evitar que Sam fosse até a casa dos Ponder, ele se aproximou do garoto e apertou-lhe a mão.

— Eu não conseguiria mostrar tanta maturidade na sua idade, Hank. Parabéns e obrigado. E saiba que sinto muito pela sua perda.

Brette sorriu para os meninos.

— Esperem-me no carro. Encontro vocês em um instante. Desde segunda-feira, Sam agira como um arcanjo cuidando deles, mas sem se intrometer. Embora ainda estivesse muito magoada com tudo que ele lhe dissera, Brette podia jurar que ele estava pagando por tudo que fizera.

— Sua presença aqui foi muito importante para Hank—disse ela, sabendo que Sam precisava ter seu gesto reconhecido.

— Eu teria feito mais, mas achei melhor deixar o tempo cuidar de tudo.

— Cada perda é uma perda. — Brette olhou para o modesto túmulo, cheio de flores brancas e amarelas. — O fato de você já ter passado pela mesma experiência não significa que está preparado para uma próxima. Mesmo assim, sempre há algo de novo para despertá-lo do torpor.

— E o que você aprendeu dessa vez?

— Aprendi que perdemos muito tempo com coisas que não têm importância e com pessoas que não percebem.

— Pessoas que não percebem o quê?

— Que a raiva e todas as suas manifestações estão aqui, são parte de nós, naturais, inerentes. Escolha uma palavra. Não acho que estejamos errados ao sentir raiva, porém tenho certeza de que deveríamos saber lidar melhor com esse sentimento tão cruel.

— Está falando de mim e de Sally?

— Estou falando de todos nós. — Brette ergueu o rosto e fixou os olhos de Sam. — Você acha que em toda a minha vida eu nunca quis xingar todo o universo? Ninguém assassinou meus pais. Eles foram levados por uma avalanche de neve. Ninguém teve culpa. Não foi nada pessoal, mas na ocasião eu achei que pudesse ter sido. Meu melhor amigo se recusou a deixar que esquiadores menos experientes descessem uma montanha que julgava perigosa sem antes testá-la sozinho. Jamais encontrarão o corpo dele. Por que culpar a Deus por ter levado uma pessoa com tanto potencial?

— Brette, eu te amo.

— Você acha que eu não sei?

Ela não tivera a intenção de gritar, porém não conseguiu se controlar.

— Do que você acha que estou falando? Olhe só o que você fez com o seu amor. Você se machucou, pois é algo assustador e difícil. Bem, tudo na vida é difícil. É quase como patinar no gelo. E daí? Você continua fazendo. — Ela sabia que estava falando

coisas sem sentido e fora do contexto, porém, mesmo assim, continuou. —Você acha que eu lhe pedi para me amar? Você acha que eu quero te amar? Eu gostava da minha vida como ela era... Calma, centrada e inofensiva. Não é isso que ditam os mandamentos? Não prejudique o próximo? Eu sempre fui assim até que o conheci... Ah, meu Deus!

Brette levou as mãos ao rosto e começou a chorar compulsivamente. No mesmo instante, sentiu as mãos de Sam envolvendo-lhe os ombros. Apesar de saber que deveria resistir e poupar o que havia restado de sua sanidade, ela não o fez. Quando Sam a pegou no colo, foi tomada por um grande alívio e por uma profunda escuridão.

CAPÍTULO XLII

Os meninos saíram correndo da caminhonete de Brette quando Sam passou ao lado deles carregando-a no colo. Pálidos e de olhos arregalados, Eric e Hank pararam ao lado dele querendo explicações sobre o que acontecera. Se tivesse a idade dos dois e passando por uma situação como aquela, Sam também estaria aterrorizado. Entretanto o pânico de nada adiantaria.

— Meninos, acalmem-se. Por favor, um de vocês abra a porta de trás da minha caminhonete, e o outro pegue a bolsa e as chaves do carro de Brette e o tranquilizem. Depois eu venho buscá-lo.

Eric abriu a porta e Sam deitou-a no banco traseiro, cobrindo-a com a manta que deixava ali para envolver objetos delicados. Tinha plena consciência dos outros correndo em sua direção, mas esperou apenas os dois meninos entrarem no carro para sair dali. Os soluços de Brette o motivavam a agir depressa. Ela precisava estar sozinha, do conforto de uma casa, e ele faria o que estivesse ao seu alcance para proporcionar-lhe tal bem-estar.

— O que aconteceu? — perguntou Eric, sentado ao lado dele, sem tirar os olhos do banco de trás.

— Ela está cansada.

— Não pode ser só cansaço.

— Daqui a vinte anos nós conversamos de novo — disse Sam, um pouco rude. Não pretendia ser estúpido com os meninos, porém o fato de ver uma mulher que era um verdadeiro exemplo de força e determinação desmoronar o deixou apavorado. — Brette passou por um período muito conturbado nestas últimas semanas, aliás, meses — continuou ele, tentando ser mais complacente. — Algumas pessoas acreditam ter tanta responsabilidade que acham que não têm o direito de parar, portanto seu corpo ou mente as força a fazê-lo.

Eles chegaram à casa dela em menos de vinte minutos. De novo, Sam mandou os meninos na frente, dessa vez para destrancar as portas. Então levou Brette para dentro e, sem a ajuda de Eric, encontrou o quarto dela.

— Saíam — ordenou ele para os dois que os seguiam como se estivessem presos pelo cordão umbilical. — E fechem a porta.

— Mas Sam...

— Cuide dos outros, Eric. Quando a Sra. Ponder chegar, traga-a aqui. Mais ninguém, entendeu?

— Sim.

Quando a porta se fechou, Sam puxou a colcha, tirou os sapatos de Brette e começou a desabotoar-lhe o terninho. Ela não quis colaborar muito.

— Deixe-me em paz.

Gemendo, Brette tentou se esquivar, mas não teve forças o suficiente.

— Você está em casa, Brette. Tente relaxar e dormir um pouco.

A voz dele desencadeou a mais intrigante contradição.

— Sam?

— Quem mais poderia ser, meu anjo?

A perda de peso de Brette o comoveu, mas também o fez lembrar de como se sentira quando ela desmaiara em seus braços. Dias antes, Sam jurara que nunca mais chegaria perto de Brette novamente. Hoje, em contrapartida, prometera a si mesmo que jamais perderia aquela mulher maravilhosa. Pensamentos corajosos para um homem cujo futuro lhe fora tirado.

Quando Bertrice entrou, ele já havia tirado toda a roupa de Brette e lhe colocado uma camiseta.

— Sam, mas o que... Você não sabe como fiquei assustada quando o vi sair correndo com Brette em seus braços.

Com uma cartela de aspirinas e um copo de água nas mãos, Bertrice sentou-se na cama ao lado de Brette.

— Sinto muito pelo susto, Bertie, mas não tive tempo de explicar nada para ninguém. Brette precisava descansar.

— Eu já esperava por isso. Enquanto estávamos vindo para cá, comentei com Keith que logo mais ela teria um colapso nervoso. Mas a maior determinação da vida dessa mulher é mostrar aos meninos quanto ela os ama.

Sam ajudou-a a erguer-lhe a cabeça para tomar o remédio.

— Tente dormir, minha querida — murmurou a senhora.

— A comida...

— Nós guardaremos tudo, não se preocupe. Descanse agora. Mais tarde eu trarei uma sopa para você.

— Os meninos precisam de...

— Não se preocupe meu bem. Os dois estão ótimos. Brette virou-se para Sam.

— Estou aqui. — Ele beijou-lhe os lábios febris. — E ficarei aqui, prometo.

Então ele saiu do quarto. Assim que pisou no corredor, Sam deparou com Keith.

— Ela está bem? — perguntou ele, segurando um copo de vinho quase vazio. — Precisamos chamar uma ambulância?

— Não há necessidade. Algumas horas de bom sono e descanso serão suficientes;

— Sam olhou para a sala. — Onde estão os garotos?

— Tentando ajudar Clóvis a comer o merengue da torta de chocolate. Tem certeza de que Brette está bem? Eu nunca a vi perder o controle dessa maneira.

— Deve ser o primeiro funeral dela. Keith enrubesceu.

— Não é um comportamento comum. Eu a conheço há anos. Nós somos amigos.

— Então aja como tal e pare de sugerir que ela está mal. Sam passou ao lado dele e encontrou os meninos na sala, sentados à mesa com Clóvis. Todos pareciam estar esperando por uma execução.

— Ela se sentirá muito pior se sair do quarto e vir que ninguém tocou na comida — disse Sam.

— Mamãe vai sair do quarto?

— Bem, agora não. Ela precisa de algumas horas de descanso. Que tal atacarmos essa comida deliciosa?

Sam fez o possível para tentar animar a todos e ajudou Clóvis a comer. O difícil era fazer com que ele não derrubasse a comida.

— Acho que terei de pagar a sua conta no tintureiro — disse Sam algum tempo depois, quando Bertrice apareceu. Keith veio atrás.

— Não se preocupe. Veja como ele está contente. — Ela se virou para Keith. — Sei que você precisa voltar ao trabalho, então me diga o que quer para eu lhe preparar um prato.

Enquanto isso, Keith foi até Hank e afagou-lhe as costas como Brette costumava fazer. Sam se afastou dali, pois tinha certeza de tratar-se de provocação. O garoto não se mostrou muito contente.

Pouco depois, Keith despediu-se e foi embora.

Eles se sentaram para almoçar e, depois de terem comido dois pratos de sobremesa, os garotos pediram licença e se retiraram.

— Eu deveria ter lhes dito para trocar de roupa — comentou Sam, olhando os dois prepararem a mesa do jardim para colocar seus alvos.

— Não se preocupe com isso — disse Bertrice. — Já comeu o suficiente? Vou guardar a comida que sobrou e arrumar a cozinha. Enquanto isso, Clóvis pode tirar uma soneca no sofá.

Sam olhou para a travessa com salada de batata.

— De jeito nenhum. Vocês vão para casa.

— Sam, os meninos não podem ficar sozinhos.

— Eu vou ficar aqui.

Bertrice abriu a boca para protestar, mas depois de estudar o rosto de Sam por alguns instantes, ela sorriu.

— Bem, eu imaginei... Está bem. Como você preferir. Enquanto Bertrice terminava de arrumar as coisas, Sam foi até o quarto para ver como Brette estava. Ela dormia tão pesado que nem se mexera na cama. A camiseta cor-de-rosa lhe acentuava a juventude, fazendo-a parecer bem mais nova do que seus trinta e dois anos. O sono a deixava mais frágil do que quando acordada com todo seu bom humor. Esse colapso deveria servir como um tipo de advertência. Brette não sabia quando parar. Ela precisava de alguém que a mantivesse sob controle.

Fazia alguns minutos que Sam contemplava Brette quando ouviu uma barulheira do lado de fora da casa. Ao chegar à sala para ver o que estava acontecendo, ele encontrou Hank tentando se explicar com Bertrice.

— Eric está com ele. Ele não quer sair dali. Está se mexendo para frente e para trás e emitindo sons esquisitos.

— O que está acontecendo agora? — perguntou Sam.

— Clóvis quis ficar lá fora com os meninos, mas sumiu pouco depois de ter saído. Não é culpa deles, Sam, portanto não os repreenda. Clóvis está piorando dia a dia. Ele está no meio da rua e deve ter visto algo que o deixou perturbado. Será que você poderia buscá-lo para mim?

Sam nem perdeu tempo para responder. Correu com Hank até a entrada da fazenda dos Pugh e diminuiu o passo quando avistou Eric e Clóvis. Olhando ao redor, ele percebeu que o que estava perturbando o velho era um contêiner de lixo. Quanto aos sons que emitia, não eram nem um pouco assustadores. Pareciam exercícios vocais de um cantor.

— li... ü... ii... Cii... ii... ii... Ga... aa... aa...

Sam testemunhara vários momentos bizarros em sua vida, porém aquele não fazia o menor sentido... Até que viu um sapato de salto no lixo.

CAPÍTULO XLIII

Sam ordenou que todos ficassem ali e foi até o grande receptáculo de vinil. A tampa estava entreaberta, precisando apenas de um empurrão para revelar todo o conteúdo.

Nenhum corpo. Não que esperasse encontrar um, porém se espantou com o que viu. Coisas que não se costumava jogar fora, principalmente em bom estado. Maquiagem, presilhas de cabelo, revistas e algumas peças de roupa, além de pares de sapatos.

— E então?

Ao olhar para trás, ele viu que os dois garotos e Clóvis o olhavam com atenção, esperando por uma resposta. Qual explicação poderia lhes dar que justificasse o comportamento estranho do velho?

— Parece-me que ela se mudou.

— De jeito nenhum — discordou Hank, aproximando-se para olhar o que havia dentro do lixo. — Há muitas coisas boas aqui.

— Não comece a ter idéias.

— Idéias, eu? Estou querendo dizer que as mulheres não jogam esse tipo de coisa fora quando se mudam, como se não prestassem atenção nas datas de validade. Não é, Eric? Lembra-se daquele dia que fomos para a praia com as nossas mães? Elas levaram quase o banheiro inteiro.

— É verdade — respondeu Eric, sorrindo. — Nós usamos muitos tubos de batom vazios e frascos de creme para passar nas maçanetas do hotel.

Terroristas em treinamento, pensou Sam. Era surpreendente Brette não estar de cabelos brancos.

— Albert disse para a mãe de Eric que Tracie se mudou daqui.

— Hei, vocês... — A atenção de Eric voltou-se para Clóvis. Ele apertava as mãos contra o peito e começou a tremer. — Acho que ele está perdendo o equilíbrio.

O garoto tinha razão.

— Vamos levá-lo de volta para casa.

Bertrice estava parada à porta da frente, e ficou assustada ao ver o marido naquele estado.

— Imaginei que ir ao cemitério pudesse ser demais para ele. Não é melhor chamarmos uma ambulância?

— Clóvis parece estar se acalmando — respondeu Sam. — Ele deve ter se aborrecido com o que viu.

— Como assim?

— Bem, você ouviu por aí que Albert e Tracie se separaram?

— Eu me lembro de ter ouvido Brette comentar algo sobre o assunto, mas... Não, espere! Ela me perguntou se eu tinha visto Tracie ultimamente. O que está acontecendo?

— Clóvis me pareceu muito aborrecido com o que viu. Encontramos muitas coisas de Tracie no lixo. Coisas de mulher, sabe? Clóvis tinha um carinho especial por ela?

Bertrice começou a relaxar, e até esboçou um sorriso.

— Não há como negar que ele sempre teve olhos para uma mulher bonita. Brette sempre foi a predileta, claro, porém Clóvis adorava quando Tracie parava para provocá-lo. Keith me contou que ela adorava flertar com meu marido quando eles se encontravam. A verdade é que eu nunca me preocupei. As brincadeiras nunca me incomodaram, mas Clóvis gostava da atenção.

Sam não se surpreendeu por ter percebido o tipo de pessoa que Tracie era assim que a conheceu.

— Bem, ele viu um sapato caído para fora da lata de lixo dos Pugh, A princípio nos pareceu suspeito, e imagino que ele tenha pensado que encontraria o corpo depois.

— Entendi. — Bertrice pressionou a mão contra o peito antes de abraçar o marido.

— Acalme-se, meu querido. Não foi nada. Você se assustou, só isso. Vamos para casa para você descansar direito. Fique quietinho enquanto eu termino de arrumar a cozinha.

Apesar de Sam ter lhe garantido que tudo estava na mais perfeita ordem, ela não iria embora enquanto tudo não estivesse do seu gosto. Só depois de dizer a Sam e aos garotos o que comer e onde encontrariam tudo, Bertrice se deixou acompanhar até seu carro.

— Não pense que eu me esqueci da sopa que prometi a Brette — disse ela, assim que abaixou o vidro. — Tenho alguns potes congelados, então mande um dos garotos

buscar.

— Fique sossegada, Bertie. Deixemos para amanhã, afinal de contas Brette está tão exausta que com certeza dormirá a noite inteira.

— Concordo. É um descanso mais do que merecido. Bem, saiba que a sopa está pronta para quando você precisar.

Sam agradeceu mais uma vez e despediu-se do casal. Quando voltou para dentro de casa, Eric e Hank o aguardavam e suas expressões demonstravam que não tinham se convencido nem um pouco com a explicação que ele dera a Bertrice.

— Nós achamos que... — começou Eric — Albert está tentando se livrar das evidências.

Sam ficou contente por perceber que pelo menos Hank não o estava considerando um possível suspeito.

— Digamos que seja esse o caso. Não seria um pouco de descuido jogar todas aquelas coisas no lixo bem na frente de casa para todo mundo ver? Estranho seria se ele tivesse usado outro lixo ou tentado esconder as coisas.

— Eu li em algum lugar que é mais fácil esconder algo onde as pessoas menos desconfiam, ou seja, nos lugares mais óbvios.

— Sim, algumas vezes. Entretanto, nesse caso, Albert sabia das desconfianças da mãe de Eric. Ela foi até a casa dele entregar uma revista para Tracie e tentou descobrir alguma coisa.

— Sim, mas saiu uma nota no jornal sobre o enterro de minha mãe — comentou Hank. — Ele também deve ter visto Tucker entregado as correspondências. A ocasião era perfeita.

— Não quando Tucker e Brette estavam brincando de Sherlock Holmes e Watson.

— Só que Albert não sabe disso.

Sam ficou impressionado com a astúcia dos garotos, porém não se convenceu.

— Vocês dois são muito espertos, mas eu não vou telefonar para a delegacia. O xerife Cudahy e sua equipe acharão que estou tentando desviar a atenção para outra pessoa.

— Um de nós deveria ligar — Eric disse para Hank.

— Os computadores do serviço de emergência rastreiam os números.

— Além do mais, Cudahy quer me ver usando algemas assim que eu completar dezoito anos, então também não posso telefonar. — Aí ele teve uma idéia e estalou os dedos. — Vamos pegar alguns sacos plásticos e coletar o máximo de coisas que conseguirmos e depois mandamos tudo para a delegacia para que eles possam tentar encontrar marcas de sangue.

— Calma lá, garoto. Isso é invasão de privacidade. — O divertimento de Sam terminou ali.

— São provas.

— Se for esse o caso, suas impressões digitais vão contaminar tudo que há naquele lixo.

— Mamãe tem luvas de borracha na despensa—disse Eric, levantando-se para ir buscá-las.

Assim que o garoto proferiu aquelas palavras, o barulho de um caminhão passando chamou-lhe a atenção. Mais perto da janela, Hank se inclinou para ver quem tinha passado.

— Ah, não!

Sam e Eric juntaram-se a ele.

No final da rua estava o caminhão de lixo.

CAPITULOXLIV

Quando Brette abriu os olhos, o quarto estava escuro, a não ser pela parca luz que entrava pelas frestas das cortinas. Ela demorou um pouco para entender o que estava acontecendo. Então se lembrou de seu quarto, do dia difícil que tivera.

Bocejando, sentou-se na cama e verificou as horas. Uma da manhã. Apesar de ter dormido quase o dia inteiro, ela ainda não estava se sentindo muito bem. Seu corpo todo doía.

Uma série de perguntas começou a assombrar-lhe a mente: Como estavam os meninos? Onde estavam todos? Não se ouvia nenhum barulho na casa.

Com passos cautelosos, ela foi até o banheiro e lavou o rosto com água fria. Sentindo-se um pouco mais aliviada, Brette foi descalça até o quarto de Eric, depois até o de Hank. Os dois dormiam feito anjinhos.

Sossegada, ela seguiu para a cozinha.

— Aonde você vai?

Brette arregalou os olhos e se virou. Por sorte reconheceu a voz, caso contrário a figura sombria se levantando do sofá a teria assustado.

— O que você está fazendo aqui?

— Serviço voluntário — disse Sam, com a voz brincalhona. Mais lembranças surgiram-lhe à mente. A conversa no cemitério, a confissão dele. A dela...

Brette ficou tentada a voltar atrás e entregar-se à segurança de seus aposentos.

— Devagar — disse ele, ajudando-a a se manter em pé. — Suas pernas ainda estão cansadas.

— Estou bem — mentiu ela, sentindo as reações de seu corpo diante do toque de Sam. Ele tirara a camisa e ficara só de calça jeans. Brette não estava preparada para nada daquilo.

— Você está fraca de fome. Bertie guardou um monte de comida na geladeira e no freezer, e também há vários ingredientes para um bom sanduíche.

— Bertie... — repetiu ela, surpresa com a intimidade entre ambos.

— Foi a única maneira que encontrei para impedi-la de ficar dando ordens como se estivesse no exército.

— Só não ouse me chamar de Brettie — brincou ela.

— Quer que eu lhe prepare um sanduíche... Barry?

— Pode deixar que eu mesma faço.

Sam estava sendo amável demais. Brette precisava de espaço, de tempo para encontrar seu equilíbrio.

E é claro que ele não permitiria que isso acontecesse.

— O que você quer beber?

Sam passou ao lado de Brette, de modo que a mão dela roçou na barriga firme dele. Sem saber como agir em uma situação tão delicada quanto aquela, ela pensou em pedir-lhe que fosse embora, pois não conseguia raciocinar direito com ele por perto. Todavia a idéia de ficar sozinha era menos atraente ainda.

— Brette, eu não poderei ajudá-la se você não me disser do que precisa.

— Eu quero uma explicação. — Ela o encarou. — Por que esta aqui? E não me venha com nenhuma gracinha. Quero saber, o que mudou?

Ela esperou a resposta em silêncio, imóvel. Alguns instantes depois, Sam acendeu a luminária do balcão e também um incenso.

— Está bem, vou lhe dizer, mas só se você se sentar. Discutir só acordaria os garotos, pensou ela. Além disso, não tinha energia para suportar outra explosão de emoção como a que a acometera de manhã.

Brette sentou-se e observou-o encher a chaleira de água.

— O que está fazendo?

— Chá. Está esfriando, e assim você pode tomar um pouco de mel.

— Eu não gosto de mel, é doce demais para mim. Só a palavra já me dá arrepios.

— O mel lhe dará um pouco de energia. Não se preocupe, pois colocarei bastante limão. Para os meninos, eu coloquei balas de hortelã.

Cada vez mais Brette sentia-se uma estranha em sua própria casa.

— Os meninos não gostam de chá quente.

— A garganta de Hank começou a inflamar. Minha mãe sempre usava chá com mel e limão para evitar que piorasse. E colocava balas de hortelã para que não nos recusássemos a tomar. Funcionou com os seus meninos. Eles disseram que não estava tão ruim assim.

Talvez estivesse sonhando que estava sentada ali...

— Não me deixe esquecer de lembrá-la de ligar a campainha do telefone do seu quarto amanhã de manhã—continuou Sam. —Há algumas mensagens na secretária eletrônica. Além disso, Tucker ligou querendo saber se você tinha melhorado, e também uma mulher da Associação de Pais e Mestres, que disse que retornaria a ligação. —Ele respirou fundo. —Talvez você tenha alguns problemas, pois ela reconheceu a minha voz.

Brette apoiou os cotovelos em cima da mesa e escondeu o rosto entre as mãos.

Enquanto caminhava de um lado para outro na cozinha, Sam continuou a contar-lhe as novidades do dia, mantendo a voz baixa, e o tom, casual. Ele pensara em assistir a um filme com os garotos, mas preferira não fazer tanto barulho. Então jogara cartas com eles. Hank tinha jeito para o jogo, Eric nem tanto.

Um prato com vegetais, queijos e biscoitos foi colocado na mesa, entre os cotovelos de Brette. Um instante depois, uma caneca de chá.

— Tente comer um pouco. — Sam serviu-se de um copo de vinho da garrafa que havia aberto no dia anterior e sentou-se ao lado dela.

Brette começou a comer para manter as mãos ocupadas e também evitar um contato visual. Sam estava deslumbrante.

Ela, por sua vez, sentia-se mais abatida do que nunca, motivo pelo qual deveria manter o rosto escondido.

— Só mais uma coisa, depois prometo que paro de tagarelar. Gostaria que você soubesse que o seu amigo Keith e eu não temos muitas afinidades.

— Imagino que pessoas introvertidas não costumam se dar bem.

— Não sou introvertido, sou discreto. De qualquer maneira, saiba que Keith ficou furioso por eu não ter permitido que ele entrasse no seu quarto. Achei melhor lhe contar antes que a notícia lhe chegasse distorcida aos ouvidos.

Brette engoliu o último pedaço de seu segundo mini sanduíche e pensou em dar um gole no vinho de Sam. Ele tinha razão, a temperatura estava começando a mudar, e seu joelho ameaçava doer. Não conseguiria ficar naquela posição por muito tempo, então cruzou as pernas em cima da cadeira e pegou sua caneca de chá.

— Coloque-os aqui — disse Sam, indicando suas pernas. — Seus pés.

Parecia algo muito íntimo para aquele momento, mas ela se lembrou de que aquele era o homem com o qual fizera amor, o homem que de certo lhe colocara a camiseta de dormir.

Brette estendeu as pernas, deu um gole no chá e engasgou no mesmo instante.

— Você tem cócegas.

— Estou perdendo a cabeça—falou ela, colocando a caneca na mesa e empurrando o prato para longe. — Não posso fazer isso. Juro que estou tentando, porém não posso. Deixe-me subir, Sam — pediu, tentando se levantar. — Este não é... Eu não estou reconhecendo você.

— Então experimente isso...

Em um movimento ágil, ele a puxou para o seu colo e beijou-a com ternura.

— E agora, já me reconhece um pouco mais?

— Um pouco—respondeu Brette, recostando-se na cadeira com o olhar sério. — Você foi o homem que eu humilhei na frente de uma série de pessoas, inclusive de um padre.

— Nós teremos problemas muito graves se você for me dizer que não estava falando sério quando disse que me amava.

Sam conseguira dizer aquelas palavras com um toque de humor. Brette suspirou.

— Eu falei sério, sim. Só não sei se foi uma boa idéia ter lhe contado, pois acho que estou tendo uma crise de idade. Sabe, de repente tudo em que eu acredito parece estar fugindo do meu controle...

— Como eu, por exemplo?

— Você deixou bem claro que parou de acreditar em muitas coisas. Então, com a mesma rapidez que muda um canal de televisão, você se entrega para mim. Creio que seja sábio, para não dizer mais seguro, se eu continuar enxergando o antigo Sam.

— Você nunca conseguirá ser cínica ou se dar por vencida, Brette. É apenas uma

época ruim.

Ela pressionou o rosto contra o peito de Sam para conter a risada. Ao mesmo tempo, quis chorar. Como podia acreditar que conversar daquela maneira melhoraria a situação?

— Heil! — Sam beijou-lhe a testa, depois a ponta do nariz e então os lábios. — Você acha que é a única que está perdida? Hoje eu brinquei de papai pela primeira vez desde que tudo aconteceu. Tudo bem, foi mais brincar de tio. De qualquer modo, foi uma experiência nova. Mas não chega nem aos pés da novidade que o sub-xerife Russell veio trazer instantes depois de você ter saído da minha casa. Eu olhei para você e... Brette, achei que a tinha matado de desgosto.

— Sim, devo admitir que o que você disse me magoou demais. Eu simplesmente não conseguia acreditar que depois de tudo que tínhamos vivido juntos...

Os braços dele a envolveram com mais força.

— Você não estava errada. Eu estava. Apesar de todos os meus esforços, tive uma recaída. Tive medo outra vez. Medo de chegar o dia que você percebesse que não valia a pena estar do meu lado. Ou pior, medo de que eu talvez pudesse agredi-la fisicamente...

— Você não é seu pai.

A declaração apaixonada trouxe um sorriso tímido ao rosto de Sam.

— Não, eu sou quem você está vendo.

Dessa vez o beijo foi suave, tentando transmitir uma série de emoções. Afastou o frio da noite, bem como todas as dúvidas que ainda atormentavam a mente de Brette. As mãos de Sam também a acariciavam, afastando todo o horror da tragédia dos últimos dias.

Vendo que Brette estava se entregando de corpo e alma, ele se endireitou na cadeira.

— Acho que é um bom momento para nos lembrarmos de que estamos na cozinha e de que há dois adolescentes bem perto, que podem sair do quarto a qualquer instante.

—E o pior é que aqui, literalmente, as paredes têm ouvidos. — Entretanto nada daquilo diminuía o desejo de Brette. Poderia passar a noite ali, aninhada nos braços dele. Aquele corpo já lhe era tão familiar que... O que é isso? — perguntou ela, sentindo um arranhão no ombro de Sam.

—Você me assombra até enquanto durmo. Eu me arranhei em um brinco seu enquanto dormia no sofá.

— Brinco...

Brette não terminou a pergunta, pois Sam a beijou novamente.

—Vou ao banheiro enquanto ainda consigo me controlar - disse ele, levantando-se depressa. —Aproveite para terminar de comer.

Mas como conseguiria comer se as necessidades de seu corpo eram outras? Suspirando, ela pegou a caneca de chá e se lembrou do que Sam lhe dissera sobre seu brinco.

Curiosa, levantou-se e foi até a sala de estar. Encontrou o que estava procurando

na mesa de centro. Dourado e colorido, bijuteria.

Brette regressou à cozinha para inspecionar melhor o brinco. Não era seu. Depois de uma terrível alergia, ela só usava ouro. Era uma bijuteria bastante barata, na verdade. As cores, verde, amarelo e rosa nem combinavam com ela.

O que aquele brinco estaria fazendo em seu sofá?

CAPÍTULO XLV

— Quando você pretendia me contar? Brette seguiu Sam até seu galpão, depois até a cozinha. Deixara os meninos varrendo as folhas no jardim de Bertrice para poder conversar em paz com ele. Precisava de algumas respostas.

— Eu já lhe disse, não foi nada demais, Brette. Apenas um homem doente que teve um momento sentimental e acabou incitando a imaginação dos dois.

—Você realmente acredita nisso? Albert está jogando fora tudo que é de Tracie, livrando-se de tudo que possa lhe trazer alguma lembrança da esposa e você acha que não é "nada"?

— Eles se separaram. Não que esteja me apegando às estatísticas, mas você já percebeu como é difícil para as pessoas se manterem casadas nos dias de hoje? Os Pugh são um casal exemplar, porém fora da média.

— Mais um motivo para uma mulher como Tracie não desaparecer — insistiu ela.

— Brette, eu gostaria muito de poder ajudá-la a encontrar uma explicação para a marca naquela placa, mas o fato é que não há nenhuma evidência. Quer saber o que eu acho? Foi Hank. Calma, não me olhe assim. Acho que ele queria apenas fazer uma brincadeira com Eric, e quando viu que a brincadeira se transformou em algo mais sério, perdeu a coragem de contar. Guarde as minhas palavras: algum dia, quando estiver se descabelando com as travessuras dos próprios filhos, ele lhes contará que pregou uma peça em todo mundo.

— Mas você disse que Clóvis ficou com o brinco por causa de Tracie. — Ela e Sam tinham deduzido que o velho encontrara o brinco. Sam se lembrou do comportamento estranho de Clóvis, da maneira como ele segurara o punho fechado contra o peito.

Sam olhou para o teto.

— Não se pode dizer que Tracie fosse a Lolita de Clóvis. Estou apenas dizendo que... O brinco é colorido e de mau gosto. Acho que devemos parar de fazer suposições.

Ele estava tentando desviar o assunto, fazer com que ela se concentrasse em algo que não fosse a onda de más notícias que vinham enfrentando. E Brette sabia que deveria pelo menos tentar. O dia estava lindo, apesar de frio. A garganta inflamada de Hank melhorara, e os dois meninos tinham concordado em fazer algo pelos Ponder como agradecimento por tudo que Bertrice lhes fizera. Também parecia que ela e Sam passariam cada vez mais tempo juntos...

Brette estava se sentindo muito melhor em relação a uma série de aspectos, em especial por não estar trabalhando. Ah, como precisava daquele descanso! Porém a história que Eric e Hank tinham lhe contado, e que fora confirmada por Bertrice, era

como uma nuvem negra pairando no horizonte. Ela ameaçava destruir tudo.

— E se eu estiver certa, Sam? Tudo bem, Tracie não é a esposa do prefeito ou uma celebridade nacional. Mas é um ser humano com esperanças e sonhos, como nós. Não podemos permitir que Albert continue a agir assim.

Sam colocou as mãos em cima do balcão e pendeu a cabeça para o lado.

— E você não precisa ficar me lembrando de como eu sou tratante.

— Não, eu não quis dizer...

— Eu sei, mas é o que sou mesmo. Está bem, se você faz questão de imaginar que o pior aconteceu, já levou em consideração que pode ser o pai, e não o filho, que está por trás disso?

— De jeito nenhum. Você acha que... A nora?

—Ele não seria o primeiro velho a testemunhar uma jovem espreitada fazer o filho de trouxa ano após ano. Para piorar a situação, nunca houve nenhum indício de herdeiros. Ela pode até ter brincado com ele.

— Agora, quem está indo longe demais é você. Duvido que Tracie tenha se engraçado com o velho Truman. O máximo que ela poderia ter feito é colocar leite de magnésia no mingau dele.

—Você não está vendo pelo ângulo exato. Você disse que os dois são misóginos. Sabia que a disfunção aproxima as pessoas? Confie em mim, eu sei o que estou dizendo. Mesmo que desprezem um ao outro, Truman e Albert se entendem. É uma ligação muito poderosa.

— Que medo!

— Mais um motivo para você manter distância daquela fazenda.

A mente de Brette, todavia, já maquinava sobre a idéia.

— Vou comentar com Cudahy. Ele me telefonou para perguntar se Hank podia ir até a delegacia para olhar algumas fotografias que o FBI enviou por fax para tentar reconhecer alguns dos suspeitos.

Balançando a cabeça, Sam saiu da cozinha e foi para o corredor.

— Ele vai se arrepender de ter lhe telefonado — comentou Sam, por cima do ombro.

Brette foi atrás dele.

— Eu me atenho aos fatos. Não quero tocar no assunto até que Hank esteja um pouco melhor. A discrição é uma das minhas qualidades, você sabe... Hei!

No instante em que ela passou pelo escritório, Sam puxou-a para dentro, fechou a porta e pressionou-a contra a mesma com seu corpo.

— Eu conheço bem as suas qualidades — murmurou ele, beijando-lhe o pescoço. — E não sou nem um pouco discreto.

Havia uma urgência em Sam, um desejo confirmado por Brette. Ela não sabia quando poderiam ficar juntos outra vez, pois as possibilidades eram cada vez mais remotas. Mas estavam ali agora, e ela sabia que não haveria escapatória.

Sam acariciou-lhe o corpo, parte por parte, primeiro estudando-o, depois com mais intensidade, sobretudo quando descobriu que Brette não estava usando sutiã. Com movimentos ágeis, ele abriu-lhe os botões da blusa e respirou fundo.

— Minha Brette... como você é linda!

Ele se inclinou para beijar-lhe os mamilos e, não satisfeito com o suspiro trêmulo que ouviu, continuou até que todo o corpo de Brette se contraísse e ela estivesse prestes a gritar de prazer.

Brette sabia que não tinham muito tempo.

— Sam...

—Eu sei—disse ele endireitando-se para olhá-la nos olhos. — Será que não podemos ser egoístas por dez minutos?

Dez minutos não lhes permitiriam muita coisa, mas Brette não pensou duas vezes.

Com um beijo ardente, ele deitou-a no sofá e os dois se entregaram a um mundo só deles.

—Desculpe meu amor—murmurou Sam, com a voz rouca.

— Por quê?

— Por desejá-la tanto assim.

— Não pare... — pediu ela. — Por favor... não pare...

CAPÍTULOXLVI

Um dos pensadores gregos disse que há duas coisas que não é possível esconder: estar bêbado e estar apaixonado. Não quero esconder o que sinto por Sam, só quero uma chance de vivenciar esse amor por inteiro. Mas isso não acontecerá se eu fizer o que ele está me pedindo. Não tenho como dar as costas a algo que acho tão errado! Preciso encontrara resposta para o enigma que envolve Tracie, caso contrário creio que nenhum de nós será feliz outra vez.

Anotação no diário

Segunda-feira, 15 de novembro de 1999

A o se aproximarem da delegacia de Quitman, Hank começou a ficar cada vez mais impaciente. Ele se mostrara contente quando Brette fora buscá-lo, conforme o combinado. O final de semana havia sido bastante agradável, sem maiores diversões, porém muito gostoso. Com a ajuda de Sam, eles tinham levado as coisas de Hank para seu novo quarto na casa dela. Depois Brette o levava a Tyler para escolher alguns acessórios de decoração. Ele a surpreendera ao lhe pedir um aquário em vez das cortinas que ela sugerira. Todo o resto que Hank escolhera foi em tons claros de azul e branco.

— Está nervoso? — perguntou Brette.

— Acho que sim. Um pouco.

— Talvez tivesse sido uma boa idéia trazer Eric conosco. Assim você teria companhia.

— Não. Ele quis ficar com Sam.

— Isso o incomoda? Quero dizer, o fato de Eric querer desenvolver suas habilidades manuais e aprender a construir coisas?

— Não. E a você?

Brette não entendeu a pergunta.

— Estou me referindo ao fato de Eric se interessar pelo que Sam faz.

— Ah, se ele criasse coelhos, Eric pediria para você comprar uma gaiola.

Era uma resposta extremamente cínica para um garoto da idade dele, porém Brette achou melhor não criticar. De certo havia um pouco de ciúme por trás.

— O que você está querendo dizer? Que Eric só se mostra interessado pelo que Sam faz, pois acredita que agindo assim o está agradando?

— Talvez não seja o caso. Os dois parecem estar se dando muito bem.

— E você? Você começou a simpatizar um pouco mais com Sam?

Hank a olhou.

— Está tentando encontrar uma maneira de me contar que vocês decidiram se casar?

Uma coisa Brette tinha de admitir: Hank não fazia rodeios quando queria dizer alguma coisa. Portanto pensou um pouco para responder com o máximo de honestidade possível.

— Sam ainda não me pediu em casamento, e, mesmo que o fizer, ainda acho um pouco cedo para pensarmos nisso.

— Por causa da morte da minha mãe?

— Também. Mas existem outras razões, meu querido. Hank ficou em silêncio por alguns instantes.

— Ele vai pedi-la em casamento.

— E... Você ainda não me disse o que acha sobre o assunto.

— Acho que se Sam a tratar com carinho e atenção, tudo bem. Ele não é tão ruim quanto eu pensava.

Bem, não era um elogio, porém era um primeiro passo.

— Mudando um pouco de assunto, eu perguntei a Keith sobre aquele cabo do computador que estava lhe causando problemas. Ele já providenciou um novo e disse que vai instalar assim que chegar.

— Eu sei como instalar um cabo — resmungou Hank.

— Claro que sabe, mas Keith disse que a parte da conexão... Sinto muito, Hank. Você sabe como os computadores me confundem. Eu...

— Ele acha que eu sou um imbecil.

— Hank, qual é o seu problema com Keith? Ele sempre foi muito amável com você.

— É o que ele diz. Eu sempre o achei um paspalho.

— Desde quando?

— Desde que eu amadureci.

Brette não soube responder àquela colocação.

— Tracie tinha razão — continuou ele, com seu veneno incontrolável. — Ele é uma bichona.

— Hank! — Não havia mais como fingir que a experiência dele em Saint Louis o

deixaria com um comportamento antagonista em relação aos homens. No dia seguinte, Brette prometeu a si mesma, começaria a procurar um bom terapeuta. Nesse ínterim, entretanto, tinha de encontrar uma maneira de mostrar que ele ultrapassara os limites.

— Tracie não conhecia Keith muito bem, e não tinha nenhum direito de difamá-lo dessa maneira.

— Ela o conhecia o suficiente para aconselhar minha mãe a não perder tempo com ele. E ela tinha razão. — Então Hank franziu as sobrancelhas. — Você percebeu que estamos falando de Tracie como se ela realmente estivesse morta?

— É verdade. Sinto muito, querido.

Mas Hank estava errado sobre Sally e Keith. Não havia dado certo entre os dois porque Keith não suportara as grosserias de Sally nem seus vícios. Ele fizera questão de deixar bem claro que gostaria que tivesse dado certo. Então Sam se mudou para a casa ao lado...

Ao chegarem à delegacia, encontraram o xerife Cudahy voltando de algum lugar. Ele os esperou na porta de entrada e os acompanhou para dentro.

— Obrigado por terem vindo, srta. Barry, Hank. Como vai? — perguntou ele, dirigindo-se ao garoto.

— Já tive dias melhores.

— É uma situação muito delicada. Sinto muito pela sua perda.

— Obrigado.

Cudahy colocou a mão no ombro do garoto e o levou até uma porta com uma placa escrito Investigador John Box.

— John está trabalhando fora daqui, mas deixou a pasta com os fax que chegaram de Saint Louis e mais alguns do Texas para que você tente reconhecer alguma das figuras. Há bastante retratos falados, portanto não se sinta mal se, depois de algum tempo, todos os rostos lhe parecerem iguais.

Cudahy levou a pasta para uma pequena sala de interrogatório.

— A senhorita pode sentar-se ao lado dele.

— Daqui a pouco, xerife. Antes, porém, eu gostaria de falar com o senhor. Pode ser?

— O sub-xerife deve chegar por volta das três horas. Até lá estou livre.

Brette saiu para o corredor e esperou até que ele fechasse a porta.

— É uma sala à prova de som — comentou o xerife, apontando para a sala onde Hank se encontrava.

— O garoto já tem preocupações de sobra, portanto acho melhor ficar sozinho lá dentro.

A expressão de Cudahy não se alterou.

— A senhorita me parece exausta — disse ele.

— O pior já passou xerife. Vou ficar bem. A minha preocupação agora é com Hank. Pretendo começar a procurar um psicólogo.

— É uma boa idéia.

— Mas o meu assunto com o senhor é outro. Quero falar sobre Tracie Pugh.

- Era o que eu temia.
- Ouça-me, por favor, xerife. O senhor sabia que ela e Albert se separaram?
- Não, não saiu nos jornais.
- Por favor, não brinque, xerife. É sério. Faz tempo que não temos notícia dela.
- E o que há de estranho nisso? As pessoas podem gostar de ter um pouco de privacidade.

- Acho que ela foi embora e ninguém sabe para onde.
- Às vezes as pessoas não querem que descubram seu paradeiro. Isso é normal.
- Também acho, mas o senhor não concorda que as pessoas levam suas coisas junto quando viajam ou quando vão embora?

— Eu aposto como a senhorita quer me contar algo. Brette preferia que a colocação fosse diferente, mesmo assim assentiu.

- Albert está jogando as coisas dela fora.
- Por exemplo?

— Roupas, artigos pessoais, maquiagem, sapatos... E tudo em bom estado. Se Tracie tivesse ido viajar, ou mesmo ido embora, ela teria levado tudo junto, não acha?

- E como a senhorita sabe disso tudo?

Não era sua parte predileta da história, porém Brette repetiu o que os garotos tinham lhe contado.

- Quer dizer que agora a senhorita anda revirando o lixo dos outros?
- Não fui eu. A tampa do lixo estava aberta e foi Clóvis quem viu. Ninguém pegou nada... Quer dizer, a não ser Clóvis.

— Como tem coragem de colocar a culpa naquele pobre velho? Se eu encontrar suas impressões em alguma coisa, ou as de Sam Knight, saiba que será a primeira pessoa que procurarei. E não se esqueça de que o seu vizinho foi a última pessoa a ver a supostamente desaparecida Tracie Pugh.

- O que Sam tem a ver com isso? Não foi ele que encontrou o lixo.
- Não, mas me parece que o marido dela teve motivos suficientes para... Diabos!

— Cudahy passou a mão nos cabelos. — Onde estão as coisas?

— O lixeiro passou e levou tudo. Tudo a não ser um brinco que encontramos com Clóvis. — Ela estendeu o saco que continha o pequeno objeto.

Cudahy pegou o saco plástico e estudou-o em silêncio por alguns instantes. Pouco depois, tirou os óculos do bolso e os colocou. Quanto mais olhava, mais pálido ele ficava.

— Quem tocou no brinco? — perguntou. Antes que Brette pudesse responder, um policial passou e Cudahy o chamou.

— Avery, peça para alguém verificar este objeto imediatamente. Preciso saber de quem são as impressões digitais.

- Sim, senhor.

Quando o homem se retirou, Brette envolveu o corpo com seus braços, sentindo um frio repentino.

- Por quê? O que o senhor viu?
- Sangue. Agora responda a minha pergunta. Com quem estava esse brinco?

— Comigo... E com Clóvis, é claro.

— E com quem mais? — perguntou Cudahy, sabendo que não era tudo.

Brette viu nos olhos do xerife que ele não a deixaria em paz enquanto não soubesse de toda a verdade.

— Sam.

CAPÍTULO XLVII

— Eu realmente tentei. Eu queria encontrá-lo em meio àqueles retratos falados e fotografias. Seria um alívio acontecer algo de bom em meio a tanta coisa ruim, não acha?

Brette apertou a direção com força para afastar o pânico que ameaçava consumi-la. Estava aterrorizada e não sabia como enfrentaria Sam.

— O que houve? — perguntou Hank, estudando-a. — Você está extremamente calada desde que saímos da delegacia. Seu rosto chega a estar pálido. O que Cudahy lhe deu para beber? Café frio?

Não podia comentar nada com o garoto, pelo menos não antes de conversar a respeito com Sam.

— Depois eu explico — disse ela. — Não se preocupe, não é nada demais — mentiu Brette.

— Eu tenho algo a ver com esse aborrecimento?

— Claro que não, meu querido.

Hank tentou puxar conversa várias vezes durante o caminho de volta, mas ela não deu abertura. Quando chegaram em casa, Brette ficou sentada atrás do volante por alguns instantes.

— Você não pretende sair do carro? Ela apontou para o galpão de Sam.

— Os dois estão lá. Preciso conversar com Sam, portanto Eric voltará para casa daqui a pouco.

— Você está estranha. O que houve Brette?

Ela imaginou que estivesse mesmo, mas havia um bom motivo. Brette deixou a bolsa no carro e seguiu para a casa de Sam. À medida que foi se aproximando, escutou risadas. Fazia semanas que não ouvia Eric tão contente. E estava prestes a colocar um ponto final naquilo tudo. Foi ele quem a viu primeiro.

— Hei, mãe, olhe só o que eu fiz — disse ele, mostrando-lhe um pedaço de madeira. — É uma junta.

Apesar de estar olhando para os dois pedaços de madeira presos por um pequeno círculo também de madeira, ela só via o rosto de Cudahy.

— Mãe, o que houve? Você não me parece nada bem.

— Não estou das dez melhores. Querido, preciso que você me faça um grande favor. Vá fazer companhia a Hank. Sam e eu precisamos de um tempo para conversar.

— Mas eu estou no meio do meu trabalho...

Sam estava observando mãe e filho interagirem e se mantivera calado. Quando Eric o olhou, ele simplesmente assentiu. Cabisbaixo, Eric virou-se para sair.

— Hank está bem? Ele reconheceu o sujeito?

— Não — respondeu Brette.

Assim que o filho saiu do galpão, Brette respirou fundo e cobriu o rosto com as mãos. Sam aproximou-se e envolveu-a em um carinhoso abraço.

— Eric não é o único que está curioso. O que houve?

Ela adorava a maneira como Sam lhe falava desde que haviam rompido as barreiras entre eles, cada palavra, cada toque, cada olhar era acompanhado de um gesto de carinho. Seria o máximo do egoísmo não responder para não perder aquele conforto, mas Brette sabia que, dentro de alguns minutos, o mundo seria um lugar bem mais frio.

— Hei... — Ele virou-a e segurou-lhe o rosto com suas mãos calejadas. — Você não está escondendo nada de Eric, não é? Brette, não é do seu feitio agir assim.

— Eu cometi um erro gravíssimo. — Ela se obrigou a encontrar o olhar preocupado de Sam. — E você precisa saber o mais depressa possível, pois tenho que me desculpar enquanto ainda é tempo.

— Eu te amo. Você pode me dizer qualquer coisa.

— Não, Sam. Você não sabe o que está falando. Sabe... Eu contei para o xerife o que havia no lixo dos Pugh e o que Clóvis encontrou.

Por mais que não estivesse contente com a novidade, Sam não se mostrou distante e também não se afastou.

—Você disse que contaria para Cudahy, então qual é o problema? Ele ficou irritado por você estar se metendo na vida dos outros e por estar brincando de detetive? O que ele disse? Para você parar caso não queira ter um pneu furado?

—Ele não acredita que Albert tenha cortado o pneu do meu carro.

—Nem depois de você ter lhe contado o que aconteceu quando você foi à fazenda pela última vez?

— É ainda pior. Eu lhe mostrei o brinco.

— E então? Ele achou que você o colocou no lixo?

—Não, ele... Ele acha que... Ele mandou o brinco para análise. Ele...

Depois dessas palavras, Sam entendeu o que estava por trás de todo o nervosismo de Brette. Ele relaxou.

— Você está preocupada com as impressões digitais. Em um brinco que pelo menos três pessoas tocaram? Não se assuste meu anjo.

— Havia sangue no brinco.

— Sangue? De quem?

— Não sei Sam. Aquelas marcas não são detalhes do brinco, mas sim manchas de sangue.

Sam franziu as sobrancelhas.

— Essa sua palidez não me espanta. Você não parou de imaginar como aquele sangue foi parar no brinco, não é? Espere. Você acha que... Querida, eu não sangrei quando o brinco me arranhou. Não foi nada além de um arranhão. — Embora se mostrasse um pouco menos confiante do que antes, Sam afagou-lhe os cabelos. — Vai ficar tudo bem, meu amor.

—Não, não vai, não. Preste atenção. Se o sangue no brinco não é seu, é de Tracie, não? É mesmo que você não tenha sangrado, os últimos resíduos são seus.

— Ah, meu Deus!

Devagar, Sam soltou-a e foi se afastando. Como antes, quando ele se fechara para Brette, para tudo. Não podendo suportar, ela cobriu os olhos novamente.

O silêncio se estendeu durante um tempo entre eles.

— Olhe para mim — ordenou Sam, de repente.

Ela não teve coragem.

— Olhe Brette. Diabos! Aquele olhar voltou aos seus olhos.

— Não!

— Depois de tudo que compartilhamos? — A dor e a incredulidade escondiam-se atrás daquelas palavras.

— Eu não tenho medo de você. Tenho medo por você. Ainda Sam não acreditou nela. Sua mente estava manifestando o que ela mais temia ver: a rejeição de Brette.

—Cudahy já lhe disse quando vem me buscar?—continuou ele, cada vez mais sarcástico. — Ou eu devo me apresentar na delegacia como o cidadão exemplar que devo ser quando não sou um assassino?

— Não faça assim. — Brette foi até ele, que estendeu os braços para impedi-la de se aproximar. Apesar disso, ela o abraçou e aninhou o rosto em seus ombros. — Sinto muito, Sam. Eu nunca imaginei que ele pudesse chegar a tais conclusões. Se soubesse, eu jamais teria mostrado o brinco a Cudahy. Nunca.

— E proteger um assassino? Duvido.

— Você não é um assassino, Sam.

A expressão dele foi se tornando mais resignada, e então Sam se soltou. A intimidade que caracterizara seus toques já não existia mais.

— Eu não posso fazer isso outra vez — disse Sam, como se estivesse falando consigo mesmo. —Você sabe o que é ensinar um garoto da vizinhança a calcular, a entender um monte de números e formas? Agora, o que é ver o terror estampado no rosto dessa mesma criança? E que tal ter uma arma apontada quando você está com uma criança no colo mesmo depois do tribunal o ter impedido de se aproximar de uma?—Ele baixou as mãos. — De novo não.

— Nós superaremos juntos — murmurou Brette. — Desta vez tudo é diferente.

— Não é, não. Eu perdi o meu emprego porque a escola inteira tem medo de mim. Eu fui a última pessoa a ver Tracie Pugh com vida. Eu percebi que o seu pneu tinha sido rasgado. Você está me ajudando a sentir-me mais culpado.

— Mas você não está sozinho desta vez. Há pessoas que acreditam em você.

—Você, uma mãe perfeita, e uma senhora que está tão ocupada cuidando do marido doente e acredita em tudo que lhe dizem. — Ele sorriu com sarcasmo. — Cudahy deve estar reunindo uma equipe para vir me buscar. E não demorará em que eles apareçam. Vá para casa, Brette.

— Não.

— Você não entendeu? Acabou.

Assim que Sam se virou para apagar as luzes do galpão, ela exclamou:

— Não se atreva a me mandar embora dessa maneira, Sam Knight! Eu acredito em você. Eu acredito em nós. Fui eu que criei toda essa confusão, e saiba que farei tudo que estiver ao meu alcance, e também o que não estiver, para que o verdadeiro culpado seja capturado. E eu aposto todas as minhas fichas em Albert Pugh.

— Fique longe dele, bem como de Truman Pugh. — Pela primeira vez desde que dera a notícia a Sam, Brette viu tormento nos olhos dele. — Eu não quero que você fique consumindo a minha consciência.

— Eu já estou. E também estou aqui dentro — disse ela, apertando-lhe o coração. — Você pode tentar fazer de tudo para negar, mas nós estamos mais do que ligados.

Em um primeiro momento, Sam pareceu pronto para discutir, depois ele estava resmungando.

— Ah, Brette... — murmurou ele, abraçando-a. — Eu não posso perder você.

— Não vai me perder.

— Beije-me.

Sam precisava ser tranqüilizado, precisava de esperança. E só Brette poderia lhe proporcionar esse conforto.

Ela colocou seu coração e sua alma naquele momento, abraçando-o com força, querendo que Sam apreendesse todos os seus sentimentos mais puros e verdadeiros. O beijo de Brette foi como uma promessa. A inocência estava ao lado deles. E depois que provassem que Cudahy estava errado, os dois começariam a convencer as outras pessoas de que Sam Knight era um bom homem, um homem digno.

Quando ele interrompeu o beijo para mantê-la contra seu peito, Brette sabia que estava na hora de saírem dali. Não queria que o medo começasse a atormentá-lo outra vez.

— Vamos fechar o galpão e ir para casa — disse ela. — Os meninos precisam de nós. Além disso, devem estar morrendo de fome.

Enquanto caminhavam, abraçados, para a casa de Brette, um carro da polícia passou.

— Está indo para a fazenda dos Pugh — disse ela. — Você viu quem estava dentro?

— Cudahy estava no assento no passageiro. Ainda é cedo demais para o resultado do laboratório. Eles devem estar indo apenas para colher informações. Quer apostar como eu sou o próximo escolhido?

CAPITULO XLVIII

Terça-feira, 16 de novembro de 1999

— Eles o convidaram para ir até a delegacia hoje de manhã e contar a versão dele dos fatos. — Brette não conseguia nem separar a correspondência, tamanho seu aborrecimento. — Quer apostar que se ele não tivesse aceitado ir de livre e

espontânea vontade, eles o teriam arrastado para fora bem na frente dos meninos? Eu juro, se Cudahy não se aposentar depois que tudo isso acabar...

—Vamos colocar Tucker como xerife—brincou Desiree, do outro lado da sala. — E vou chamar meu irmão na Califórnia para ocupar o lugar dele aqui.

A tentativa de alegrar os ânimos não adiantou.

— Escute essa, srta. Bolo de Arroz. Se você girar um oriental uma série de vezes, ele fica desorientado.

— Está pegando piadas da internet, Tucker?

—Acertou em cheio, minha vietnamita predileta. — Ele se voltou para Brette. — Então Cudahy não acha que foi Albert quem cortou o seu pneu?

— Ele acha muito estranho Sam estar chegando em casa bem na hora de poder bancar o herói da história.

— Bem, nesse caso, poderia ser o Sr. Teclado.

—Tenho certeza de que Keith será o próximo a ser interrogado. — Brette apontou para uma carta registrada no canto da mesa. — É dele, portanto quanto antes eu puder avisá-lo, melhor. Também vou lhe pedir para dizer a Cudahy que ele ouviu mais de um automóvel passando por ali naquela noite.

—Enquanto você tenta arranjar testemunhas para o seu amor, por que não pede para Bertrice conversar com o médico de Clóvis para ver se ele pode testemunhar a favor de Sam?

— Ora, Tucker, não brinque com coisas sérias. Mesmo que alguém tivesse compreendido o que Clóvis disse, a memória dele vai e volta, de forma que poderia se tornar uma testemunha prejudicial para o caso.

— Os dados estão aí, minha cara. Embora Cudahy ainda não tenha o corpo, ele está fazendo de tudo para tentar incriminar o seu queridinho. É melhor que o velho Clóvis tenha um momento de lucidez para tentar salvar a pele do Exterminador.

— Pare com isso, Tucker. Deve haver algo que eu possa fazer.

— Ele telefonou para os advogados?

— Eu sei que você ainda não se convenceu da inocência de Sam, mas eu me ofereci para ajudá-lo e ele recusou. Apesar de você não acreditar, Sam é uma pessoa muito honesta.

— Cuidado para ele não pedir seu dinheiro emprestado.

— Vá para o inferno, Tucker!

Ele a aborreceu de tal maneira que Brette se recusou a lhe dirigir a palavra durante toda a manhã. Ficou tão chateada com a falta de compreensão do colega de trabalho e amigo que quase bateu o carro quando se esqueceu de parar em um cruzamento. O caminhoneiro buzinou feito louco, o que a deixou suando frio.

— Muito bem, Brette Barry. Você poderá ajudar bastante Sam se estiver morta.

Ah, como gostaria de vê-lo. Mas Sam estava em Quitman. Ela não tivera oportunidade de lhe dar um beijo de despedida e desejar-lhe boa sorte. Claro, tinha feito tudo isso na noite anterior, porém ele ainda precisava de muito apoio moral.

Quando chegou à casa dos Ponder, Brette se espantou ao notar que a porta por trás da tela estava fechada, e as cortinas, abaixadas. Bem, Bertrice de certo ainda

estava muito cansada por tudo que fizera para ajudá-la após o enterro de Sally.

Não era nada de mais, pensou ela. Desse modo não precisaria dividir seu tempo entre o casal e Keith para explicar-lhes a situação de Sam. Teria tempo de sobra para conversar com Bertrice mais tarde.

Ela parou na frente da casa de Keith e estacionou a caminhonete. Ele receberia apenas uma carta registrada naquele dia, pensou Brette, vendo a porta da cozinha aberta. Certa de que ele estaria tomando um café ou comendo algo, ela se dirigiu para lá, e não para a porta principal da casa.

— Keith? — chamou, batendo no vidro.

Poucos instantes depois, ele apareceu usando camiseta e calça de moletom azul-marinho.

— Eu lhe trouxe uma carta registrada — disse Brette, entregando-lhe o envelope pardo.

Com olheiras profundas e parecendo um pouco preocupado, Keith virou a maçaneta.

— Agora eu me lembro por que não gosto de usar esta porta. A maçaneta sempre emperra. Como vai, Brette?

— Nem me pergunte. Tome, assine o recibo. No mesmo lugar de sempre.

Ele pegou o envelope e a caneta, mas sem tirar os olhos de Brette.

— Ou você ainda não se recuperou do estresse da semana passada, ou aquelas crianças a estão desgastando cada dia mais.

Consciente do seu estado, Brette ajeitou o cabelo despenteado. Deveria ter feito um rabo-de-cavalo ou colocado um boné, mas não tivera tempo, pois se esquecera de colocar o relógio para despertar e acabara perdendo a hora.

— Estou tão horrorosa assim?

— Você nunca está horrorosa, Brette. Não seja exagerada. Apenas me parece frágil.

— Para ser sincera, eu estou preocupada. E muito. Cudahy telefonou para Sam hoje de manhã. Logo depois de você ter ido embora da minha casa no dia do enterro, Clóvis encontrou um brinco.

— Sério? Espero que tenha sido de diamantes.

— Não. É sério, Keith. Desconfiamos que o brinco é de Tracie. Para encurtar a história, estou mais certa do que nunca que Albert matou a esposa. O xerife encontrou manchas de sangue no brinco e, em vez de ir direto para a casa de Albert interrogá-lo, decidiu se fixar em Sam. Na verdade, Sam está na delegacia agora.

— Mas por quê?

— Por que ele foi a última pessoa a encontrar Tracie na noite em que ela desapareceu. Tracie parou na casa de Sam para lhe pedir uma carona até a rodoviária. Pelo que me consta, acho que a probabilidade de um marido se tornar violento depois de um abandono é bem maior do que um vizinho após um pedido de carona.

— Parece-me que o xerife já não é mais o mesmo. Acho que está mais do que na hora de Cudahy se aposentar.

Brette pegou o recibo e a caneta da mão de Keith, mas derrubou a caneta no

chão.

— Olhe o meu estado hoje. Nem uma caneta eu consigo segurar.

— Pode deixar que eu pego.

— Não se preocupe. — Primeiro ela destacou a parte do recibo que ficaria com Keith, e o papel voou de sua mão. — Não é possível! Isso está virando palhaçada!

Brette desceu dois degraus da pequena escada e pegou o papel de cima de um arbusto de azaléias que estava morrendo.

— Estas plantas precisam de água.

— Sim, mamãe.

A caneta não foi tão fácil de encontrar.

— Deve estar aqui. Ah, meu Deus! Se não fosse a única, eu bem que a deixaria ali.

— Eu posso lhe dar...

— Achei!—Ela avistou um brilho refletido pelo sol no meio das plantas. — Está ali.

Porém Brette se enganara. Não era a caneta, mas sim... um brinco.

Brette arregalou os olhos e respirou fundo, torcendo para que o brinco não estivesse realmente ali, para que o que estava pensando não fosse verdade. O problema, entretanto, era que o brinco estava todo coberto de sangue.

Jesus!

Uma voz interior lhe disse para correr, porém os reflexos de Keith foram mais rápidos. Antes que Brette pudesse se dar conta, ele a puxou pelo suéter e a arrastou para dentro de casa.

— Não! Por favor...

Ela tentou fugir. Na comoção de mãos se agitando, Brette viu algo metálico vindo em sua direção. Em seguida, uma forte dor na cabeça e a escuridão.

CAPÍTULO XLIX

A dor insuportável começava a voltar. Só que não era mais uma simples dor de cabeça, seu corpo todo latejava. Brette sentia-se como se tivesse sido espancada.

Ondas de agonia a acometiam, e a náusea ia e vinha, fazendo-a tossir. Sabia que vomitaria logo, mas não tinha como ir até o banheiro, pois estava amarrada. E o pior era que havia um pedaço de fita adesiva em sua boca.

De repente, alguém lhe pegou o cabelo com toda força e puxou para trás. Depois de uma nova onda de dor, ela viu o rosto de Keith, que arrancou a fita de sua boca.

— Respire! Rápido. E não ouse gritar. Se gritar, eu terei de lhe bater de novo.

Brette engoliu o ar depressa, contente por conseguir controlar a medonha onda de bile que ameaçava sufocá-la. Só então conseguiu enxergar direito a expressão de desgosto de Keith, que limpava o sangue de sua mão. Sangue dela. Brette sentiu o sangue escorrendo na parte de trás de sua cabeça.

Ela respirou mais algumas vezes para acalmar o pânico cada vez maior. Ao mesmo

tempo, tentava determinar onde se encontrava.

Havia móveis de escritório, algumas máquinas, e também um computador. A casa de Keith. A cena que viu na tela do computador a deixou enojada.

Horrorizada, desviou o olhar, mas a imagem não saiu de sua mente. Um garoto pelado deitado no sofá, com as mãos cobrindo os órgãos genitais.

— É uma nova linha de trabalho? — perguntou Brette, sem conseguir demonstrar sua real aversão. Sua voz era apenas um fio.

— É um hobby.

— E esse hobby o levará diretamente para a cadeia.

— Duvido. Você mesma disse que o destino foi muito justo ao me presentear com o nosso vizinho Sam Knight. Ele se tornou o centro das atenções e ninguém se preocupou comigo. E se, por acaso, as autoridades começarem a desconfiar de mim, eu já deixei tudo preparado para que encontrem algo seu com Albert.

Brette se esforçou para manter a calma, para não tentar soltar as mãos e pernas presas, porém o tom de voz casual de Keith era tão enervante quanto a descoberta de quem ele realmente era e do que fizera.

— Você não conseguirá se safar dessa vez, Keith. Alguém vai ver o meu carro na frente da sua casa.

— Não está aqui na frente. E já faz horas.

Horas? Apesar da dor lancinante em sua cabeça, Brette procurou um relógio. Assim que avistou um em cima da mesa, viu que eram quase três horas. Sam já devia estar ao telefone tentando descobrir o que a fizera se atrasar. Ele decerto tentara lhe telefonar no celular. Os meninos chegariam em casa dentro de uma hora. Tucker e seus outros colegas de trabalho logo começariam a ficar preocupados.

Nem tudo estava perdido, era esse pensamento que ela precisava manter em mente. Sempre haveria esperança enquanto continuasse pensando e planejando. Brette respirou fundo e passou a língua pelos lábios inchados.

— Como assim, meu carro não está aí na frente? Onde você o colocou?

— Na garagem da sua casa. Foi por isso que o golpe que lhe dei na cabeça foi tão forte. Precisava garantir que você não acordaria enquanto eu levava a caminhonete para a sua casa sem ser visto.

O mais assustador é que ele realmente parecia arrependido.

— Você cometeu um grave erro, Keith. Sam vai ver a correspondência dentro do carro e saberá que há algo muito errado acontecendo. E terá o melhor dos alibis. Tanto por seu engenhoso plano...

Keith deu de ombros.

— Eu já lhe disse. Sempre há Albert. Depois que escurecer, eu plantarei muitas evidências para terminar o trabalho.

— Da mesma maneira que despertou a minha raiva contra Albert quando você furou o meu pneu?

— Você sempre me dando essas oportunidades perfeitas para me manter longe de qualquer suspeita. — O sorriso de Keith era juvenil. — Eu não pude resistir.

Como errara tanto a respeito de uma pessoa?

— Onde Tracie se encaixa? — perguntou Brette, tentando juntar todas as peças do quebra-cabeça.

— Como você, ela cometeu um erro.

Dessa vez, entretanto, Keith não se mostrou arrependido, como quando se referira ao deslize de Brette.

— Por que você não gostava de Tracie? Por mais avoada que fosse, ela poderia tê-lo ajudado bastante.

— Por favor, Brette. Ela provou ser pior do que lixo. Sabe aquela definição de pessoa de vida reles? Tracie era assim. Aquela prostituta queria apenas balançar o traseiro para tentar enlouquecer todos os homens que passavam perto dela. Claro, de certa forma eles até caíam... como moscas numa lata de lixo. Albert nunca desconfiou de nada, mas ele me deve um grande favor por eu tê-lo livrado desse problema.

Ignorando os roncos em seu estômago, Brette procurou se tranquilizar para obter mais informações.

— Ela descobriu que você era homossexual, não é? Keith se levantou em um salto.

— Eu não sou gay, entendeu?

Brette conseguiu se esquivar do soco que estava prestes a levar.

— Está bem, está bem. Já entendi.

Keith foi até o computador e desligou o monitor, fazendo desaparecer a imagem que tanto horrorizara Brette.

— Eu não pedi para ela vir aqui. — Agitado, ele andava de um lado para outro na sala. — Mas depois que o seu namorado bateu a porta na cara dela, Tracie veio até aqui tentando me convencer a levá-la até a rodoviária. Ela até me ofereceu uma recompensa, se é que você me entende. Como se eu fosse me sujar com uma mulher daquelas! Quando lhe disse que tinha muito que fazer, Tracie começou a choramingar e me pediu um drinque antes de partir. Eu estava tão irritado que lhe dei uma bebida para que ela fosse embora bem depressa. No instante em que lhe dei as costas, Tracie começou a fugir pela casa. Eu a encontrei aqui, mexendo no meu computador. Foi quando ela me chamou de...

Fascinada e horrorizada ao mesmo tempo, Brette observou-o parar diante da janela e olhar para fora, abrindo e fechando as mãos. Até já imaginava o que ele estava vendo.

— Tracie riu de mim. Eu não tinha a menor dúvida de que ela começaria a me chantagear. Estava tão desesperada para se afastar de toda aquela miséria que não queria saber se me machucaria, se me arruinaria.

— Você acha que ela começaria a fazer fofocas? — perguntou Brette. — Alguém já levou Tracie a sério, Keith? Albert conhecia bem a esposa que tinha. Ele teria ficado bem mais aborrecido por ela ter vindo até a sua casa do que com... o seu hobby.

Ele se virou para Brette.

— Você também está debochando de mim.

— De forma alguma, Keith.

— Está sim. E vai fazer fofocas a meu respeito. Tenho plena certeza — disse ele, seguro de si. — A história nunca terá fim.

Naquele instante, Brette percebeu que não teria como convencê-lo a não matá-la. Imaginar que ele era uma pessoa que freqüentava sua casa, uma pessoa em quem ela confiava, uma pessoa com quem ela deixava seu filho e Hank! Keith fora sábio o bastante para prendê-la, pois Brette sabia que, se estivesse livre, não teria hesitado em acabar com ele ali mesmo.

O barulho de um motor chamou a atenção de Keith, e ele saiu do escritório. Brette aproveitou o momento sozinha para descobrir quão forte suas mãos e pés estavam amarrados. Pelo visto, Keith dera apenas duas voltas na fita. Se conseguisse encontrar algo pontiagudo...

Quando ela tentou se mexer para ver se conseguia se levantar, Keith voltou ao aposento. Ele pegou o rolo de fita adesiva e cortou um pedaço, que grudou na boca de Brette.

— O ônibus escolar acabou de passar.

CAPÍTULO L

O sol começava a descer por trás dos pinheiros quando Sam entrou em sua rua. O relógio no painel de seu carro lhe dizia que Brette e os meninos já deviam estar em casa. Na verdade, ele cruzara com o ônibus escolar alguns quilômetros atrás. Todos iam querer saber como fora a conversa. Todavia, por mais aliviado que estivesse por estar chegando em casa, ele não tinha a menor vontade de compartilhar as novidades.

Cudahy definitivamente o estava considerando o suspeito número um, sendo que sua lógica era que ele possuía mais motivos do que qualquer pessoa para tirar Tracie do caminho, agora que conseguira seduzir Brette. E tudo que Tracie tinha a oferecer era um acordo de divórcio. Porém, concluíra o xerife, se Sam fizesse tudo de acordo com os conformes, ele tinha grandes chances de colocar as mãos na herança de Brette, bem como na poupança de Eric, sem considerar as economias de Sally quando seu testamento fosse liberado.

Algum tempo depois, eles poderiam se mudar de cidade, quem sabe até de Estado, e então Sam poderia se livrar de todos. Quem descobriria se eles desaparecessem da face da Terra? E ele, o desolado padrasto, continuaria com sua vida... Até que surgisse uma próxima vítima. Sim, Cudahy estava totalmente firme em seu propósito de incriminá-lo.

Quando Sam passou, Eric e Hank se encontravam do lado de fora da casa, rodeando a caminhonete de Brette. Embora estivesse exausto depois da desagradável conversa, acenou para os garotos, estacionou o carro na sua garagem e viu que os dois saíram correndo atrás dele. Havia algo de errado.

— Sam! Venha depressa!—Eric quase arrancou a porta da caminhonete.

Mais assustador do que o pânico na voz dele eram as expressões de desespero nos rostos dos dois meninos.

— O que houve com Brette?

— Ela sumiu.

— Como assim, sumiu?

Confuso, Sam olhou para o carro dela.

—Nós não a encontramos—disse Hank. —Chegamos aqui dez minutos antes de você e só vimos o carro.

Eric puxou Sam para perto do veículo.

— Olhe para dentro. Todas as correspondências estão ali. Mamãe não as entregou. E não está dentro de casa. A porta continua trancada e tudo está como deixamos de manhã cedo.

Esse comportamento era tão absurdo para a mulher devota e eficiente que conhecia que Sam se pegou torcendo para que fosse algum tipo de brincadeira. Ele ficaria furioso com os dois, claro, mas depois de lhes explicar que sustos assim poderiam ser fatais, admitiria que Eric e Hank tinham conseguido desviar sua atenção das horas de interrogatório com o xerife Cudahy.

—Você foi até a sua casa, Hank? Já viu se ela está lá? E nos fundos, alguém foi? Vocês sabem como ela é com os animais machucados. Talvez tenha encontrado um perto da floresta e... — Sam notou o olhar preocupado de Eric. —Correto. Brette não deixaria de entregar as correspondências e arriscar-se a perder o emprego.

— Há uma série de mensagens na secretária eletrônica. Uma é do supervisor e duas de Tucker. Até alguns clientes telefonaram para saber o que aconteceu, pois eles adoram minha mãe. Todos estão tão preocupados quanto nós. O que vamos fazer Sam?

Ele não sabia como responder. Precisava de um instante para pensar. Olhou para dentro da caminhonete pela janela do passageiro em busca de algum sinal de normalidade, mas não encontrou nada. Seria melhor se abrisse o veículo, mas eleja tinha problemas suficientes sem acrescentar mais impressões digitais à lista de pecados supostamente cometidos.

Ao se endireitar, um outro veículo apareceu. Era Tucker.

— Espero que o motivo seja muito bom, Barry — resmungou ele, caminhando em direção à casa. — Estou quase telefonando para... — Tucker enfiou a cabeça dentro do carro pela janela do passageiro antes de olhar, confuso, para Sam. — Onde ela está?

— É o que estamos tentando descobrir.

— Como assim? Brette deve estar por perto. Já foi em todas as casas?

— Hei, vamos com calma! Eu acabei de chegar — respondeu Sam. — E os meninos chegaram dez minutos antes. Estamos todos na mesma situação.

— Inferno! Eu deveria ter levado Brette mais a sério. — Tucker deu um soco no capo da caminhonete. — Por que ela não ficou quieta no seu canto? Merda!

Sam o afastou do carro e das crianças.

— Preste bem atenção, pois só vou falar uma vez. Eu também quero mandar tudo à merda. Estou morrendo de medo com o que pode ter acontecido com Brette. Portanto peço-lhe que não fale palavrões na frente dos meninos. Guarde-os para quando estiver sozinho comigo.

Tucker respirou fundo e passou a mão na boca.

— Sinto muito. Você já telefonou para Cudahy? Sim, eu sei que passou o dia com ele, mas se trata de um assunto muito sério — disse Tucker, apontando para as correspondências dentro do carro. — Quanto antes ligarmos, melhor.

Sam entrou em casa e começou a discar o número de Cudahy, mas desistiu e ligou primeiro para Bertrice.

— Bertie, aqui quem fala é Sam — disse ele, tentando não aborrecer a senhora. — Você viu Brette por aí?

— Não, querido. Por que, ela ficou de passar na minha casa?

— Não. Você recebeu a sua correspondência hoje de manhã?

— Que pergunta, Sam! Claro que sim, como você.

— Eu ainda não recebi.

— O que está querendo dizer?

Devido à pressão, Sam lhe deu a mais breve das explicações.

— Estamos Tateando no escuro, Bertie. Sei que isso lhe parecerá estranho e assustador, mas fique dentro de casa e tranque tudo. Não use o telefone e procure não se assustar se vir um monte de carros de polícia passando.

— Eu estou entrando em pânico. Sam, você precisa encontrar Brette.

— Pode deixar. Mais tarde eu lhe telefono.

Suas mãos começaram a tremer, mas ele conseguiu encontrar o número de telefone de Daggett na agenda que Brette mantinha ao lado do aparelho. Dessa vez, a secretária eletrônica atendeu após alguns toques:

Oi, você ligou para Keith. Não posso atender no momento. Ligue mais tarde. Obrigado.

— Keith, aqui é Sam Knight. Se você estiver em casa, por favor, atenda ao telefone. Alô? Daggett?

Sam desligou, irritado. Era pouco provável que o sujeito pudesse ajudá-lo. Brette não lhe dissera que Keith não gostava de ir para a floresta após o escurecer, como o jovem Hank? Ele devia ficar tanto na frente dos computadores que, se lhe roubassem a casa inteira, nem perceberia.

Finalmente, Sam telefonou para a delegacia.

— Boa tarde. Meu nome é Sam Knight e eu acabei de sair da delegacia. Preciso falar com Cudahy. É urgente.

— Ele está em reunião. Qual é o assunto?

— É uma emergência.

— Disque 911.

— Escute aqui, camarada. Por causa do xerife Cudahy, Brette Barry desapareceu. Pode dizer a ele que eu disse isso e coloque-o no telefone imediatamente.

Cudahy estava do outro lado da linha alguns instantes depois.

— Que história é essa, Knight?

— Ela foi seqüestrada, xerife. — Sam fez um breve relato do ocorrido. — Será que agora o senhor nos levará a sério? Passei o dia todo trancafiado dentro do meu escritório e, quando volto para casa, não a encontro. Quero que mande todos os seus homens para cá, senão vou até a fazenda dos Pugh e enfio a cabeça de Albert em um

dos tanques de leite até que ele me passe alguma informação.

— Cuidado, Sam. Não comece a fazer ameaças. Onde estão os garotos?

— Aqui.

— Não saiam daí. Estamos a caminho.

Sam desligou o telefone e respirou fundo. O silêncio da casa era assustador.

— Ah, minha querida, onde você está?

— Sam? — chamou Eric, entrando. — Alguma novidade? Ele balançou a cabeça para os lados.

— Não. Mas o xerife está a caminho.

— Quer dizer que teremos que esperar mais para sair em busca da mamãe?

Sam não culpava o garoto, pois ele sentia a mesma frustração.

— Se não sincronizarmos os nossos movimentos, estaremos duplicando nossos esforços.

— Tucker acha que Albert a pegou.

— Tucker é... — Sam pensou duas vezes antes de falar. — Tucker está se sentindo culpado como eu por não ter acreditado antes na sua mãe. — Ele não queria que o garoto ficasse dividido entre os dois. — Você consegue se lembrar de alguma coisa que ela possa lhe ter dito para explicar esse sumiço repentino?

— Não há explicação, Sam. Ela queria terminar de entregar as correspondências o mais depressa possível para chegar em casa e estar aqui quando você voltasse. Mamãe estava muito preocupada com você.

Preocupada com ele. E agora era ele que estava prestes a perder o controle de tanta preocupação.

— A bolsa dela não está aqui — comentou Eric. — É um bom sinal.

— Como assim?

— Não dizem que as mulheres nunca deixam as bolsas para trás, como se estivessem cumprindo uma lei? Sam afagou o cabelo do garoto.

— Não acredito que o Congresso tenha votado essa lei.

— Mas ela devia estar bem quando saiu, pois levou a bolsa junto.

E se esqueceu das chaves? Sam não concordava com o garoto, mas não lhe diria nada.

— Vamos esperar o xerife lá fora enquanto tentamos descobrir mais alguma coisa.

Na realidade, Sam queria ficar de olho em Tucker, e intervir caso tentasse influenciar Hank de alguma maneira. O garoto estava indicando os lugares onde haviam procurado antes de Sam chegar.

— Eu estive pensando... — Tucker falou para Sam. — A caminhonete ficou aqui o tempo todo, não é?

— Sim — respondeu Sam, depois de pensar um pouco.

— Vou lhe dizer uma coisa. Não foi Brette que estacionou a caminhonete aqui.

— Por quê?

— Está vendo o pinheiro entre as duas propriedades? É uma árvore velha, mas Brette a adora, apesar de se irritar com a quantidade de folhas que caem. Então,

quem parou o carro ali...

— Não sabia que ela não gosta de estacionar tão perto da árvore — finalizou Sam. Não era muita coisa, porém um começo.

— O mais importante, contudo, é que essa pessoa queria incriminar outra pessoa — acrescentou Tucker.

— Eu.

— Mas você passou o dia todo na delegacia. Quem mais sabia disso?

— Os meninos. Você.

— E o resto da vizinhança?

— Eu só falei com Bertrice Ponder. Ela recebeu a correspondência normalmente, como de costume. Quanto a Daggett, não posso dizer nada. Tentei telefonar para ele, mas a secretária eletrônica atendeu. Eu diria que ele está em casa e não quis atender. — Havia algo nisso tudo que o estava incomodando cada vez mais.

Minutos depois, dois carros de polícia e uma ambulância apareceram. Cudahy e mais um policial uniformizado saíram do primeiro, e Russell e o investigador John Box, do outro. Depois dos cumprimentos, John Box foi até seu carro para pegar uma maleta.

— E agora? — perguntou Sam, depois de repetir tudo que havia acontecido desde que chegara à casa de Brette. — E não me diga para sentar e esperar, pois eu não o farei.

— Irei até a fazenda dos Pugh com os meus homens e terei uma conversa mais franca com Truman e Albert. E também vasculharei a área. Depois vou conversar com o outro amigo de Brette. — O xerife interceptou os olhares ansiosos dos garotos. — E também vou levar alguns homens junto.

— Os Pugh são os principais suspeitos de Brette — disse Sam. — Eu já não sei mais se diria o mesmo.

CAPÍTULO LI

Eles estavam quase correndo e Brette tremia de tanto frio. A onda de adrenalina de nada adiantava. A noite chegaria dentro em breve e não haveria mais nenhum tipo de iluminação. Ela adorava a floresta no inverno, com a chuva de folhas coloridas no chão, o perfume de comida defumada no ar e os vários aromas da madeira. Entretanto Brette só conseguia se concentrar no barulho de dois javalis que ouvira fazia poucos instantes.

— Depressa! — ordenou Keith, empurrando-a com tanta força que ela quase bateu a cabeça em uma árvore. Brette tropeçou por alguns metros, antes de recuperar o equilíbrio.

Ele retirara a fita que lhe prendia as pernas para não precisar carregá-la.

Dissera ter aprendido essa "lição" com Tracie. E era por esse motivo que ela ainda estava consciente. Para Brette, era mais um presente para si mesma do que para ele. Se tivesse de viver, seriam esses pequenos gestos que a manteriam viva.

Ela resmungou algo com sua boca tapada e inclinou-se, torcendo para que seu rosto ficasse vermelho a ponto de Keith achar que estava ficando enjoada novamente.

— Pare com isso! Eu não a empurrei com tanta força assim.

Brette tossiu ainda mais forte para indicar que o golpe tinha sido forte, sim, até que começou a tossir de verdade.

— Droga! — Keith encostou-a na árvore mais próxima e arrancou-lhe a fita da boca sem a menor compaixão pela pele cada vez mais machucada. — Agora, cale a boca!

Brette virou-se para o lado a fim de tossir em paz, mas não conseguiu se manter em pé e caiu de joelhos na terra molhada.

Exausta e tonta, encostou a cabeça contra o tronco da árvore e imaginou se Sam e os garotos já teriam alguma pista a seu respeito.

— Levante-se. Ainda não chegamos nem à metade do caminho.

— Eu não conseguirei chegar se você continuar a me tratar com tanta violência. — Ela limpou o nariz na manga do suéter e notou que havia sangue. O fluxo já não era tão intenso, mas a dor, sim, cada vez mais forte. — Caso você tenha se esquecido, eu enterrei uma amiga há menos de uma semana e não tenho conseguido dormir direito. Esta pequena maratona está sendo demais para mim. — Brette respirou fundo, pois sentiu a voz trêmula e uma forte tontura, o que não era um bom sinal.

— A noite chegará logo. Não podemos parar.

— Para que a pressa? O final será o mesmo, não é? Então ela viu uma árvore "mais confortável" e tentou ir até lá. Gemendo, fingiu não poder se levantar direito, mas conseguiu chegar ao pinheiro. Era perfeito: amplo, cheio de pontas.

— Eu o aconselho a me dar um minuto de descanso caso não queira me carregar.

Brette achou melhor não insultá-lo dizendo que ele não teria condições de fazê-lo mesmo no estado lastimável em que ela se encontrava.

Resmungando, Keith se apoiou em uma árvore que fora atingida por um relâmpago dois verões antes.

— Está bem. Dois minutos e nada mais.

Dois minutos... Sem dúvida, esses minutos passariam mais depressa do que o normal. Brette sabia que não podia começar a tentar soltar os pulsos raspando a fita nas pontas da árvore, portanto continuou a atormentá-lo com suas lamentações.

— Minhas costas estão doendo demais. Devo ter deslocado a coluna em algum dos degraus da sua casa.

Keith desviou o olhar. Brette percebeu que ele temia se envolver emocionalmente com ela. Aproveitando a deixa, tentou cortar a fita em uma das pontas da árvore. Após a terceira tentativa, tudo que ela conseguiu foi uma dolorosa e profunda pontada.

Tossindo mais uma vez para tentar aliviar a dor lancinante, Brette procurava encontrar uma maneira de ganhar tempo para afastar sua mente de todos os seus ferimentos.

— Apenas por curiosidade, você vai conceder um último desejo a sua prisioneira?

Uma mistura de desconforto e diversão surgiu por trás do par de óculos.

—Fique quieta para recuperar o fôlego. Você está começando a parecer bêbada.

—Hei, estamos falando do meu assassinato—disse ela, com falsa coragem. — Eu sei que vou morrer. Por que todo esse constrangimento? Gostaria apenas de saber o que você fez com Tracie. Ficarei muito decepcionada se não descobrir como aquela marca de sangue apareceu na placa dos Pugh. Ela estava na sua casa quando você a matou?

— Mais ou menos.

— Como assim?

Mais uma vez, Keith desviou o olhar.

— Eu lhe dei um golpe tão forte na cabeça que achei que a tinha matado. Mas ela estava apenas inconsciente. Então fui buscar um cobertor para enrolar o corpo e, quando voltei, Tracie não estava mais lá.

—Está querendo dizer que ela correu a rua inteira, passando pela casa dos Ponder, pela minha, pela de Sam e não gritou por socorro? Meu Deus, Tracie devia estar muito ferida.

— Ela foi pela floresta, pois sabia que eu iria atrás. Mas estava muito fraca devido à intensa perda de sangue. Imagino que tenha saído da floresta naquele ponto, e tentou se equilibrar na placa. Eu só consegui apanha-la quando ela se encontrava a uns duzentos metros da casa. E só soube da marca na placa quando você me contou.

O mistério tinha chegado ao fim. Keith limpou a placa, esquivando-se pela floresta. Brette mordeu a bochecha para não demonstrar todo o horror que estava sentindo. Ah, como havia chegado perto da verdade...

Afastando as lágrimas de raiva e também de pesar, mais uma vez ela tentou soltar a fita e percebeu que esta cedera um pouco.

— E você a levou todo o caminho de volta no colo? — perguntou depressa.

—Não, eu a levei para o pântano. —Keith olhou para o sul, para perto de onde Brette e Sam tinham estado semanas antes à procura de Hank. — Foi por acaso que descobri que a atividade dos javalis é intensa por ali. Acho que é por esse motivo que os Pugh colocam as vacas mortas ali. Eles são pessoas muito estranhas. Pode-se ganhar algum dinheiro com gado morto ou doente, mas Tracie dizia que eles não queriam que ninguém soubesse que o deles tinha morrido por temerem que comprometesse o leite produzido. De qualquer modo, foi lá que eu a coloquei, e Tracie tinha razão. Três dias depois havia só ossos que, é claro, também são comidos por outros animais.

Ele se levantou.

— É para lá que estamos indo.

CAPÍTULO LII

A, luz do dia estava terminando, e Sam e os garotos tinham ciência disso.

Enquanto seguiam para a casa de Daggett no final da rua, Eric e Hank estavam sentados no banco de trás como duas crianças amedrontadas.

— Tucker não gosta de ficar para trás — comentou Eric, notando que Sam não parava de olhar no espelho retrovisor. Ele e Hank usavam bonés cor de laranja que Brette lhes comprara durante a temporada de caça e insistia para que eles usassem junto com uma montanha de malhas e jaquetas.

Sim, Sam sabia. E também sabia que Tucker precisava ser observado de perto.

— Eu sei — respondeu Sam —, mas alguém tinha de ficar em casa para atender ao telefone no caso de Brette tentar entrar em contato conosco. Além disso, a correspondência que ficou na caminhonete dela precisa ser entregue, ou pelo menos devolvida para a agência do correio. E a escolha mais óbvia recai em Tucker.

— Seja sincero, Sam, você ficou morrendo de medo quando ele disse que estava armado — comentou Hank.

Sam olhou para trás. Alguma coisa tinha acontecido, pensou ele, notando a mudança de comportamento de Hank. Ele precisava de ajuda. Entretanto nem Sally nem os professores haviam notado. Sam apostava que Brette sabia, e assim que a encontrasse...

Deus ajude-nos a encontrá-la, pediu ele.

— Você até tem razão, mas não pense que sou contra as armas. Só que, além de não combinarem com Tucker, não acho que sejam adequadas para uma ocasião como esta. Com o início da temporada de caça, e o terreno a oeste do pântano sendo vendido, já temos preocupação demais com possíveis balas perdidas.

Hank assentiu, parecendo aceitar a explicação. Aliviado, Sam parou na frente da casa de Keith Daggett. Não havia nenhum tipo de iluminação na casa, nenhum sinal da presença de alguém lá dentro. Brette dissera-lhe que Keith podia se perder no trabalho, mas mesmo que esse fosse o caso, ele de certo já teria acendido uma luz, por mínima que fosse.

— Fiquem aqui um instante — ordenou Sam deixando o motor do carro ligado.

— Para mim está ótimo — disse Hank. — Quanto menos eu vir esse sujeito, melhor.

Sam gostaria de perguntar ao garoto o motivo desse comportamento cada vez mais antagônico em relação a Daggett, porém não era a ocasião adequada. Além disso, Eric já estava abrindo a porta.

— Eu não vim junto para ficar sentado no carro — disse ele.

— Eric, eu gostaria que vocês cooperassem.

— E se ele lhe disser algo que você não entenda, mas eu sim?

— Eu sei falar inglês, meu caro.

— Mas você não conhece a rota da mamãe. Conheço os nomes das pessoas e a rota tão bem quanto ela.

Está certo, era a mãe dele que havia sumido, pensou Sam. Por mais que a idéia não lhe agradasse, decidiu ceder.

— Tudo bem, mas fique atrás de mim.

A porta da frente estava fechada, porém a da cozinha parecia aberta. Sam

decidiu ficar no primeiro degrau para bater.

— Ao saber que se trata de minha mãe, acho bem provável que ele queira nos acompanhar — sussurrou o garoto.

Se Keith tentasse, Sam faria de tudo para impedir.

Ele bateu outra vez.

Segundos se transformaram em um minuto. Sam estava prestes a verificar se a porta se encontrava trancada, mas hesitou no último instante. Não pelo aspecto legal, e sim pelas vibrações que estava sentindo e que não lhe agradavam. Talvez fosse apenas paranóia. Porém todo o seu temor desapareceu quando ele pensou na caminhonete de Brette.

— Fique perto do carro — Sam disse para Eric. — Vou dar uma volta na casa para ver se encontro algum indício de atividade.

A cautela de Sam não agradou muito ao garoto.

— Por que não podemos ver se a porta está aberta e entrar? Keith entra na nossa casa sem bater. Aposto como ele está dormindo.

— Pode ser, mas eu prefiro desconfiar de tudo e de todos. Naquele momento, o telefone tocou dentro da casa, e Sam colocou o dedo nos lábios. A secretária eletrônica atendeu imediatamente, e eles ouviram a mesma mensagem que Sam ouvira quando havia telefonado. A pessoa que ligou não deixou recado, e o sistema desligou.

Sam olhou novamente para Eric, que se virou e voltou para o carro sem fazer nenhum comentário.

Imaginando o que poderia ter acontecido, Sam foi até os fundos da casa. O quintal estava um verdadeiro lixo. A grama alta, latas e garrafas vazias amontoadas em um canto, caixas de madeira em decomposição. Ele desejou ter trazido uma lanterna mais forte para poder enxergar melhor o que havia em meio àquele lixo. Por que deixar tudo amontoadado ali se o lixeiro passava duas vezes por semana? Muito estranho, pensou Sam. Porém o mais esquisito de tudo era não haver nenhum tipo de iluminação na casa.

Quando chegou de volta à frente da casa, ele decidiu que entraria. Naquele momento, viu uma figura rechonchuda se aproximando.

— Sam? É você? Espere!

Bertrice. Torcendo para que a mulher também não insistisse em ajudar, ele correu até ela.

— Sinto muito se a lanterna a deixou nervosa, Bertie. Achei que reconheceria o meu carro.

— Eu reconheci. É Clóvis. Eu não consigo acalmá-lo. Será que ela não percebia que não tinham tempo para esse assunto agora?

— Bertie, o carro de Keith está na garagem, mas ele não atende à porta. Eu não tenho tempo para...

— É isso que estou tentando lhe dizer. Clóvis também acha que aconteceu alguma coisa. Ele ficou olhando pela janela e andando de um lado para outro o dia inteiro. Normalmente, eu costumo entender algumas palavras do que ele diz, mas hoje não tenho a menor idéia do que possa ser. — Ela olhou para a sua casa e respirou fundo. —

Está vendo? Ele está determinado a vir até aqui.

Bertrice tinha razão, pois, apesar dos passos lentos, Clóvis seguia até eles com toda sua determinação.

Certo de que o velho tinha testemunhado algo muito importante, Sam correu até ele.

— O que foi Clóvis?

Ele ergueu a mão trêmula e apontou.

— li... li... li...

De novo? Pensou Sam.

— li... Bet... Beet...

Um arrepio percorreu-lhe todo o corpo. Talvez estivesse começando a enlouquecer, mas "Bet" só podia significar Brette.

Cada vez mais nervoso Sam o deixou ali com a esposa e foi até a porta da cozinha, que estava aberta, e entrou sem pensar duas vezes.

— Keith! Há alguém em casa?

Assim que encontrou o interruptor, acendeu a luz da cozinha.

O lugar parecia bastante normal para alguém que não usava a cozinha. A única máquina ali dentro era a secretária eletrônica. Em cima do balcão, estava um rolo de fita adesiva.

Ninguém também na sala. Estranho. Não havia nenhum móvel nem aparelho de som. Pelo visto, Keith era realmente viciado em computadores. Portanto toda sua vida devia estar dentro do escritório.

Sam ficou impressionado com a disposição dos computadores. Telas por toda parte, porém todos os monitores estavam desligados. Prestes a ligar um deles, Sam viu um pedaço de papel verde no chão e abaixou-se para pegá-lo, quando os dois garotos entraram.

— Acho melhor você vir — disse Hank. — Clóvis está piorando.

— Não é estranho? — perguntou Eric. — Keith nunca desliga as máquinas, a não ser quando está chovendo, é claro. Precisa-se de muita cautela nesta casa, já que, apesar de todos esses estabilizadores, a areia que temos debaixo das nossas casas é um excelente condutor de eletricidade quando fica úmida.

Sam quase não prestou atenção no comentário de Eric. Estava mais preocupado com o papel que encontrara no chão. O recibo de uma carta registrada. Tinha sido assinado e datado por Daggett. Por que estaria ali? Deveria estar com Brette.

Antes que Sam pudesse impedi-lo, Eric ligou o primeiro monitor e, diante de seus olhares assombrados, materializou-se um garoto pelado.

Um grito feminino abafado quebrou o silêncio. Sam se virou e viu Bertrice parada à porta do escritório.

Ele desligou o monitor no ato e imaginou o que diria a todos. Não queria pensar no verdadeiro significado daquela imagem, mas Hank não sofria do mesmo mal.

— Aquele maldito! — sussurrou Hank, olhando para Eric. — Eu não disse?

Eric continuou imóvel. Com cuidado, Sam chacoalhou-o pelo ombro.

— Não podemos nos ater a isso agora. Este recibo me diz que sua mãe esteve

aqui. O fato de não ter levado o papel junto indica que ela não teve a oportunidade de fazê-lo. Precisamos ir até o xerife.

Bertrice deixou as crianças passarem para poder chegar mais perto de Sam.

— Por que Keith teria algo desse tipo no computador? — perguntou a senhora, com a mão pressionada contra o peito. — É horrível! E eu estava tão contente por ele ter começado um relacionamento.

— Relacionamento?

— Eu imagino que sim. Quase cá quando pisei neste brinco. Deve haver alguém que... Sam!

Na mão de Bertrice havia um brinco igual ao que fora enviado para análise pela delegacia do condado de Wood. Daggett... Keith Daggett estava por trás do desaparecimento de Tracie e, se o papel em sua mão fosse uma prova, o bastardo levava Brette com ele.

Aonde, meu Deus? Quando?

Em silêncio, eles verificaram o resto da casa em busca de provas, porém não conseguiram encontrar nada. Do lado de fora, entretanto, mais um choque. Clóvis tinha sumido.

— Ah, meu Deus, agora não! — choramingou Bertrice. — Espero que ele tenha ido para casa. Clóvis está de chinelos, e a malha não é...

— Lá está ele!

Todos olharam para onde Hank apontava. Escondido em meio aos arbustos, estava Clóvis. Era evidente que queria ir atrás de alguma coisa.

Sam pediu que os outros ficassem ali e foi ao encontro do velho.

— O que foi? O que você viu Clóvis? Viu alguma coisa, não viu?

Como antes, ele apenas apontou e gemeu.

— Foi Keith?

Clóvis o olhou sem entender nada.

— Está bem, eu sei que esse nome não significa nada para você. E Brette? Lembra-se de Brette? Você viu Brette?

— Beet.

— Sim, Brette. Nós traremos Brette de volta. Venha comigo. Tudo ficará bem.

Enquanto o auxiliava a se virar, Sam chamou os outros para virem ajudá-lo.

— Bertie, tente acalmá-lo, por favor. Leve-o para casa, antes que ele pegue uma pneumonia. — Sam beijou-a rapidamente na bochecha, depois se voltou para Eric e Hank. — Venham comigo, meninos. Eric, seu telefone está dando sinal?

Ele andou até a caminhonete e pegou uma machadinha que estava na caçamba.

— Não muito. Posso usar o telefone de dentro da casa. Quer que eu ligue para o xerife?

— Será mais rápido se eu correr — disse Hank.

— É verdade. Hank é muito rápido — declarou Eric.

— Então corra, meu filho. — Em seguida, Sam dirigiu-se a Eric: — Preste atenção no que você vai fazer. Fique aqui e não me perca de vista. Quando os outros chegarem, mostre-lhes aonde fui.

— E se Keith estiver armado?

— Não podemos nos arriscar a esperar. Eu posso não voltar. Se Daggett aparecer, entre no carro, tranque as portas e chame a polícia.

Eric assentiu, mas seu olhar era o de uma criança assustada.

— Você acha que encontrará a mamãe, Sam?

— Nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

CAPÍTULO LIII

Quando Keith se levantou, Brette compreendeu que seu tempo estava quase chegando ao fim. Cada vez mais desesperada, apertou os dentes e tentou serrar a fita na parte pontiaguda do tronco da árvore. Sentiu o material ceder aos poucos, mas, no momento em que acreditou que havia conseguido, um pedaço de madeira se quebrou e ela sentiu uma forte pontada, como se uma agulha estivesse entrando em seu pulso.

Brette deu um grito.

O grito estridente chamou a atenção de Keith.

— Pare!

— Ah, meu Deus... — Keith sabia que ela estava tentando fugir. — Estou tendo mais um espasmo — Brette tentou explicar, respirando fundo para controlar a sensação de desmaio. — Pronto. Agora estou melhor. Sinto muito. Vou me levantar depressa.

Ela diria qualquer coisa para que Keith não olhasse para as suas mãos. Porém seu pulso doía tanto que Brette não sabia se conseguiria tentar raspar mais uma vez contra a árvore para cortar o resto da fita.

Você precisa tentar. Se animais que caem em armadilhas e ficam presos em arame farpado conseguem escapar, você pode muito bem lidar com um pequeno furo no pulso.

Ao sentir o líquido quente escorrer-lhe pelo braço, Brette notou que não se tratava apenas de um pequeno furo. Será que tinha rompido uma veia?

— Vai se levantar sozinha ou terei de puxá-la para cima? — perguntou Keith, aproximando-se.

Antes que ela pudesse reunir forças para se mover, ele a puxou para cima pelo suéter. O golpe impetuoso rasgou o restante da fita, mas não sem causar-lhe mais uma pontada lancinante de dor. O sangue em sua mão começava a escorrer pelos dedos. Brette cerrou os dentes novamente, concentrando-se em agüentar o máximo possível.

Cada passo se tornava mais difícil e perigoso. A lanterna de Keith não era tão potente quanto a de Sam.

— A pilha está acabando — comentou ela. — Você não conseguirá voltar.

— Não quero mais saber de conversa.

— Compreendo. — Brette também não queria falar com aquele sujeito, porém o

faria tanto para tentar dissuadi-lo da idéia de matá-la quanto para se manter consciente. Precisava abordar um lado mais pessoal. Não era assim que os psicóticos eram tratados? Seria Keith um psicótico? Era sua única defesa, pensou ela. Tinha de manter o tom pessoal daquela conversa.

— Imagino que você esteja começando a sentir-se mal a respeito do que terá de fazer. Mas não precisa fazer nada disso.

— Cale a boca!

Brette começou a perder o foco, e a noite se tornava cada vez mais escura.

—Você será afetado se me matar. Você nunca se esquecerá. Talvez acredite que tenha cuidado muito bem de Tracie. Bem, devo admitir que eu nunca suspeitei de você, mas ela descobriu o seu segredo, não? Nós dois, por outro lado, somos amigos e eu me preocupo com você. Como conseguirá deitar a cabeça na cama e dormir com esse peso na consciência? Você sabe que não conseguirá. Eu serei a primeira imagem a aparecer na sua cabeça quando você acordar. E a última à noite. Quando passar por algum lugar e vir a sua imagem na janela, vai achar que estou atrás de você. E eu estarei mesmo.

Keith se virou de repente, agarrou-lhe o pescoço e a empurrou contra um carvalho.

— Cale a boca! Trate de calar a boca!

Brette sentiu uma grande gratidão com a onda de adrenalina. Ela percebeu que, se fosse agir, teria de ser naquele momento. Mais tarde poderia estar mais fraca.

— Você vai me bater, Keith? Vai acabar com a minha vida por estar bravo com você mesmo? E depois, vai me enterrar debaixo da cerca? Eu sempre senti certa pena de você, pois o achava um homem sensível demais, mas creio que agora devo lhe agradecer, não? Sabe por quê? Porque você não conseguirá, Keith. A polícia o pegará, Keith. Ele ergueu a mão para bater nela.

— Sua...

—O que é aquilo?—perguntou Brette, arregalando os olhos.

Keith olhou para trás. Quando se voltou para Brette, ela e enfiou a mão sangrando no rosto dele, sujando-lhe os óculos e a boca.

Ultrapassado, Keith cuspiu e xingou sem parar.

Brette se aproveitou do passo que ele dera para trás, o suficiente para lhe permitir escapar. Respirando fundo, enfiou o joelho no baixo-ventre de Keith com toda sua força.

Quando ele caiu no chão, Brette saiu correndo.

— Socorro!

Sem nenhum tipo de iluminação, ela estava à mercê de todos os galhos e buracos no chão. Seu suéter ficou preso em um deles, e Brette teve de rasgá-lo para conseguir se soltar, cortando ainda mais as mãos. Alguns passos adiante, um galho quebrado acertou-lhe o lado esquerdo do corpo.

Se conseguisse chegar à parte dos fundos da casa de Sally, alguém de certo a escutaria gritar. Já deviam estar à sua procura.

— Sam!

Prestes a chamá-lo outra vez, Brette foi golpeada nas costas e desabou no chão.

O único motivo que a impediu de quebrar o nariz foi ter caído em cima das mãos, mas o pulso, já dolorido, piorou ainda mais. Não havia como se esquecer da dor. Antes que conseguisse recuperar o fôlego, Keith a puxou pelos cabelos e começou a arrastá-la colina abaixo.

Ele foi impiedoso, e a situação transformou-se em uma batalha de vontades. Brette chegou a desejar que seus cabelos saíssem na mão dele, só para ter um momento de alívio de tanta dor. E o pior é que estavam se aproximando cada vez mais da água.

Desesperada, Brette tentou se concentrar em uma maneira de se desvencilhar das garras daquele homem cruel.

O barro e os primeiros sinais de água lhe causaram uma sensação estranha de alívio e terror. Alguns passos depois, Keith caiu de joelhos, o que aliviou um pouco a dor na cabeça de Brette, mas ele também lhe torceu a parte superior do corpo, indicando o que estava por vir.

Em uma última e desesperada tentativa, Brette tentou se levantar e acertá-lo com a mão machucada. Keith se desviou do golpe com a maior facilidade, e ela perdeu o equilíbrio.

E caiu no chão. Ele a puxou mais para dentro da água, arrepiando-a até os ossos.

— Não! — gritou Brette, temendo o pior.

Mas Keith continuou. A água foi subindo... Até seus joelhos... Até suas coxas... Ela sentiu a lama em seu tênis. E Keith empurrou-a com força, subestimando-lhe a força restante, o que a ajudou a se soltar. Naquele instante, os dois foram para baixo da água.

A morte pareceu a Brette cada vez mais próxima quando sentiu a água entrar em seu nariz. Ela reuniu o que lhe restava de forças e surgiu na superfície.

Keith apareceu um pouco depois, desesperado por ar, como ela. E tinha perdido os óculos.

Brette se aproveitou do momento e acertou-lhe o nariz com um soco. Keith sumiu.

Brette esperou. Sem conseguir confiar no instante de paz, ela tentou alcançar terra firme.

De repente, Keith surgiu, balançando os braços.

— Brette, por favor, me ajude... É areia movediça....

Não era, mas parecia. Ele caíra em uma nascente. E era tão funda que parecia não ter fim. Se fosse até lá, Brette sabia que Keith a levaria junto.

— Ajude-me!

— Adeus, Keith! — sussurrou ela.

Ele foi para baixo novamente... E dessa vez não tornou a aparecer.

A noite se acalmou. Surpresa por estar viva, porém incapaz de sentir qualquer coisa, nem mesmo as pernas, Brette desabou no chão.

Pouco depois, ela teve a impressão de ter ouvido seu nome. Por um breve instante, achou que a voz viera da água, porém não era a voz de Keith. Era de Sam. De seu Sam. Brette quis se levantar, ir até o homem a quem amava, mas não conseguiu se mexer nem tirar os olhos da água. Não haveria problema, pensou ela, Sam viria de

qualquer jeito. Ele se ajoelhou ao lado dela.

— Ah, meu Deus.... Brette! O que Keith fez com você, meu amor? Onde está ele?

Ela apontou o dedo para a água.

— Sam?

— Sim, meu amor?

—Acho que perdi muito sangue e vou desmaiar. Você pode me tirar daqui?

CAPÍTULO LIV

Eu não consigo escrever, por isso Sam escreve para mim. Há tanto para escrever... Ele quer que eu esqueça tudo, mas não consigo. Pelo menos não por enquanto. As pessoas não mudam, se esquecem. E também não crescem.

Anotação no diário

Sexta-feira, 19 de novembro de 1999

Brette estava deitada contra uma pilha de travesseiros, olhando o comboio passar pela janela de seu quarto. Alguns carros eram do Departamento de Polícia, outros do Estado, outros do Departamento Florestal. Também havia uma ambulância. No total, oito veículos seguindo para a fazenda dos Pugh em busca dos restos de Tracie Pugh. Depois tentariam localizar Keith.

Não era uma visão agradável. Brette sabia o motivo de Sam ter saído de perto da janela para vir sentar-se a seu lado. Não queria que ela visse tudo aquilo, e tentara inclusive convencê-la a deixar as cortinas fechadas. Também não queria que ela escrevesse no diário. Ou melhor, ele não queria escrever as poucas linhas que Brette lhe pedira para escrever mais tarde. Todavia tratava-se do capítulo final de toda aquela história... e o desfecho era algo bom. Muito bom, aliás.

—Você prometeu para o médico que iria descansar—disse Sam, passando o dedo nos lábios de Brette.

Era quase a única parte do seu corpo a não estar machucada, suturada, roxa ou esfolada. Brette chegara a gritar ao se ver no espelho pela primeira vez, e só sossegara quando Sam lembrara que a primeira vez que a vira, ela estava com um galo na testa e os joelhos esfolados.

— Bem, você deve estar me achando encantadora — disse Brette, aos prantos.

— Acho mesmo.

E da maneira como os olhos de Sam brilhavam, ela realmente acreditou.

— Você dormiu bem melhor esta noite, não é?

— Não tive mais pesadelos.

Na primeira noite no hospital, Brette havia sonhado com Keith saindo da água como em um filme de terror para pegá-la na cama. Na segunda noite, ela sonhara com javalis. Os animais tinham saído da escuridão, com os olhos amarelos e as garras

pontiagudas, dentes cerrados da maneira característica, prontos para uma refeição. Acordara nos braços de Sam, mas o cheiro de ranço ficara em suas narinas durante horas.

Naquele instante, Brette concluiu que os hospitais lhe faziam muito mal. Sendo assim, pediu ao médico que lhe desse alta. Não que não estivesse preocupada com os seus ferimentos. Perdera muito sangue e ainda havia o risco de infecção em seu pulso direito, sem contar a concussão. Entretanto as dores de cabeça e as pontadas não eram nada comparadas à alegria que sentia ao ver os garotos descerem do ônibus escolar e subirem correndo para o seu quarto. Os dois sentavam-se na cama aos pés dela e ficavam competindo para ver quem contava a piada mais engraçada, tirada da internet, é claro.

Brette imaginou que a menção da palavra "computador" alterou sua expressão, pois Sam a olhou preocupado.

— O que foi meu amor?

— Eu estava tão enganada...

— Sobre o quê?

— Sobre os Pugh... Sobre Keith. Ah, meu Deus, tive medo até de você!

Sam se mexeu na cama.

— Eu lhe dei motivo. Parte de mim queria que você ficasse distante, de modo que eu pudesse continuar perto de você sem levar a culpa.

— E por que não agir assim? Você foi educado para ser assim, os acontecimentos da sua vida o levaram a agir dessa maneira. O importante é que você conseguiu mudar tudo.

— Foi você quem me ajudou a mudar. Você é a pessoa mais honesta que já conheci, Brette Barry.

Não era verdade.

— Eu me escondi durante muito tempo, Sam. Achei que estava tudo bem, que o meu dever era cuidar das pessoas. Até que um belo dia acordei e percebi que nada daquilo funcionava mais, que todos os sistemas não funcionam mais.—Ela sorriu. — Parece que o meu hard-drive pifou, não é?

— Você não consegue tirar Daggett da cabeça. Brette precisava fazer com que Sam compreendesse.

—Eu sei que não se pode esperar resolver todos os mistérios da sua vida, mas somos obrigados pelo menos a tentar.

—Keith não era nenhum mistério. Ele era um vírus terrível.

Brette não sabia distinguir seus sentimentos a respeito Keith. Ainda não estava preparada para perdoá-lo por tudo que ele fizera. Por que ele se infiltrara em sua vida e na de Sally daquela maneira? Para se aproximar dos garotos? O xerife Cudahy lhe dissera que o computador de Keith serviria para comprovar seu fanatismo por garotos. Não se podia dizer que ele era pedófilo, pois parecia não ter muita coragem e agir, e a internet fora um grande presente.

O passado de Keith também era algo de difícil acesso. Ele fora órfão e morara em dois orfanatos, mas nenhum lhe proporcionara os cuidados necessários. E então,

em algum momento durante a faculdade, ele desaparecera... E reaparecera alguns anos depois. E os médicos se concentraram nesses anos de sumiço para tentar descobrir algo mais a respeito da personalidade doentia de Keith.

— O que o levava a decidir as coisas? — murmurou ela.

— O quê?

Brette ergueu os olhos e viu que Sam não tinha acompanhado seus pensamentos, claro.

— Trata-se de uma questão de escolha... — ela prosseguiu. — A coisa mais estranha aconteceu comigo quando eu estava com ele.

—Brette, você vai enlouquecer se não parar de pensar nessa história. Por favor, tente deixar o passado para trás, meu amor. Pense na sua recuperação.

— Não posso. Eu preciso encarar os fatos e compreender. Sam... Eu poderia ter sido você.

— Como assim?

— Eu enfrentei a raiva, o ódio. Estava tudo aqui, dentro de mim, esperando.

— Não é tão ruim assim.

— Eu não vou me desculpar por isso. Sempre adorei a minha vida, mas ainda me sinto como uma fonte no meio de um jardim de flores.

— E você é.

O olhar de resposta de Brette foi muito sério. —Talvez a fonte ainda esteja funcionando, mas há um pouco de barro na água. Sam meneou a cabeça.

— Eu sei o que você está querendo dizer. Nós já conversamos sobre esse assunto, Brette. Por que não esquece?

— Por que você não me deixar falar? — explodiu ela.

Um carro parou na frente da casa. Era Tucker. Ele passava todos os dias para saber como ela estava.

Aproveitando-se da desculpa de ter de abrir a porta, Sam saiu do quarto.

Brette esperou os dois voltarem.

— Olá, minha querida.

Tucker entrou no quarto como um vento quente do Texas. Ele trouxe alguns cartões, guloseimas e flores.

— São lembranças dos seus fãs. Agora, você terá algo para fazer à tarde, enquanto eu entrego o resto da correspondência.

Brette riu. Sua cabeça latejava de dor quando ela ria, mas era maravilhoso ouvir aquela voz amiga.

— Não é possível. Daqui a pouco o meu quarto vai estar parecendo uma loja. Espero que todos tenham colocado os nomes nos presentes para que eu possa agradecer-lhes depois.

— Acho bom você melhorar logo — disse Tucker.

— Você não está fazendo chantagem com os meus clientes, não é?

—Claro que não, mas devo admitir que a tentação é grande. Eu disse para a Sra. Zimmer que fazia dois dias que estava com uma dor de cabeça terrível. Sabe o que ela fez para mim? Caldo de carne com almôndegas de semolina. Estava sensacional. E tem

mais...

— Já entendi. Pare. Não posso dar muita risada, pois a minha cabeça dói demais.

Ele ficou sério no mesmo instante.

— Como foi a visita de Cudahy?

O xerife fora se desculpar pessoalmente com Brette por não lhe ter dado ouvidos. Ele até admitira ter caído em uma armadilha sem tamanho.

— Alguma novidade sobre os Pugh? — quis saber Tucker.

— Não. E eu não espero que haja. Cudahy disse que não houve nenhum tipo de reação exacerbada diante da notícia da morte de Tracie. Não é triste? Não espero milagres, mas sim que as pessoas possam viver suas vidas em paz. Sam lhe contou o que o FBI descobriu a respeito de Keith?

Tucker a olhou com seriedade.

— Barry, o Exterminador acredita estar me fazendo um favor ao permitir que eu venha visitá-la.

Brette sabia disso e, como resultado, Tucker ficava um pouco nervoso com aquelas visitas. Porém ela esperava que o tempo resolvesse aquele mal-entendido.

— Eles descobriram que Keith conhecia o tio Mel. Sabe a tal de Michelle que Hank foi conhecer em Saint Louis?

— Meu Deus!

— Quando Sally se irritou com Keith por sua falta de... digamos, falta de paixão, ele ficou envergonhado. E bem mais do que poderíamos imaginar. Ele se vingou de Sally dando o endereço eletrônico de Hank a um dos seus coleginhas da internet, além de uma série de informações particulares que levaram o pobre garoto a acreditar que havia encontrado a menina dos seus sonhos.

— Que doente mental!

— Hank ficou bastante abalado quando soube. Mas hoje de manhã ele entrou aqui e me disse que parecia ter tirado um peso dos seus ombros. Sam sentou-se com ele ontem à noite e lhe explicou o que o xerife tinha nos contado.

— Mesmo assim, você vai colocá-lo na terapia, não é?

— É a minha vontade, mas vamos dar tempo ao tempo.

Hank se inscreveu no time de futebol da escola, e também nas aulas de teatro. Acho que ele mesmo está tentando se ajudar.

— Acho ótimo, mas fique de olho nele.

— Pode deixar.

Tucker se levantou e foi até a porta.

— Bem, eu tenho que ir. Se precisar, é só me ligar.

— Heil! — chamou Brette. — Eu quase morri e você ainda não me deu um beijo!

Ele se virou, mais vermelho do que um pimentão, e sorriu.

— Será a minha próxima contribuição para a família. Eu só espero que não apanhe por isso.

Sam demorou um pouco para voltar. Brette sabia que ele não queria retomar o assunto que estavam discutindo antes da chegada de Tucker. E foi exatamente o que ela fez. Não tinham terminado a conversa, e Brette não gostava de coisas mal

resolvidas.

Sam apareceu trazendo-lhe um copo de chá com mel e limão. Depois de tomar a metade do copo, Brette o estudou por alguns instantes.

— Você não precisa aceitar a oferta de Cudahy para recuperar o seu emprego na escola—começou ela. —E nunca mais precisa conversar sobre seu pai comigo se não quiser. Mas, Sam, você precisa permitir que eu seja honesta.

—Do que está falando?—perguntou ele, confuso. —Quando eu não deixo você ser honesta?

— Quando se recusa a me escutar dizer que eu deixei um homem morrer.

Sam franziu as sobrancelhas.

— Ele caiu em uma nascente. Se não entrar em pânico, a pessoa consegue sair de um lugar desses. Só que não foi esse o caso.

— Keith não sabia nadar, e eu, sabendo disso, poderia ter procurado um galho para ajudá-lo, sei lá...

— Pare Brette. Você poderia ter morrido.

— Eu poderia ter lhe estendido a mão.

— Você estava gravemente ferida. Chega!

—Não. Eu estava com raiva dele. Naquele instante, desejei que Keith morresse por causa de toda a dor e sofrimento que havia me causado. Não está percebendo, Sam? Eu não posso ser colocada em um pedestal para ser adorada. Eu te amo. Mas saiba que só sou capaz de te amar porque entendo você, porque entendo tudo que você passou. Eu realmente entendo.

— E eu não gostei nem um pouco de você ter passado por todo aquele horror para aprender. — Os olhos dele estavam cheios de emoção. — Não sou idealista, Brette. Eu nunca vou esperar um arco-íris depois de três dias de chuva intensa por ser algo justo. Entretanto tive muita sorte de encontrar algumas coisas na minha vida.

Sam abriu um belo sorriso.

— E você é uma delas. Você consegue viver assim? Ser mimada sem pensar se merece ou não?

Ah, como ele precisava de carinho, pensou Brette. Na realidade, todos precisavam. Embora não soubesse o que o futuro lhes reservava, ela sabia que teriam uma chance.

— Acho que sim — murmurou Brette, sorrindo. — Vou me esforçar ao máximo para conseguir.

Sam inclinou-se para beijá-la.

— Mesmo? Seja sincera, você está atrás do meu jardim de inverno.

— Acredite no que quiser — disse Brette, deixando que ele lhe ajeitasse a cabeça no travesseiro. — Desde que você esteja lá dentro...

HELEN R. MYERS é autora de best-sellers e vencedora de mais de 34 prêmios. Helen vive na região de Piney Woods, no Texas — um lugar ainda conhecido por alguns como "terra renegada" —, na casa que ela e o marido construíram juntos.

